



LAIS VIENA DE SOUZA

EDUCADOS NAS LETRAS E  
GUARDADOS NOS BONS COSTUMES

OS PUERIS NA PRÉDICA DO PADRE  
ALEXANDRE DE GUSMÃO S.J.  
(SÉCULOS XVII E XVIII)



LAIS VIENA DE SOUZA

Educados nas letras e guardados nos bons costumes.  
Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J.  
(séculos XVII e XVIII)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História.

Orientador:  
Professor Doutor Evergton Sales Souza.

Salvador – BA  
2008

Souza, Lais Viena de

Educados nas letras e guardados nos bons costumes. Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII)/ Lais Viena de Souza – Salvador –BA: UFBA/ FFCH/ PPGH, 2008.

210 p. il.

Orientador: Evergton Sales Souza.

Dissertação (Mestrado) – UFBA/ FFCH/ Programa de Pós-Graduação em História, 2008.

Fontes/ Referências Bibliográficas: p. 156-173

1. História. 2. História das Infâncias. 3. Séculos XVII-XVIII. 4. Padre Alexandre de Gusmão S.J. (1629-1724). I. Souza, Lais Viena de. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. III. Educados nas boas letras e guardados nos bons costumes. Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII).

Capa: <<Retrato do Padre Alexandre de Gusmão>> s/d.

Reproduzido em: LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945, Tomo V.

LAIS VIENA DE SOUZA

**Educados nas letras e guardados nos bons costumes.**  
Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J.  
(séculos XVII e XVIII)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Evergton Sales Souza – Orientador.  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Luiz Mott  
Universidade Federal da Bahia.

---

Prof. Dr. Bruno Feitler  
Universidade de São Paulo

Salvador – BA  
2008

*Aos meus pais.*

---

## *A g r a d e c i m e n t o s*

---

Aos que amo desde antes de me conhecer por gente, meus pais Maria de Fátima Atta Viena de Souza e Egidio de Souza Neto.

Àquela que amo, antes dela se entender por gente, minha irmã Aline Viena de Souza.

Aos que são família. Minhas avós, Dora de Souza, pelo dengo de “vó” desde sempre, e Laurita Atta Viena, sempre na saudade pelos seus belos olhos verdes e pelo feijão inimitável. Minha tia mais que especial, Lívia Mary Atta Viena. Minha tia queridíssima, e grande incentivadora, Ana Lúcia Faria. Minha madrinha, e tia dileta, Virgínia Figueira. Meus tios, Roberto Magno de Souza e Júlio César Faria. Minha prima-amiga-irmã, Juliana Faria. Meus primos queridos, Décio Tito Faria, Andréa Figueira e Rafael Figueira.

Ao meu pernambucano e meu amor, Carlos André Silva de Moura.

Aos amigos-irmãos para a vida toda: Jacqueline Melo, Lia Daiane Gonçalves Barreto, e Rodrigo Arlindo Porto Wanderley Moreno.

Aos amigos dos tempos idos da graduação na Universidade Estadual de Feira de Santana: Daniele Serra, Grazyelle Reis, Hans Werner Boness, Hundira Cunha, Jamile Costa, João Luis dos Santos, Jordania Medeiros, Leide Menezes, Rejanne do Carmo, Sandro Pamponet, Tatiane Mercês, Zózimo Trabuco.

À família do “sul”, com grande carinho dedicado à tia-avó, Laís Aiquel.

À querida amiga do “sul”, Jussara Rodrigues.

À família de Feira de Santana, os Suzart Monteiro. Especial menção a Dona Helena em saudosa memória.

Ao meu querido orientador da Iniciação Científica, Prof. André Luis Mattedi Dias.

Aos professores que contribuíram significativamente para minha trajetória acadêmica: Prof<sup>ª</sup>. Elizete da Silva, quem primeiro apoiou esta pesquisa; Prof. André Uzêda; Prof. Cândido da Costa e Silva; Prof. Elói Barreto; Prof. João Rocha; Prof<sup>ª</sup>. Ligia Bellini;

Prof<sup>a</sup>. Maria Hilda Baqueiro Paraíso; Prof<sup>a</sup>. Maria Jozé Rapassi; Prof<sup>a</sup>. Marjorie Nolasco; Prof<sup>a</sup>. Tânia Gandon; Prof. Valter Guimarães; Prof. Wálney Oliveira. Especial menção ao mestre (e lindinho) Prof. Rogério de Fátima.

Ao meu orientador querido, Prof. Evergton Sales Souza, a quem agradeço a indicação de preciosas fontes para este estudo, a prestimosa orientação e a paciência nas muitas correções.

À banca de qualificação, composta pela Prof<sup>a</sup>. Maria de Deus Manso e pelo Prof Bruno Feitler, a quem reitero meus agradecimentos pela participação na banca de defesa. Registro desde já também os agradecimentos ao Prof. Luiz Mott.

Ao “clã” da orientação: Camila Amaral, Ediana Medeiros, Rebeca Vivas e Vanderlei Marinho.

Aos companheiros do Grupo de Estudos em História Religiosa da UFBA, Prof. Marco Antonio Ferrer, Fabrício Lyrio, Pablo Magalhães, Daniel Rebouças e Moreno Pacheco.

À *muy hermosa* amiga cubana, Ileana Hodge.

Ao amigo das artes gráficas, Raimundo Ramalho.

Ao Prof. César Augusto Martins Miranda de Freitas pelo envio de Portugal de material e fontes importantes.

À comunidade de Belém de Cachoeira e ao Côn. Hélio Vilas-Boas pela acolhida e pelos novos (e curiosos) rumos abertos neste estudo.

Aos funcionários das instituições que tive a oportunidade de pesquisar: Biblioteca Julieta Carteadó e Museu Casa do Sertão (Feira de Santana); Biblioteca da FFCH - UFBA, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Setor de Obras Raras da Biblioteca Central do Estado da Bahia, CEDIG – UFBA, Biblioteca do Colégio Antônio Vieira, Biblioteca do Mosteiro de São Bento, Setor de Microfilmes do Arquivo Público da Bahia, Biblioteca do Museu de Arte Sacra da Bahia, Centro de Estudos Baianos (Salvador); Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Finalmente, ao CNPq que subsidiou esta pesquisa com a bolsa de Mestrado.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| RESUMO.....  | IX  |
| ABSTRACT.....  | IX  |
| INTRODUÇÃO .....   | X   |
| Capítulo I - A IMPORTÂNCIA DO “CRIAR BEM”. TÓPICOS SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO (SÉCULOS XVI-XVIII).  |     |
| 1 - <i>A Ars Educatio</i> .....  | 28  |
| 1.1 - Como tábulas rasas. Teses sobre Infância e Educação.....   | 32  |
| 1.2 - A Formação de uma Nova Cristandade pela educação dos pequenos “indioszinhos”.....  | 47  |
| 2 - As “Utilidades” da Educação na prédica do padre Alexandre de Gusmão.....   | 53  |
| Capítulo II - COMO BEM CRIAR MENINOS E MENINAS? PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO E ALGUNS PRECEITOS PARA A BOA EDUCAÇÃO NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO. (SÉCULOS XVII E XVIII).         |     |
| 1- A Boa (e Má) criação dos filhos.....  | 67  |
| 1.1 - A obrigação natural e espiritual dos pais.....   | 69  |
| 1.2 - A Infância descuidada e enjeitada.....   | 74  |
| 2- Preceitos para a boa criação - da idade de infantes à Adolescência.....   | 79  |
| 2.1 - Os principais cuidados com os infantes.....  | 80  |
| 2.2 - A Idade da Puerícia.....   | 90  |
| 2.3 - A boa educação das “mininas”.....  | 100 |
| 3 - O fim da Idade do Brincar.....   | 105 |
| Capítulo III - O SEMINÁRIO DE BELÉM DO BRASIL. DEDICADO A NOSSA SENHORA DE BELÉM PARA EDUCAÇÃO DE MENINOS EM “SANTOS E HONESTOS COSTUMES” (CAPITANIA DA BAHIA, 1686-1759). |     |
| 1- Para educar os Meninos nos “santos e honestos costumes”.....  | 108 |
| 2- O sítio de Belém da Cachoeira.....  | 116 |
| 3 - A “casa” do Seminário de Belém.....  | 120 |
| 3.1 - A Igreja de Nossa Senhora de Belém e sua Sacristia.....  | 122 |
| 3.2 - O Seminário de Belém.....  | 131 |
| 4 - Educando os filhos “dos principais” deste Estado do Brasil.....  | 141 |
| 4.1 - Limpos de sangue.....  | 142 |
| 4.2 - Os meninos do sertão e “partes desamparadas da doutrina”.....  | 146 |
| 4.3 - Perfeitos Varões e Religiosos Virtuoso.....  | 152 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 154 |
| REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS.....  | 156 |
| Anexo I - Índice de Referências em <i>Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia</i> (1685).<br>.....  | 174 |
| Anexo II - A Igreja de Nossa Senhora de Belém.....   | 186 |
| Anexo III - Tabelas dos Inventários dos Bens e Imóveis do Seminário de Belém.....  | 190 |



## **R E S U M O**

No ano de 1685 foi publicado o tratado *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* de autoria do padre Alexandre de Gusmão (1629 † 1724), membro da Companhia de Jesus na Província do Brasil. Em 1686, por iniciativa do jesuíta, foi principiada a fundação do *Seminário de Belém* no Recôncavo da Capitania da Bahia, dedicado à educação de meninos nas “letras e bons costumes”. Este estudo tem por tema central o que subjaz a estas “obras” – as prescrições quanto às práticas educativas para as infâncias. A partir da prédica do padre sobre a importância da educação, e das recomendações para o “bem criar”, assim como do projeto pedagógico encerrado no *Seminário de Belém*, buscamos compor capítulos de uma História das Infâncias no mundo luso-brasileiro de fins do século XVII e princípios do século XVIII.

Palavras-chave: História; História das Infâncias; Séculos XVII-XVIII; Padre Alexandre de Gusmão (1629 † 1724).

## **A B S T R A C T**

*In the year of 1685, the essay Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia was published by the priest Alexandre de Gusmão (1629 † 1724), renowned member of Society of JESUS in Brazil. In 1686, this Jesuit initiated the foundation of Seminário de Belém in Recôncavo of Bahia, to educate boys according to the expression “letters and good deportment”. This study takes as the main subject: the prescriptions about the education to childhood. Basically, aims to analyze the ideas of the education importance in the Alexandre de Gusmão’s writing, and the pedagogy in Seminário de Belém, to compose a narrative about History of Childhood[s] in the Portuguese and Brazilian world in 17th and 18th centuries.*

*Key-words: History, History of Childhood, 17th and 18th centuries, Priest Alexandre de Gusmão (1629 † 1724)*

---

## *I n t r o d u ç ã o*

---

1685, Cidade de Lisboa. Saiu à luz, na Oficina de Miguel Deslandes, o tratado *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, com todas as licenças necessárias. Os avaliadores da Companhia de Jesus e do Santo Ofício não lhe fizeram qualquer reparo, recebendo notas de recomendação do apreciador do Paço, João de Almeyda, que considerou o seu assunto de grande utilidade para as “Repúblicas” bem governadas. Escrita como manual de conselhos para os pais (e também direcionada aos mestres e aios), esta obra versava sobre a importância da criação dos pueris nos caminhos das virtudes cristãs.<sup>1</sup>

1686, Estado do Brasil, Capitania da Bahia. Foi principiada a fundação do Seminário de Belém, internato secundário erigido sobre as bases da pedagogia jesuítica. Dedicou-se ao ensino de meninos nas “letras e bons costumes” para a formação de bons cristãos. Em sete décadas de funcionamento (1686-1759) acolheu centenas de jovens seminaristas, recebendo elogios de seus contemporâneos sobre a sua educação humanística e notabilidade enquanto “santuário”.

Entre estas “obras” - distintamente compostas de folhas de papel e tinta, e de pedras e adobes – além da proximidade de suas datas, e da comum dedicação à criação/educação de “meninos”, há um personagem. Em ambas, revela-se a figura do padre Alexandre de Gusmão S. J., autor de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, e fundador do Seminário de Belém, destacado membro da Companhia de Jesus na Província do Brasil, renomado literato e educador em seu tempo.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Cf. Alexandre de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, Dedicada ao Minino de Belem, JESU Nazareno, Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.

Nascido em Lisboa a 14 de agosto do ano de 1629, Alexandre de Gusmão veio ainda menino para a América Portuguesa. Desembarcou com sua família na cidade do Rio de Janeiro em 1644, e matriculou-se no Colégio da Companhia de Jesus. Aos dezessete anos de idade ingressou na Ordem de Loyola.<sup>2</sup> Em 1656, iniciou seus estudos em Filosofia e Teologia no Colégio da Bahia. Concluído o curso, atuou como Ministro nesta mesma instituição entre os anos de 1659 e 1660. No segundo dia do mês de Fevereiro de 1664 fez a profissão solene, tomando os votos de castidade, pobreza e obediência.<sup>3</sup>

Diogo Barbosa Machado traçou algumas breves notas biobibliográficas na *Bibliotheca Lusitana* sobre o padre Alexandre de Gusmão. Narrou que pela sua aplicação às ciências escolásticas e por revelar “particular genio” para o governo, foi o jesuíta promovido pelos Superiores da Ordem na Província do Brasil a todos os cargos da Religião. Deste modo, podemos mapear a atuação do padre no Colégio do Rio de Janeiro enquanto Mestre de Humanidades (1662), e posteriormente Mestre de Noviços (1663-1670). Foi Vice-reitor e posteriormente reitor do Colégio de Santos (1663), e também no Espírito Santo. Em princípios da década de 1670, estabeleceu-se na capitania da Bahia, onde recebeu novamente o cargo de Mestre dos Noviços. Comentando este ofício exercido por muitos anos pelo jesuíta, Diogo Barbosa Machado afirmou que, sob a sua vigilância e “cultura”, haviam frutificado as “tenras plantas” que estavam a seu cuidado em benefício da Companhia de Jesus.<sup>4</sup>

Literatos do mundo luso-brasileiro, contemporâneos do padre Alexandre de Gusmão lhe dedicaram elogios. Como “Escritor doutissimo” foi exaltado por Nuno Marques Pereira (1652 † 1733) no *Compêndio narrativo do Peregrino da América* (1ª edição 1718). Ao “Venerável Padre Alexandre de Gusmão”, foram rendidas palavras laudatórias, salientando ainda sua fama de “insigne Orador” e “Mestre jubilado”.<sup>5</sup> Sebastião da Rocha

---

<sup>2</sup> Encontramos informações distintas acerca do ingresso do Alexandre de Gusmão na Companhia de Jesus. Diogo Barbosa Machado afirmou que havia abraçado o instituto da Companhia de Jesus em 28 de outubro de 1646 no Colégio da Bahia. Serafim Leite S.J., a partir das fontes do Arquivo Geral da Companhia em Roma, registrou que Alexandre de Gusmão o havia feito em 27 de outubro do citado ano, no Colégio do Rio de Janeiro. Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759, Vol. 1, p. 95. Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949, Tomo VIII, p. 66.

<sup>3</sup> Cf. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1949, Tomo VII, p. 67.

<sup>4</sup> D. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, 1741-1759, Vol. 1, p. 95 - 96.

<sup>5</sup> Nuno Marques PEREIRA, *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 6ª edição, Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939, Vol. I, p. 77.

Pitta na *História da América Portuguesa* (1ª edição de 1730), enalteceu os vários livros compostos pelo jesuíta, que serviam de “grande exemplo, e proveito das almas”.<sup>6</sup>

Do ano de 1676 datam as licenças para primeira obra impressa do padre Alexandre de Gusmão, *Escola de Bethlem, Jesus Nascido no prezepio*. Foi considerada pelos seus avaliadores da Companhia de Jesus como muito digna para se imprimir pelos muitos frutos espirituais que poderiam trazer aos que a lessem os mistérios do nascimento do Menino Jesus.<sup>7</sup> Recebeu a licença do então provincial José de Seyxas (1675 †1681), de quem o padre Alexandre de Gusmão veio a ser secretário.<sup>8</sup> De Lisboa, expediu seu parecer Frei João da Madre de Deus († 1686), futuro arcebispo da Bahia, que declarou não ter encontrado nada contrário aos interesses e bom governo de Vossa Majestade. Antes, considerou que os vassallos do Rei poderiam ser edificados nas reflexões que “o douto, & devoto espírito deste religioso descobriu neste soberano mysterio de Nosso redemptor”. Publicada no ano de 1678 na Oficina da Universidade em Évora, a obra composta de 321 páginas, foi adornada em sua folha de rosto com a impressão de uma gravura com a representação do Menino Jesus na manjedoura.<sup>9</sup>

O livro impresso em formato de 1/8, *História do Predestinado Peregrino, e seu Irmam Precito*, foi a publicação do padre Alexandre de Gusmão que alcançou maior difusão e destaque.<sup>10</sup> A se notar pelo número de suas edições em português (Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes - 1682; Évora, Oficina da Universidade - 1685; Lisboa, Oficina de Filipe de Souza Villa - 1724, republicada no ano de 1728), e também em língua espanhola (Barcelona, por Rafael Figueirò - 1696; Cidade do México, Oficina de S. Alexandro Valdés - 1815).<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> Sebastião da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, Coleção de Estudos brasileiros, 3ª ed., Bahia: Livraria Progresso Editora Águia e Souza LTDA, 1950, p. 277.

<sup>7</sup> Do Colégio da Bahia, escreveram as licenças os padres Antonio Rangel e João de Paiva. Missionário em Angola e no Congo, João de Paiva foi vice - Reitor na Bahia entre os anos de 1665 e 1667, e, faleceu em 1681 nesta mesma capitania aos 84 anos de idade com fama de santidade. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 82.

<sup>8</sup> Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, p. 63-65.

<sup>9</sup> Alexandre de GUSMÃO, **Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio**, Évora: Officina da Universidade, 1678, Licenças. A referida gravura encontra-se reproduzida nesta dissertação no suplemento dedicado ao padre Alexandre de Gusmão. Esta obra tornou a ser impressa no ano de 1735, conforme noticiado na *Gazeta de Lisboa*, em 11 de agosto deste mesmo ano. Cf. M. Lopes de ALMEIDA, **Notícias Históricas de Portugal e Brasil (1715-1750)**, Coimbra – PT: Coimbra Ed. LTDA, 1961, p. 186.

<sup>10</sup> Cf. A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, E a qual de baxo de uma misterioza parabola se descreve o sucesso feliz do que se ha de salvar, & infeliz sorte do que se ha de condenar. Dedicada ao Peregrino celestial S. Francisco Xavier, Apostolo do Oriente. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1682, Prologo ao Leytor.

<sup>11</sup> Cf. D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. I, p. 96; S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 290.

Serafim Leite S.J. apontou esta obra alegórica como sendo a primeira novela escrita na América Portuguesa.<sup>12</sup>

Em 1683, padre Alexandre de Gusmão assumiu a reitoria do Colégio da Bahia. No ano seguinte tornou-se provincial da Ordem no Brasil. Assim que assumiu o cargo, viajou para as capitanias do sul para tratar da discussão sobre a liberdade dos índios.<sup>13</sup> Segundo Serafim Leite, posicionou-se contra as idéias do Padre Antônio Vieira e a favor dos paulistas na escravidão indígena, afirmando que desta forma poderiam ser trazidos para o “grêmio da Igreja”.<sup>14</sup>

No retorno desta viagem, o padre Alexandre de Gusmão passou por grandes perigos, conseguindo escapar da “insolencia dos piratas” e da “fúria das ondas”.<sup>15</sup> Em maio do ano de 1685, a Fragata da Companhia, em que estava o jesuíta e mais quarenta pessoas, foi surpreendida por corsários.<sup>16</sup> Bombardeados e capturados, foram abandonados em uma praia deserta a vinte léguas do Rio de Janeiro. O missionário no Maranhão e Grão Pará, padre João Filipe Bettendorff (†1698), relatou que entre os anos de 1683 e 1685 a costa da América Portuguesa havia sido infestada de piratas. Em um ataque sofrido àquelas partes do norte,

---

<sup>12</sup> Sobre esta obra ser o primeiro romance em língua portuguesa no Brasil, discordou Wilson Martins em *História da inteligência brasileira*. Este autor teceu comentários ácidos, demonstrando certa antipatia à obra, e de modo geral à Companhia de Jesus. Afirmou que a obra constitui índice por excelência da visão dual do Barroco, e pela sua linguagem e muitas parábolas, requeria uma “infinita reserva de piedade” para a sua leitura. Para além desta questão de pioneirismo, importa observar que esta novela alegórica foi um gênero difundido em Portugal nestes fins do século XVII. Nesta narrativa ficcional construída através de metáforas, o padre Alexandre de Gusmão buscou apontar para os cristãos os caminhos para a salvação e para a perdição. Tornaremos a análise desta obra no segundo capítulo desta dissertação, ao tratar das prescrições do jesuíta para a criação dos filhos. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 290; Wilson MARTINS, **História da inteligência brasileira**, São Paulo: T.A. Queiroz, 1992, p. 208-211; Zulmira C. SANTOS, *Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do “prodesse ac delectare” na História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724]*, In: COMPANHIA DE JESUS NA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XVI E XVII. ESPIRITUALIDADE E CULTURA, 2004, Porto – PT. *Actas do Colóquio Internacional*, Porto: FLUP, 2004, p. 563-81.

<sup>13</sup> Segundo Serafim Leite, nas últimas décadas do século XVII, acirrou-se a questão da escravidão indígena e a Companhia de Jesus. Com a Lei de 1º de abril de 1680, defendida pelo Padre Antônio Vieira (†1697), e pela ordem régia datada de 26 de agosto de 1680, foi determinado que a administração espiritual e temporal dos índios passaria aos jesuítas. Resoluções que provocaram tumultos em São Paulo, e geraram o temor de motins por partes dos seus moradores. O provincial Antonio de Oliveira (1627 † 1686) propôs a retirada dos padres desta cidade para outras partes da América Portuguesa, e o fechamento do Colégio. Medida que não recebeu acolhimento unânime entre os filhos da Ordem de Loyola, assim como também não houve um posicionamento convergente sobre os índios feitos cativos. A escravidão indígena foi defendida, por exemplo, pelo secretário do citado provincial, o padre flamengo Jacobo Rolland, que enviou um tratado para o Geral da Ordem em Roma sobre esta matéria. Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo VI, p. 310 - 312.

<sup>14</sup> Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, p. 67; 1945, Tomo VI, p. 315 - 319.

<sup>15</sup> D. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, 1741-1759, Vol. I, p. 96.

<sup>16</sup> Sobre a Fragata da Província, Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, p. 67; 1945, Tomo VI, p. 249-260.

comentou que teriam sido os mesmos pilhantes de origem inglesa, holandesa e alemã que assaltaram a embarcação com o Provincial Alexandre de Gusmão.<sup>17</sup>

Neste ano de 1685, permaneceu o padre Alexandre de Gusmão no Rio de Janeiro. Do Colégio da cidade, aprovou a nova publicação do *Catecismo Brasilico da doutrina christã* de autoria do missionário Antonio de Araújo (1ª edição de 1618), revisado pelo padre Berthalomeu de Leam. Nos termos assinados pelos padres Lourenço Cardose e Simão de Oliveira, ambos do dito colégio, afirmou-se que a iniciativa para a impressão deste livro havia partido do padre Alexandre de Gusmão, por julgar a necessidade do conhecimento da língua brasílica no ensino e conversão dos gentios nas aldeias.<sup>18</sup>

Serafim Leite, comentando o posicionamento do jesuíta na questão com os paulistas, considerou que este não era muito “sensível” em sua pastoral aos indígenas. Afirmou ainda que as atividades do jesuíta não se direcionaram à catequese, e que apesar de ter chegado ao Brasil ainda menino desconhecia a língua brasílica.<sup>19</sup> De fato, não encontramos quaisquer registros nos relatos e comentários da sua vida de que houvesse servido como missionário adentrando os “sertões”. Contudo, enquanto provincial neste período de 1684 a 1688, e posteriormente quando tornou a assumir o cargo, padre Alexandre de Gusmão parece ter incentivado as missões, concedendo licenças para publicação de catecismos,<sup>20</sup> e desta vez servindo como intermediador com os paulistas para proibir a escravidão dos indígenas.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Cf. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1949, Tomo VII, p. 67-68.

<sup>18</sup> Cf. Antonio de ARAUJO, *Catecismo Brasilico da doutrina christã*, Com o ceremonial dos sacramentos, & mais actos parochiaes composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, & dado a luz pelo padre Antonio Araújo, emendado nesta segunda edição pelo P. Berthalomeu de Leam, Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1686.

<sup>19</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo VI, p. 353 - 354; 1949, Tomo VII, p. 70.

<sup>20</sup> Além da sua participação para a reedição do catecismo do padre Antonio Araújo, padre Alexandre de Gusmão concedeu licença para tornar a imprimir *Arte de Grammatica da língua brasílica*, do padre Luiz da Figueira [1ª edição 1621]. Esta obra foi também revista por religiosos “doutos, e versados na língua do Brasil”, segundo o parecer do provincial datado de 16 de junho de 1685. Luiz da FIGUEIRA, *Arte de Grammatica da Língua brasílica*, Lisboa: Manoel da Silva, 1621. O parecer do padre Alexandre de Gusmão foi encontrado na edição de 1687, impressa em Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes, que reproduzida em edição de 1880. Luiz da FIGUEIRA, *Arte de Grammatica da Língua brasílica*, Dada à Luz e anotada por Emilio Allain, Rio de Janeiro: Typografia e Lithographia a vapor de Lombaeris, & C., Ourives a. 7, 1880. O jesuíta incentivou também a publicação de *Arte de Grammatica da língua brasílica da naçam kiriri*, de autoria do missionário dos sertões da Bahia, Lodovico Vincenzo Miamiani della Rovere, (ou, Luiz Vincencio Mamiani). O padre Alexandre de Gusmão ordenou que avaliar esta gramática fosse avaliada por dois experientes missionários desta nação, João Matheus Faletto e José Coelho, que assinou seu parecer do Seminário de Belém em 8 de junho de 1687. Lodovico Vincenzo MIAMIANI DELLA ROVERE, *Arte de grammatica da lingua brasílica da naçam kiriri*, Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1699.

<sup>21</sup> Em missiva datada de 30 de maio de 1694, padre Alexandre de Gusmão condenou a cobiça dos paulistas no aprisionamento dos indígenas, com o pouco temor a Deus e às determinações da Coroa. Segundo Serafim Leite, por intermédio do jesuíta, e de seu secretário padre Jorge Benci (1650 †1708), firmou-se acordo com alguns dos principais moradores, magistrados e vereadores. O papel do padre Alexandre de Gusmão nesta questão pode ser percebida na missiva do rei datada de 1º de fevereiro de 1694. El Rei D. Pedro II em carta ao Governador e

Retornemos nossa narrativa biográfica a 1685. Neste ano, conforme registrou Sebastião da Rocha Pitta, ocorreram dois eclipses, um lunar e outro solar, presságios ruins para a América Portuguesa. Embora soubesse o historiador a sua explicação natural, afirmou acreditar que eram estes fenômenos celestes prognósticos de enfermidades e desgraças. Deste modo, não foi considerado fortuito o “achaque da bicha”, melhor dizendo, o surto de febre amarela que grassou no ano de 1686.<sup>22</sup>

Nas palavras do padre Alexandre de Gusmão, o “matador” que em Pernambuco já havia vitimado mais de setecentas pessoas, se instalou na Cidade da Bahia causando muitas mortes, acabando por ceifar a vida do arcebispo da Bahia, D. João da Madre de Deus. O jesuíta pregou nas exéquias deste prelado na Catedral da Bahia de Todos os Santos, rendendo-lhe muitos elogios no cumprimento das suas dignidades, enquanto pregador, “Mestre Jubilado”, censor de livros (como o foi de *Escola de Bethlem*), guardião dos Conventos de Lisboa e Coimbra, entre outros cargos. Neste sermão, padre Alexandre de Gusmão asseverou que este mal havia assolado as cidades em razão das muitas culpas e delitos dos seus moradores.<sup>23</sup>

Exercendo ainda o seu primeiro quadriênio enquanto superior da Ordem, o jesuíta concedeu a licença para impressão da segunda parte dos sermões do Padre Antônio Vieira, *Maria Rosa Mística*.<sup>24</sup> Padre Alexandre de Gusmão era por aqueles tempos renomado membro da Companhia de Jesus na Província do Brasil. Tornou a ocupar importantes cargos

---

Capitão Geral do Estado do Brasil, Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, relatou as petições recebidas pelos moradores de São Paulo para que designasse ao governador do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, para interceder na questão dos índios cativos. Ordenou o rei que o dito governador passasse a São Paulo para “por a justar a liberdade, e serviço dos Índios dellas, na forma dos avizos que vos tinha feito, e que a elle mando registrar”, e que se informasse com Padre Alexandre de Gusmão, caso ainda estivesse pela capitania, ouvindo o seu parecer e dos outros religiosos da Companhia, especialmente ao Padre Antonio Vieira. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo VI, p. 322-354; **Annaes do Archivo Publico da Bahia**, Direção e redação de F. Borges de Barros. Ano I, Salvador: Imprensa Official do Estado, 1917, Vol. I, p. 128 e 129; Ignácio ACCIOLI, **Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia**, Bahia: Typographia do Correio Mercantil, 1835, Tomo I, p. 134.

<sup>22</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 267-271.

<sup>23</sup> Alexandre de GUSMAM, **Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos nas exéquias do Illustrissimo Senhor D. Fr. Joam da Madre de Deos, primeiro arcebispo da Bahia, que faleceo do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686**, Dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Luis de Sousa Tello e Menezes, pello Cônego Francisco Pereira, A custa de Manoel Lopes Ferreira, mercador de Livros, Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1686. Cf. Evergton SALES SOUZA, São Francisco Xavier, padroeiro de Salvador. Gênese de uma devoção impopular, **Brotéria**. Revista Contemporânea de Cultura, Lisboa – PT, v. 163, p. 653-670, 2006.

<sup>24</sup> “LICENÇAS DA RELIGIÃO, Eu, Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, provincial da Província do Brasil, por comissão especial que tenho de N. M. R. P. Carolo de Noye, Prepósito Geral, dou licença, que se possa imprimir este livro da Segunda Parte de Sermões de Nossa Senhora do Rosário, do Padre Antônio Vieira, da mesma Companhia, pregador de Sua Majestade. O qual foi revisto, examinado e aprovado por religiosos doutos dela, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta subscrita como meu sinal e selada com o selo de meu officio. Dada na Bahia, aos 13 de julho de 1686. Alexandre de Gusmão”. Antônio VIEIRA, **Sermões do Rosário**, Lisboa, 1688. disponível em <www. bn.br>. Acesso em 27 mar. 2008.

na administração em anos posteriores. Em razão da morte do provincial Manuel Correia em 1693, o sucedeu enquanto Vice-Provincial, e, entre os anos de 1694 a 1697 foi por segunda vez nomeado para o provincialato.<sup>25</sup>

Passou os últimos anos da sua longa vida no Seminário de Belém. Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* (1715), fonte importantíssima para este estudo, o jesuíta afirmou que o seminário havia sido fundado “na era de 1686”.<sup>26</sup> Esta mesma data foi gravada no frontão da Igreja, erigida sob a invocação de Nossa Senhora de Belém. No entanto, conforme relato de Diogo Barbosa Machado, e dos registros coligidos por Serafim Leite nos Arquivos da Companhia, a pedra fundamental foi lançada somente em 13 de abril do ano de 1687.<sup>27</sup> Ao que nos parece, ao registrar este ano de 1686, pretendeu o padre marcar o início da empresa deste projeto educativo e religioso.

Padre Alexandre de Gusmão foi idealizador e fundador do Seminário de Belém. Por três períodos foi reitor do seminário: de 1690 a 1693, de 1698 até data não identificada, e entre 1715 e 1716.<sup>28</sup> Ao jesuíta atribui-se o regimento do internato: as *Ordens para o Seminário de Belém*, revistas e remetidas para o Padre Geral em Roma no ano de 1696. Segundo este regulamento o jesuíta contava de especiais prerrogativas para seu reitorado.<sup>29</sup> Sebastião da Rocha Pitta em seu relato sobre o empenho do jesuíta na fundação do seminário, narrou que era “Mestre de todos”, acompanhando pessoalmente os meninos no aprendizado das primeiras letras, “sogeitando-se a ler nos bancos os primeiros rudimentos aos discípulos”.<sup>30</sup> Foi o projetista do Seminário e da Igreja de Belém, pois com apoio de algumas “esmolas” e com o seu cuidadoso trabalho, o virtuoso padre “fabricou” o desenho da Igreja. Com habilidades manuais de marceneiro e de ensamblador (destro na arte de embutir), produziu peças do retábulo da Igreja e da Sacristia.<sup>31</sup> Nas palavras do Peregrino de Nuno Marques Pereira, o Templo de Belém foi todo feito com “primor e arte”:

---

<sup>25</sup> Cf. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo VI, p. 456.

<sup>26</sup> Alexandre de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, A Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus, Dedicada a mesma soberana Virgem com sua gloriosa Assumpção. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715, p. 362.

<sup>27</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 190; D. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, 1741-1759, Vol. 1, p. 96.

<sup>28</sup> Cf. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 189.

<sup>29</sup> Foi redigido nos seguintes termos: “O mesmo Padre Geral ordenou que enquanto for Reitor do Seminário o Padre Alexandre de Gusmão se remeta ao seu juízo somente, assim o admitir como o despedir os seminaristas que julgar”. *Regulamento do Seminário de Belém. Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Reverendo Padre [Pe. Alexandre de Gusmão] em uma sua de 28 de janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de janeiro de 1694 ao Padre Provincial (Gésu, Colleg, 15)*. In: S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 186.

<sup>30</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 278.

<sup>31</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 278.



[...] traçado e fabricado por seu Fundador o venerável Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus [...] tanto pelas medições e regras da Geometria, como pelas correspondências do bem arrimado dos Altares, e Púlpitos: os quaes são feitos de luzida, e burnida de tartaruga com frisos brancos de marfim, que bem pudera apostar vantagens com o mais perfeito embutido da Europa, e do mais luzido jaspe de Genova, e polido de Italia. *E está em tal proporção toda a igreja, que em nada se lhe pôde pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar.* [grifos meus]<sup>32</sup>

O jesuíta demonstrava uma especial devoção aos mistérios do nascimento do Senhor e à Sagrada Família. Com seus pendores artísticos compôs presépios.<sup>33</sup> Serafim Leite, afirmou ter notícias de que o padre havia pintado uma representação da Natividade do Senhor.<sup>34</sup> Intitulou de Belém ao seminário, “pelo cordeal affecto, com que venerava ao Menino Deus nacido no Presépio”, segundo Diogo Barbosa Machado.<sup>35</sup> Veneração presente em suas obras, e de modo evidente nas dedicatórias. Lamentou em *Escola de Bethlem*, dedicada ao Patriarca São José, que muitos empenhavam “tanto engenho” ao tratar da Paixão de Cristo, e poucos das “doçuras do Prezépio”.<sup>36</sup> Ao Menino Jesus Nazareno, ofereceu *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, para que com o seu favor soubessem os pais “encaminhar os filhos segundo os primeiros passos de vossa santíssima puericia, para gloria vossa, & bem eterno de vossos redemidos”.<sup>37</sup>

Padre Alexandre de Gusmão ainda fez publicar outras obras, algumas destas marcadas pela devoção à Soberana Senhora e ao Menino Jesus. O tempo que lhe “sobejava” enquanto Mestre no Seminário, como registrou Sebastião da Rocha Pitta, dedicou o padre à composição de vários livros.<sup>38</sup> Foram impressos em vida:

1685 - *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* (em formato de 1/8, com 387 páginas);<sup>39</sup>

1689 – *Meditações para todos os dias da semana, pelo exercício das três potencias da alma, conforme ensina Sto. Ignácio Fundador da Companhia de JESU*, (1/8, 272 pp.);<sup>40</sup>

<sup>32</sup> N. M. PEREIRA, *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 1939, Vol. I, p. 76.

<sup>33</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 278.

<sup>34</sup> S. LEITE, *Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*, Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953, p. 194.

<sup>35</sup> D. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, 1741-1759, Vol. 1, p. 96.

<sup>36</sup> A. de GUSMÃO, *Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio*, 1678, Prologo ao Leytor.

<sup>37</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”.

<sup>38</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 278.

<sup>39</sup> Nesta dissertação foi utilizada a obra fac-similada e digitalizada disponível na Biblioteca Nacional de Portugal. Cf. A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685. Recentemente esta obra foi publicada em fac-símile e também re-editada. Cf. A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, Fac-símile sob responsabilidade de Elomar TAMBARA, E Gomercindo GHIGGI, Pelotas, RS: Seiva Publicações, 2000; Renato Pinto VENÂNCIO; Jania Martins RAMOS (Orgs.), *Alexandre de Gusmão: Arte de Criar bem os filhos na idade da puerícia*, 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

1695 – *Menino Christão*; <sup>41</sup>

1715 – *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, “A Virgem Nossa Senhora na Companhia de JESU, dedicada a Soberana Senhora Virgem em sua gloriosa Assumpção”, (1/4, 438 pp.); <sup>42</sup>

1720 – *Eleyçam Entre o Bem, & o Mal eterno*, dedicada ao “Minino de Belém JESU Filho de Deos e da Virgem Maria Salvador, & Redemptor nosso nascido no Presépio por nosso amor morto na Cruz para nosso remédio” (1/8). <sup>43</sup>

No Catálogo dos escritores da Província do Brasil da Companhia de Jesus, publicado pelo padre Serafim Leite<sup>44</sup>, foram atribuídas como de sua autoria:

*Preces recitandae statis temporibus ab alumni Seminarii Bethlemici*; <sup>45</sup>

*Compendium perfectionis Religiosae Latine scriptum*; <sup>46</sup>

*Instructio Novitii Soc. JESU*, em língua portuguesa; <sup>47</sup>

---

<sup>40</sup> Nesta obra dedicada ao Patriarca Santo Ignácio, padre Alexandre de Gusmão afirmou pretender com este “Livrinho de Meditações” abreviar em um “breve memorial” os exercícios espirituais do Santo Fundador. A. de GUSMÃO, **Meditações para todos os dias da semana, pelo exercício das três potencias da alma, conforme ensina Sto. Ignácio Fundador da Companhia de JESU**, Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1689, Dedicatória “Ao Patriarca Santo Ignácio, Fundador da Companhia de JESU”.

<sup>41</sup> Em *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* o padre fez uma breve menção a um livro intitulado de *Minino Chistam*, afirmando que “se Deus fosse servido” pretendia publicar o segundo tomo desta obra. Podemos aventar que esta obra *Menino Cristão*, ou o seu primeiro tomo, estivesse pronta desde a publicação de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*. Não encontramos quaisquer registros sobre ter se lançado dois volumes desta obra. A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 302. Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, padre Alexandre de Gusmão tratando dos meios que usava a Companhia para difundir a devoção da Senhora, relatou que no Brasil, “se tem repartido por industria de hum dos nossos mais de dous mil livrinhos de preces da Virgem santissima, alem do livrinho *Menino Christão*, & *livrinho das preces, que se costumão rezar no Seminário de Belém*”. [grifos meus] A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 340. Não foi encontrado registro sobre *Menino Christão* nas instituições brasileiras e portuguesas consultadas, a saber, na Biblioteca Nacional, e no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e na Biblioteca Nacional de Portugal. Diogo Barbosa Machado apenas registrou que esta obra havia sido impressa em Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes. D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 96.

<sup>42</sup> Cf. A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715.

<sup>43</sup> Cf. A. de GUSMÃO, **Eleyçam Entre o Bem, & o Mal eterno**, Lisboa, Officina da Musica, 1720. Não tivemos acesso a esta obra. Serafim Leite destacou que este livro foi escrito, segundo as próprias palavras do padre Alexandre de Gusmão, “nos último dias de vida” em Belém de Cachoeira. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 292.

<sup>44</sup> *Scriptores Provinciae Brasiliensis*. Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo I, p. 534.

<sup>45</sup> Somente foi encontrada sobre esta obra a referência do padre Alexandre de Gusmão em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*. Nem mesmo Serafim Leite forneceu maiores informações além da identificação no catálogo *Scriptores Provinciae Brasiliensis*. Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo I, p. 534.

<sup>46</sup> Encontramos o registro desta obra em Diogo Barbosa Machado, assinalado como manuscrito. D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 97. Serafim Leite na listagem das obras do padre Alexandre de Gusmão apontou uma publicação em 1783. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 293.

<sup>47</sup> Diogo Barbosa Machado assinalou esta obra como manuscrito. D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 97. Padre Alexandre de Gusmão tratando da devoção à Senhora nos Noviciados da Companhia de Jesus, narrou sua experiência na Bahia, relatando o uso de livretos, sem, contudo, afirmar que tenham sido de sua autoria. “E deyxando outros exemplos semelhantes: neste nosso Noviciado da Bahia, onde

*Vita Patris Gasparis Almeida Soc. I. eiusdem Provinciae Brasiliensis*, também em língua portuguesa.<sup>48</sup>

Foram impressas postumamente, no ano de 1734, as seguintes obras do padre Alexandre de Gusmão:

*Arvore da Vida, JESUS Crucificado*, dedicada “a Santíssima Virgem Maria N. S.<sup>ra</sup> Dolorosa ao pé da Cruz, Obra posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil”, (1/4, 295 pp.);<sup>49</sup>

*O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico e moral*, (1/8, 221 pp.).

50

Listadas estas publicações, fica-nos a indagação sobre a difusão das obras do padre Alexandre de Gusmão no mundo luso-brasileiro. Destacamos anteriormente as muitas edições de alguns de seus livros, e os elogios de seus contemporâneos de serem suas obras muito dignas de se mandar imprimir. No “Prologo aos que lerem” em *Arvore da Vida, JESUS Crucificado*, afirmou o editor, provavelmente o citado padre Martinho Borges, que era o

---

isto escrevo, sempre enxerguey muy especial devoção à sempre Virgem Maria. He já como regra inviolável jejuarem os Sabbados rezarem todos o seu Officio pequeno com o de sua Immaculada Conceyção, & sua Coroa, ou Rosário, & todos tem obrigação de ter hum livrinho, ou compendio de varias preces, ou compêndios, que cada dia offerecem à Senhora”. A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 239-240.

<sup>48</sup> Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* padre Alexandre de Gusmão registrou ter escrito a vida do padre Gaspar de Almeyda. Narrando o favorecimento da Virgem para a Companhia de Jesus em relação às penas do Purgatório, o jesuíta relatou o exemplo do Irmão Gaspar de Almeyda que além de ter posto suas obras na mão da Virgem, decidiu fazer disto “escritura solenne, ou procuração bastante, que firmou com seu sangue”. Esta “escritura” afirmou o padre ter em seu poder, pois o Padre Provincial lhe havia dado “em premio de lhe escrever a vida”. A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 125. Não encontramos registro desta obra nas instituições consultadas.

<sup>49</sup> Este tratado foi deveras elogiado pelos seus avaliadores. O qualificador do Santo Officio, Fr. Manoel de Sá, afirmou não ter encontrado coisa que se opusesse “à nossa Santa Fé, nem aos bons costumes”. O Fr. Thomas de S. Joseph, também censor do Santo Officio, afirmou não ter encontrada matéria de ofensa, e sim “documentos sólidos, e ponderações utilissimas, com que os Catholicos se firmem na Fé, e os peccadores emendem as vidas; e reformem os costumes”. Do Paço, foi apreciador o Doutor Fr. Antonio de Sacramento que não julgou a obra menos louvável. Cito um trecho do parecer do padre: “Concluo finalmente, que já não podem queixar-se os Filhos do Mundo novo, de que lhe falta o Alexandre, que com o rayo do seu espirito lhe illustrava os entendimentos e feira os corações; porque o Author como se estivera vivo, e reproduzido lhe expoem nessa sua obra a Arvore da vida, JESU Christo crucificado abreviado Ceo, de cujo centro se despedem os rayos daquella verdadeira luz. Com que os entendimentos se convencem, e os coraçoes se transmutão”. A. de GUSMÃO, **Arvore da Vida, JESUS Crucificado**, Dedicada á Santíssima Virgem Maria N. S.<sup>ra</sup> Dolorosa ao pé da Cruz, Obra posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil, Lisboa: Officina de Bernardo da Costa Carvalho Impressor da Religião de Malta, 1734.

<sup>50</sup> Cf. A. de GUSMÃO, **O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico e moral**, Lisboa: Bernardo da Costa Impressor da Religião de Malta, 1734. Segundo indicação de Zulmira C. Santos, esta obra segue a mesma linha alegórica de *História do Predestinado Peregrino e seu irmão precito*. Cf. Zulmira C. SANTOS, Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do “prodesse ac delectare” na História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724], COMPANHIA DE JESUS NA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XVI E XVII. ESPIRITUALIDADE E CULTURA, 2004, p. 582 (nota 5).

jesuíta “Author tão conhecido pelos muitos, e varios livros assim Moraes, como Asceticos”.<sup>51</sup> Fr. Manoel de Sá, avaliador do Santo Ofício, ao conceder a aprovação e render elogios a esta mesma obra, revelou ter amplo conhecimento das publicações do padre Alexandre de Gusmão.<sup>52</sup> Apologias que nos permitem aventar a muito provável circulação das obras do jesuíta em meios religiosos.<sup>53</sup>

Considerado o renome do padre nos quadros da Companhia de Jesus e a sua atuação em diferentes instituições na Província do Brasil, não nos parece arriscado apontar a circulação de suas obras (e idéias) nesta América Portuguesa. No inventário de bens do Colégio da Bahia do ano de 1760, foi listado um exemplar de *Rosa Nazareth nas montanhas de Hebron* como pertencente à Congregação de Nossa Senhora da Encarnação.<sup>54</sup> No Colégio de São Paulo, conforme apontado por Serafim Leite, foi arrolado *Meditações para todos os dias da semana*.<sup>55</sup> Entre leitores leigos, pudemos rastrear poucas indicações da presença da leitura destas obras. Professor Jorge Araújo analisando o “perfil” da leitura no período colonial destacou dentre os inventários e testamentos consultados a presença das obras *Rosa de Nazareth e História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*.<sup>56</sup>

Caminho viável para esta questão da difusão e recepção da suas obras, é notar a fama que ainda em vida gozava o padre Alexandre de Gusmão. Nuno Marques Pereira através dos diálogos de seu Peregrino, qualificou o padre como um “epílogo de todas as virtudes espirituais e morais”: liberal, verdadeiro, cortês, afável, desinteressado, magnânimo, prudente, “attento às ações, no animo constante no animo constante, sempre no semblante igual”. Comparou o padre ao conquistador antiguidade Alexandre Magno, e afirmou que este “dói sombra à vista deste Gusmão”. Explicou o literato esta equiparação da seguinte forma:

(...) se Alexandre magno foi Rei em Macedônia, Alexandre de Gusmão foi Rei, ou reitor da sagrada Religião da Companhia de JESUS. Se Alexandre Magno teve coroa impressa na alma, e espera gozar outra na gloria para sempre. Se Alexandre Magno deu culto aos Ídolos, e destruiu Cidades com soberba, Alexandre de Gusmão fez Templos consagrados a Deus, reformou Cidades, argumentou Províncias, com

---

<sup>51</sup> A. de GUSMÃO, **Arvore da Vida, JESUS Crucificado**, 1734, Prologo.

<sup>52</sup> Afirmou o padre que esta obra do “eruditissimo Autor, que nas letras Divinas, e humanas, foy oráculo vivo” não desdizia os “muitos, e fecundissimos escritos, com que em sua vida, utilizou as Almas; offerecendo-lhes nelles, documentos huma sã, e Catholica doutrina, já abrindo-lhe huma Aula de virtudes, no livro intitulado Escolla de Belém, já evaporando-lhe aromas devação suavissimos, na Rosa de Nazareth, já propondo-lhes a certeza da Bemaventurança, ou das penas do Inferno, no Predestinado, e Prescito; e já finalmente convidando-as a huma proveitosa occupação de tempo, nas Meditações para todos os dias da semana; além de outros espiritaes doutissimos opúsculos”. A. de GUSMÃO, **Arvore da Vida, JESUS Crucificado**, 1734, Licenças.

<sup>53</sup> Destacaremos mais adiante a menção ao padre Alexandre de Gusmão na obra do padre oratoriano Manoel Bernardes. Ver Capítulo II.

<sup>54</sup> Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, p. 415.

<sup>55</sup> Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 292.

<sup>56</sup> Jorge de Souza ARAUJO, **Perfil do leitor colonial**, Ilhéus, BA: Editus, 1999, p. 343-347.

doutrina e humildade. Se Alexandre magno conquistou o mundo com homens soldados guerreiros, symbolo da soberba, Alexandre de Gusmão venceu o Céu, com sacerdotes, e menos que representam Anjos pelo estado da innocencia. E finalmente, se Alexandre Magno conquistou com soberba, e poder, Alexandre de Gusmão reformou o mundo com humildade, e saber.<sup>57</sup>

Menores não foram os elogios comunicados por Diogo Barbosa Machado. Em suas palavras, padre Alexandre de Gusmão era “ornado de insignes virtudes”, com grande respeito à observância religiosa e ao voto de pobreza evangélica. Era “constante nas adversidades e incansável em conduzir almas para o Ceo”, sendo de benevolência natural, mais própria da “ternura de Pay, que da severidade de Prelado”. Pela sua “fama”, relatou que vinham muitos pecadores dos mais remotos sertões aos “seus pés detestar culpas inveteradas”.<sup>58</sup>

No dia 15 de março de 1724, padre Alexandre de Gusmão faleceu no Seminário de Belém da Cachoeira, com então 94 anos de idade, 77 destes dedicados à Companhia de Jesus. Sebastião da Rocha Pitta afirmou que a “maravilha” desta sua longevidade foi atribuída “à poderosa disposição Divina”.<sup>59</sup> Sua morte foi noticiada na Gazeta de Lisboa em 13 de julho deste mesmo ano com a seguinte nota:

Faleceo... na Cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, em idade de 96 annos, com universal opinião de santidade o Padre Alexandre de Gusman da Companhia de Jesus, Varão de muitas virtudes, e muy conhecido pelos livros de devoção, que compoz, e imprimio; concorrendo innumeravel povo a venerar o seu cadáver, tocando nelle contas, e tirando reliquias.<sup>60</sup>

Esta “universal opinião de santidade” pode ser percebida em relatos *post-mortem*. Segundo relatou Diogo Barbosa Machado, foi inumerável a afluência do povo a Igreja de Nossa Senhora de Belém para venerar o corpo do padre, tirando pedaços de suas vestes como reliquias de “Varão Santo”.<sup>61</sup> No prólogo de *Arvore da Vida, JESU Crucificado* foram exaltadas as suas virtudes “heróricas”, que naqueles tempos se faziam comprovadas por “prodígios, e maravilhas”, atestados pelo então arcebispo da Bahia, D. Luiz Álvares de Figueiredo. Deste modo, foi noticiado que no Estado Brasílico era conhecido não só como “Varão Justo e Servo de Deos”, mas também, pelos seus “vários prodígios e aparições”, e que muitos o tomavam por “Santo”. Destes prodígios não foi registrado nenhum detalhe, pois se afirmou que isto seria tratado em um exemplar sobre a vida do padre a ser publicado.<sup>62</sup>

<sup>57</sup> N. M. PEREIRA, **Compêndio narrativo do Peregrino da América**, 1939, Vol. I, p. 77-78.

<sup>58</sup> D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 96-97.

<sup>59</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 278.

<sup>60</sup> M. Lopes de ALMEIDA, **Notícias Históricas de Portugal e Brasil (1715-1750)**, 1961, p. 102-103.

<sup>61</sup> D. BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 96.

<sup>62</sup> A. de GUSMÃO, **Arvore da Vida, JESUS Crucificado**, 1734, Prologo.

Padre Serafim Leite indicou que por ordem do arcebispo Luiz Álvares de Figueiredo havia sido escrito o *Transumptum Inquisitionis factae de prodigiis a Servo Dei Patre Alexandro Gusmano Jesu patratis*. Apontou ainda o historiador da Companhia elogios fúnebres e comentários sobre estes “prodígios” do padre Alexandre de Gusmão. Em 1725 foi escrita a *Oração fúnebre das Exéquias do Venerável Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus*, escritas por um ex-seminarista em Belém, o carmelita Fr. Manoel de S. Joseph. Atentemos aos títulos atribuídos ao padre Alexandre de Gusmão: “Servo de Deus” e “Venerável”.<sup>63</sup>

Com a denominação de “*Servi Dei*” foi gravado um retrato do padre Alexandre de Gusmão, reproduzida em adendo nesta dissertação. Servo de Deus em razão da sua fama de santidade antes e depois da morte, conforme inscrito na lâmina.<sup>64</sup> Diogo Barbosa Machado registrou outra inscrição a uma estampa do padre na qual se registrou algumas de suas virtudes, dentre as quais de “*prodigiis ante, & post obitum insignis, mirisque apparitionibus celebris*”.<sup>65</sup>

As notícias destes prodígios e aparições parecem ter motivado a tentativa de instaurar um processo de beatificação do padre Alexandre de Gusmão. A este respeito, José Caeiro, em seus relatos sobre o seqüestro dos bens da Companhia de Jesus (1759) comentou que estava sendo avaliada por aqueles tempos “a causa” do “Venerável Anchieta e do Padre Alexandre de Gusmão”.<sup>66</sup>

A memória das virtudes e “santidade” do padre Alexandre de Gusmão atravessou os séculos no sítio do Seminário de Belém. Em cartas datadas de princípios do século XIX, o professor Luis dos Santos Vilhena fez referência ao seminário e ao seu padre fundador, reputado por “varão insigne não só em virtudes como em literatura”.<sup>67</sup> Em meados do século XX, o cachoeirano Aristides A. Milton relatou a reverência à lápide do jesuíta existente na Igreja de Nossa Senhora de Belém, que segundo a devoção local tinha poderes milagrosos,

---

<sup>63</sup> Listou Serafim Leite aos seguintes documentos: *Vita P. Alexandri Gusmani; Compendium religiosiae vitae, et felicissimi transitus Vener. P. Alexandri Gusmani in Prov. Brasilica; De P. Alexandre Gusmano; Elogium . Alexandri Gusmani*; não registrou outros detalhes e informações. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VIII, p. 297-298.

<sup>64</sup> Padre Serafim Leite reproduziu um retrato do padre na abertura do quinto tomo. Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V.

<sup>65</sup> . BARBOSA MACHADO, **Bibliotheca Lusitana**, 1741-1759, Vol. 1, p. 96.

<sup>66</sup> José CAEIRO, **Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal (século XVIII)**, Tradução Padre Manuel Narciso Martins, Prefácio Padre Luiz Gonzaga Cabral, Salvador: Escola Tipográfica Salesiana, 1936, p. 39. Não dispomos de maiores informações sobre estes processos.

<sup>67</sup> Luis dos Santos VILHENA, **A Bahia no século XVIII**, Salvador: Ed. Itapuã, 1969, Vol. 2, p. 443. [cartas datadas do ano de 1801]

procurada principalmente por mulheres estéreis.<sup>68</sup> Joseph Foulquier S. J. tratando da tentativa de re-estabelecimento da Companhia de Jesus na década de 1910 na Bahia, relatou a veneração ao padre Alexandre de Gusmão presente no arraial de Belém ainda por aqueles tempos.<sup>69</sup> Tal veneração manifesta-se sobretudo na forma de relatos que se repetem, e podem ser encontrados até os dias atuais no povoado que conservou a sua denominação de Belém de Cachoeira.

\*\*\*

Neste nosso estudo, a vida do Padre Alexandre de Gusmão - “Santo Varão” e “Servo de Deus” - interessa-nos, sobretudo, pela sua atuação enquanto “Escritor doutíssimo” e “Mestre de todos”. No “encenar” desta pesquisa histórica o jesuíta não constitui o personagem principal. Por melhor dizer, não temos a pretensão de construir uma narrativa biográfica. Este padre, que tantos cargos exerceu na missão educativa da Companhia de Jesus na Província do Brasil, e que em seus escritos manifestou a preocupação com a educação e “boa criação”, revela-se como “narrador” na composição de uma história das práticas educativas para as idades da infância, puerícia e adolescência no mundo luso-brasileiro entre os séculos XVII e XVIII.

Nesta perspectiva, nossa investigação acerca-se dos estudos sobre a História das Infâncias no período moderno. Há que se justificar este propositado plural. Comumente apresenta-se uma indistinção entre “criança” e “infância”, que na historiografia aparece em uma confusa e limítrofe conceituação das temáticas. Por História da Criança compreendem-se as análises detidas nos aspectos sócio-culturais entre adultos e crianças, e na sociabilidade das crianças entre si. O termo “Infância” compreende tanto a primeira idade da vida humana, quanto genericamente a referência aos “não-adultos”. A “História da Infância” parte então

---

<sup>68</sup> O letrado informou em suas efemérides o falecimento do padre Alexandre de Gusmão no dia 15 de março da seguinte forma: “Em cheiro de santidade, faleceu no anno de 1724 Fr. Alexandre de Gusmão, instituidor do Seminário de Belém, a 6 kilometros mais ou menos desta cidade [de Cachoeira], e para cuja edificação muito contribuiu, como auxiliar dedicado, o governador Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho. A sepultura do ilustre religioso, existente na igreja do arraial daquelle nome, é muito reverenciada ainda hoje, principalmente pelas mulheres estéreis, que acreditam perder o defeito desde quando se deitem sobre a lousa, que cobre os restos mortaes do virtuoso frade”. Aristides A. MILTON, **Ephemerides Cachoeiranas**, Coleção Cachoeira, ed. Fac-similar, vol. 1, Salvador: UFBA, 1979, p. 103-104. Sobre a memora desta devoção na Igreja de Nossa Senhora de Belém, ver Antônio Loureiro de SOUZA, **Notícia Histórica da Cachoeira**, Estudos baianos, n°5, Salvador: UFBA, 1972; Antônio Loureiro SOUZA, Belém da Cachoeira, **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n° 85, p. 63-77, 1972-1975.

<sup>69</sup> Joseph FOULQUIER S.J., **Jesuítas no Norte**. Passados 4 Séculos, segunda entrada da Companhia de Jesus (1911-1940), Bahia, 1940, p. 69-70. Também o padre Luiz Gonzaga Cabral registrou esta devoção no povoado nesta primeira metade do século XX, denominando ao padre Alexandre de Gusmão enquanto “homem de Deus, cuja memória e relíquias ainda hoje são veneradas em Belém da Cachoeira”. Luiz Gonzaga CABRAL, **Influência dos jesuítas na colonização do Brasil (século XVI)**, São Paulo – Cayeiras – Rio – Recife: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1925, p. 76.

desta diferenciação sócio-cultural dos sujeitos pela sua fase da vida, refletidas em representações, aqui entendidas como sentimentos, percepções e práticas, sobre as crianças. Contudo, a História da Infância no singular se encerra em uma categorização homogênea e abstrata. Como por exemplo, ao descrever os cuidados com os “filhos” na família e a tradução de “criança” em “aluno” nas escolas no período moderno. Uma “História das Infâncias” enseja a compreensão das múltiplas experiências sociais e culturais em relação às crianças, no tocante às variações de classe, gênero, etnia, regionalismo, e demais elementos.<sup>70</sup>

Sobre a temática da infância nos estudos históricos, faz-se imperioso mencionar *História Social da Criança e da Família* de Philippe Ariès. Nesta obra, foi analisada a formação entre os séculos XVI e XVII da idéia de Família e de Infância.<sup>71</sup> Segundo o autor, o Ocidente teria passado de um contexto geral de indiferença e apatia em relação às crianças no medievo, a uma processual sacração da infância como objeto das atenções das famílias no período moderno.<sup>72</sup> Esta tese aparece recorrentemente debatida na historiografia, por ser considerada precursora, pelo seu caráter polêmico e pelas fragilidades e generalizações de muitos dos seus argumentos.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> Cf. Moysés KUHLMANN JUNIOR, **Infância e Educação infantil uma abordagem histórica**, Porto Alegre: Mediação, 1998; Marcos Cezar de FREITAS; Moysés KUHLMANN JUNIOR, Apresentação, In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMANN JUNIOR (Orgs.), **Os intelectuais na história da infância**, São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-9; Claude JAVEAU, Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma Ciência Social da Infância?, **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, vol. 26, n. 91, p. 379-389, Maio/Ago 2005.

<sup>71</sup> Philippe ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 210, 231. Esta edição brasileira foi traduzida da versão francesa de 1973 abreviada do texto original publicado em 1960.

<sup>72</sup> O autor afirmou esta tese no segundo capítulo, intitulado, “A Descoberta da Infância”, tratando particularmente a iconografia religiosa entre os séculos XII e XVII. Ao que nos parece, caracterizar um período histórico como de maior sensibilidade ou “perversidade” em relação à infância, como apontou Philippe Ariès, não parece resultar em uma análise muito profícua. Como advertiu Jacques Gélis, a atribuição de interesse ou indiferença em relação à criança não pode ser considerada como característica deste ou daquele período da História. “As duas atitudes coexistem no seio de uma mesma sociedade, uma prevalecendo sobre a outra em determinado momento por motivos culturais e sociais, que nem sempre é fácil distinguir”. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 50-68; Jacques GÉLIS, A individualização da criança. In: Philippe ARIÈS; Roger CHARTIER, **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, vol. 3, p. 328.

<sup>73</sup> Philippe Ariès no Prefácio de 1973 publicado na versão brasileira, “respondeu” algumas das críticas formuladas sobre seu trabalho. Suas teses sobre infância e família haviam sido postas em xeque por pesquisadores da história e da área da psicologia sobre o período do Antigo Regime, principalmente no tocante à idéia da ausência do sentimento de infância. Outras críticas foram traçadas em relação às suas formulações gerais sobre as mudanças culturais e sociais na percepção das “idades da vida”, família e comunidade das chamadas “sociedades tradicionais” para as idéias da modernidade consolidadas no século XVII. Sobre esta obra ser considerada “precursora” dos estudos históricos sobre a infância, vale destacar que Nbert Elias, em sua clássica obra *O processo civilizador* já havia atentado a esta problemática analisando as práticas culturais de civilidade. Basicamente em quase todos os estudos sobre as temáticas da infância e da família na modernidade encontramos ao menos referências à obra do pesquisados francês, principalmente na introdução de suas pesquisas. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 9-27; Cf. Norbert ELIAS, **O processo civilizador**. Uma história dos costumes, Tradução de Ruy Jungmann, Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 [1ª edição 1939]. Sobre debates a respeito da obra de Philippe Ariès, cf. Edward SHORTER, **A Formação da Família Moderna**, Trad. Teresa Perez. Lisboa: Terramar, 1975; François



Traçando uma “genealogia” dos estudos históricos sobre a infância no Brasil “nos tempos da Colônia”, somos levados à década de 30 do século XX com a publicação de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. Na clássica obra de interpretação da cultura nacional, o autor pernambucano em meio a uma análise do mundo dos engenhos, observou os sinhozinhos, sinhazinhas, negrinhos e negrinhas, em relações de convivência e conflitos.<sup>74</sup> Do ensaio freyriano à publicação de estudos sobre a história social da infância decorreram mais de 50 anos. Na década de 90 surgiram as primeiras obras organizadas particularmente em torno da criança. Destaque para a *História da Criança no Brasil* lançada em 1991 organizada por Mary del Priore, sendo por esta mesma autora publicada nova coletânea em 1999, intitulada de *A História das Crianças no Brasil*.<sup>75</sup> Em 1997, Marcos Cezar de Freitas organizou *História Social da Infância no Brasil*, com artigos que perpassavam a história nacional pela temática da infância e da educação.<sup>76</sup> O campo dos estudos sobre a infância tem se entrelaçado com a História da Família,<sup>77</sup> e com a História da Educação.<sup>78</sup>

---

LEBRUN, *A vida conjugal no Antigo Regime*, Coleção Prisma. Lisboa: Ed. Rolim, s/d; António Gomes FERREIRA, *Gerar Criar Educar*. A criança no Portugal do Antigo Regime, Coleção Teses Número 7, Coimbra – PT: Quarteto Editora, 2000. Colin HEYWOOD, *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*, Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 23-34; M. KUHLMANN JUNIOR, *Infância e Educação infantil uma abordagem histórica*, 1998.

<sup>74</sup> Ao longo da dissertação tornaremos às descrições freyrianas da infância. Cf. Gilberto FREYRE. *Casa Grande & Senzala*, Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal, Ilustrações de Tomás SANTA ROSA e desenho de Cícero DIAS, 9ª. Edição brasileira, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958, 2º Tomo. [1ª edição 1933]. Para uma análise do pensamento de Freyre sobre família e infância recomenda-se: Mariza CORREA, Repensando a família patriarcal brasileira. In: Maria Sueli K. ALMEIDA, (et al.) *Colcha de retalhos*, São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 13-37; Eni de Mesquita SAMARA, *Família, mulheres e povoamento*. São Paulo, século XVII, Bauri, SP: EDUSC, 2003; Marcos Cezar de FREITAS, *História da infância no pensamento social brasileiro*. Ou, fugindo de Gilberto Freyre pelas mãos de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_, *História Social da Infância no Brasil*, 6ª edição, São Paulo: Cortez, 2006, p. 251-268; Luzinete Simões MINELLA, Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. *Cadernos Pagu*, São Paulo, 26, p. 289-327, jan./jun. 2006.

<sup>75</sup> Conforme nosso período de estudo, interessa-nos diretamente os artigos: Mary. L. M. del PRIORE, O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia, In: M. L. M del PRIORE (Org.), *História da Criança No Brasil*, Coleção Caminhos da História, São Paulo: Contexto, 1991, p. 10-27; Laura de Mello e SOUZA, O Senado da Câmara e as crianças expostas, In: M. L. M del PRIORE (Org.), *História da Criança No Brasil*, 1991, p. 28-43; Luiz MOTT, Pedofilia e pederastia no Brasil Antigo, In: M. L. M del PRIORE, (Org.), *História da Criança No Brasil*, 1991, p. 44-60; Fábio Pestana RAMOS, A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas no século XVI, In: M. L. M. del PRIORE (Org.). *A História das Crianças no Brasil*, 1ª. Ed, São Paulo: Contexto, 1999, p. 19-52; Rafael CHAMBOULEYRON, Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista, In: M. L. M. del PRIORE (Org.). *A História das Crianças no Brasil*, 1999, p. 55-82; M. L. M. del PRIORE, O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império, In: M. L. M. del PRIORE (Org.). *A História das Crianças no Brasil*, 1999, p. 84-105.

<sup>76</sup> Cf. Maria Luiza MARCILIO, A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In: M. C. FREITAS, *História Social da Infância no Brasil*, 2006, p. 53-79.

<sup>77</sup> Sobre a temática da família e da infância a história demográfica os estudos cf. M. L. MARCILIO, *História Social da Criança abandonada*, São Paulo: Ed. Hucitec, 1998; E também, Renato Pinto VENÂNCIO, *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*, Campinas, SP: Papirus, 1999. Embora seja apenas mencionada a questão dos filhos mais detidamente no último capítulo, vale citar Maria Beatriz Nizza da SILVA, *História da Família no Brasil colonial*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Enfim, importa-nos assinalar algumas considerações sobre a História da [s] Infância [s]: (1) De Philippe Ariès vale destacar a premissa de que a percepção sobre a Infância não é um elemento natural e universal. Citando Norbert Elias, as práticas culturais em relação aos “indivíduos que crescem” não são observáveis uniformemente em todas as épocas históricas.<sup>79</sup> Devem antes ser analisados como contingente histórico, cuja percepção e configuração são culturalmente transformados nas sociedades.<sup>80</sup> (2) Os estudos históricos sobre infância são sociais por iminência. Conta-nos da história das relações sociais, das relações de poder. Uma história que pouco tem de “fofinha” e “engraçadinha”. (3) É, pela sua própria terminologia, uma história dos que não tem voz (*infans* = sem voz, sem fala). Sobre esta história podemos saber pelo que nos contam, por exemplo, os homens das letras em geral – religiosos, políticos e literatos.

Neste nosso estudo, é o padre Alexandre de Gusmão com sua prédica moralizadora e religiosa que nos conta capítulos de uma História Social da Infância no período moderno. Melhor dizendo das “Infâncias”. Nesta perspectiva, esta dissertação foi composta de três capítulos e alguns anexos.<sup>81</sup> No primeiro capítulo buscamos discutir a educação das infâncias no período moderno, tomando por base o pensamento do padre Alexandre de Gusmão e os escritos de literatos do século XVI a meados do século XVII. Dada a importância desta matéria educativa/ formativa, no segundo capítulo discutimos os preceitos do jesuíta para a boa criação dos filhos desde os oito dias de nascidos até a adolescência, atentando especialmente para a divisão das idades da infância em relação aos

---

<sup>78</sup> A produção historiográfica sobre a Educação no Brasil, e mais detidamente sobre os séculos XVI e XVII é numerosa, bibliografia assaz usada no segundo capítulo desta dissertação. Nota-se, contudo, que neste campo historiográfico, com grande dedicação à pedagogia e às instituições, não são muito comuns o enfoque à temática da criança e da infância. Destacamos oportunamente: Carlota BOTO, O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes, In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMANN JUNIOR (Orgs.), **Os intelectuais na história da infância**, 2002, p. 11-60; João Adolfo HANSEN, In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMANN JUNIOR (Orgs.), **Os intelectuais na história da infância**, 2002, p. 61-97; António Gomes FERREIRA, A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime, In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMANN JUNIOR (Orgs.), **Os intelectuais na história da infância**, 2002, p. 167-196; Luiz Felipe Baeta Neves FLORES, O altar e a coroa iluminada: a educação de colonos e colonizados. In: Ana Maria MAGALDI; José G. GONDRA, (Orgs.), **Educação no Brasil: história, cultura e política**, Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003, p. 73-97;

<sup>79</sup> Cf. N. ELIAS, **O processo civilizador**. Uma história dos costumes, 1990, p. 182.

<sup>80</sup> Como advertiu Jacques Gélis, a atribuição de interesse ou indiferença em relação à criança não pode ser considerada como característica deste ou daquele período da história. “As duas atitudes coexistem no seio de uma mesma sociedade, uma prevalecendo sobre a outra em determinado momento por motivos culturais e sociais, que nem sempre é fácil distinguir”. J. GÉLIS, A individualização da criança. In: P. ARIÈS; R. CHARTIER, **História da Vida Privada**: Da Renascença ao Século das Luzes, 1991, vol. 3, p. 328.

<sup>81</sup> Apresentamos como anexos: o adendo entre os capítulos I e II sobre o padre Alexandre de Gusmão e suas obras. O Anexo I compreende o mapa onomástico das referências do padre Alexandre de Gusmão em *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*; O Anexo II traz fotografias referentes à Igreja de Nossa Senhora de Belém; e o Anexo III com as tabelas da listagem de bens dos Inventários do Seminário e da Igreja de Belém (1759-1760).

Sacramentos. Dedicamos também atenção às suas recomendações para a criação das meninas. No capítulo final analisamos uma documentação inédita – os Inventários do Seminário e da Igreja de Belém (1759 e 1760)<sup>82</sup> – assim como os relatos do padre Alexandre de Gusmão e de contemporâneos, para buscar analisar a cultura pedagógica<sup>83</sup> deste internato fundado em princípios dos sertões para educação de meninos.

---

<sup>82</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Evergton Sales Souza pela indicação destas fontes.

<sup>83</sup> Por cultura pedagógica entendemos o “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”, e “um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”, levando em consideração sua condição histórica. Dominique JULIA, A cultura escolar como objeto histórico, **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, nº 1, p. 10-11, jan/jul 2001.

---

# C a p í t u l o I

---

## A IMPORTÂNCIA DO “CRIAR BEM”

TÓPICOS SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

(SÉCULOS XVI-XVIII)

Donde se segue a importancia de que a boa creçam dos mininos comece logo dos primeiros annos, porque ainda que naquella idade nam haja capacidade, q[ue] ha na crescida para a razam, há facilidade para o costume; ainda que nam ha prudência para a discriçam, ha docilidade para a doutrina, & correcçam. <sup>1</sup>

Alexandre de Gusmão, 1685.

### 1 - A *ARS EDUCATIO*.

*A Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* constitui o “fio de Ariadne” que conduz nosso estudo. Iniciemos pelo esquadrinhar deste título. Por “ARTE”, segundo o *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712 - 1726) de autoria do padre Raphael Bluteau, entende-se as “Regras, & methodo, com cuja observação se fazem muitas obras úteis, aggradaveis, & necessárias a Republica”. Por “arte” eram compreendidas as chamadas “Artes Liberaes” - Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Música, Arquitetura, Astrologia. E, também as “Artes mechanicas” - Agricultura, Caça, Guerra, Ofícios fabris e a Cirurgia. <sup>2</sup> Entre os séculos XVI e XVIII, podem ser encontradas obras de temas variados e propósitos diversos intituladas por “arte”. Tratados de como bem “agir” ou “fazer”, que versavam, por exemplo, sobre arte náutica, arte militar, arte de imprimir. <sup>3</sup> Destaque para os *best-sellers* do período: os tratados

---

<sup>1</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 145.

<sup>2</sup> Raphael BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez e Latino*. Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos. Offerecido a El Rey de Portugal, D. João V, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712, Vol. 1, p. 573-574.

<sup>3</sup> Como exemplos, encontramos digitalizados no sistema da Biblioteca Nacional de Portugal, os seguintes títulos: Per Álvaro Ferreira de VERA, *Memória Artificial ou modo para adquirir memória per arte*, Dirigida a Dom

moralizadores intitulados de *ars moriendi*, que buscavam instruir os fiéis na vida pia como preparação para a morte (e o *post-mortem*).<sup>4</sup>

Sobre o termo “CRIAÇÃO”, padre Raphael Bluteau apresentou variadas significações: investiduras de cargos e dignidades, instrução em ofícios, e a prática da pecuária. Ou como sinônimo de educação. Vale notar a expressão latina por ele utilizada como explicação semântica – *liberalis educatio*, ou “boa criação”.<sup>5</sup> No verbete “EDUCAÇÃO”, foi posta uma definição que nos será muito útil nesta nossa investigação. A educação, *educatio*, foi definida como “criação ou ensino para a direcção dos costumes”. Ainda segundo as explicações do clérigo, no latim, *Educatio* ou *institutio*, poderiam ser acompanhados do genitivo *Puerorum*, ou o adjetivo *Puerilis*.<sup>6</sup>

A “PUERÍCIA” foi definida como “idade do homem entre a infância, & a adolescência”, dos três ou quatro anos aos nove ou dez anos de vida.<sup>7</sup> Herdeira das idéias greco-latinas e presente em tratados e na iconografia do medievo europeu, as definições das “idades do homem” apresentam-se como sistematização explicativa da evolução física e psicológica dos indivíduos, refletindo expectativas sociais e culturais sobre cada faixa etária (vide Imagem 1). No período moderno, as “idades da vida” foram retratadas em tratados pedagógicos e morais, com diferentes versões e divisões.<sup>8</sup>

---

Manoel de Eça, Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631; Manuel Nunes SILVA, **Arte mínima, que com semibreve prolaçam tratta em tempo breve, os modos da Máxima, & Longa Sciencia da Musica**, Lisboa: Officina de Joam Galram, 1685; João de VILLENEUVE, **Da Arte de imprimir dada a Luz pelos primeiros characteres**, Dedicada a ELREY Dom João V. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1732; João de Morais Madureira FEIJO, **Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa para uso do excellentissimo Duque de Lafoens**, Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

<sup>4</sup> Segundo o historiador Jean Delumeau, o gênero do *ars moriendi* ganhou difusão a partir do ideal de religiosidade da *devotio moderna*. O autor destacou que estas obras escritas pretendiam ser uma espécie de “método para bem morrer” em torno de modelos edificantes para o “bem viver”. A morte, enquanto elemento doutrinal foi consolidado pela iconografia e em textos, tornando-se como um princípio pedagógico da cristandade entre os séculos XV-XVIII. Como exemplo destas obras impressas no século XVII, o autor citou *De Arte bene moriendi* (1620) do jesuíta Belarmino. Jean DELUMEAU, **O pecado e medo**. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18), tradução de Álvaro Lorencini, Bauru, SP: EDUSC, 2003, Volume I, p. 108-125.

<sup>5</sup> R. BLUTEAU, **Vocabulario Portuguez e Latino**, 1712, Vol. 1, p. 608-609.

<sup>6</sup> R. BLUTEAU, **Vocabulario Portuguez e Latino**, 1713, Vol. 2, p. 13-14.

<sup>7</sup> R. BLUTEAU, **Vocabulario Portuguez e Latino**, 1720, Vol. 6, p. 819-820.

<sup>8</sup> Cf. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 29-45; A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar**. A criança no Portugal do Antigo Regime, 2000, p. 349-355.



**Imagem I** – *Volat Irrevocabile Tempus*.

Neste painel de azulejo datado de meados do século XVIII, de autoria de Bartolomeu Antunes de Jesus, pertencente à Igreja e Convento de São Francisco (Salvador-BA), foram representadas as etapas da vida (puerícia, mocidade, vida adulta e senhoril), sob a inscrição de que o tempo voa irrevogavelmente.<sup>9</sup>

Embora o padre Alexandre de Gusmão tenha direcionado sua obra à puerícia, como se entrevê no título, a dedicação desta obra na matéria educativa abrangia outras etapas da infância.<sup>10</sup> Em suas recomendações e preceitos para o bem criar desde os primeiros oito dias de nascidos até aproximadamente os quatorze anos de idade observa-se claramente a preocupação na formação dos indivíduos. Cuidado expresso desde a dedicatória da obra, na qual declarou que esperava com este manual de conselhos, e o favor do “Menino de Belém,

<sup>9</sup> Fotografia de acervo pessoal, Salvador, 2006. Para referências aos azulejos, cf. Antonio Luiz d'ARAÚJO, **Arte do Brasil Colonial**, Rio de Janeiro: Revan, 2000.

<sup>10</sup> Infância entendida como a idade que se dilata até a adolescência, conforme definição do padre Raphael Bluteau. “INFANCIA. Infância. Idade dos meninos, em quanto não fallão, ou até, que tenham uso de razão. Infantia, ae. Fem. Quintil. Conforme a opinião dos que querem, que Infância também signifique a idade, que se estende até ao principio da adolescência, a saber, até aos quatorze annos”. R. BLUTEAU, **Vocabulario Portuguez e Latino**, 1713, Vol. 4, p. 120.

JESUS Nazareno”, pudesse “formar um perfeito minino, para que nos annos da Adolescência chegue a ser um perfeito mancebo”.<sup>11</sup>

No primeiro capítulo, intitulado “Da Importância da boa criação dos Mininos”, foram lançadas as bases da argumentação do padre Alexandre de Gusmão. “He de tanta importância, ó Pays de famílias, a boa criação dos filhos na idade da puerícia, de tam infelices conseqüências sua ruim educação”, afirmou o padre logo na primeira setença, “que de hua, & outra cousa pela maior parte depende o bom, ou máo successo de vossas famílias”.<sup>12</sup> Se os meninos fossem criados desde tenra idade em santos e honestos costumes poderiam os pais esperar boa ventura. Se do contrário, fossem criados em “liberdade de vida, & depravados costumes”, poderiam temer a ruína das famílias e, “de toda a Republica o escandalo”.<sup>13</sup>

Ainda nas primeiras páginas, padre Alexandre de Gusmão narrou uma história contada sobre Licurgo, Rei e Legislador de Esparta. No intento de advertir e persuadir o seu povo sobre a importância da primeira educação, criou o rei a dois cães: um em casa com as migalhas da mesa, e o outro aplicou ao exercício da caça. Sob a atenção dos espartanos, mandou o rei que se soltasse uma lebre coberta de espinhas diante dos cães. O cão caçador tratou logo de apanhar a lebre, enquanto o outro, acostumado às regalias e ao descanso, não demonstrou interesse. Interpretando esta fábula, explicou o padre que quiseram os “Antigos” com uma mentira significar uma verdade. A partir desta sensata demonstração poderia ser percebida a força da boa, ou da má criação, pois, “Bem examinado, tudo nasce da primeira criação; & se bem muitas vezes pode nascer do natural, de ordinário nam he senam da falta de doutrina”.<sup>14</sup>

Havia, sobretudo, um tempo para se bem educar. E este tempo deveria ser desde a frágil e tenra idade, segundo o discurso do padre Alexandre de Gusmão, confluyente a destacados pensadores que trataram dos cuidados com os infantes e da importância da educação no período moderno. Fragilidade e tenrura que seriam traduzidos na retórica sobre a Infância do período como a ideal fase para amoldar os indivíduos. Sigamos o enredo.

---

<sup>11</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”.

<sup>12</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 1-2.

<sup>13</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 2.

<sup>14</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 7-8.

“Hum Político disse”, afirmou padre Alexandre de Gusmão, “que eram os animos dos mininos, como húa taboa raza, que hum insigne Pintor tem aparelhada para pintar nella qualquer imagem”. O que nesta tela pintar, isso representará: “se Anjo, Anjo; se Demonio, Demonio representará”. Do mesmo modo que o sair bem ou mal pintado dependeria das primeiras linhas do pintor, o filho bem ou mal criado dependeria dos primeiros ensinamentos que o pai nele imprimisse, como em uma tábua rasa, ou como em uma tela em branco. O padre, em forma de diálogo com seus leitores, observou que se porventura entrassem na casa de um pintor poderiam ser vistos quadros nos primeiros borrões e outros já perfeitos. E, ainda nas primeiras linhas poder-se-ia dizer quais viriam a ser quadros excelentes, distintos dos outros que mal iniciados, nem se poderia identificar o que retratavam. A esta importância dos primeiros traços do artista, concluiu sobre a criação dos meninos, que:

como taboas razas estam dispostos para se formarem nelles quaesquer imagens; conforme for a primeira doutrina, conforme a primeira educaçam, que deres a vossos filhos, podereis conhecer o que ham de vir a ser; seram bons filhos, se forem bem criados na puericia & maos, se forem mal formados no principio.<sup>15</sup>

No *Vocabulário Portuguez e Latino*, podemos encontrar duas definições para “TABOAS” ou “TABULA RASA”: (1) o “entendimento de hum moço, que ainda não tem especies de sciencia alguma, & que tem capacidade, para receber qualquer impressoens”; e, (2) “a cabeça do ignorante, sem letras & sem noticias”. Segundo indicação do padre Raphael Bluteau, esta expressão foi tomada de uma metáfora sobre a tela em branco antes de principiar sua montagem e receber pintura ou desenho. Disto, explicou o clérigo, derivaria o axioma filosófico: “*Homo nascitur tanquam tabula rasa, in qua nihil est depictum*”.<sup>16</sup> Os indivíduos nasceriam como tábuas rasas, e nada saberiam naturalmente sem lhes ser ensinados. Nem falar, nem andar, nem coisa alguma, somente o chorar.<sup>17</sup>

A partir da referência dada pelo padre Alexandre de Gusmão, identificamos o referido “Político” como Don Diego de Saavedra Fajardo (†1648) em sua obra *Idea de un príncipe cristiano representado em cien empresas* (1643).<sup>18</sup> Na Empresa 2, intitulada “Y

<sup>15</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 2-4.

<sup>16</sup> R. BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez e Latino*, 1721, Vol. 8, p. 8-10.

<sup>17</sup> Verbete “ENSINAR” – “He cousa notável, que o homem não saiba cousa alguma, se lhe não for ensinada, não falla, nem anda, nem come, finalmente não faz cousa alguma, se não chorar”. R. BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez e Latino*, 1713, Vol. 2, p. 134.

<sup>18</sup> Ao longo de toda a obra, padre Alexandre de Gusmão colocou na lateral do texto a referência aos autores e/ou obras citadas, que nos possibilitaram a construção de um quadro onomástico, inserido nesta dissertação como Anexo I. Sobre a referência da obra em questão está localizada ao lado do texto referente a “Hum Político” a



puede el arte pintar como en tabla rasa sus imágenes”, D. Diego Saavedra Fajardo declarou-se admirado pelo poder da arte dos pincéis de enganar com as cores aos sentidos com a perfeição de suas imitações da natureza. Embora não possa a arte dar alma aos corpos, pode lhes dar a graça, o movimento e até representar os afetos. Deste modo, afirmou o autor, nasce o homem nu, pelado, ignorante em qualquer língua, “rasas las tablas del entedimimiento, de la memoria y la fantasia”. Para que então, através da educação, nestas tábuas rasas fossem impressas a doutrina, as artes e as ciências.<sup>19</sup>

Em *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* foram muitas as metáforas utilizadas pelo padre Alexandre de Gusmão ao tratar dos fundamentos para a educação. No décimo oitavo capítulo intitulado, “Que naquillo em que os pays puzeram os filhos na puerícia, ficaram toda sua vida”, o jesuíta comparou os meninos a uma muda de planta, que pode ser transplantada e removida sem danos. E ainda como a cera, o barro e os metais, que só enquanto brandos se pode lavrar, porque depois de rijos, ou se quebram, ou dificultosamente se pode moldar. Destas comparações, concluiu que na idade da puerícia facilmente se lhe poderia dar qualquer forma, e qualquer imagem.<sup>20</sup> Do reino animal, citou, por exemplo, as comparações de Santo Ambrósio (†397) e do Livro de Ezequiel, de que os meninos, semelhante às aves, deveriam ser ensinados desde o ninho. A isto, atribuíram duas razões: (1) “a maior facilidade, com que se toma a doutrina”; (2) “a maior tenacidade ou cõstancia, com que se conservam”.<sup>21</sup>

Padre Alexandre de Gusmão utilizou um trecho das cartas de São Jerônimo (†420), obra das mais citadas em seu tratado, para dissertar sobre a idéia das conseqüências da educação bem ou má principiada. “Assim como as cousas, que se tingem dificultosamente perdem a primeira cor; & as vasilhas velhas jamais perderam o cheiro do óleo, que primeiro em novas recebêram”, deste mesmo modo exemplificou o santo, “o minino depois de velho,

---

designação “Saved. Emp. 2”. D. Diego Saavedra Fajardo foi “republico eminente, político sagaz, sábio estadista, caballero notório, enérgico prosista, autor erudito”, diplomata da corte de Felipe IV, e debatedor algoz do “Príncipe” de Maquiavel. Cf. Diego FAJARDO SAAVEDRA, **Sus pensamientos, sus poesias, sus opúculos**. Precedido de um Discurso Preliminar crítico, biográfico y bibliográfico sobre la vida y obras del autor e ilustrados com notas, introducones y uma genealogia de la Casa de Saavedra por el Conde de Roche y D. José Pio Tejera, Madrid: Imprenta de Fortanet, 1884. *Versão digitalizada*.

<sup>19</sup> D. SAAVEDRA FAJARDO, **Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas**. Empresas políticas, Madrid, Editora Nacional, 1976. *Versão digitalizada*. Empresa 2 – *Y puede el arte pintar como em tabla rasa sus imágenes*. *Ad. Omnia*.

<sup>20</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 145.

<sup>21</sup> Os meninos deveriam ser criados semelhantes às águias, que já saem dos ninhos com asas, e por esta razão voam mais alto que todos os outros pássaros, segundo o Livro de Ezequiel. Semelhantes aos filhotes da Calhandras, ou rouxinóis, que aprendem de seus pais a cantar logo quando nascem, como relatou Santo Ambrósio. E ainda semelhante ao papagaio, que devem ser recolhidos do ninho desde novos para que possam aprender a falar, de onde vem o adágio de Plínio: “Papagayo velho nam conhece palmatória.” A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 144-145.

cor, que primeiro lhe derem, & o óleo da doutrina que primeiro receber, esse conservará toda a vida”. Explicou o jesuíta deste modo: a lã tingida de preto, dificilmente tornaria a ser alva, ao passo que a que está branca pode tomar qualquer cor e facilmente se lava quando suja. E o vaso que primeiro receber bálsamo ou pez não se pode tirar o cheiro por mais que lavem. Contudo, se estivesse reservado para servir água, qualquer outro “licor” poderia lhe ser depositado sem dano. Destas comparações retirou a seguinte lição: O menino que desde cedo fosse “denegrado” com o vício fazia-se necessária muita “indústria” para tornar a ser virtuoso. Contrariamente ao que conservou a graça e inocência pueril que para toda a doutrina estaria disposto, e se porventura caísse em faltas, facilmente se emendaria.<sup>22</sup>

Padre Alexandre de Gusmão no capítulo que aconselhava os pais sobre a criação dos filhos de “má condição” afirmou em uma espécie de jogo de antonímias, que poderiam ser identificados meninos de maior e menos valor segundo sua “dureza”: uns mais rijos, outros mais brandos, uns facilmente se lavram, outros mais dificilmente, requerendo mais “arte”. Ressaltou que não havia condição de menino tão ruim que não pudesse ser “domado” pela boa educação.<sup>23</sup> Don Diego Saavedra Fajardo ao traçar a diferença natural entre os indivíduos, também os figurou como metais. Enquanto uns resistem ao fogo, outros se desfazem e se derramam, todavia, “todos se rinden al buril o al martillo y se dejan reducir a sutiles hojas”. Pois, segundo o Político, “no hay ingenio tan duro en quien no labre algo el cuidado y el castigo”.<sup>24</sup>

Em meio à descrição e análise destas figuras retóricas, podemos aventar o valor da educação. Atribuindo uma significação direta, está explícita a crença sobre o papel formador e transformador da educação sobre o indivíduo: moldando, polindo, podando... O estudioso do Barroco, José Maravall, apontou esta idéia da “tábua rasa” como fruto do caráter pedagógico e “dirigista” do período. Idéia presente em muitas obras, representativa da tese sobre a natureza primitiva do homem e a sua capacidade de ser “formado” através da razão e “arte”. Deste modo, ainda segundo o autor, a educação no período moderno foi elevada a uma importância capital como sociabilizadora da cultura dominante.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 150.

<sup>23</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 134.

<sup>24</sup> D. SAAVEDRA FAJARDO, *Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas*, *Versão digitalizada*, Empresa 2. Neste mesmo sentido do valor da educação na transformação do indivíduo, indagou Saavedra Fajardo: “Qué no vence el trabajo? Doma el acero, ablanda el bronce, reduce a sutiles hojas el oro y labra la constancia de un diamante. Lo frágil de una cuerda rompe con la continuación los mármoles de los brocales de los pozos; consideración con que San Isidoro venció, entregado al estudio, la torpeza de su ingenio.” ídem, Empresa 71 – Todo lo vence el trabajo. Labor omnia vincit. *Versão digitalizada*.

<sup>25</sup> José MARAVALL, *A cultura do Barroco*. Análise de uma estrutura histórica. Clássicos 10. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997, p. 137.

A percepção pedagógica, moral e religiosa sobre a educação da infância do padre não era exclusividade e novidade “lançada” no período moderno. Preocupação que poderíamos analisar desde as raízes judaicas na cultura Ocidental. Prescrição presente nos Cânones antigo-testamentários, nos quais foi afirmada a importância de desde cedo ensinar/instruir. Práticas compreendidas no adestrar, adaptar, acostumar as crianças nos bons costumes, conforme os conselhos do Livro de Provérbios: “Instrui o menino no caminho que em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele”.<sup>26</sup> Heranças também da tradição greco-romana, cujos textos clássicos sobre a necessidade da formação do cidadão da pólis através da *Paidéia* e podem ser percebidos na cultura escrita de princípios da era moderna.<sup>27</sup>

Podemos assim observar que o padre Alexandre de Gusmão não estava “só” em sua prédica. Alargando nossas balizas temporais, percebe-se que as atenções as crianças foram lançadas por humanistas e iluministas. Para melhor situarmos esta discussão, destacaremos três gêneros pedagógicos muito difundidos no período moderno: (I) os manuais de civildade e pedagogia; (II) os “espelhos de príncipes” e; (III) os tratados sobre a educação dos filhos.

I - Os manuais de civildade para a infância podem ser descritos como roteiros sobre o “bem agir” das crianças da nobreza e aristocracia. A obra *De civilitate morum puerilium* (1530), de autoria de Erasmo de Rotterdam (†1536), foi a mais destacada publicação do gênero. Alcançou imensa popularidade e repercussão na Europa, contabilizando cento e trinta edições até meados do século XVIII, e influenciando diretamente a produção do gênero sobre a *civilité* no período moderno. Norbert Elias em seu clássico estudo sobre o processo de civilização dos costumes no Ocidente, afirmou que a importância de análise sobre esta obra estava menos relacionada à sua difusão como fenômeno isolado, e mais pelo seu enquadramento como “sintoma” de uma mudança cultural, e de novas expectativas sociais em torno dos indivíduos. Herdeira dos códigos de cortesia do medievo europeu, fruto também da própria experiência do humanista, a *Civildade Pueril* foi

---

<sup>26</sup> Livro de Provérbios 22: 6. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. de João Ferreira de Almeida. Sistema de estudo bíblico original e exaustivo Thompson. São Paulo: Editora Vida, 2000. Adotamos esta versão pela sua facilidade de localização das passagens bíblicas e por tratar-se da tradução mais amplamente utilizada em língua portuguesa.

<sup>27</sup> Cf. Franco CAMBI, **História da Pedagogia**, São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 239-242. J. DELUMEAU, Renascimento e Antiguidade, In: J. DELUMEAU, **A civilização do renascimento**, Lisboa: Editorial Estampa, 1984, Vol. 1, p. 85-119.

amplamente usada ainda no tempo de vida de seu autor como manual educativo para meninos.<sup>28</sup>

A obra, dirigida para a educação de meninos nobres, discorreu sobre normas de conduta polidas, que para nossos dias seriam consideradas deveras triviais. Desde a forma de olhar, ao assoar, rir, cuspir, tossir, o “soltar ventos”, passando pelas recomendações sobre os modos convenientes de sentar, caminhar, cumprimentar, vestir, comportar-se na Igreja e conversar. Ao que principalmente nos interessa, no seu preâmbulo foram enumeradas as etapas necessárias para a “arte” de instruir criança. Inicialmente deveria atentar-se para que no “espírito ainda tenro recebesse as sementes da piedade”.<sup>29</sup>

Em outra obra intitulada *De Pueris* (1529), aconselhou o mesmo renomado autor que os pais não seguissem a opinião em voga “deixando decorrerem os primeiros anos do teu filho sem tirar proveito algum da instrução”. Aos meninos deveriam dedicar as primeiras noções da boa criação antes que chegassem à idade em que ficassem menos dúcteis e o “animo mais propenso aos defeitos”, ou pior, “infestado com as raízes de vícios tenacíssimos”.<sup>30</sup>

Podemos notar que embora as obras de Erasmo e do padre Alexandre de Gusmão façam parte de diferentes contextos de produção, apresentavam uma prédica muito semelhante sobre o valor da educação e a sua importância desde os primeiros anos. A criança desde o nascer estava propensa a ser educada – como afirmou Erasmo citando ao poeta Virgílio (†19). A natureza dava aos pais uma “massa informe”, que tal como a urso que com a língua dava forma ao seu filhote, caberia aos pais “moldar” o filho até a perfeição em todos os aspectos.<sup>31</sup> A negligência neste assunto poderia resultar na criação de uma “fera”. Se, contudo, “lhe deres assistência”, redargüiu o humanista, “terás diria eu, uma divindade”. Em Erasmo encontramos a comparação das tabuletas rasas, em uma história citada sobre a

<sup>28</sup> Cf. N. ELIAS, **O processo civilizador**. Uma história dos costumes, 1990, passim.

<sup>29</sup> As outras etapas consistiriam (2) em que tomassem amor pelas belas artes, (3) que fossem iniciadas nos “deveres da vida” e por fim (4) “que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade”. Sobre este último assunto dedicou esta referida obra. Erasmo de ROTTERDAM, **De Pueris e A Civilidade Pueril**, Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 22, São Paulo: Editora Escala, 2005, p. 123.

<sup>30</sup> E. de ROTTERDAM, **De Pueris e A Civilidade Pueril**, 2005, p. 21.

<sup>31</sup> “Dizem que os ursos parturem uma massa informe. Depois, ã força de lamber, vão amoldando e dando a forma final. Nenhum filhote de urso é tão disforme como a opacidade da mente de um recém nascido. Caso não a modelares, nem deres formato, com bastante carinho, serás pai de um monstro, nunca de um ser humano.” E. de ROTTERDAM, **De Pueris e A Civilidade Pueril**, 2005, p. 25, 32. Padre Alexandre de Gusmão tratando dos “meninos de má condição”, utilizou também este exemplo da Ursa. “Aprenda o pay do Urso animal selvagem, tantas vezes repetido dos autotres por Hyeroglifio de boa criação dos filhos, que nascendolhe o filho muito deforme, elle com a lingua vai concertando, & formando até ficar muy diferente de como nascêo; & quando a lingua, isto he a palavra, nam he bastante para corregir o filho, valhase da mam, como faz o Imaginário, ou do pé como faz o Oleiro.” Por “Imaginário”entenda-se escultor. A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 139.

expectativa de que sendo o aluno naturalmente inculto, pudesse ser receptivo aos ensinamentos.<sup>32</sup>

Esta obra, ainda segundo Norbert Elias, reflete o surgimento de um tempo em que se tornaria mais imperativo o “condicionar” e “modelar” os indivíduos em seus costumes e emoções.<sup>33</sup> Sabidamente, na chamada Era Moderna, alguns tradicionais meios educativos, como a Igreja, a família e a escola, organizam-se em torno da tarefa do educar as crianças. No século XVII que se consolida este ideal educativo, em seus aspectos institucionais e pedagógicos, influenciando todo o devir histórico da educação no Ocidente. Neste contexto, os manuais educativos foram dedicados aos aspectos do projeto antropológico-social do ato de educar e instruir.<sup>34</sup> Um dos mais conhecidos é o *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, simplesmente intitulada de *Didática Magna* (1621-1657), redigido por Jan Amos Komensky – o Comenius (†1670).

Retornando a assertiva sobre a “tábua rasa”, com as idéias do referido autor sobre a importância do ato educativo. Segundo Comenius, a analogia aristotélica da “tabula rasa” afirmava a potencialidade da mente humana, de “onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo”. Deste modo, como em uma tábua, em que o escritor e o pintor sápiens de sua arte poderiam gravar o que quisessem, assim também o seria o educador na mente humana.<sup>35</sup> A primeira natureza do homem foi comparada ainda como (1) a terra onde lançadas variadas sementes germinam-se muitas flores e ervas, (2) como a cera, na qual se imprime o selo ou se fabrica estatueta na forma que o quiser, (3) e como um espelho que capta as cores e formas.<sup>36</sup> Seguindo esta lógica, Comenius afirmou ainda que a formação do homem seria semelhante a uma (4) árvore de fruto, que pode crescer silvestre, mas sendo “brava”, produz “frutos bravos”. Para gerar bons e doces frutos teriam que ser plantadas, regadas, e podadas. A este mesmo modo, o homem poderia pelas suas próprias virtudes

---

<sup>32</sup> E. de ROTTERDAM, *De Pueris*, 2005, p. 33.

<sup>33</sup> Cf. N. ELIAS, *O processo civilizador*. Uma história dos costumes, 1990, p. 95.

<sup>34</sup> Cf. F. CAMBI, *História da Pedagogia*, 1999, p. 281-293.

<sup>35</sup> Vale citar o trecho na íntegra: “Aristóteles comparou a alma humana a uma tábua rasa, onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo. Portanto, da mesma maneira que, numa tábua, onde não há nada, o escritor pode escrever, e o pintor pintar aquilo que quer, desde que saiba da sua arte, assim também na mente humana, com a mesma facilidade, quem não ignora a arte de ensinar pode gravar a efígie de todas as coisas. E se isto não acontece, com toda a certeza que não é por culpa da tábua (exceto, uma ou outra vez, quando ela é demasiado rugosa), mas por ignorância do escrivão ou do pintor. Há, porém, uma diferença: na tábua, não é possível traçar linhas senão até ao limite em que as margens o permitem, ao passo que, na mente, por mais que se escreva ou esculpa, nunca se encontra um sinal que indique o termo, pois (como atrás se observou), ela não tem termo.” JOHANNIS AMOS COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*. Introdução, Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes. Digitalização Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, *Versão e-Book*, Capítulo V – As sementes daquelas três coisas (da instrução, da moral e da religião) são postas dentro de nós pela natureza.

<sup>36</sup> “Compara-se também, com razão, o nosso cérebro, oficina dos pensamentos, à cera, onde, ou se imprime um selo, ou de que se fazem estatuetas. Com efeito, da mesma maneira que a cera, adaptando-se a receber qualquer forma, se submete como se quer a tomar e a mudar de figura, assim também o cérebro, prestando-se a receber as imagens de todas as coisas, recebe em si tudo o que o universo contém”. J. A. COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*, *Versão e-Book*, Capítulo V – As sementes daquelas três coisas (da instrução, da moral e da religião) são postas dentro de nós pela natureza.

crescer com feições humanas, contudo, explicou o pedagogo, não poderia crescer “animal racional, sábio, honesto e piedoso” se não lhe forem plantados os “gêrmens da sabedoria, da honestidade e da piedade”. A educação, entendida como formação do indivíduo racional, deveria então ser iniciada desde a primeira idade.

De modo bastante similar a Erasmo, e também ao padre Alexandre de Gusmão, afirmou Comenius: “Todas as coisas forma [m]-se muito mais facilmente, enquanto são tenras” – a cera mole facilmente se amassa e modela, uma “arvorezinha” pode ser transportada, podada, torcida, dos ovos frescos nascem pintinhos, e não dos velhos. Asseverou ainda que desde novas as crianças deveriam ser ensinadas ou adestradas. Como por exemplo, o carroceiro fazia ao cavalo, o lavrador com o boi, o caçador e seu falcão caçador, o homem do circo ao urso, e ainda como a bruxa ao papagaio. Citando a sentença de Cícero – “as crianças aprendem rapidamente inúmeras coisas” – advertiu sobre a importância de instruí-las nos ofícios desde novas. Assinalou que a piedade lançada nos corações dos pequeninos, que assim criavam mais facilmente raiz, os habituaria “aos bons costumes” desde tenra idade. E nesta pequenez, advertiu o pedagogo, seria traçada a ventura do homem.<sup>37</sup>

II - Padre Alexandre de Gusmão afirmou que todos os que se ocupavam em escrever “políticas de Príncipes”, tinham como principal assunto “formar desde menino o Príncipe pelas regras de Christo, & ditames da razam”. Cuidavam em demonstrar aos mestres e pedagogos a importância de afastá-los de todo vício, e incliná-los às virtudes, “para poderem ser depois regra, & modelo a toda a Republica”.<sup>38</sup> Os “Antigos”, segundo o jesuíta, sempre fizeram a devida consideração para a educação dos meninos - os Filósofos com suas sentenças, os Políticos com seus ditames, os Legisladores com seus preceitos, os Reis com seus decretos, os Magistrados com seu poder – todos cuidavam em instruir os pais e em estabelecer nas Repúblicas a boa educação. Sobretudo na criação dos Príncipes e filhos de Reis, cujas conseqüências eram maiores que a dos outros indivíduos, estiveram empenhados

---

<sup>37</sup> “No homem, só é firme e estável aquilo de que se embebe a primeira idade; o que é evidente pelos mesmos exemplos. Um vaso de barro conserva, até que se quebre, o odor daquilo com que foi enchido quando era novo. Uma árvore, da maneira como, ainda tenrinha, estendeu os ramos para cima ou para baixo, para este ou para aquele lado, assim os mantém durante cem anos, enquanto a não cortarem. A lã conserva tão tenazmente a primeira cor de que se embebeu que não há perigo de que desbote. Os arcos de uma roda, depois de endurecidos, fazem-se mais facilmente em mil pedaços do que voltam a ficar direitos. Do mesmo modo, no homem, as primeiras impressões estampam-se de tal maneira que é um autêntico milagre fazê-las tomar nova forma; por isso, é de aconselhar que elas sejam modeladas logo nos primeiros anos da vida, segundo as verdadeiras normas da sabedoria.” J. A. COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*, *Versão e-Book*, Capítulo VII – A formação do homem faz-se com muita facilidade na primeira idade.

<sup>38</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 41.

célebres Mestres a lhes ensinar as letras, Capitães em exercitá-los nas armas, e Aios em conduzi-los nos bons costumes.<sup>39</sup>

Dos exemplos da História Antiga, citou o padre aos reis persas, que com o esmero de criar os seus herdeiros nomeavam os seus cuidados aos melhores mestres do reino. Para que recebessem boas influências e tivessem no reino “sujeitos insignes”, congregavam nos Palácios os “mininos principaes, & de melhor engenho”, para que fossem criados nas ciências e bons costumes.<sup>40</sup> Assim o fizeram os macedônios, israelitas, babilônios, destacando a preocupação na educação das crianças nobres desde os tempos antigos.<sup>41</sup> Do medievo à “Idade das Luzes” esta atenção à educação dos príncipes e meninos nobres esteve presente em escritos de historiadores, políticos, literários e cientistas, em um gênero conhecido como “espelho de príncipes”.<sup>42</sup>

Gênero literário que coligiu preceitos moralizadores e religiosos às razões de Estado, tratando de modo geral em imprimir a imagem do governante exemplar e/ou ideal. Não poderíamos deixar de ao menos mencionar uma das obras mais conhecidas do gênero, *O Príncipe* de Niccolò Macchiavelli (†1527), que sabidamente não recebeu unânime aprovação em seu tempo.<sup>43</sup> Preocupados em refletir exemplos, os “espelhos de príncipes”, deveriam sobalçar as *virtus* da Antiguidade Clássica e, em uma retórica epidíctica, a história dos seus reinos.<sup>44</sup> Com efeito, os “espelhos de príncipes” tornar-se-iam no período moderno como o modelo para futuros governantes, e também de perfeição educativa para toda a sociedade.<sup>45</sup> Na Península Ibérica estas obras podem ser assinaladas como sintoma da nascente preocupação dos meios abastados com a infância.<sup>46</sup>

A obra já referida de Don Diego de Saavedra Fajardo, publicada no reinado de Felipe IV de Castela, é um exemplar do gênero. Na Segunda Empresa, afirmou o Político que a boa educação dos príncipes era mais necessária que aos demais, porque estes eram

---

<sup>39</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 4-5.

<sup>40</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 5.

<sup>41</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 5-6.

<sup>42</sup> Intelectuais das mais variadas tradições e épocas esforçaram-se nesta matéria, como Cristine de Pisan, Erasmo, Guillaume Budé, Balzac, Richellieu, Bossuet, Fénelon, Luis XIV, Montesquieu, Rousseau. Cf. Ran HALÉVI, *Avant propos*. In: R. HALÉVI, (Org.), *Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières*, L’Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002.

<sup>43</sup> Sobre o repúdio a esta obra no mundo português, e destacadamente sobre o gênero dos “espelhos de príncipes” na configuração da monarquia portuguesa, ver Rodrigo Bentes MONTEIRO, *O Rei no Espelho: A Monarquia Portuguesa e a Colonização da América: 1640-1720*, São Paulo: Hucitec, 2002, p. 152-156.

<sup>44</sup> Cf. João Adolfo HANSEN, *Educando príncipes no espelho*. In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMAN JUNIOR (Orgs.), *Os intelectuais na História da Infância*, 2002, p. 61-62.

<sup>45</sup> Cf. Bruno NEVEU, *Futurs Rois très chrétiens*, In: R. HALÉVI, (Org.). *Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières*, 2002, p. 197-233. Jacques LE BRUN, *Du privé au public: L’Éducation du prince selon Fénelon*, In: R. HALÉVI, (Org.), *Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières*, 2002, p. 235-260.

<sup>46</sup> Cf. J. A. HANSEN, *Educando príncipes no espelho*. In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMAN JUNIOR, (Orgs.), *Os intelectuais na História da Infância*, 2002, p. 61-62.

instrumentos da felicidade política e do bom funcionamento das coisas públicas. A má ou pouca educação era prejudicial a todos os indivíduos, e ainda mais danosa ao príncipe, por ofender e estimular o mau exemplo ao seu reino.<sup>47</sup>

Os “espelhos de príncipes” comumente afirmavam a importância da formação de um governante e/ ou nobre ideal, prudente e justo desde os “coeiros”.<sup>48</sup> Recomendava-se que a educação dos príncipes e meninos nobres fosse preparada pelos pais desde o nascimento, pois segundo comparação de Saavedra Fajardo:

De los primeros esbozos y delineamentos pende la perfección de la pintura. Así la buena educación de las impresiones en aquella tierna edad, antes que, robusta, cobren fuerzas los afectos y no se puedan vencer. De una pequeña simiente nace un árbol. Al principio débil vara, que fácilmente se inclina y endereza, pero en cubriéndose de cortezas y armándose de ramas, no se rinde a la fuerza. Son los afectos en la niñez como el veneno, que, si una vez se apodera del corazón, no puede la medicina repeler la palidez que introdujo.<sup>49</sup>

Guias descritivos de práticas e saberes necessários para a instrução do rei infante, os “espelhos de príncipes” apresentavam caracteristicamente três pontos indissociáveis: a religião, a moral e a cultura. Deste modo, trazendo como tema central a necessidade do controle das paixões, através da moderação, da disciplina, da piedade e da justiça, este gênero buscava também traçar e definir os conhecimentos necessários para sua instrução. Fazia-se necessário, por exemplo, uma boa educação religiosa, conhecer Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música, Astronomia, História, Geografia, línguas nacionais, praticar os exercícios apropriados para o corpo, como cavalgar, dançar, a esgrima, e também o domínio gestual e a polidez nos atos e palavras.<sup>50</sup> Não nos compete aqui neste estudo descrever a “educação dos príncipes”, uma vez que o nosso propósito é demonstrar a comunicabilidade deste gênero pedagógico no período moderno.

Padre Juan de Torres, membro da Companhia de Jesus da Província de Castela, preocupado com seu tempo, em que os homens confusos não sabiam discernir “lo blanco como lo negro, lo bueno como lo malo”, fez imprimir no ano de 1602 sua erudita obra. Impressiona o volume – quase novecentas páginas – em que discorreu sobre recomendações

---

<sup>47</sup> D. SAAVEDRA FAJARDO, Diego. **Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas**, *Versão digitalizada*, Empresa 2 – Y puede el arte pintar como em tabla rasa sus imágenes. Ad. Omnia.

<sup>48</sup> Como por exemplo, afirmou Don Diego Saavedra Fajardo que “Siendo el instituto de estas Empresas criar un príncipe desde la cuna hasta la tumba, debo ajustar a cada una de sus edades el estilo y la doctrina, como hicieron Platón y Aristóteles.” D. SAAVEDRA FAJARDO, **Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas**, *Versão digitalizada*, Empresa 1 – Desde la cuna da señas se si el valor. Hinc labor et virtus.

<sup>49</sup> D. SAAVEDRA FAJARDO, **Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas**, *Versão digitalizada*, Empresa 1 – Desde la cuna da señas se si el valor. Hinc labor et virtus.

<sup>50</sup> Joel CORNETTE, *Le savoir des enfants du Roi sous la Monarchie Absolue*. In: R. HALÉVI (Org.), **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**, 2002, p. 115-145.



para a boa criação e governo dos Príncipes e também qualquer outra pessoa de qualquer estado que quisesse “alcançar alguna perfeccion em si mismo”.<sup>51</sup> No primeiro livro, no qual o inaciano tratou das tarefas e dignidades dos aios na educação de seus pupilos, afirmou a importância de que a boa criação fosse iniciada desde tenra idade. Convinha que o Príncipe fosse tomado em sua “ternura y niñez”, pois assim mais facilmente lhe entraria qualquer doutrina e ensinamento.

De manera, que con el agua se coge limpia y pura en sus principios manantiales, el Sol es mas sano y agradable en su nacimiento, y los animales feroces cogidos en sus cuenas se domestican y amansan cõ suma facilidad: asi los niños en sus tiernos años son guiados con mas blandura donde la voluntad del Maestro los llevare.<sup>52</sup>

No ano de 1644, o Licenciado Francisco da Sylva fez publicar o “pequeno fructo” de seus estudos, intitulado de *Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores*. Esta obra constitui um interessante exemplo de “espelho de príncipes” do mundo português. Principiado com um “curioso discurso sobre o nascimento, & solemne Baptismo do Infante Sereníssimo Dom Afonso”, como já apregoava o autor no seu extenso subtítulo, pretendia a partir da doutrina dos Santos e Doutores da Igreja, e também dos “Philosophos Antiguos”, dissertar sobre a boa criação na idade mais tenra. Seguindo as dez “idades da vida” traçadas por Sólon “Atheniense”<sup>53</sup>, Francisco da Sylva optou por tratar em sua obra da “humilde materia da Infância e puerícia”, por tratara-se do “alicerse alto sobre que se funda o grande edificio da adolescência e virilidade de hum perfeito Príncipe”.<sup>54</sup> Deste modo, enumerou o intelectual alguns dos necessários cuidados desde a primeira idade de infantes, como o aleitamento materno, a escolha dos aios e mestres, e algumas recomendações sobre a civilidade, como o bom comportamento à mesa e o asseio pessoal.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> Juan de TORRES, **Primeira arte de la philosophia moral de principes para su Buena criança y gobierno: y para personas de todos os estados**, Dirigida a Don Gomes dAvila, marques de Vilada, del Consejo de estado: Ayo y mayordomo mayos del Principe nuestro Señor. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeck, 1602, Ao Lector.

<sup>52</sup> J. de TORRES, **Primeira arte de la philosophia moral de principes para su Buena criança y gobierno: y para personas de todos os estados**, 1602, p. 15.

<sup>53</sup> As dez idades foram descritas como: (1º) infância, caracterizada como a época em começam a nascer os dentes; (2º) puerícia, em que começa a “augmentar a virtude generativa”; (3º) adolescência, em que nasce a barba “que adorna e authoriza”; (4º) juvenil, na qual “augmentão as forças corporaes”; (5º) varão, em que se cria os vínculos conjugais; somente na sexta chega o entendimento humano, na sétima e oitava chega a prudência, na nona a velhice, e na décima a decrepitude e a morte. Francisco da SYLVA, **Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores**. No qual alem de hum curioso discurso sobre o nascimento, & solemne Baptismo do Infante Sereníssimo Dom Afonso, em documentos breves tirados da doutrina de muitos Sanctos e Douthores Catholicos, como também dos Philosophos antiguos, se comprehende sua boa criação na idade mais tenra: exornado tudo com proveitosas humanidades, Offerecido ao Ilustríssimo, & Reverendíssimo senhor D. Pedro de Meneses, Bispo eleito de Miranda, Semelher de Cortina de Sua Magestade Sereníssima, Lisboa: Impresso por Paulo Craesbeck, 1644, p. 5-8.

<sup>54</sup> F. da SYLVA, **Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores**, 1644, p. 11.

<sup>55</sup> F. da SYLVA, **Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores**, 1644, passim.

III – Nos tratados sobre recomendações e conselhos aos pais datados do século XVII podemos observar impressos indícios do sentimento sobre a infância no período moderno. Philippe Ariès defendeu como tese que havia uma espécie de “doutrina” comum, que permeava esta produção pedagógica nos Setecentos. Princípios como, (1) a necessidade de vigilância sobre as crianças, (2) o conselho aos pais e preceptores de evitar muitos mimos, (3) as ordens quanto ao recato e decência.<sup>56</sup> Idéias e teses que permeariam o projeto de escolarização na modernidade, de resguardo da infância das corrupções mundanas. Apresentavam ainda semelhantemente um repertório antigo de exemplos e citações dos filósofos clássicos, como Platão (†348 ou 347 a.C.) e Quintiliano (†95), e em santos doutores, como Santo Agostinho (†430) e São João Crisóstomo (†407). Destacou o autor, que a “novidade” destas obras no período moderno consistia na acentuada preocupação da salvaguarda cristianíssima da “inocência infantil”.<sup>57</sup>

Analisando o cenário ibérico, vale citar o estudo de Maria de Lurdes Correia Fernandes que observou entre os séculos XV e XVI uma crescente valorização da educação moral e religiosa dos filhos.<sup>58</sup> Segundo suas análises, no século XVII a educação aparece na literatura moral e religiosa como “óbvia prioridade das orientações catequéticas e pedagógicas”.<sup>59</sup> Exemplo disto são os muitos catecismos surgidos pós-Trento e os textos sobre o ensino das crianças com os rudimentos das letras e da doutrina.<sup>60</sup> Analisando obras sobre temas matrimoniais, a autora identificou a preocupação com a criação dos filhos em

---

<sup>56</sup> P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 137-141.

<sup>57</sup> P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 137, 138, 141, 255.

<sup>58</sup> Segundo a estudiosa, esta preocupação deve ser entendida “no contexto das correntes religiosas e reformistas de finais do século XV e inícios do século XVII, como de tendências pedagógicas e humanistas a elas associadas”. Ainda segundo a autora, o interesse pelas crianças não foi resultado de uma “descoberta do mundo da infância” e daí uma gradual preocupação com sua educação, em referência a Philippe Ariès. De uma perspectiva inversa, foi a valorização da educação pelas idéias humanistas que fomentou a construção de “um olhar de modo diferente e com esperanças diferentes” na formação do “futuro adulto”. A atenção dada aos temas da infância encontradas em obras como nos “espelhos de príncipes” e em tratados morais para as mulheres, vão se consolidando e se multiplicando ao longo do século XVI. A autora identificou como uma das “novidades” dos textos de moralistas e humanistas escritos entre fins do século XV e o início do XVI a crescente atribuição da responsabilidade dos pais na educação dos filhos. M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, Porto, 1995, Tese (Doutorado) - Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995, p. 171 - 172.

<sup>59</sup> M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, 1995, p. 339.

<sup>60</sup> A Autora destacou as obras de Lorenzo Palmireno, *El Estudioso del Aldea... con las quatro cosas que es obligado a aprender vn buen discipulo: que son Deuocion, Buena criança, Limpia doctrina y lo que llaman Agibilia* editado em Valença em 1568 e em 1571, e *El Estudioso Cortesano*, editado em Valença em 1573 e em Alcalá em 1587; Francisco Saraiva de SOUSA, **Baculo pastoral de flores e exemplos, colhidos de varia, e authentica historia espiritual sobre a doutrina christãa**, Lisboa, Officina de Ioan da Costa, 1671; Francisco AYRES S.J., **Regimento espiritual pera o caminho do ceo**, Lisboa, Officina Craesbeekiana, 1654. M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, 1995, p. 341.

todas as produções do gênero entre os séculos XVI e XVII.<sup>61</sup> Nota-se que os cuidados com a educação moral da infância e da juventude, e a imputação da responsabilidade aos pais, aparecem reiteradamente em obras ibéricas ao longo do século XVII e em princípios do século XVIII. Como exemplos, destacou: *Tratado da boa criação e policia christã em que os pais devem criar os seus filhos* (1633) de autoria do dominicano Pedro de Santa Maria; a obra já citada neste nosso estudo *Opusculo da Infancia e Puericia dos Principes e Senhores* de Francisco da Sylva; e ainda, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, que segundo a autora sintetizava “largamente as principais propostas das obras anteriores”.<sup>62</sup>

Atentemos para a representatividade das palavras. Padre Alexandre de Gusmão em seu manual de conselhos traçou recomendações e orientações para a boa criação dos “filhos” – esta é noção do seu tratado indicada logo em um primeiro olhar lançado sobre a folha de rosto. Como argutamente observou Maria de Lurdes Correia, os tratados sobre temas matrimoniais e familiares dissertavam sobre “filhos” não sobre as crianças, revelando uma percepção da Infância como diretamente ligada ao espaço doméstico e privado.<sup>63</sup> Disto podemos depreender também a destinação manifesta deste gênero pedagógico para a orientação das famílias, como se nota a partir do discurso do padre Alexandre de Gusmão, que destinou em grande parte sua prédica aos pais e às mães de filhos.<sup>64</sup>

O modelo de família nuclear e conjugal foi processualmente gestado no período moderno. Notadamente, a Igreja de Roma a partir do século XVI dirimiu seus ditames “reformadores” para a afirmação dos Sacramentos. Na XXIV Sessão do Concílio de Trento (1545-1563) foi reafirmado o caráter monogâmico e indissolúvel do Matrimônio, assunto exclusivo da Igreja e seu desrespeito matéria para excomunhão.<sup>65</sup> Deste modo, em tempos de Reforma Católica, a família foi “sacralizada” em seu ideal conjugal. Conforme apontamos introdutoriamente, o propalado sentimento de infância na modernidade “nasceu”

---

<sup>61</sup> Cf. M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, 1995, p. 342-347.

<sup>62</sup> Cf. M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, 1995, p. 347-348.

<sup>63</sup> Em nota a autora afirmou: “Convirá, talvez, lembrar que os conceitos de infância e de criança, tal como os entendemos hoje, isto é, enquanto objectos de discurso e de práticas específicas, estão ligados à emergência, em épocas recentes, de fenómenos como as práticas médicas e a Educação. É, contudo, importante não esquecermos as divisões de idades - com evidentes propósitos de diferenciação de espaços e de exigências específicas – que eram freqüentes nesses séculos.” M. de L. C. FERNANDES, **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**, 1995, p.167 (nota 12).

<sup>64</sup> Tornaremos a nos dedicar a este assunto no segundo capítulo.

<sup>65</sup> **Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563)**. Copyright Associação Cultural Monfort. *Versão digital*. Sessão XXIV (11/11/1563) – Doutrina sobre o sacramento do matrimônio.

concomitante a esta configuração da família moderna. <sup>66</sup> Núcleo de coesão social que substituiria os antigos laços de linhagem, e tornar-se-ia a “célula social” nos Estados Modernos. <sup>67</sup>

Modelo difundido através das letras de moralistas e religiosos. Norbert Elias observou que, inserido no processo gradual da “civilização” dos comportamentos no Ocidente, foi firmado o papel da família como núcleo responsável pela imperativa necessidade de “condicionar” os indivíduos, seus apetites e emoções. Neste enquadramento cultural as crianças deveriam ser modeladas segundo inter-relações com os pais. Reproduzindo os padrões de “vergonha” e ou “repugnância” de dada sociedade, que poderíamos traduzir como a crescente preocupação em moralizar e civilizar as crianças. <sup>68</sup> Assim, podemos analisar o gênero pedagógico dos tratados sobre a educação dos filhos, como marcados pela proposição da importância desta “moralização” e “civilização” dos rebentos. Exemplifiquemos com algumas obras produzidas e impressas em fins do século XVII e difundidas em princípios do século XVIII.

François de Salignac de La Mothe-Fénelon (†1715), teólogo e preceptor, declarou na primeira frase de sua obra *De L'Education des Filles* (1687) que “Rien n'est plus négligé que l'éducation des filles”. <sup>69</sup> A preocupação central de Fénelon girava em torno da importância da educação dos filhos ainda em “tendre enfance”, e para tanto advertiu sobre a necessidade da educação das mães. Redargüiu o arcebispo que a criação na primeira idade produziria profundas impressões, e com grandes conseqüências por todo o resto da vida. Observando que nesta idade a criança iniciava o aprendizado da linguagem através da memorização dos objetos e coisas, Fénelon afirmou que “le tempérament du cerveau des enfants leur donne une admirable facilité pour l'impression de toutes ces images”. Em uma

---

<sup>66</sup> Cf. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 195-224. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, passim. E. SHORTER, **A Formação da Família Moderna**, 1975, passim. J. GÉLIS, A individualização da criança. In: P. ARIÈS; R. CHARTIER, **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**, 1991, vol. 3, p. 311-329.

<sup>67</sup> Cf. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 214. Vale notar conforme as reflexões de Lebrun que a família conjugal não pode ser entendida enquanto constante histórica na modernidade. A família, segundo este autor, não é natural e intangível, e sim dado contingente e histórico, respondendo a imperativos econômicos, jurídicos, religiosos e culturais. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, p. 16.

<sup>68</sup> Cf. N. ELIAS, **O processo civilizador**. Uma história dos costumes, 1990, p. 187-189.

<sup>69</sup> No primeiro capítulo tratando da educação das meninas, o teólogo francês afirmou a importância da matéria para o bem público, sobre a qual muitos já haviam se dedicado. François Salignac de La Mothe FÉNELON, **De L'Education des Filles. Oeuvres de Fenelon. Seconde classe. Ouvrages de Morale et de Spiritualité**. Edition des Oeuvres complètes, tome V. J. Leroux et Jouby, Paris; Gaume Frères, Paris; L. Lefort, Lille; Outhenin-Chalandre Fils, Besançon, 1851. *Versão Digital*.

explicação “fisiológica”, comparou o cérebro das crianças a uma substância mole em que tudo se imprime facilmente.<sup>70</sup>

O filósofo inglês John Locke (†1704) publicou *Some Thoughts Concerning Education* (1692) a partir de cartas direcionadas a um amigo sobre suas idéias para a educação da infância. Ainda na dedicatória, afirmou que era dever e obrigação dos pais bem educar, pois o bem-estar e prosperidade da nação dependeriam disto. O cerne da obra era, sobretudo, a formação do *gentleman*, sendo necessários para tanto, empenho e atenção nos cuidados físicos, morais e religiosos. Na sexta seção afirmou que “the principal aim of my discourse is, how a young gentleman should be brought up from his infancy”. Em diversos trechos do discurso, Locke afirmou a importância da educação doméstica, desde o cuidado com a dieta ao estímulo das virtudes, bem como no exemplo a ser dado pelos pais. Afirmou nestes seus pensamentos que noventa por cento das características de um homem, fossem estas boas ou ruins, provinham da educação. Sobre a tenra infância, afirmou que pequenas impressões nesta idade “have very important and lasting consequences”. Comparou os pequeninos às fontes de água dos rios, que podem ser desviadas de seu curso, recebendo diferentes tendências e chegando a remotos e distantes lugares.<sup>71</sup>

As idéias de Locke, que germinariam na Europa no século XVIII, influenciaram a composição dos *Apontamentos para a educação de hum menino nobre* (1734), de autoria do “Moço Fidalgo da Casa de Vossa Magestade” Martinho de Mendonça de Pina e de Proença. Obra nascida, segundo declarou o autor no prólogo, da preocupação com a educação de seus próprios filhos, refletindo sobre métodos exemplares para a boa criação dos meninos.<sup>72</sup> “Consta o homem de alma, e corpo, cuja admirável união todos o experimentão, e ninguém a sabe explicar” – com estas palavras iniciou o autor seus *Apontamentos*. Logo nas primeiras páginas da obra, definiu que os principais objetivos da boa educação era o “adornar de virtudes a alma” e também “attender a quanto póde adquirir para o corpo, disposição perfeita, robusta, e capaz; não só do estudo, mas de todos os laboriosos exercícios da vida activa, e militar”. Sendo a saúde parte e condição da “perfeita felicidade”, deveriam os pais cuidar com

---

<sup>70</sup> “Cette mollesse du cerveau fait que tout s'y imprime facilement, et la surprise de nouveauté fait qu'ils admirent aisément et qu'ils sont fort curieux. Il est vrai aussi que cette humidité et cette mollesse du cerveau, jointe à une grande chaleur, lui donne un mouvement facile et continuel. De là vient cette agitation des enfants, qui ne peuvent arrêter leur esprit à aucun objet, non plus que leur corps en aucun lieu.” F. S. L. M. FÉNELON, *De L'Éducation des Filles*, *Versão digital*, CHAPITRE III. Quels sont les premiers fondements de l'éducation.

<sup>71</sup> John LOCKE, *Some Thoughts Concerning Education*, *Versão digitalizada*, Part I – Section 1. Sobre a comparação dos escritos sobre a educação dos filhos de Fénelon, de Locke e do padre Alexandre de Gusmão, cf. António Gomes FERREIRA, *Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke*, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, ano XXII, p. 267-291, 1988.

<sup>72</sup> Martinho de Mendonça de Pina e de PROENÇA, *Apontamentos para a educação de hum menino nobre*, Dedicada ao Marquês de Alegrete, Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, Prólogo.

o vigor e saúde dos filhos tão logo nascessem, atentando às crianças tenras, e sua ainda frágil constituição.<sup>73</sup> Outra advertência para a boa criação dos meninos nobres era de que os pais não deveriam cometer o grave erro de abandonar o “cuidado do ensino, e bons costumes” nos anos da primeira infância, supondo que esta não seria capaz de ser instruída. Se desde a primeira infância acostumassem as crianças a vencer os “appetites”, cada vez mais superior lhe seria a razão, e na idade adulta “se acharão com perfeita disposição para vencer as paixões mais fortes, e resistir aos combates dos vícios”.<sup>74</sup>

\*\*\*

Há de se notar no período moderno o crescente interesse e a preocupação em dirimir a sociedade, em um amplo projeto de pedagogização. Neste intuito foram produzidos os manuais e tratados de essência pedagógica sobre temáticas diversas, que notadamente apresentavam a importância da educação da infância. Daí a importância nestes discursos em caracterizar a criança cada vez mais amadurecida como “alunos” e “filhos”. Terminologia que engendrou na modernidade dois espaços fundamentais para o desenvolvimento (aqui entendido como crescimento natural e também em seu aspecto de aprendizado) da criança. A escola e a família são duas instituições educativas “remodeladas” no período moderno que passaram a ocupar lugar central na formação dos indivíduos como mecanismos de transmissão cultural.<sup>75</sup> Afinal, como pudemos entrever, não era de pouca importância para o padre Alexandre de Gusmão, e outros letrados dos séculos XVI a meados do século XVIII, esta matéria da boa criação a que se dedicavam. Estava na “pauta do dia” a reforma dos costumes e a salvação dos indivíduos.

---

<sup>73</sup> M. de M. de P. e de PROENÇA, **Apontamentos para a educação de hum menino nobre**, 1734, p. 1 - 2. Vale citar uma passagem do literato sobre a frágil constituição dos infantes: “Todos sabem, que senão devem amedrentar as crianças tenras com idéias horrorosas, de fantasmas, defuntos, demonios, e outras semelhantes, de que muitas vezes usão as amas para os aquietarem; pois deixando à parte o danno, que hum terror grande, e repentino pôde causar em os tenros órgãos de huma criança, que pode ser tal, que impedindo a circulação dos espíritos, lhe cause morte repentina. A forte impressão, que semelhantes fantásticas representaçoens fazem no tenro cérebro de huma criança, fica tão viva, que em mayor idade, senão podem apagar as suas idéias, e que ainda conhecendo serem chimericas, motivem hum terror invensível.” M. de M. de P. e de PROENÇA, **Apontamentos para a educação de hum menino nobre**, 1734, p. 69 - 70.

<sup>74</sup> M. de M. de P. e de PROENÇA, **Apontamentos para a educação de hum menino nobre**, 1734, p. 21, 22, 53.

<sup>75</sup> Cf. F. CAMBI, **História da Pedagogia**, 1999, p. 195-207; Sobre a reflexão da transformação da criança em aluno, cf. Carlota BOTO, O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: M. C. de FREITAS; M. KUHLMAN JUNIOR (Orgs.), **Os intelectuais na História da Infância**, 2002.

As teses sobre a importância da educação dos indivíduos desde tenra idade, e suas justificativas, não ficaram somente no mundo das letras. As primeiras páginas da história da colonização na América Portuguesa contam-nos que esta era preocupação precípua nos projetos da Igreja (e do Império) para a conversão dos gentios.<sup>76</sup> Em 29 de março do ano de 1549 chegaram à Bahia as naus e caravelas trazendo o Governador-Geral Tomé de Souza, e os primeiros missionários da Companhia de Jesus. Nomeadamente o primeiro provincial nesta terra *brasilis*, Padre Manuel da Nóbrega, acompanhado dos padres Leonardo Nunes, Antonio Pires, João de Azpilcueta Navarro, e dos irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.<sup>77</sup> A Companhia de Jesus foi a mais importante Ordem nos primeiros séculos de ocupação portuguesa. Fundaram casas por todas as capitanias desta América, penetrando os sertões em suas missões e “ganhando muitas almas” para Deus.<sup>78</sup>

A Companhia de Jesus foi oficializada pelo papa Paulo III na bula *Regimini Militantis Ecclesiae* (1540), e posteriormente referendada na bula *Exposcit debitum* (1550) pelo papa Júlio III. Nestas bulas foi descrita a Fórmula da Companhia, que compreendem seus principais votos e o fundamento de seu instituto. O plano inicial do fundador Ignácio de Loyola (1491 †1556) e de seus companheiros era a retomada das Cruzadas para a Terra Santa. Neste intento, os membros desta nova Ordem deveriam partir a pregar nas “terras dos turcos” e também para as terras de outros infiéis das partes das Índias, e nos países de “hereges e cismáticos”. Sabidamente ainda nesta primeira década de fundação partiram da Europa os missionários “debaixo da bandeira da cruz” a serviço expresso e submisso ao Romano Pontífice Vigário para os mais distantes pontos do mundo. Como prescrito em seu Instituto, deveriam sair a pregar o nome de Jesus, para deste modo,

procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela publica pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e, nomeadamente, ensinar aos meninos e rudes as verdades do

---

<sup>76</sup> Segundo o sempre citado historiador da Companhia de Jesus, Serafim Leite S.J., este embasamento da colonização pela catequese deve ser imputada como grande honra para Portugal. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo II, p. 4. Sobre as relações das coroas ibéricas e a Igreja em tempos de Conquista, cf. Charles R. BOXER, **O Império Colonial Português**, Textos de Cultura Portuguesa, Lisboa: Edições 70, 1969, p. 257-276; Charles R. BOXER, **A Igreja Militante e a Expansão Ibérica: 1440-1770**, Tradução de Vera Maria Pereira, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 97-106.

<sup>77</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938, Tomo I, p. 18-19.

<sup>78</sup> José Antonio Caldas em suas notícias da Capitania da Bahia, destacou que Companhia de Jesus ganhou “muitas almas p[ara] Deos, e forão fundando muitas cazas por todas as capitanias do Brazil, penetrando todos os Sertoens, bautizando inumeráveis aldeyas, e trazendoas ao grêmio da Igreja, e ao trato domestico das gentes”. José Antonio CALDAS, **Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**, Edição Fac-Similar. Salvador: Tipografia Beneditina LTDA, 1951.

*cristianismo*, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão [...].[grifos meus]<sup>79</sup>

Prenunciou-se com esta Fórmula a ação jesuítica, e apontou a preocupação inicial com a doutrinação das crianças. Note-se que nestes primeiros anos ainda não havia nenhuma configuração ou determinação sobre sua posterior vocação educativa.<sup>80</sup>

Nas correspondências dos missionários sobre esta “nova vinha” do Senhor além do Atlântico, revelaram os padres a estranheza e condenação quanto aos costumes dos autóctones. À formosura desta terra, elogiada com seu clima semelhante ao do paraíso, contrapunha-se a gente inculta e propensa ao mal. Andavam nus, tinham por prática e “delícia” o comer carne humana, não davam caso ao Sacramento do Matrimônio, eram belicosos, preguiçosos e dados a bebedeiras e feitiçarias.<sup>81</sup> Dos adultos, segundo o Padre Luis da Grã, não se poderia esperar frutos, “porque nunguna capacidad tienen para esso”.<sup>82</sup>

A este respeito, o padre Antonio Vieira em meados do século XVII traçou uma analogia sobre os índios. No *Sermão do Espírito Santo* (1657) afirmou o jesuíta que eram os *brasis* como “povos de murta”. Explica-se: havia povos de mármore que requeriam grande arte no seu lapidar, e outros que facilmente se amoldavam, e tão facilmente voltavam aos seus antigos costumes – como os galhos de plantas ornamentais que tão logo que podavam, tornavam a crescer, fazendo deste modo alusão à dificuldade dos missionários na conversão dos indígenas diante da sua inconstância.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo I, p. 6-9. Cf. John W. O'MALLEY, **Os primeiros jesuítas**, Tradução Domingos Armando Donida. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 21-24.

<sup>80</sup> Cf. Joaquim Ferreira GOMES, O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus, **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXV, n.º 2, p. 131-154, 1991.

<sup>81</sup> Sobre a religião e costumes dos índios, cf. Carta 8 – Do P. Manuel da Nóbrega ao Dr. Martin de Azpilcueta Navarro (Coimbra). Salvador, 10 de agosto de 1549. Carta 9 – Informação das Terras do Brasil do P. Manuel da Nóbrega (aos padres e irmãos de Coimbra) Baía, agosto de 1549. Carta 9 – Informação das Terras do Brasil do P. Manuel da Nóbrega (aos padres e irmãos de Coimbra) Baía, agosto de 1549. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, Roma, 1956, Tomo I, p. 132-154. Carta 51 – Diálogo sobre a Conversão do Gentio do Padre Manuel da Nóbrega. Baía 1556-1557. Carta 52 – Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 pelo I. Antônio Blazquez. Baía, 1 de janeiro de 1557. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954, Vol. II, p. 317-356. A referência ao clima paradisíaco desta terra foi comentada pelo Padre Simão de Vasconcelos, nas suas *Notícias antecedentes, curiosas e necessárias das cousas do Brasil*. Simão de VASCONCELOS, **Crônicas da Companhia de Jesus**. Introdução de Serafim Leite, Vol. 1, 3 ed., Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: INL, 1977, p. 158- 161. Sobre as imagens dos índios pelos europeus, vale destacar Ronald RAMINELLI, **Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

<sup>82</sup> Carta 26 – Do P. Luis da Grã ao P. Diego Mirón, Lisboa. Baía, 27 de dezembro de 1554. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, 1954, Vol. II, p. 147.

<sup>83</sup> Eduardo Viveiros de Castro a partir desta comparação do padre Antonio Vieira no Sermão do Espírito Santo (1657) analisou a dificuldade da Companhia de Jesus na conversão do gentio. Segundo destacou o antropólogo das cartas dos jesuítas, os índios não eram arredios, e sim facilmente sensibilizados. Contudo tão facilmente abandonavam a nova fé pregada, pois não ofereciam um “solo psicológico e institucional” que o Evangelho pudesse deitar raízes. Eduardo VIVEIROS DE CASTRO, O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma



Os missionários depositaram suas esperanças para a formação de uma nova cristandade em pequenas mãos. Em missiva de 10 de abril de 1549, o padre Manuel da Nóbrega noticiou ao provincial padre Simão Rodrigues da Assistência de Portugal que andava o irmão Vicente Rodrigues a ensinar a doutrina e o “ler e escrever” aos meninos índios todos os dias, o que lhe pareceu “bom modo para trazer hos Indios desta terra”.<sup>84</sup> Em outra missiva no ano de 1551, padre Manuel da Nóbrega relatou ao padre Simão Rodrigues, que embora os padres trabalhassem para que todos viessem a conhecer a fé cristã, dedicavam especial atenção a “enseñar bien los moços”.<sup>85</sup>

O padre José de Anchieta em carta ao padre fundador Inácio de Loyola, datada de 1554, afirmou que o principal fundamento da cristianização dos brasis era “la doctrina de los niños”.<sup>86</sup> Os filhos, segundo o Irmão Antonio Blazquez, serviam como exemplo e consolação para os esforços dos missionários, “porque os pays delles se acarretão dificultosamente pera as coisas de Deos”.<sup>87</sup> O Irmão Pero Correia relatou que apesar dos maus costumes desta terra, vinham alcançando bom logro na catequese por meio de suas escolas nas aldeias e dos colégios para os meninos. Afirmou que se mais rendas tivessem para doutrinar os filhos dos índios, “se hiziera una nueva christandad”.<sup>88</sup> A esperança dos padres era a doutrinação dos indiozinhos, para que viessem a ser uma futura geração do povo de Deus, como declarou o padre José de Anchieta.<sup>89</sup>

A justificativa deste empenho catequético se apresenta bem semelhantemente aos argumentos já destacados dos intelectuais sobre a boa criação da infância: os pequenos índios bem doutrinados e acostumados nas virtudes seriam firmes e constantes.<sup>90</sup> “Aca pocas letras bastan, porque es todo papel blanco” – relatou o padre Manuel da Nóbrega em carta de 10 de

---

selvagem. In: \_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, cap. 3, p. 183-185.

<sup>84</sup> Carta 5 – Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Baía, 10 de abril de 1549. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 110-111.

<sup>85</sup> Relatou o provincial que, “Aunque trabajemos que todos vengam a conocimiento de nuestra fé, y a todos la enseñemos, que la quieren oyr y della se aprovechar: principalmente pretendemos de enseñar bien los moços. Porque estos buen doctrinados y acostumbrados em virtud, seran firmes y constantes, los cuales sus padres dexan enseñar y huelgan com esso”. Carta 33 – Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Pernambuco, 11 de agosto de 1551. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 268.

<sup>86</sup> Carta 23 – Do Ir. José de Anchieta (ao P. Inácio de Loyola). Piratininga, setembro de 1554. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, 1954, Vol. II, p. 121.

<sup>87</sup> Carta 52 – Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 pelo I. António Blazquez. Baía, 1 de janeiro de 1557. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 353.

<sup>88</sup> Carta 60 – Do Ir. Pero Correia (ao P. Simão Rodrigues, Lisboa). S. Vicente, 10 de março de 1553. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 447.

<sup>89</sup> Carta 23 – Do Ir. José de Anchieta (ao P. Inácio de Loyola). Piratininga, setembro de 1554. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, Vol. II, 1954, p. 121.

<sup>90</sup> Carta 33 – Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues (Lisboa). Pernambuco, 11 de agosto de 1551. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 267-268.

agosto de 1549.<sup>91</sup> Parece que tornamos à assertiva sobre “tábua rasa” e da “tela em branco”. Especialmente com base nesta sentença, Mary del Priore buscou analisar a percepção dos missionários sobre os pequenos catecúmenos. Ressalta-se de que particularmente neste trecho o padre não estava tratando dos indiozinhos, e sim da construção da idéia civilizadora européia sobre os povos autóctones. Não anulando as conclusões da autora sobre a importância que a catequese dos meninos *brasis* alcançou nestes primeiros anos da ocupação portuguesa.<sup>92</sup>

Padre Simão de Vasconcelos (†1671) em suas *Noticias Curiosas e Necessárias das cousas do Brasil* (1668) narrou a “heróica missão” dos filhos da Companhia de Jesus neste “vasto Império de Gentilidade Brasília”.<sup>93</sup> Tratando da origem dos gentios, o jesuíta refutou a opinião inicial dos portugueses que aportaram neste Novo Mundo de que não seriam os índios da espécie humana. O padre atribui ao poder do “leite”, da “criação agreste” de “deslustrar a um homem, e em tal grau, que pareça um bruto, mas não o chegue a ser”. E isto, explicado pelo padre como em razão de que o homem racional dependeria nesta vida do “obrar dos sentidos exteriores”. Nesta lógica, deixando o homem a sua “criação agreste”, e sendo trazido “ao trato político dos homens” poderiam ser apurados os sentidos por obra da razão. Interpelou o padre: “quem duvida que o Tapuia mais montanhês, reduzido a[o] trato político, pode tornar a aperfeiçoar o lustre perdido da humana espécie?”. O próprio padre relatou ter visto muitos Tapuias toscos, que pela criação e doutrina dos padres da Companhia foram “trocados”, tal “que quase não os conhecia”.<sup>94</sup>

Ao longo de suas crônicas sobre estes primeiros séculos da ocupação portuguesa, o padre Simão de Vasconcelos narrou a aceitação entusiasta dos indiozinhos e indiazinhas, e a influência destes e dos mestiços da terra na catequese das aldeias. O jesuíta relatou que os meninos que estavam sendo ensinados a ler, escrever e contar participavam da missa e ouviam a doutrina. Os que já estavam mais “provetos” saíam em procissões pelas ruas, entoando cânticos e orações. Narrou ainda, por exemplo, que na ocasião de uma epidemia, os padres levaram consigo os meninos inocentes, cantando ladainhas, e benzendo os enfermos com água benta, afirmando que com isso muitos ficaram sãos.<sup>95</sup>

---

<sup>91</sup> “Aca pocas letras bastan, porque es todo papel blanco y no ay más que escribir a placer, empero la virtude es muy necessária y el zelo q`estas criaturas conozcan a su Criador y a Jesu Christo su Redemptor”. Carta 8 – Do P. Manuel da Nobrega ao Dr. Martin de Azpilcueta Navarro, Coimbra. Salvador, 10 de agosto de 1549. In: S. LEITE, *Monumenta Brasiliae*, 1956, Tomo I, p. 142.

<sup>92</sup> Cf. M. L. M. del PRIORE, O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia, In: M. L. M del PRIORE (Org.), *História da Criança No Brasil*, 1991, p. 10-27.

<sup>93</sup> S. VASCONCELOS, *Crônicas da Companhia de Jesus*, 1977, Vol. 1, p. 49.

<sup>94</sup> S. VASCONCELOS, *Crônicas da Companhia de Jesus*, 1977, Vol. 1, p. 117-118.

<sup>95</sup> S. VASCONCELOS, *Crônicas da Companhia de Jesus*, 1977, Vol. 1, p. 223, 235-236.

Nas cartas dos jesuítas podemos observar que era prática comum e consciente aproveitar os meninos da terra como intérpretes e pregadores em suas aldeias e pelos sertões. Padre Francisco Pires relatou que os “mininos da terra” produziam muito fruto na ajuda dada aos missionários para a catequese, pois causava admiração nos gentios vê-los falar e cantar em suas línguas e em português “com fervor e sem medo nem vergonha de N. Senhor”.<sup>96</sup> Padre Manuel da Nóbrega em suas viagens pelo interior foi auxiliado por alguns “hermanitos da terra”.<sup>97</sup> Padre Antonio Pires relatou também que dos filhos dos indígenas, ensinados “com muita diligencia em bons costumes, e a ler e escrever” se poderia esperar “bons discipulos” para as missões.<sup>98</sup>

Não só nas aldeias causavam os “meninos da terra” grande admiração, como também na própria cidade, como relatou o Irmão Antonio Blazquez em suas notícias quadrimestrais de 1556-1557. Em uma missa que contava com a presença do governador Mem de Sá e de “toda a mais gente da cidade” houve não “pequena devação e lagrimas dos presentes”. Embora não houvesse nem flautas e nem canto de órgão para festejar, segundo expressão do próprio irmão, a causa da comoção foi o batismo de alguns catecúmenos. Entraram os meninos na Igreja com roupinhas brancas (dada por esmola do Rei), guirlandas de flores na cabeça, e com “palmas em as mãos em sinal da victoria que alcançavao do demônio”, entoando a ladainha. A todos admirava ver “como a piadosa clemência do Senhor havia escolhido a estes por filhos, apesar de nascidos de gente tão bruta e boçal”.<sup>99</sup>

Capítulo curioso desta história de colonização e catequização pela Infância foi a missão de órfãos enviados nos anos de 1550 e 1551 para a Bahia. Do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa, fundado em 1549, foram recrutados sete meninos para servirem como missionários nestas terras. Estes órfãos que no ano seguinte tiveram seu número aumentado com a vinda de mais alguns meninos, tiveram papel importante como “intermediários” das culturas, como se pode entrever nos relatos dos jesuítas. Conforme destacou o padre Serafim Leite, uma das grandes dificuldades nas atividades catequéticas era o desconhecimento da língua.<sup>100</sup> Os meninos órfãos em convivência direta com os “meninos da terra” tão logo

---

<sup>96</sup> Carta 53 – Do P. Francisco Pires aos irmãos de Coimbra. Baía, 7 de agosto de 1552. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 396.

<sup>97</sup> Carta 55 – Do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. Baía, 17 de setembro de 1552. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 410- 413.

<sup>98</sup> Carta 70 – Do P. Antonio Pires ao Provincial de Portugal. Baía, 12 de setembro de 1558. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, 1954, Vol. II, p. 472.

<sup>99</sup> Carta 52 – Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 pelo I. António Blazquez. Baía, 1 de janeiro de 1557. In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, 1954, Vol. II, p. 349.

<sup>100</sup> S. LEITE, A vida sacramental e os seus reflexos sociais no Brasil do tempo de Nóbrega (1549-1570), **Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura**, Lisboa, Vol. LXXV, no. 1, p. 38. jul. de 1962.

aprenderam o tupi, e tornaram-se intérpretes, distinguindo-se ainda como cantores. Relatou o Irmão Vicente Rodrigues que andavam os meninos pelas aldeias, predicando e cantando cantigas em língua brasílica.<sup>101</sup> Em uma carta supostamente escrita pelos meninos órfãos ao Padre Pedro Doménech, fundador do Colégio de Meninos em Lisboa, narraram as suas andanças por estas terras, “armados” pela Cruz adiante das romarias e procissões.<sup>102</sup>

Neste primeiro século de colonização e missão deve ser sublinhada no projeto evangelizador dos jesuítas a fundação das “escolas de ler e escrever” nas aldeias e a criação dos colégios nos centros urbanos. Na Bahia, o Colégio dos Meninos de Jesus recebeu importante incremento para a sua fundação com a chegada dos meninos órfãos.<sup>103</sup> Segundo as crônicas do padre Simão de Vasconcelos, pela indústria do padre Manuel da Nóbrega havia sido fundado para criar meninos filhos de índios e mestiços da terra “em bons costumes, e doutrina cristã, com muito fruto, e ajuda das almas”.<sup>104</sup> Segundo o padre Serafim Leite, este Colégio da Bahia veio a ser “o centro mais eficaz da catequese e civilização das crianças”.<sup>105</sup>

Padre José de Anchieta relatando em carta sobre a doutrina dos meninos em São Paulo de Piratininga ainda nos primeiros anos de colonização, traçou suas impressões sobre o cotidiano e as práticas religiosas nas aldeias, e mais precisamente nas escolas de “ler e escrever”. Narrou o “apóstolo das Américas” que quase todos os meninos iam à escola duas vezes ao dia, e em sua maioria de manhã, pois à tarde ocupavam-se com a caça ou a pesca. Afirmou que o principal cuidado era o ensino dos rudimentos da fé, “sem descuidar o ensino das letras”, sendo esta a principal atração dos índios para a catequese. Os meninos aprendiam (ou decoravam) as “coisas da fé” através de um “formulário de perguntas”. Constantemente confessavam-se, e com tal “pureza e distinção” segundo o missionário, que facilmente se sobrepujavam aos filhos dos cristãos. Relatou o jesuíta que era motivo de chacota dos próprios meninos índios e de repreensão dos padres se algum deles “pelo jeito do corpo ou pelas palavras ou de qualquer outro modo” lembrasse os “costumes gentios”.<sup>106</sup> Os meninos deveriam incorporar os ensinamentos da fé e das letras, e também adestrar seus corpos e

---

<sup>101</sup> Carta 43 – Do Ir. Vicente Rodrigues por Comissão do Governador do Brasil Tomé de Sousa ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Baía, maio de 1552. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 320. Cf. Plínio Freire GOMES, O ciclo dos meninos cantores 1550-1552: música e aculturação nos primórdios da colônia, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 11, nº 21, p. 187-198, set. de 1990/ fev. de 1991; R. CHAMBOULEYRON, Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista, In: M. L. M. del PRIORE (Org.), **A História das Crianças no Brasil**, 1999, p. 55-82.

<sup>102</sup> Carta 52 – Carta dos meninos órfãos (escrita pelo P. Francisco Pires) ao P. Pedro Doménech, Lisboa. Baía, 5 de agosto de 1552. In: S. LEITE, **Monumenta Brasiliae**, 1956, Tomo I, p. 378.

<sup>103</sup> Cf. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo I, p. 31-45.

<sup>104</sup> S. VASCONCELOS, **Crônicas da Companhia de Jesus**, 1977, Vol. 1, p. 223.

<sup>105</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938, Tomo I, p. 37.

<sup>106</sup> Carta 48 – Carta Trimestral de Maio a Agosto de 1556 pelo Ir. José de Anchieta. São Paulo de Piratininga, agosto de 1556, In: S. LEITE, **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil**, 1954, Vol. II, p. 308, 309, 349.

costumes, para formar uma “Nova Cristandade”. A educação dos indígenas, aqui traduzida pelo adestrar e doutrinar, foi importante etapa na consolidação do domínio europeu nos trópicos.

“Ao tempo que isto escrevo”, afirmou o padre Alexandre de Gusmão por fins do século XVII, “me lembrou o que nossos Padres Missionários obram com os filhos dos Tapuyas nesse Sertam do Brasil”. Por diligência dos filhos da Companhia de Jesus, narrou o padre, tornavam-se os indiozinhos como os filhos dos europeus mais polidos. Maravilhava-se disto, pois, sendo os pais “barbarissimos” e muito semelhantes a “brutos animaes”, saiam os seus filhos muito “doutos na doutrina”. Relatou sobre uma carta que havia recebido de um missionário, narrando que em sua escola passavam de mais de cem meninos, sendo sua grande consolação “ver mininos tamaninos, que os mais nam passam de sinco annos, repetir de cor a doutrina Christaã, & responder a tudo, o que lhes perguntam dos mysterios da Fé com maravilhosa distinçam”. Do exemplo da educação dos pequenos índios, cuidou o jesuíta em advertir aos descuidados pais leitores de seu tratado: “Leyam isto os pays Catholicos, & que se presam de nobres, & confudamme, de que seus filhos ignorem por seu descuido, o que sabem os filhos dos Bárbaros do Brasil por diligencia dos Padres Missionários.”.<sup>107</sup>

## 2 – AS “UTILIDADES” DA EDUCAÇÃO NA PRÉDICA DO PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nas páginas iniciais de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, dedicadas à exortação sobre a educação dos filhos, padre Alexandre de Gusmão enumerou os infinitos bens que “grangeam” os meninos desde tenra idade pela boa criação.<sup>108</sup> No terceiro capítulo da primeira parte da obra, “Da utilidade da boa creaçam dos filhos, em quanto mininos”, o jesuíta citou uma passagem de Santo Agostinho, que nos ajuda a perceber a trama do estudo deste capítulo. O santo doutor comparou uma escola de meninos a uma árvore carregada de flores. Assim como as flores serviam de enfeites para a árvore e, além disto, eram esperanças para o colono pelo prenúncio do fruto, os meninos bem disciplinados seriam “ornato de sua geraçam, esperança de seus pays, & o melhor prenuncio, que há de vir a ser lustre de toda a Republica”. Concluiu disto o jesuíta que a boa educação seria útil para os próprios meninos, para os pais, e para toda a “Republica de Christo”.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 193-194.

<sup>108</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 19-20.

<sup>109</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 18-19.

Trocando em miúdos, nestes capítulos iniciais foi lançada a preocupação central de toda a obra ao buscar redargüir aos pais e aos mestres sobre as “utilidades” da educação. Utilidades, ou importância, que poderemos resumidamente compreender atinentes para a formação dos indivíduos e matéria para salvação ou danação eterna; diretamente ligada à consolidação (e regulação) da estrutura familiar cristã no modelo conjugal; e mais notadamente para os intentos doutrinadores da Santa Madre Igreja em tempos de Reforma Católica, confluyente às razões de Estado no período moderno. Atentemos então para a prédica do padre Alexandre de Gusmão.

I - A primeira importância apontada para a boa criação dos meninos são as sucessivas bem-aventuranças em vida, expressas pela seguinte sentença: “á boa puerícia se segue boa mocidade, assim como á boa vida boa morte”.<sup>110</sup> Padre Alexandre de Gusmão destacou a promessa registrada no Livro de Provérbios de que os que ouvissem as palavras de sabedoria teriam os seus anos de vida multiplicados.<sup>111</sup> A condição seria sempre guardar os conselhos e mandamentos divinos e conservar a boa criação dos primeiros anos da meninice, de modo que assim estariam asseguradas a saúde na vida temporal e o sossego na “vida civil”. E, sobretudo, através da boa educação poder-se-ia garantir a “vida eterna da gloria, que com a vida da Graça se assegura”.<sup>112</sup> Notemos que esta importância da educação referenda a idéia do “civilizar” os meninos desde pequeninos, de modo que pudessem ser acostumados nos ditos bons costumes.

O que na primavera da infância os pais plantassem “na terra nova dos ânimos dos mininos”, haveriam de colher nos tempos da mocidade. Neste ponto o padre argumentou sobre a segunda utilidade da educação, que seria o atentar para o tempo exato da “doutrina, & boa creação”. Embora não houvesse na idade de meninos a capacidade da razão, afirmou o padre, havia a facilidade para o costume, pois “ainda que nam há prudência para a discriçam, há docilidade para a doutrina, & correcçam”.<sup>113</sup> “O anno produz, & nam o tempo”, afirmou Erasmo em seus Adágios, significando assim, “que era de mais utilidade no minino a menoridade dos annos, que a índole do natural, para haver produzir nelle, & frutificar a semente da doutrina.”<sup>114</sup> Há de se notar que estas duas primeiras “utilidades” indicadas pelo

---

<sup>110</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 21.

<sup>111</sup> “Filho meu, não te esqueças do meu ensino, e o teu coração guarde os meus mandamentos, pois eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e de prosperidade.” Livro de Provérbios 3: 2, 3. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**, 2000.

<sup>112</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 19-20.

<sup>113</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 145.

<sup>114</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 14 - 16.

padre coadunam-se à idéia da importância da primeira criação para a formação de meninos santos e virtuosos.

Santos e virtuosos como alguns dos meninos que desde cedo receberam uma educação pia e devota e levaram assim uma vida santificada. O jesuíta buscou narrar casos de santidade na puerícia, ilustrando a importância do bem criar os filhos. Relatou exemplos de pais que instruíram seus filhos em santidade, como a mãe de Santo Agostinho.<sup>115</sup> Santas Matronas, que amamentaram a seus filhos e os criavam com “tal cuidado, que todos foram santos”, como conta a vida de São Gregório Nazianzeno (†389) e São Basílio (†379).<sup>116</sup> Narrativa que segue a tradição dos *exempla* dos santos, eficientes meios pedagógicos na pregação de modelos pios para a vida cristã que foram amplamente difundidos na Cristandade.<sup>117</sup>

Philippe Ariès, tratando das representações de infância nascidas na modernidade, destacou a difusão das histórias das crianças santas na literatura pedagógica e devota dos séculos XVI e XVII. Época das “crianças-modelo”, que enlevavam com suas histórias os fiéis leitores nos relatos de suas curtas e virtuosas vidas. Muitas vezes não relatavam grandes prodígios ou milagres, sendo tão somente notáveis pelo exemplo da prática da virtude na infância.<sup>118</sup> Jacques Gélis em seu artigo sobre o processo da “individualização” da criança, destacou a criação dos “modelos ideológicos da criança” no período moderno, como a “criança Mística” enquanto representação para a santidade infantil.<sup>119</sup>

Assim foram considerados, por exemplo, os jovens “filhos” da Companhia de Jesus, São Luiz Gonzaga (†1591) e São Stanislao Kostka (†1568). Padre Alexandre de Gusmão mencionou estes Santos, afirmando que por “toda a vida conservaram a celestial flor da virgindade”, sublinhando ainda que isto no “sexo varonil” era da maior admiração.<sup>120</sup> Citado pelo padre Alexandre de Gusmão como historiador da Companhia, Juan Eusébio Nieremberg, narrou em sua extensa obra *Ideas de virtud en algunos claros varones de la*

---

<sup>115</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 81, 225.

<sup>116</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 162, 163.

<sup>117</sup> Ana Martínez afirmou que a proliferação das “Vidas exemplares” no século XVII, faziam parte de um programa pedagógico fruto das determinações trentinas, refletidas nas artes no barroco, na pintura, escultura, com um claro caráter didático e moralizador. Ana MARTINEZ, *Vidas ejemplares em emblemas (siglos XVI-XVII), Via Spiritus*, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, Porto – PT, n. 10, p. 113-138, 2003. Vale notar também origem e difusão deste gênero literário do período medieval, com a vida de santos e mártires, como na obra *Legenda Áurea*, datada do século XIII. Cf. Jacopo DE VARAZZE (1229 †1298), *Legenda áurea: vidas de santos*, Tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>118</sup> P. ARIÈS, *História Social da Criança e da Família*, 1981, p. 152-153.

<sup>119</sup> J. GÉLIS, *A individualização da criança*, In: P. ARIÈS; R. CHARTIER, *História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes*, 1991, vol. 3, p. 325-328.

<sup>120</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 285.

*Compañía de JESUS* alguns notáveis exemplos para a doutrina dos fiéis.<sup>121</sup> Sobre a vida do “bienaventurado” Stanislao Kotska, destacou o historiador que a graça de Deus não se manifestava somente na conversão dos grandes pecadores, “sino tãbien en la inocencia de los que nunca pecarõ gravemente”. Recomendou a vida do bem-aventurado São Luiz Gonzaga especialmente para leitura dos de pouca idade, pela “lección de su vida a servir a nuestro Señor con muchas veras, y perfección”.<sup>122</sup>

Padre Alexandre de Gusmão relatou outras histórias de “santos” meninos. Para “exemplo de todos”, registrou a vida do angelical Alexandre Bercio em duas de suas obras, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, e em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*. Narrou o padre que este jovem estudante da Companhia de Jesus das partes de Florença era visitado pela Virgem pessoalmente desde o berço, presenteado com “rozas fragantissimas trazidas do Ceo”. Foi agraciado pela Santa com muitas mercês, como seu auxílio nos estudos, e seus cuidados quando esteve doente. Vindo a falecer em precoce idade, foi enterrado na Igreja do Colégio da Companhia. Muitas pessoas relataram terem visto e ouvido anjos em seu sepultamento, testemunhando ainda que seu rosto estava “em cor de roza como vivo”. Com este “prodígio”, como qualificou o jesuíta, a Companhia o considerou como “Anjo da terra, & flor do Ceo entre os seus”.<sup>123</sup>

A outra história narrada foi a do menino Jacobo Phelippe, do Seminário Romano, que pela devoção a Virgem, nas palavras do padre Alexandre de Gusmão, “tinha chegado a grande perfeçam, & innocencia de vida”. Entre os regalos que havia recebido da Virgem, como confessou o menino na hora da morte, foi o vir a “gostar do leyte virginal de seus puryssimos peytos”.<sup>124</sup> Dádiva da Santa Mãe do Filho de Deus, percebida nestes tempos de marcada devoção a Virgem Nossa Senhora, como sinal de santidade e acolhimento a um seu jovem servo. Enfim, como bem afirmou o inaciano não faltavam exemplos nas Histórias Eclesiásticas dos santos, que desde a meninice “obraram, o que era bom, & recto nos olhos de

---

<sup>121</sup> Padre Alexandre de Gusmão mencionou ao longo de “A arte de Crear Bem os Filhos na Idade da Puericia” e também em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* algumas biografias traçadas pelo “tão conhecido no mundo por seus escritos” padre João Eusébio Nieremberg. A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 42, 92, 258, 287, 291; A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 83, 98, 128, 205, 208, 209, 216, 218, 233-235, 278, 300, 301, 313.

<sup>122</sup> Juan Eusébio NIEREMBERG, **Ideas de virtud em algunos claros varones de la Compãnia de JESUS**, A la excelentíssima señora D. Inês de Guzman, Marquesa de Alcañizes, Madrid: Maria de Quiñones, 1643, Prólogo, p. 224, 432.

<sup>123</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 288; A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 83. Na obra do Padre João Eusébio de Nieremberg encontramos também a narração da vida do “angelical nino” Alexandro Bercio, “estudiante, y pretendente de la Compañía de JESUS”, “angel de la tierra, Y flor del cielo”. J. E. NIEREMBERG, **Ideas de virtud em algunos claros varones de la Compãnia de JESUS**, 1643, p. 786-793.

<sup>124</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 289.



Deos”.<sup>125</sup> Exemplos usados em sua prédica como “espelhos” para admoestar os pais sobre a utilidade da educação dos filhos desde o tempo da puerícia.

Há de se destacar também o modelo da “criança-Cristo” na devoção ao Menino Jesus. Conforme apontou J. Gélis, a imagem das crianças exemplares, e dentre estas de maior enlevo era a crescente devoção ao Jesus em sua perfeição infantil, vieram a reforçar “novas formas de devoção interior”.<sup>126</sup> Sentimento religioso próprio a *devotio moderna*, que em grande medida pautava-se na imitação do Cristo, modelo de perfeição e pureza máximas.<sup>127</sup> Devoção presente em a *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, que foi dedicada pelo jesuíta ao Menino Jesus, como,

piquena offerta entre os ricos doens, que vos offerecerão os três Reys do Oriente, & fazei que todos percebam a importância do assumpto, que nella se trata, para que saibam encaminhar os filhos mininos segundo os primeiros passos vossa santíssima puerícia, para gloria vossa, & bem eterno de vossos redimidos.<sup>128</sup>

Na *Escola de Bethlem, Jesus Nascido no Presépio*, discorreu o padre Alexandre de Gusmão dos mistérios da Natividade do Senhor como se fossem classes escolares, apontando lições espirituais que o fiel poderia alcançar com a sua reflexão. Assim, afirmou o jesuíta, o cristão deveria buscar o caminho da perfeição, estudar a devoção na Escola de Belém, e dedicar ao Menino Jesus “os haveres, & esperanças do mundo, & sua vaidade”. E estes ensinamentos espirituais seriam recebidos com o coração “humilde, & simples”, como as crianças no principio da vida temporal que mais dispostas eram para todas as “sciencia[s]”.<sup>129</sup>

\*\*\*

Passemos à terceira utilidade apontada pelo padre Alexandre de Gusmão, dita de forma simples e direta de que os meninos bem criados seriam “melhores” que os que não tiveram educação. O jesuíta, seguindo as palavras de São Jerônimo, comparou os filhos a pedras preciosas. Não nasceriam com resplendor, mas a “arte” empregue no seu labor e polimento lhes daria o valor e beleza. Assim, indagava o inaciano, “Quanto filhos há, que de seu nascimento sam huas perolas, ou huns diamantes, que por falta de industria, & creçam sam huas pedras toscas, & sem lustre algum?”. Lastimava o inaciano ver nobres mancebos, de

<sup>125</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 191.

<sup>126</sup> O terceiro “modelo” de criança consolidado no período moderno segundo o autor, foi a “criança prodígio”, como por exemplo os delfins. J. GÉLIS, *A individualização da criança*, In: P. ARIÈS; R. CHARTIER, *História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes*, 1991, vol. 3, p. 325-328.

<sup>127</sup> Cf. Francis RAPP, *La Iglesia y la vida religiosa em Occidente a fines de la Edad Media*, Nueva Clio, La historia y sus problemas, Barcelona: Editora Labor, 1973, p. 194.

<sup>128</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”.

<sup>129</sup> A. GUSMÃO, *Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio*, 1678, p. 19-21.

nascimento ilustre, que “no trato”, ou seja, nos seus costumes, eram “inurbanos” e intratáveis. Contudo, como os Alquimistas que tornavam vidros e conchinhas de praia em pedras parecidas com as preciosas, a boa criação poderia transformar meninos de nascimento tosco e rude. Fossem os meninos diamantes, como os príncipes, ou vidro, como o filho de um “official de humilde nascimento”, a boa criação daria o “luzimento” necessário.<sup>130</sup> Nesta perspectiva, a educação teria o papel de nobilitar os indivíduos, e condição para a manutenção e ou ascensão de seus *status*, como pudemos observar anteriormente nos chamados “espelhos de príncipes”.

Indagou o padre ao leitor: “Que cousa he hum filho sem creaçam, em quanto minino?”. Seria semelhante a um animalzinho nos modos e nas relações humanas, concluiu o jesuíta. Citou Platão para afirmar que o menino com criação seria manso e “divinissimo”, e do contrário o mais bruto de todos os animais. Exemplificou narrando antigas histórias de “Moglis”, como certa experiência feita por um imperador gentio que colocou três meninos em um local sem mestre e comunicação, ao que a dado tempo saíram todos mudos, uns “animalinhos irracionaes”. E ainda como o menino achado na floresta criado por lobos, que nem sabia andar sobre os dois pés, e outro criado por porcos, que se comportava como eles procurando imundícias.<sup>131</sup>

Comenius afirmou que a educação era necessária para todos os homens, para que não se tornassem “animais ferozes, nem animais brutos, nem troncos inertes.” No capítulo que dissertou sobre a necessidade do homem ser formado para ter o estatuto de humanidade, o pedagogo afirmou que o homem não trazia em si nenhum saber, além de suas aptidões naturais. Narrou uma história muito parecida com a do padre Alexandre de Gusmão sobre o menino criado entre lobos das partes da Germânia, e outro da França que virou atração de circo.<sup>132</sup> Concluiu com a mesma citação platônica: “o homem é um animal cheio de mansidão

---

<sup>130</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 14 - 16.

<sup>131</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 25.

<sup>132</sup> “De hum minino”, narrou Padre Alexandre de Gusmão, “que se criou tres annos entre lobos se conta, que nam podia andar depois senam de gatinhas como lobo, & sendo este depois achado de hum caçador, & levado ao Príncipe daquella terra, procurou, que andasse como os de mais mininos em dous pés, & nam podèram facilmente conseguillo.” A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 25. Comenius contou a mesma história mais detalhadamente, em suas palavras: “por 1540, numa aldeia de Hessen, situada no meio de florestas, aconteceu que um menino de três anos, por incúria dos pais, se perdeu. Alguns anos depois, os camponeses viram correr, juntamente com os lobos, um animal de forma diferente, quadrúpede, mas com face semelhante à do homem; como, à força de se falar no caso, a novidade se espalhou, o chefe daquela aldeia ordenou-lhes que vissem se havia maneira de prendê-lo vivo. Em conformidade com esta ordem, foi apanhado e conduzido ao chefe da aldeia, e finalmente enviado ao príncipe de Kassel. Introduzido na sala do príncipe, pôs-se a correr, fugiu, e foi esconder-se debaixo de um banco, olhando com ar ameaçador e lançando terríveis uivos. O príncipe fê-lo alimentar entre homens, e assim a fera começou, a pouco e pouco, a tornar-se mansa, depois a manter-se direita sobre os pés e a caminhar como os bípedes, finalmente a falar com inteligência e a agir como homem. E então, quanto podia recordar-se, contou que tinha sido raptado e alimentado pelos

e de essência divina”, torna-se manso por meio de uma verdadeira educação; e se do contrário, não recebe nenhuma ou a recebe falsa, torna-se “o mais feroz de todos os animais que a terra produz”.<sup>133</sup> Aos estúpidos e inteligentes, aos ricos e pobres, aos governantes e homens da religião, declarou Comenius, que ficasse “assente que a todos aqueles que nasceram homens é necessária a educação”.<sup>134</sup>

Anteriormente destacamos a discussão sobre a importância da educação no período moderno. Importância que se configurou crivada pelas inextinguíveis diferenças sociais e hierarquias que marcam a História Moderna, e se perpetuam de modo geral até os dias atuais. Nota-se que embora seja aventado o proveito da educação para todos, como percebido no discurso de Comenius, havia o claro distintivo de que aos meninos nobres seria de maior importância a boa educação. A educação dos príncipes era tarefa inicial para a formação de um governante justo e prudente. Aos demais “filhos dos principais” (registremos esta expressão), a boa educação lhes conferiria a devida civilidade dos modos. Estas reflexões nos atinam para a compreensão das idéias pedagógicas na modernidade como marcadas pela sua disposição para a educação das elites.<sup>135</sup>

Atentemos para o que significava o “lustre” conferido aos indivíduos pela boa educação segundo a prédica do padre Alexandre de Gusmão. No capítulo seguinte veremos que o padre atestou a importância de que os meninos e meninas soubessem ler e escrever para o pleno desenvolvimento de suas aptidões intelectuais. Contudo, podemos perceber que o mote de toda a obra é a “reforma dos costumes”. Notadamente distinta dos modelos de civilidade apregoados por Erasmo, no bem comer, bem vestir, bem falar, em *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*, o esmiuçar da normalização dos comportamentos fica apagado diante da eloqüência da importância da educação para a formação do menino cristão nos ditos bons costumes. Bons costumes que apontam para os caminhos da prática das virtudes, e no fugir de todo vício e pecado.

II - A educação não só conferia um “certificado” de humanidade (e civilidade), mas estaria diretamente ligada à salvação pessoal. Na quarta utilidade da educação, redargüiu

---

lobos, tendo-se depois habituado a andar à caça com eles.” J. A. COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*, Versão e-Book, Capítulo VI – O homem tem necessidade de ser formado, para que se torne homem.

<sup>133</sup> Indicou como fonte desta citação “Leis, capítulo 6”. J. A. COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*, Versão e-Book, Capítulo VI – O homem tem necessidade de ser formado, para que se torne homem.

<sup>134</sup> J. A. COMENIUS, *Didactica Magna (1621-1657)*, Versão e-Book, Capítulo VI – O homem tem necessidade de ser formado, para que se torne homem.

<sup>135</sup> Como destacou Jacques Gélis, a literatura pedagógica, como os tratados sobre educação dos filhos, surgem nos meios urbanos e abastados, destinados, embora haja exceções, a pensar a educação dos príncipes e nobres e da alta burguesia. J. GÉLIS, A individualização da criança, In: P. ARIÈS; R. CHARTIER, *História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes*, 1991, vol. 3, p. 311-329.

o padre Alexandre de Gusmão que começando os meninos em boa criação desde a puerícia, “se facilitam para o mais restante da vida a caminhar com constância o real caminho dos mandamentos de Deos”. E, por toda a vida experimentariam a força do bom costume dos primeiros anos, e assim receberiam “o ditoso fim, dos que bem começam”.<sup>136</sup> Da forma que o menino começou em seus primeiros anos, “assim viveo, & assim morrèo”, pois “todo o negocio da vida, & de sua morte consiste no bem, ou mal, que começou”.<sup>137</sup> Venturoso ou funesto fim esperava os meninos, sendo para tal determinante a criação com que principiou a vida.

Padre Alexandre de Gusmão utilizou em sua prédica histórias edificantes para exemplificar esta importância da educação dos meninos.<sup>138</sup> Através destes “emblemas”, espantosos e verdadeiros, segundo suas palavras, buscava o jesuíta narrar o que sucedia aos meninos pela má criação e ruim doutrina com que constantemente criavam os pais aos seus filhos.<sup>139</sup> Narrou casos amedrontadores de blasfemos, maus pais e maus filhos, degenerados, concupiscentes e suas “justas” condenações, dissertando em uma linguagem de fácil compreensão e memorização sobre os aspectos morais que envolviam a criação de bons cristãos. No capítulo seguinte tornaremos a tratar de alguns destes casos moralizadores do padre Alexandre de Gusmão. Atentemos para as conseqüências e tenebrosas penas narradas por estas duas histórias a seguir.

O jesuíta advertiu aos pais para que cuidassem em afastar os filhos de qualquer forma de vício para que não fossem mordidos pela “peçonhenta víbora” do pecado desde seus primeiros anos.<sup>140</sup> Um dos vícios próprios de meninos, e muito danosos à formação de bons cristãos, era o costume de dizer juramentos e blasfêmias. Espantava-se o jesuíta de tamanho “desatino” de alguns pais que não os repreendiam, ou pior, tinham “deleite” em ouvir suas ruins palavras. Destacou uma história de São Gregório Papa (†604), tratando de alertar aos leitores para que a tomasse por verdadeira sendo este referido autor “de summo credito, & autoridade”. Contou o Santo ter conhecido pessoalmente a certo homem que havia criado seu filho de cinco anos com todo regalo e liberdade, sem lhe repreender por coisa alguma e

---

<sup>136</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 27.

<sup>137</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 151.

<sup>138</sup> Cf. J. DELUMEAU, **O pecado e medo**. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18), 2003, Vol. 1, p. 73.

<sup>139</sup> Sobre a definição de “emblema” padre Alexandre de Gusmão dissertou no Capítulo VII – “Quam severamente castiga Deos nesta vida os pays negligentes na boa creação dos filhos”, ao tratar de um caso narrado pelo padre Alonço Andrade. A história era sobre certo homem “desalmado” pior que um selvagem, que não tinha cuidado na criação de seus filhos. “Por justo castigo de Deos”, nas palavras do jesuíta, pariu sua mulher um monstro horrendo, meio humano, meio serpente, que matou seu pai a dentadas e a mãe de susto, logo em seguida morrendo a própria criatura, “que só teve vida para a morte, & tormento de seus pays”. A de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 54-55.

<sup>140</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 227.

permitindo-lhe tudo que lhe aprouvesse. O menino tinha por costume o jurar e blasfemar Deus, achando seus pais motivo de graça, e até mesmo incitando a criança para tais práticas. Então, nas palavras de São Gregório, “olhou Deos nosso Senhor de outra sorte este caso ofendendo-se gravemente de tam pezadas liviandades”, e estando um dia o pai com o filho nos braços, apareceu uma grande multidão de demônios “em figura de huns Mouros negros”. Somente o menino os podia ver, e suplicou amedrontado ao pai que lhe protegesse. Ao invés do pai aconselhá-lo a chamar pelo nome de Jesus, disse ao filho que não temesse e que ameaçasse a estes tais Mouros. Virando o menino e dizendo as costumadas blasfêmias, “com hua dellas na boca espirou”, entregou a alma nas mãos dos Demônios, que logo a levaram consigo para os infernos.

“Tremei, & tremam todos os meninos”! – exortou o padre Alexandre de Gusmão. Desta história, o jesuíta indicou a máxima condenatória de como Deus castigaria com sua justiça os que não criassem os filhos virtuosamente. São Gregório repreendeu aos pais cristãos com a sentença: “Aquelle, a quem os pays nam souberam crear na vida, cria agora o fogo eterno no inferno”. Com este exemplo, afirmou o jesuíta citando ao santo papa, esperava que os pais atentassem para criar melhor aos seus filhos, para que estes por seu descuido ou negligência não viessem a se perder.<sup>141</sup>

A educação, boa ou má, não consistia em assunto somente para julgamento dos meninos. Importava também para a salvação ou condenação dos seus pais. Emblemática desta repreensão é o caso narrado pelo padre Alexandre de Gusmão sobre um “Santo Varão” que desejava ver “as penas, & a gloria da outra vida”. Levado por um anjo ao inferno, viu padecer um pai e um filho, que “com execrandas blasfêmias se amaldiçoavão hu ao outro”. Amaldiçoava o pai ao filho, desde a hora que o gerou, e tudo o que por ele fez, que por não ensiná-lo foi ter no “lugar de tormentos”. O filho em resposta também maldizia o pai, dizendo,

porque me nam ensinaste os preceitos divinos, nem a penitencia, nem a ouvir a palavra de Deos, & as mais obras boas; mas ao contrario me creaste em gallas, vendas, usuras, & outros vícios, nem me castigavas, quando eu errava, por isso vim a ser condenado, & estou contigo nestas eternas penas do inferno.

Considerando este quadro desagradável, pediu o “servo de Deos” que o Anjo o levasse ao Paraíso. No Reino celeste, viu outro pai e filho. Estes se bendiziam, com “grande gozo, & alegria, dandose mil bençoens, & parabéns hum a outro”. Dizia o filho que bendito era o pai pela boa criação que havia recebido – aprendendo as “sciencias”, a palavra de Deus e demais

---

<sup>141</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 234-237.

ofícios divinos, corrigindo-o quando necessário. Criado com o temor e amor de Deus, fugindo dos vícios e amando as virtudes, pelo que então vieram a se salvar.<sup>142</sup>

Há nestes *exempla* uma lógica moralizadora: meninos bem criados e educados cresceriam nos bons costumes, levariam uma vida santa, e alcançariam a salvação eterna. Por outra parte, em grave e notória oposição, a uma negligente e má educação, seguiria uma vida de maus costumes e vícios, destinada para a danação eterna. Assim ao “bem viver” seguiria o “bem morrer”. Padre Alexandre de Gusmão aproximou deste modo a sua *ars educatio* das *ars moriendi*.<sup>143</sup> Confluem estes dois gêneros pedagógicos fundamentalmente no aspecto da preocupação de dirimir um ideal para a vida do cristão, tendo por princípios os bons costumes e as coisas da fé.<sup>144</sup>

III - Marcadamente a “fé” na educação aparece como retórica comum na Cristandade. O período moderno foi marcado pela profusão da literatura religiosa impressa a partir do aperfeiçoamento inventivo da imprensa. Ao que nos interessa neste nosso estudo, vemos emergir da *renovatio* espiritual uma marcada preocupação catequética, e notadamente uma atenção para a doutrina da infância. Por exemplo, os “grandes heresiarcas”<sup>145</sup>, Martinho Lutero e João Calvino, redigiram livretos de catequese para crianças, buscando desta forma apregoar e consolidar suas doutrinas reformadoras.<sup>146</sup> A Reforma Protestante em suas bases apresentou uma significativa preocupação pela educação. Princípios como o sacerdócio universal e o livre exame das Escrituras auspiciavam ao fiel a necessidade do letramento. Para

---

<sup>142</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 35 - 36.

<sup>143</sup> Ana Cristina Araújo em artigo sobre as representações da família nas obras sobre a “arte de bem morrer” observou que esta “pastoral do medo”, se difundiu notadamente na modernidade paralelamente ao discurso sobre educação e civilidade pueril. Em suas análises a autora destacou as representações de família, e a prédica sobre a educação dos filhos. Dentre os autores citados, destacou o padre Alexandre de Gusmão e *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia* na passagem sobre o “ditoso fim” dos que são bem educados. Concluindo, a autora apontou que em termos gerais “a imagem normativa do indivíduo e da sociedade que as artes de bem morrer encerram não deixam de nos surpreender. A pastoral da morte delimita (...), um espaço peculiar de enunciação da vida, nas suas etapas e formas de exteriorização fundamentais. Antepõe-se como meta e objectivo ideal ao aperfeiçoamento do indivíduo e, enquanto tal, responde a uma concepção sacralizante de pensar a evolução da sociedade.” Ana Cristina ARAUJO, *A esfera pública da vida privada: a família nas Artes de Bem Morrer*, **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, T. XXXI, vol. 2, p. 341 – 371, 1996.

<sup>144</sup> Cf. J. MARAVALL, **A cultura do Barroco**. Análise de uma estrutura histórica, 1997, p. 120 – 134.

<sup>145</sup> Padre Alexandre de Gusmão dissertando sobre os severos castigos de Deus aos pais que negligenciavam a educação dos filhos, afirmou que há homens que pela má criação na puerícia degeneram em “monstros infernaes”. Como exemplo citou a Lutero e Calvino. A. de GUSMÃO, **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 53, 355.

<sup>146</sup> Em 1529, Lutero fez publicar seu “Grande e Pequeno Catecismo”. Cf. Jean DELUMEAU, **La Reforma**. Nueva Clío, La Historia y sus problemas. Calabria, Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 42. Em 1552, Calvino publicou em Genebra seu catecismo. Cf. Jehan CALVIN, **Cathecisme cest a dire, le formulaire d’instruire les enfants en la Chrestienté, faict en maniere de dialogue, ou le Ministre interroque, & l’ Enfant respond**, Geneve: Imprimerie de Ichan Crespín, 1552.

tanto, observa-se que ainda no primeiro século do protestantismo, foram implementadas reformas educativas em todos os níveis de instrução.<sup>147</sup>

No campo católico, a atuação da Igreja nos aspectos institucionais da educação, como a fundação de Colégios e Universidades, remonta ainda a pelo menos o ano mil da era cristã. Padre Alexandre de Gusmão narrou que era esta preocupação antiga na história da Igreja, destacando dos Concílios Lateranense (390) e de Constantinopla III (680) as determinações respectivas para que tivessem mestres e escolas nas igrejas e catedrais, e posteriormente a obrigação dos clérigos para que ensinassem aos filhos dos fiéis com “Caridade”.<sup>148</sup> Exemplo disto foram as escolas para meninos fundadas pelas Ordens de São Basílio e São Bento (†547), que ao lado de seus mosteiros buscavam educar os meninos nas letras, virtudes e bons costumes.<sup>149</sup>

Na historiografia sobre educação no período moderno, o Concílio de Trento foi constantemente citado como impulsionador dos rumos educativos da Igreja de Roma no período moderno.<sup>150</sup> A importância da primeira instrução na infância foi designada na quinta sessão do Concílio de Trento (17/06/1546) instituindo que houvesse nas igrejas mestres para ensinar a Gramática aos clérigos, e aos estudantes pobres.<sup>151</sup> Sobre Trento, comentou o padre Alexandre de Gusmão a respeito da Sessão XXIII que determinou que fossem instituídos seminários “onde se criem moços de pouca idade, que ham de ser Curas de Almas; & muito em particular se ensina as qualidades, que ham de ter”.<sup>152</sup>

Acerca da imbricada relação dos assuntos da Fé com a matéria educativa, a prédica do padre Alexandre de Gusmão nos permite algumas considerações. No quinto capítulo, intitulado “De quanta utilidade he para toda a Republica a boa criação dos mininos”, o jesuíta iniciou narrando o exemplo da Atenas na Antiguidade Grega – notável pelas suas “virtudes moraes” e pelo estudo das “boas artes”. Relatou o padre que veio esta florescente República a cair em tantos vícios e ruins costumes, que de “hum jardim de flores de virtudes se havia convertido em hum matto agreste de vícios”. Reuniram-se os Senadores e

---

<sup>147</sup> Cf. Mario Alighiero MANACORDA, **História da Educação da Antiguidade aos nossos dias**, São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 194 -200; F. CAMBI, **História da Pedagogia**, 1999, p. 246 - 255.

<sup>148</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 155 - 156.

<sup>149</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 155 - 158. Em 529, Bento de Núrsia fundou um mosteiro sob o lema do “*ora et labora*”, representando um primeiro modelo de escola cristã no Ocidente. F. CAMBI, **História da Pedagogia**, 1999, p. 132.

<sup>150</sup> Cf. M. A. MANACORDA, **História da Educação da Antiguidade aos nossos dias**, 2000, p. 200-203; F. CAMBI, **História da Pedagogia**, 1999, p. 255-263.

<sup>151</sup> Cf. Áurea ADÃO, **Estado Absoluto e ensino das Primeiras Letras**. As Escolas Régias (1772-1794), Textos de educação, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 14-15.

<sup>152</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 156.

Anciãos da pólis para debater quais medidas deveriam ser tomadas para sanar estes males. Dentre estes congregados, narrou o jesuíta, acreditava-se que estava Sócrates, que lançou no meio da Assembléia uma maçã podre. A explicação do filósofo para este ato, norteia a argumentação do jesuíta.<sup>153</sup>

Semelhante a esta maçã podre era toda a Atenas. Do pomo estragado e da República depravada “podia aver alguma esperança de remédio” se estivesse a semente do fruto são, pois assim poderia ser semeada, e então cultivada para que gerasse um bom fruto. Deste mesmo modo, afirmou o filósofo, o que pareceu ao jesuíta “prudente conselho”, se cuidassem em preservar a inocência dos meninos, poderiam então ser instruídos nos bons costumes, “& assim cultivados como plantas tenras, se podia esperar o fruto dezejado; & desta sorte tornar a Republica a seu primeiro estado”. Acolhendo os magistrados este ensinamento, procuraram bem criar os meninos segundo as leis atenienses, vindo então a República a se reformar.<sup>154</sup>

Narrou o jesuíta o sonho de uma serva de Deus sobre esta mesma metáfora da maçã. Fruto podre que representava a República Cristã naqueles tempos tão “desbaratada nos costumes”. Segundo o jesuíta, o Senho revelou à mulher que como a conservação do fruto fazia-se pela sua semente, assim, “para reformar a Christandade perdida era o remédio instituir bem a puerícia”.<sup>155</sup> Vale notar sobre que “tempos” estava se tratando. Padre Alexandre de Gusmão indicou como fonte deste relato, a primeira biografia de Ignácio Loyola datada de 1572, escrita pelo padre Pedro Ribadeneira.<sup>156</sup> O padre Alexandre de Gusmão referia-se deste modo ao seu tempo.

A ênfase do padre Alexandre de Gusmão, ao contrário do que se leva a julgar pelo título do citado capítulo, não residia na importância da criação dos meninos para a formação de “bons cidadãos”, matéria que ocupou em sua prédica poucas linhas, apenas concluindo sumariamente que da boa criação dos meninos dependeria o bem ou ruína das Repúblicas.<sup>157</sup> Nestas páginas, assim como podemos entrever ao longo de toda a obra, o jesuíta se dedicou muito mais a afirmar a utilidade da educação para os “bons costumes”. Através da prédica sobre a utilidade da educação, das histórias edificantes, e das recomendações para a boa criação dos filhos principalmente no tocante aos aspectos religiosos, podemos notar uma grave conotação moral. A boa criação para a “reforma dos costumes” – melhoria das famílias,

---

<sup>153</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 36- 37.

<sup>154</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 37-38.

<sup>155</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 38.

<sup>156</sup> Na indicação do padre Alexandre de Gusmão, “Rib. Vid. S. Ign. L. 3. c. 24”. Cf. J. W. O’ MALLEY, **Os primeiros Jesuítas**, 2004, p. 63.

<sup>157</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 38.



reforma das Repúblicas e formação de muitos justos para a Igreja – como promulgou o padre ainda no prólogo.<sup>158</sup>

Esta idéia da necessidade de “reforma dos costumes” caracteriza o período moderno. Jean Delumeau em seu estudo sobre o macabro e o medo, identificou esta tópica em meio à retórica escatológica do mundo pecador e mau, refletido no plano das mentalidades como “época de infortúnios”. Este “pessimismo coletivo”, recrudescido com o Renascimento, revelou-se em diagnósticos sombrios sobre a moralidade dos costumes. O historiador francês analisou numerosos escritos de teólogos e literatos sobre a denúncia destes tempos corruptos: mundo em que assolavam os vícios e abominações, e proliferavam os loucos e seres monstruosos.<sup>159</sup> O homem moderno preocupava-se com as alterações e deturpações da ordem natural de seu tempo, buscando então refletir e promulgar “remédios” para minimizar estes males.<sup>160</sup> O “remédio” para esta corrupção era comumente apontado na literatura moral e religiosa como a educação, e notadamente a partir na infância.

Cabe a nota de que não só moralistas e religiosos buscaram denunciar a corrupção do mundo no período moderno. O rei D. João V em correspondência enviada em 17 de janeiro de 1722 ao então arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide exortou sobre as notícias que havia recebido que “em todo este Estado do Brazil e especialmente nesta cidade” (de Salvador), de que viviam seus vassallos com “grande dissolução” e pouquíssimos respeito às leis divinas, eclesiásticas e seculares. Segundo o próprio rei, competia à pessoa do monarca católico procurar que não só seus vassallos se conservassem “na verdadeyra religião catholica”, mas que também “com a sua vida e procedimento corespondao a fee que proffeição”. Ordenou o rei ao Governador e ao arcebispo que buscassem a “reforma dos costumes”, para que assim:

mediante auxilio de Deos Nosso Senhor se poderão emendar os abusos e escandalos dessa terra, senão em todo ao menos em grande parte, e aplacarse a ira divina que com tanta dissolução se provoca e já principiou a ameassar esta cidade proxivamente fulminando sobre ella muitos rayos.<sup>161</sup>

\*\*\*

---

<sup>158</sup> Se os pais tivessem a curiosidade em estudar, o que lhes pertence nestes seus conselhos, esperava o jesuíta que houvesse “nas famílias muita melhora, nas Respublicas muita reformaçam, na Igreja muitos justos, & no Ceo muitos Santos”. A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, Prologo ao Leytor.

<sup>159</sup> J. DELUMEAU, **O pecado e medo**. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18), 2003, Vol. I, p. 213- 271.

<sup>160</sup> J. MARAVALL, **A cultura do Barroco**. Análise de uma estrutura histórica, 1997, p. 68-75.

<sup>161</sup> Arquivo Público da Bahia (APB). **Ordens Régias**. Carta 5 – Cópia da carta do Rei de Portugal para o Arcebispo da cidade de Salvador sobre o mesmo assunto da anterior (Acompanham dois documentos que instruem a matéria). Lisboa, 17/01/1722. Flash 3. Livro 16. Doc. 4.

Discorremos nestas páginas idéias, teses e impressões sobre a importância e “utilidades” da educação desde a infância. Padre Alexandre de Gusmão cuidou em redarguir aos pais e mães de famílias sobre a matéria, assunto de salvação ou condenação eterna. “Mas perguntareis, porque razam sendo isto assim, há tam poucos, que saibam crear bem seus filhos?” – indagava o jesuíta. Na prédica do religioso, haviam dois caminhos marcados sobre a educação: os que criam os filhos em “santos costumes”, e deste modo os dedicam a Cristo, e os que os criam nos vícios, consagrando-os ao mundo, e sacrificando-os aos Demônios. Espantava-se o padre em ver que muitos pais havia que dedicavam seus filhos ao Demônio, e muitos poucos a Deus. A razão disto foi apontada como a “cegueira do tempo presente”!

Relatou o jesuíta que “antigamente” – aludindo provavelmente aos relatos bíblicos dos tempos dos Reis de Israel - os pais colocavam seus filhos sobre os braços de ídolos, que inebriados pelo “som dos atambores, adufes, & pandeiros fazendo grande estrondo, & alarido” não ouviam os brados de seus pequenos infantes. Deste mesmo modo advertiu que os pais “do mundo” ocupados com “o reboiço desta vida” não percebiam o mal que faziam aos filhos ao criarem nos “caminhos da vaidade”. Aos pais cristãos, contudo, importava saber que consagrando os filhos a Deus não só não se perderiam, como ficavam redimidos pelo cuidado na boa criação.<sup>162</sup> Era necessário que os pais soubessem além da importância da educação dos filhos, a sua e o modo como poderiam fazer com “acerto”.

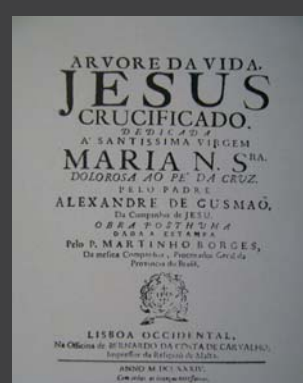
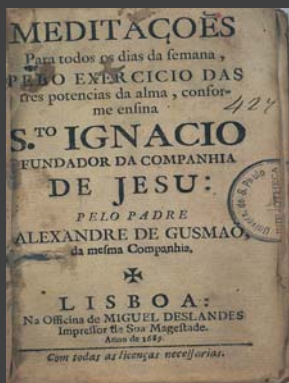
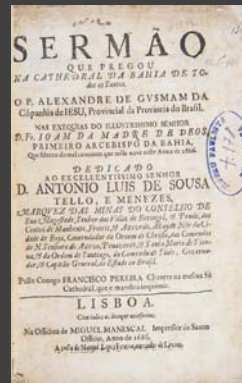
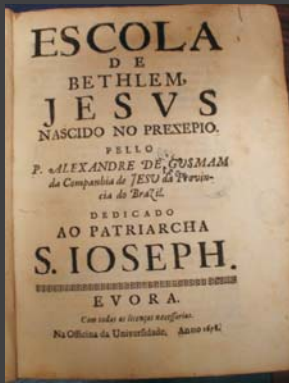
---

<sup>162</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 72-73.



*Vera effigies Servi Dei P. Alexandri Gusmão Soc. IESU Conditoris Seminarii Bethlemici in Brasilia ante, et post Mortem Sanctitatis fama conspicui. Obit in Praefato Sem. Eadem, quam praedixerat, die 15 Marth na. 1724. aetatis suae 95. vita Religiosae 78.*

Estampa e assinatura do padre Alexandre de Gusmão S. J. (1629 † 1724).  
LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa - PT: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. t. V; 1949. t. VII.

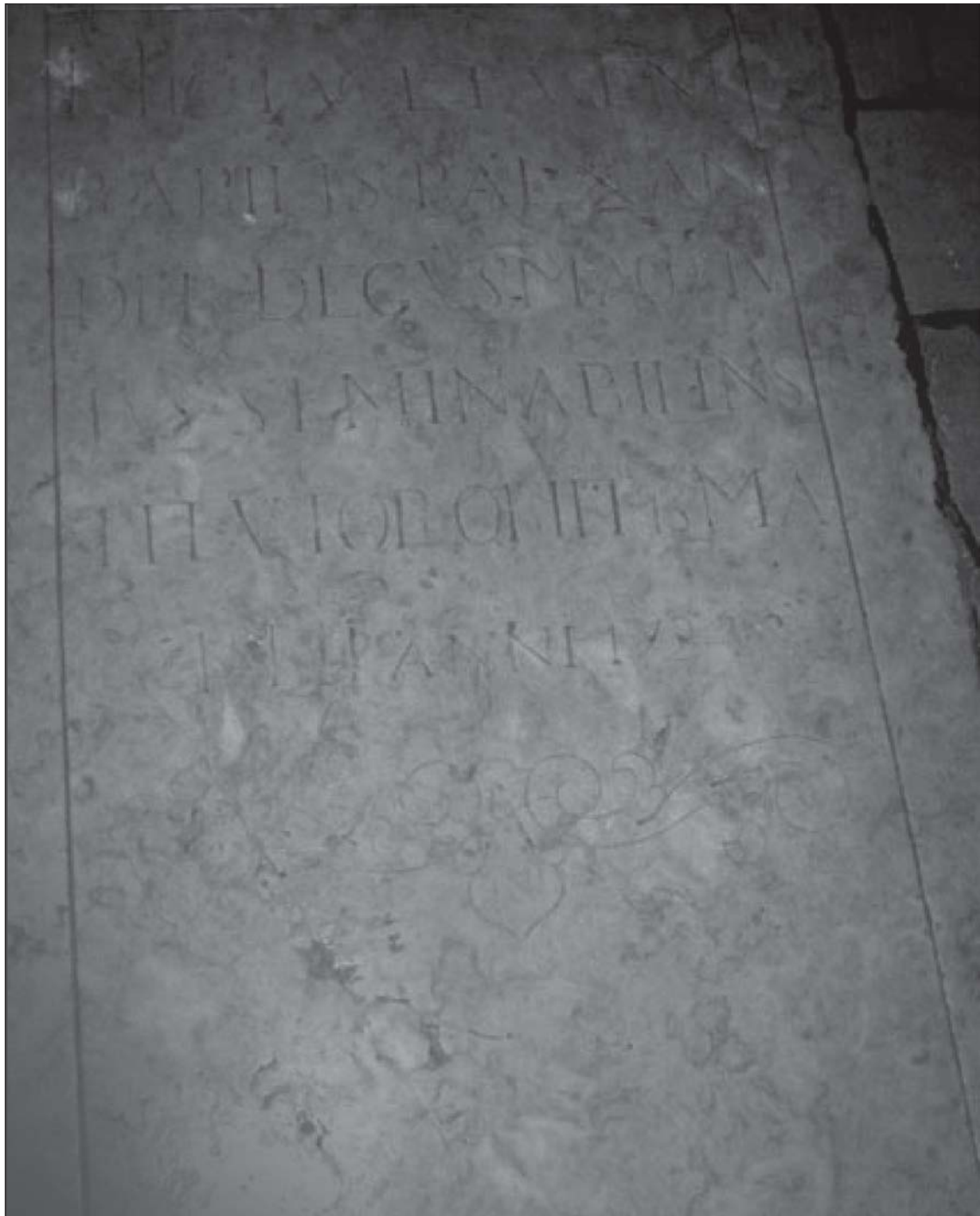


Folhas de rosto de obras do padre Alexandre de Gusmão.





Gravura de *Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio* (1678).  
Assinada por Richard Collin, da Antuérpia.



*HIC JACET VENERABILIS P. ALEXANDER DE GUSMÃO HUJUS  
SEMINARII INSTITUTOR. OBIIT 15 MARTII ANNI 1724.*

Fotografia da lápide funerária do padre Alexandre de Gusmão. Igreja de Nossa Senhora de Belém, Belém de Cachoeira, 2007.

## COMO BEM CRIAR MENINOS E MENINAS?

PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO E ALGUNS PRECEITOS PARA A BOA EDUCAÇÃO  
NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO. (SÉCULOS XVII E XVIII)

Que cuidado nam tem o agricultor das plantas, onde espera colher o melhor fruto? Que plantas de maior estimaçam, que os filhos, que nascêram de vosso tronco, & raiz, & pela tenrura da idade mais necessitam de cultura? Pois nam seria mais que culpável negligencia deixalos ao sucesso do tempo sem os cultivar, para que vecejem ao sucesso da natureza como a arvore silvestre, a quem falta o agricultor? <sup>163</sup>

Alexandre de Gusmão, 1685.

### 1 - A BOA (E MÁ) CRIAÇÃO DOS FILHOS.

Os filhos eram como as “flores do prado” - aferiu o padre Alexandre de Gusmão. Esta comparação, feita a partir dos Provérbios de Salomão e utilizada para redargüir aos pais da diligência que se deveria ter com os filhos pequenos, nos permite aventar a percepção da criança em sua fragilidade e preciosidade no seio da família conjugal. Conforme a metáfora do jesuíta, para que as flores de um jardim viessem “a servir de agrado a vista, de ornato aos altares, & de coroas para a cabeça” seriam necessárias “toda a vigilância, toda a industria, todo assejo, curiosidade, & aplicaçam do jardineiro”. Do mesmo modo, para que os filhos venham a ser “alegria dos pays, ornato dos Altares de Deos, coroa, & gloria de suas famílias”, deveriam ser empregues “toda a vigilância, industria e aplicaçam dos pays” na criação dos meninos. <sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 13.

<sup>164</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 11-12. Padre Alexandre de Gusmão fez referência a Provérbios 24: “Passei pelo campo do preguiçoso e junto à vinha do homem falto de entedimento; tudo cheio de espinhos, a superfície coberta de urtigas, e o seu muro de pedra em ruínas”. Livro de Provérbios 24: 30,31. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**, 2000.

Sobre esta matéria da obrigação dos pais na educação dos filhos, o jesuíta dedicou diretamente cinco capítulos de *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*. Nestes, dissertou sobre a obrigação dos pais na educação dos rebentos (Capítulo VI), dos castigos nesta e na outra vida aos negligentes e descuidados (Capítulos VII e VIII), das recompensas divinas aos que soubessem bem criar (Capítulo IX) e sobre a discussão de quem seria a maior responsabilidade na educação dos filhos, paterna ou materna (Capítulo X). Na segunda parte da obra, ainda aplicou o nono capítulo para advertir sobre a importância do exemplo dos pais. Em todas estas páginas, para além das severas admoestações aos pais, entrevemos a construção de um arquétipo de família.

Conforme apontamos no capítulo anterior ao analisar os tratados de educação dos filhos, no período moderno configurou-se o modelo de família conjugal. Philippe Ariès, em suas análises iconográficas dos calendários de meses e estações do ano, identificou que entre os séculos XV e XVI “surgem” as representações de famílias, como as que hoje consideramos padrão: pai, mãe e filhos no ambiente doméstico. Vale, contudo, a ressalva de que, principalmente ao se abordar sentimentos e representações culturais, dificilmente podem ser apontados “surgimentos” e “nascimentos”.<sup>165</sup> Há que se ter sempre em conta o processo (muitas vezes na longa duração) e a dificuldade das generalizações. Edward Shorter em seu estudo sobre a *Formação da Família Moderna* destacou que esta família conjugal, amparada na domesticidade, no amor materno e romântico, não pode ser determinada como uma constante histórica na modernidade.<sup>166</sup>

“Família” que aparece recorrentemente descrita na historiografia brasileira sobre o tripé “patriarcalismo – escravidão – poder”. Modelo consagrado por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*: a família conjugal patriarcal, herança portuguesa baseada em ideais misóginos, gerida nos trópicos, ligada à produção açucareira e marcada pela convivência doméstica dos diferentes grupos étnicos formadores desta nação.<sup>167</sup> A historiografia recente destacou a importância de se evitar a homogeneização histórica, generalizando o “tipo” patriarcal como único na formação da sociedade colonial. Devem ser levados em conta, por exemplo, as notáveis diferenças regionais, os diferentes arranjos sociais muito mais heterogêneos que o grupo antagônico dos sinhôs e escravos. E, considerar também, o

---

<sup>165</sup> P. ARIÈS, *História Social da Criança e da Família*, 1981, p. 194 - 211.

<sup>166</sup> Por exemplo, segundo este historiador, não somente até o século XVII pode ser identificada uma “indiferença” em relação aos rebentos, como afirmou Philippe Ariès. Entre a “gente vulgar” esta “despreocupação tradicional”, segundo expressões do autor, pode ser percebida ao menos até fins do século XVIII, e em algumas regiões até bem mais tarde. E. SHORTER, *A Formação da Família Moderna*, 1975, p. 184.

<sup>167</sup> Cf. G. FREYRE. *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo.



relaxamento em relação ao Sacramento do Matrimônio nos “Trópicos”, principalmente no primeiro século, e a formação de configurações matizadas no foro privado.<sup>168</sup>

Padre Alexandre de Gusmão direcionou *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia* para os pais e mães “de família”. Indicou sua obra, conforme afirmou na dedicatória, aos pais e mestres, mesmo os que não fossem versados no “alfabeto da doutrina”, para que soubessem bem encaminhar os meninos.<sup>169</sup> No “Prologo ao Leytor” recomendou que as filhas recebessem este livro como parte dos tesouros do dote, para que assim aprendessem a ser “mãys de filhos”.<sup>170</sup> Ao que nos parece, em um período que o letramento e a difusão de obras impressas eram tão escassos, não seria arriscado afirmar que este tratado, assim como de modo geral os tratados sobre educação dos filhos, destinava-se às famílias abastadas.

#### 1.1– A OBRIGAÇÃO NATURAL E ESPIRITUAL DOS PAIS.

No capítulo VI, intitulado “Da obrigação, que tem os pays de crear bem os filhos na idade de mininos”, padre Alexandre de Gusmão afirmou o dever dos pais prescrito pela própria natureza para o sustento corporal dos filhos. Deste mesmo modo, redargüiu o padre, e esta sua afirmação marca sua prédica nos capítulos seguintes, “por ley Divina, & natural estam obrigados a procurar alimento espiritual para a vida das almas dos mesmos filhos”. Asseverou que pecariam gravemente os que fossem negligentes nesta matéria. Os pais, que por não os educar devidamente tivessem filhos mal criados, ou ignorantes por falta de doutrina, prestariam contas a Deus.<sup>171</sup> O padre os acusou de serem piores que hereges e

---

<sup>168</sup> Cf. M. CORREA, *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: S. ALMEIDA, **Colcha de retalhos**, São Paulo: Brasiliense, 1995; M. B. N. da SILVA, **História da Família no Brasil Colonial**, 1998; Sheila de Castro FARIA, **A colônia em movimento**. *Fortuna e Família no Cotidiano colonial*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; Fernando Torres LONDOÑO, **A outra Família**. *Concubinato, Igreja e escândalo na Colônia*, Série Teses, São Paulo: História Social USP, Editora Loyola, 1999; E. de M. SAMARA, **Famílias, mulheres e povoamento**. São Paulo, século XVII, 2003.

<sup>169</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”.

<sup>170</sup> Vale citar estes trechos segundo as próprias palavras do jesuíta. Na Dedicatória declarava ao Menino de Belém: “Bem he que os *Pays de filhos*, & Mestres de mininos, que ouverem de ler este Livro, encontrem logo comvosco, para que em vós, como Livro que sois do Apocalipse, leam os primeiros, & melhores documentos, com que os devem crear.” No Prólogo ao Leytor, conforme trecho já destacado neste capítulo, indicou este seu tratado como parte do dote. “E juntamente para que entre as joyas, com que dotam suas filhas, quando lhes dam estado de casadas, lhes dem hum Livro destes como joya de maior utilidade, & de mayor estimaçam em que aprendam a ser *mãys de filhos* (...)” [grifos meus] A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”, Prólogo ao “Leytor”.

<sup>171</sup> A. de GUSMÃO. *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 45-46.

infiéis! <sup>172</sup> Somente por estes termos, sendo este padre filho do catolicismo pós-Trento, podemos observar que não era pequena a culpa impingida aos pais descuidados.

De opinião semelhante era o oratoriano português Manoel Bernardes (†1710). Autor consagrado em seu tempo, que teve algumas de suas obras reeditadas até o século XX, como *Discursos sobre Educação*. Logo na apresentação desta sua obra, afirmou o padre ser a má educação dos filhos “fonte geral da condenação de muitas almas”. Sua argumentação partiu do exemplo do rei egípcio Filadelfo, que segundo seu relato, havia consultado aos setenta e dois sábios sobre qual seria a negligência mais culpável e perniciosa. Respondeu-lhe um dos Sábios que seria os pais não terem cuidado de criar bem a seus filhos. Esta resposta, segundo o padre, foi satisfatória ao Rei, e “o seria sempre a todos”. Sendo os danos de uma má educação certos e irreparáveis, tendo como consequência a condenação eterna, indagou o oratoriano: “que descuido póde haver por uma parte mais culpável, por outra mais pernicioso?”. <sup>173</sup> Afirmou ainda que a paternidade e a maternidade não significavam somente a geração dos filhos, mas sim a boa criação. Aqueles que não o fizessem não poderiam ser chamados de pais, e deveriam receber o título de traidores e falsários. Parricidas eram os que por negligência lançavam no inferno o corpo e a alma do filho, estando ao seu alcance garantir-lhe a vida eterna. Seriam estes pais negadores da Fé, e, portanto, piores que os infiéis, concordando com a sentença do padre Alexandre de Gusmão. <sup>174</sup>

Estas mesmas advertências aos pais podem ser observadas em duas obras em forma de “espelhos” produzidas entre o fim do século XVII e primeira metade do século XVIII no mundo português. Padre João da Fonseca, membro da Companhia de Jesus em Portugal, mestre, e reitor da Casa da Provação de Lisboa, buscou oferecer ao leitor “hum espelho, pello qual podes apurar tua consciência, & reformar tua vida por meyo de uma confissão bem feyta” através de sua obra *Espelho de penitente*. O Sacramento da Confissão no catolicismo tridentino, como afirmava o próprio João da Fonseca, representava uma “chave do céu”, e “taboa de naufrágio” em que o pecador deveria estar agarrado para não apegar-se às malícias do mundo. <sup>175</sup> No capítulo IV, o inaciano detalhou um interrogatório que o cristão

---

<sup>172</sup> A. de GUSMÃO. **Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 49.

<sup>173</sup> Manoel BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, Lisboa: Typ. Almeida & Machado, 1908, p. 29. A reedição deste discurso do padre Manoel Bernardes não apresentou ano da primeira edição. Na “Notícia da Vida e obra” do oratoriano não foi encontrada menção a estes discursos dentre as suas publicações. Manoel BERNARDES, **Excerptos**, Seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras, um juízo crítico, apreciações de belezas e defeitos e estudos de língua por Antonio Feliciano de Castilho, Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, Editor; Paris: August Durand, Editor, 1865, Tomo Segundo, p. 271-307.

<sup>174</sup> M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 30-31.

<sup>175</sup> O pecado, segundo o inaciano, causava danos a alma, privação da graça, afastamento do Espírito Santo, desterrando o homem do direito ao Céu, condenando o pecador a tormentos eternos nesta e na outra vida. No

deveria fazer como exame de consciência, rememorando as faltas cometidas. Sobre o quarto mandamento (“Honra teu pai e tua mãe”) o consciencioso fiel indagar-se se:

tendo filhos faltou no cuidado de lhe ensinar a doutrina christam, se lhe tirou as occasioens de peccar, se os deixou de reprehender quando era necessário ou se encaminhou ao mal, gastou faze[n]da de seus filhos, ou de ua mulher em couzas illicitas? Se engeitou os filhos sem cauza? Se os amaldiçoou se os desherdou; injustamente; se os obrigou a tomar estado contra sua vontade, ou lhe impedio que elles virtuozamente escolhião? <sup>176</sup>

O segundo “espelho”, de autoria do bispo José de Santa Maria do Cabo Verde, apóstolo missionário do Seminário de Varatojo, tinha por intuito advertir pecadores contumazes seguindo o gênero das “artes de bem morrer”. A partir da estampa de um moribundo em seu leito de morte que abria seu livro (vide Imagem 2), o bispo pretendeu despertar o leitor da sua cegueira. No canto direito da ilustração (gravada com o número 5) há um ser chifrudo com duas crianças, uma carregada por ele e outra apegada em suas pernas de cavalo. O Diabo, locutor deste diálogo com o leitor/ pecador, declarou que aquelas crianças eram os filhos do desenganado moribundo sendo levadas para o inferno em razão da negligência em sua criação.

“Envergonha-te”, dizia o Diabo, “de teres tido mais cuydado de tirar as manchas aos teus cavallos, do que tirallas a teus filhos.”. Muitos para não verem seus filhos chorosos, narrou o prelado, não os castigavam, ainda que estes fossem “deshonestos, brigadores, descortezes, vadios, e mal procedidos, de cujas podres chagas se lhes segue a morte”. O bispo atribui a maior parcela de culpa às mães, por estorvarem seus maridos, por serem mais carinhosas e em tudo desculparem aos seus filhos. “Envergonhem-se as mãys Catholicas de serem peyores para com seus filhos, do que as mãys gentias”, redargüiu o padre. “Cousa ridícula” eram estes pais tão insensatos, que pretendendo ver seus filhos “ricos, fartos, luzidos, estimados e regalados”, acabassem por “ir padecer eternamente pobreza summa, fome canina, trevas horrendas, despresos infames, e excessivos tormentos”. <sup>177</sup>

---

plano terreno, explicou o padre João da Fonseca, “não há peste, fomes, sedes, minas, & outros muytos dannos que tem succedido, & acontecem no mundo, de que não fosse, & seja cauza o peccado, sojeytandose o peccador a tantos males, & privandosse de tantos bens por não se vencer em hum appetite & privar de hum gosto que passa em hum momento arriscandosse a penar eternamente”. Joam da FONSECA, **Espelho de penitente**, Trata de como ha de fazer huma confissão bem feyta, o que trata de reformar sua vida. Con alguns meynos, de nem cometer os leves. E hum apendice sobre a confissão geral com exemplos acomodados ás materias de que trata, Évora: Officina da Universidade, 1687, Ao Leytor, p. 7, 31.

<sup>176</sup> J. da FONSECA, **Espelho de penitente**, 1687, p. 77.

<sup>177</sup> J. SANTA MARIA, **Espelho de Dezenano para peccadores confiados**. Dedicado à Soberana Mãe de Deos, Rainha dos Anjos, Lisboa: Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1731, p. 246-248, 254-256, 259, 263.



**Imagem 2**

“Quem soubesse quanto horrenda he a morte, que appetite, nunca guardara para esse transe, da vida a emenda”. Com base nesta gravura o bispo José de Santa Maria discorreu em seu “espelho”, de modo que a partir de cada elemento numerado nesta representação admoestava os pecadores ao arrependimento.<sup>178</sup>

Atentando para estas obras religiosas, podemos identificar dois importantes pontos para este nosso estudo. O primeiro, e disto trataremos mais detalhadamente na segunda parte deste capítulo, o peso que a doutrina e o ensino das coisas da fé deveriam ter na boa criação dos meninos. A segunda questão que podemos identificar é a diferença de atribuições

<sup>178</sup> Cf. J. SANTA MARIA, *Espelho de Dezensano para peccadores confiados*, 1731.

de pais e mães na educação dos filhos, e mais detidamente no seio familiar. Notemos acima a dura repreensão lançada pelo bispo José de Santa Maria às mães, piores que as mães gentias, que por suas condescendências não cuidavam em educar honestamente aos seus filhos.

No décimo capítulo, “Quaes estejam mais obrigados à criação dos mininos, os pays, ou as mays”, padre Alexandre de Gusmão afirmou que seria obrigação das mães o direcionamento moral dos filhos, por saber ensinar com mais suavidade e doçura.<sup>179</sup> Era responsabilidade (e culpa) materna o saírem bem ou mal criados os meninos. Em tempos de construção do ideal do amor materno, argumentou como se fosse isso atributo natural. Os filhos saíam naturalmente mais inclinados às mães, e pela natureza também foram destinadas a cuidarem na criação dos rebentos. Por tal razão, “se saírem os filhos bem morigerados, se presume, que foi por negligencia das mays, que podendo se descuidáram na boa direcçam dos filhos”.<sup>180</sup>

Neste sentido, D. Francisco Manuel de Melo advertiu aos maridos em sua obra intitulada de *Carta de Guia aos Casados* (1650). Dedicando-se em aconselhar práticas e condutas aceitáveis e harmoniosas para o lar, recomendava o literato a este respeito que os pais tivessem comedidas graças em relação aos filhos. Os pais não deveriam cuidar em carregá-los e com eles folgar, pois não era coisa de homem ser ama e nem “berço” dos filhos. Mimar, “falarlhe naquella sua linguagem”, era segundo o intelectual indecente, bastando ao pai que procurasse todo o regalo e boa criação dos rebentos. Estas outras coisas competiam somente às mulheres.<sup>181</sup>

Há marcadamente no discurso do padre Alexandre de Gusmão e em seus coetâneos, funções e espaços diferenciados no seio da família: as mães deveriam educar com doçura, permanecendo no espaço doméstico e privado; e os pais, repreender com severidade e

---

<sup>179</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 77.

<sup>180</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 80. Sobre o “amor materno”, cf. E. SHORTER, *A Formação da Família Moderna*, 1975, p. 183-184; Renato Pinto VENÂNCIO, *Maternidade negada*, In: M. del PRIORE, e Carla BASSANEZI (Orgs.), *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto, 1997, p. 189-222.

<sup>181</sup> Francisco Manuel de MELO, *Carta de guia de casados*, Edição semidiplomática por Daniel Neto Rocha. Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, 2007. *Versão digital*. [1ª. Edição Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1651]. Sobre o papel feminino vale mencionar novamente a Fénelon, que comparou a família a uma pequena República, e seu bom governo ou ruína estaria sob responsabilidade materna. No pensamento do autor, e isto permeia toda a obra, as mães deveriam ter aplicação na educação dos filhos. Educação moral e religiosa, no estímulo às virtudes cristãs e evitando os vícios, mimos e paixões. F. S. L. M. FÉNELON, *De L'Education des Filles*, *Versão digital*.

disciplina, cabendo-lhes prover o sustento da família, pertencendo-lhes, portanto, as atividades e papéis do espaço público.<sup>182</sup>

“O melhor documento para a boa criação dos filhos, he sem duvida o bom exemplo dos pays”, afirmou o padre Alexandre de Gusmão.<sup>183</sup> Os pais deveriam dar bons exemplos, pois estava a seu encargo a direção da família. Do mesmo modo que cabia ao Rei, aos Bispos e Prelados governarem o Reino, a Diocese e o Convento, respectivamente, serem exemplares para edificação de seus súbditos. Elucidativa desta importância é a fábula do Caranguejo apresentada pelo jesuíta. Indagou o Caranguejo pai aos seus filhinhos por que razões andavam para trás e com as pernas tortas. Os caranguejinhos lhe responderam que andasse ele para frente como exemplo, do que logicamente não foi disto capaz. O padre lançou duras palavras aos seus leitores:

He força, que sigam os filhos o exemplo do pay, que andem os filhos da sorte que vem andar seus pays. Se vòs dais tam máo exemplo a vossos filhos com vossa torpe vida, com vossos depravados costumes, qual esperais, que seja vossa família; quaes esperais que sayam vossos filhos. Esperais, que sejam castos á vista de vossa incontidência? Que sejam humildes á vista de vossa soberba? Que sejam modestos á vista de vossa desenvoltura? Se vòs nam obedeceis aos divinos preceitos, & das Leys de Deos (...), quereis que vossos filhos vos sejam rendidos, & obedientes a vossos preceitos? Se vòs procedeis como Gentio sem piedade, nem temor de Deos, como quereis, que vossos filhos sejam devotos, & tementes a Deos? Pródigo seriam nam serem como vòs, porque será milagre grande serem de bons costumes os filhos, donde he de tam mãos procedimentos o pay.<sup>184</sup>

O projeto de educação das crianças espraiava-se deste modo para um projeto de moralização da família, e em uma crescente, de toda a sociedade. Esta retórica pode ser percebida nas histórias edificantes de pais e mães descuidados, e nas severas reprimendas aos pais negligentes e “desamorosos”, tais quais não deveriam ser os pais católicos.

## 1.2 – A INFÂNCIA DESCUIDADA E ENJEITADA.

Muitas foram as censuras lançadas pelo padre Alexandre de Gusmão aos descuidados na criação dos filhos, ditas quase que como sentenças proverbiais. Cito: pais havia mais “cuidadosos na criação de seus cavallos, & cachorros, do que da criação de seus filhos.”. Outros ainda se preocupavam com coisas menores de matéria de polidez e civilidade,

---

<sup>182</sup> Sobre as diferentes expectativas para as esposas e esposos na Península Ibérica, ver M. de L. C. FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, 1995, p. 291-341.

<sup>183</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 238.

<sup>184</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 240-241.

como por exemplo, que “o filho nam uze da mam esquerda na mesa, & mais policias”, mas não “que viva as esquerdas na vida, & nos costumes, nenhum cuidado tomam.”<sup>185</sup> “Vergonha he, que ponham os homens mais cuidados em procurar, & guardar a joya, que em guardar, & doutrinar o filho, para quem joya he”.<sup>186</sup> “Ridícula cousa”, afirmou o inaciano citando Sócrates, “que ponham os homens toda a industria em buscar boas riquezas para os filhos, & nam procurem primeiro, que sejam os filhos bons”. Outros ainda, “Edificam-lhes aceados Palácios para sua habitaçam, grandes herdades para seu sustento, & do animo, que mais importa, nada curam; vestemnos de lindas galas, & curiosos enfeytes para o corpo, & das virtudes da alma nada tratam”.<sup>187</sup>

Casos mais extremados eram os dos pais que tratavam as crianças “como o cisco de casa, ou como os cachorrinhos da vossa cachorra, quando os não quereis crear”.<sup>188</sup> Sobre os cruéis pais, que abandonavam ou matavam seus filhos, dedicou padre Alexandre de Gusmão três capítulos de sua obra (I Parte, capítulos XII, XIII, XIV). “Inhumanidade” foi o termo empregue para definir o ato daqueles que “pelo nam crear, ou por outros respeitos os engeitão, ou (o que he mais detestavel)” matavam a seus próprios filhos. Semelhantes à águia, que segundo São Basílio, quando lhe nascem dois filhotes, ou mata um destes, ou muitas vezes o enjeita. As razões disto, afirmou o referido santo, talvez fosse a dificuldade de criá-los, ou talvez “porque degenera de sua natureza em fitar os olhos nos rayos do Sol”.<sup>189</sup>

Na opinião do jesuíta, eram os homens mais selvagens que as aves, pois estes só enjeitam aos seus filhotes quando já estão em condições de voar. Os homens, porém, abandonavam os seus quando estavam no maior desamparo da natureza. Citou a Santo Ambrósio, que lamentou que sendo as mães ricas “se enfastiam de crear os filhos a seus peitos, & os dam a outras mulheres para os crear”, e se eram pobres, “os enjeitam, & talvez os desconhecem por filhos”. “Pois que animal faz isto senam o homem?” – ralhou o santo doutor.<sup>190</sup>

A preocupação do jesuíta sobre estes “inhumanos” pais derivava de uma situação bem real em seu tempo.<sup>191</sup> Na América Portuguesa, notadamente nos principais centros

---

<sup>185</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 50-51.

<sup>186</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 14 - 16.

<sup>187</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 16.

<sup>188</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 95.

<sup>189</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 92-93.

<sup>190</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 94-95.

<sup>191</sup> Podemos identificar o desamparo às crianças como uma trágica constante histórica. Ainda no período medieval, a cena das crianças expostas fez surgir instituições especializadas no amparo das frágeis criaturas. Maria Luiza Marcilio identificou o Hospital de Santa Maria in Saxia (1201-1204), surgida das ações da Confraria do Espírito Santo da França, como a primeira instituição de amparo para as crianças expostas e abandonadas, criada pelo Papa Inocência III em razão do grande número de bebês mortos encontrados no Tibre.

urbanos, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, o infanticídio e os abandonos não foram práticas incomuns. O governador Antonio Paes de Sande mostrou-se horrorizado com a falta de piedade para com os enjeitados na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XVII. O vice-rei Vasco César Fernandes, em missiva do ano de 1708, solicitou a instalação de uma Roda na cidade da Bahia, pois apareciam em grande número os “enjeitados nas ruas, inclusive sujeitos à voracidade dos animais”.<sup>192</sup>

Sobre este assunto dos enjeitados, deve ser mencionado o estudo de Renato Pinto Venâncio sobre as “famílias abandonadas”, no qual tratou das formas de amparo às crianças enjeitadas e expostas na cidade de Salvador e no Rio de Janeiro de princípios do século XVIII ao século XIX. Segundo apontado pelo historiador, a preocupação contra estas práticas dizia respeito às instâncias administrativas no mundo luso-brasileiro. Em Portugal, a primeira “Roda” foi fundada no século XIII, assim denominada pelo mecanismo rotatório de entrega dos bebês enjeitados. Na América Portuguesa foi instituída na Santa Casa de Misericórdia na Cidade de Salvador no ano de 1726.<sup>193</sup>

A memória destas coisas na Bahia pode ser observada no relatório do tombamento dos bens da Santa Casa da Misericórdia na cidade de Salvador datado de 1862, no qual apresentou-se um breve histórico do “Asylo dos Expostos”. Antonio Joaquim Damazio, então tesoureiro da Irmandade da Santa Misericórdia, relatou sobre a história da assistência às crianças abandonadas na instituição que,

Há 136 anos, porém, a pesar da escassez da população, e da religiosidade do tempo, era considerável o numero de exposições por todos os logares da cidade, ainda os mais immundos, e tão bárbaras e lamentáveis que, ora pela inclemência das noutes, ora pela voracidade dos caes e dos porcos, achavão-se frequentemente creanças mortas e consumidas, sem se haverem baptisado.<sup>194</sup>

Não nos poderia passar despercebida a exprobação do tesoureiro sobre os bebês virem a falecer sem o batismo. Para o padre Alexandre de Gusmão causava grande admiração

---

M. L. MARCILIO, A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In: M. C. de FREITAS (Org.), **História Social da Infância no Brasil**, 2006, p. 56; M. L. MARCILIO, **História social da criança abandonada**, 1998. Colin Heywood tratando historicamente da infância afirmou que o infanticídio no período moderno parece ter sido raro, levando em conta os poucos casos foram julgados por tribunais na Europa. A resposta a esta “raridade”, o próprio autor identificou, ao constatar que a criminalização desta prática foi muito lentamente tratada na legislação no Ocidente. C. HEYWOOD, **Uma história da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**, 2004, p. 98-107. Sobre os abandonos e infanticídios na Europa, a sua condenação por moralistas e religiosos, cf. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, p. 140-151.

<sup>192</sup> Cf. R. P. VENÂNCIO, **Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**, 1999, p. 24.

<sup>193</sup> Vale o parêntese de que este historiador destacou ao padre Alexandre de Gusmão como o “jesuíta campeão na retórica contrária às mães descuidadas”. R. P. VENÂNCIO, **Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**, 1999, 24, passim.

<sup>194</sup> Antonio Joaquim DAMÁZIO, **Tombamento dos bens imoveis da Santa Casa da Misericórdia da Bahia em 1862**, Bahia: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1862, p. 59.



as criaturas capazes de razão, que tem a luz da Fé e conhecimento do bem e do mal, que sabem das eternas penas a que se condenavam, e da glória que privavam a alma de seus filhos, e que mesmo assim enjeitavam ou matavam os seus próprios filhos.<sup>195</sup>

Padre Alexandre de Gusmão dirigiu suas mais duras palavras de admoestação às mães. Crueldade das mães que expunham os filhinhos no risco de perecerem por falta de papa e mama, afirmou o jesuíta. Dureza de coração das mães que lançavam os infantes na rua, “& nam se lhe enternece o coraçam, & entranhas, & nam se lhe arrazam os olhos de lagrimas”. Pecado gravíssimo, redargüiu o padre, seria ainda mais o da mulher católica que tem mãos e olhos para abandonar, ou pior matar seus pequenos filhos, não atentando para a grave ofensa que fazia a Deus.<sup>196</sup>

Dentre as causas para o enjeitamento, o jesuíta apontou a pobreza e “outros humanos respeitos”, como questões de honra e a falta de “consideraçam de Fé, & confiança em Deos”.<sup>197</sup> As conclusões dos historiadores Maria Luiza Marcílio e Renato Venâncio sobre a infância abandonada e a “Roda dos Expostos” confluem a esta sua opinião. Marcílio listou que as principais causas do abandono eram: (1) pobreza, (2) doença dos pais, (3) controle da família, (4) crianças doentes ou deficientes, e (5) a tentativa de ocultar a “desonra” feminina.<sup>198</sup> Nos dados apresentados por Venâncio para a Roda da Bahia, de 1755 a 1850, ficou refutada a idéia corrente na historiografia de que seriam filhos ilegítimos, filhos de adultérios e de mães solteiras brancas. Apontou como possíveis fatores para o abandono, a miséria das famílias e morte dos progenitores, considerando ainda os “casos de honra”.<sup>199</sup>

No capítulo XIII da primeira parte, padre Alexandre de Gusmão tratou da crueldade e “impiedade inhumana” dos infanticídios praticados pelos pais, e de suas danosas conseqüências a partir de alguns tenebrosos casos. Relatou o padre a história de um piedoso casal, que sendo estéril foi agraciado com um filho, que veio a ser consagrado na Ordem de São Domingos. Contudo segundo o relato do padre, como “nenhua virtude está segura”, a esposa se efeiçou de um mancebo, de quem veio a conceber. Somando o adultério ao homicídio, a mulher matou a criança com suas próprias mãos. Vindo a falecer o marido, a mulher se entregou aos seus apetites, e tornou novamente a parir, matando também a outra criança. Morreu não cuidando em confessar-se para alcançar o perdão divino, e no mesmo momento foi sepultada nos infernos. Estando uma vez o pio e religioso filho orando pela alma

---

<sup>195</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 104-105.

<sup>196</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 97.

<sup>197</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 99.

<sup>198</sup> M. L. MARCÍLIO, *História social da criança abandonada*, 1998, p. 257-260.

<sup>199</sup> R. P. VENÂNCIO, *Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*, 1999, p. 85-94.

de sua mãe, esta lhe apareceu cercada de dois dragões, que mamavam em seus peitos com terrível tormento. Aturdido por tal cena, perguntou-lhe o filho qual tinha sido a sua “sorte”, e o que simbolizavam aqueles dragões.

Ao que respondeo a triste mãy, que ella estava condemnada, por se nam aver confessado, & que aquelles dragoens eram os dous filhos, que parira, aos quaes devendo ella crear a seus peitos, matara com suas maos, & que agora lhe foram dados em tormento sem fim.<sup>200</sup>

Outro estranhíssimo caso narrou o padre sobre a irmã do “Santo, & Apostólico Varam” São Vicente Ferreira. Forçada por um escravo negro, “atrevida, & aleivosamente”, veio esta senhora a conceber. Temendo a desonra, e a indignação de seu marido, matou o escravo e a criança com uma peçonha. Confessou arrependida o seu pecado, e morreu. Apareceu ao seu irmão, tomada por fogo, e carregando nos braços um negrinho, ao qual comia e vomitava de contínuo. Perguntou o pio missionário sobre qual teria sido a sua “sorte”, e o mistério do negrinho. Relatou-lhe então a irmã os seus assassínios, e que estava condenada às Penas do Purgatório, carregando aquele negrinho “até o fim do mundo”.<sup>201</sup> De tal tenebrosa história fica a “moral” para o leitor que nem mediante o arrependimento e confissão estariam perdoados os crimes de infanticídio.

\*\*\*

“Oh paes! Oh paes!”, admoestou padre Manoel Bernardes, “Quantas almas cahem no inferno porque as não impozeste no santo temor de Deus, emquanto lhes era mais facil, e estavam debaixo da vossa direcção!”. Muitas contas prestariam a Deus, dos muitos santos que poderia a Igreja ganhar se com “mediana diligencia ajudareis a efficacia da Redempção de Christo naquellas idades innocentes!”.

Porem como vós não tendes grande amor a Deus, e tendes grande amor às coisas do mundo, d’aqui vae, que não sabeis ensinar a vossos filhos, senão o que vos sabeis; e não fazeis muito caso de que sejam ou não sejam santos; sendo que a vocação de todos os fieis não é outra senão, de que sejamos santos.<sup>202</sup>

Fazia-se necessário aos pais saber como ensinar, para ter filhos bem educados e cumprir a obrigação a que estavam destinados. Especificamente sobre este assunto, com conselhos e recomendações diretivas a cada faixa etária, padre Alexandre de Gusmão

---

<sup>200</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 106-107.

<sup>201</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 107-110. Este mesmo caso narrou o Padre João da Fonseca com mais detalhes. Cf. J. da FONSECA, *Escola da doutrina christã*, Em que se ensina o que he obrigado a saber o christam. Ordenada por modo de Dialogo entre Dous Estudantes hum Filozofa, por nome Marcelino, & outro Theologo, por nome Deodoro: Com exemplos accomodados às matérias, que se tratam, Dedicada á Puríssima Virgem, Glorioza Rainha dos Anjos Maria Santíssima Senhora Nossa da Vitória, Évora: Officina da Universidade, 1688, p. 76.

<sup>202</sup> M. BERNARDES, *Discurso sobre a Educação*, 1908, p. 132.

dissertou na segunda parte de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*. Para que assim, como afirmou o padre Manoel Bernardes, o indivíduo bem criado pudesse cumprir o fim da salvação para o qual foi criado.

## 2 - PRECEITOS PARA A BOA CRIAÇÃO - DA IDADE DE INFANTES À ADOLESCÊNCIA.

Padre Alexandre de Gusmão marcou as diferentes etapas de desenvolvimento da criança e seus devidos cuidados utilizando expressões como infantes, “tenra idade”, pueris, “anos de discrição”, juvenis e adolescentes. Caracterizou a primeira idade como enquanto a criança “nam tem açam racional, & para viver necessita de alheio socorro”. Corresponderia, então, ao período em que os meninos ainda não falam e são amamentados, até aproximadamente os três anos de vida.<sup>203</sup> A segunda infância seria estendida até os sete anos de idade, fase na qual nasceria nos meninos a “luz da razão”, o “discernimento do bem e do mal”, sendo necessário então uma maior rigidez no ensino das coisas espirituais, chamado de “anos de discrição”.<sup>204</sup> A puerícia seria o tempo próprio para os brinquedos, conforme etimologia latina *puer*.<sup>205</sup> Tempos também para serem ensinados nas letras, e educados segundo os bons costumes da fé cristã católica. Aos quatorze anos se fazia termo a idade da primeira puerícia, na qual os meninos (e aos 12 as meninas) deveriam ser encaminhados a escolher o estado (religioso ou casado) e o ofício a seguir.<sup>206</sup>

“Importa pouco toda a industria humana para a boa educaçam dos filhos, donde nam entevem a Graça Divina.”. Com estas palavras inicia-se a segunda parte de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, intitulada “Como se ham de aver os Pays na creaçam dos mininos.”.<sup>207</sup> Padre Alexandre de Gusmão traçou orientações para a boa criação, com recomendações sobre os cuidados físicos, e, principalmente redargüindo sobre a necessidade e importância do ensino das matérias espirituais. Retórica comum e ortodoxamente conforme os cânones do Concílio de Trento, freqüentes em muitos exemplares de livros de catecismos e “espelhos” para formar bons cristãos.

---

<sup>203</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 170.

<sup>204</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 190.

<sup>205</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 368.

<sup>206</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 339, 342.

<sup>207</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 161.

## 2. 1 – OS PRINCIPAIS CUIDADOS COM OS INFANTES:

Muitos perigos acercavam os pequenos em “tenra idade”. Padre Manoel Bernardes relatou que sendo o fio da vida tão tênue em um homem robusto, muito mais o seria numa “lesma de poucos dias”!<sup>208</sup> Somados às insipientes noções de higiene pessoal e pública, e ao estado ainda obscuro da medicina e da farmacopéia no Antigo Regime, pode-se aventar que as condições de sobrevivência dos infantes não eram das mais favoráveis.<sup>209</sup> A resignação deveria acompanhar a incerteza do logro dos rebentos. Padre Alexandre de Gusmão recomendou aos pais moderado sentimento diante da morte dos filhos pequenos. Antes alegrar-se pela vida eterna que entristecer pela morte temporal, afirmou o padre. Mais razões tinha o pai de ser alegre, “por ter no ceo mais hua estrella, no jardim da Gloria mais hua flor; entre os Espíritos Celestiaes hum Anjinho, & entre os Santos da Gloria hum filho”. Esta era demonstração segundo o jesuíta de um amor bem ordenado por parte dos pais cristãos.<sup>210</sup>

Padre Alexandre de Gusmão em suas orientações de como “se ham de aver os pays com os filhos na primeira idade dos infantes”, recomendou expressamente que três

---

<sup>208</sup> M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 51.

<sup>209</sup> António Gomes Ferreira afirmou que diante das descrições da precariedade dos cuidados, como a falta de assepsia no parto, o mal dos “oito dias”, a prática do enfaixamento, a alimentação precária, e as comuns assaduras a que estavam acometidos os rebentos, não era de se surpreender com o número dos que morriam, mas com a quantidade dos que sobreviviam. François Lebrun qualificou como uma “hecatombe” contra a infância no Antigo Regime, diante das altíssimas taxas de mortinatalidade (ou seja, nascidos mortos) e mortalidade. Segundo estimativas do autor este índice de natalidade até o primeiro ano de vida estaria entre 100 a 200 por cada mil nascimentos. Números semelhantes aos apontados por António Gomes Ferreira para Portugal em fins do século XVIII, de uma mortalidade de aproximadamente 200 por mil nados-vivos. A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar. A criança no Portugal do Antigo Regime**, 2000, p. 221-224. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, p.112-123.

<sup>210</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 335-336. Há na historiografia sobre o Antigo Regime a tese de um generalizado “desamor” dos pais em relação aos filhos enquanto consequência direta da demografia do período. Somente com o posterior nascimento do “sentimento da infância” os pais passariam a sentir com maiores dores a morte dos filhos pequenos. António Gomes Ferreira observou que eram muitos os imprecatórios na análise do conformismo e resignação dos pais, como fatores sociais e demográficos. E ainda segundo o estudioso, “Para além disso, sabendo-se da facilidade com que as doenças se abatiam sobre os de mais tenra idade e da incapacidade que os clínicos revelavam no seu tratamento, era natural que a perspectiva da morte precoce ensombrasse o investimento afectivo nos primeiros tempos e, portanto, contribuisse para a resignação dos que viam partir mais uma criança”. Gilberto Freyre analisando os altíssimos índices de mortalidade no mundo colonial, concluiu que estava ligada a fatores como o despreparo das mães, uma nutrição insuficiente ou inadequada, a sífilis, e as diversas doenças infantis que levavam muitos anjinhos pro céu (mal de sete dias, sarna, impingem, sarampo, bexiga, lombrigas, etc.). Sobre o sentimento de perda dos pais, vale citar suas considerações: “A verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família hoje. Viria outro. O anjo ia para o céu. Para junto de Nosso Senhor, insaciável em cercar-se de anjos. Ou então era mau-olhado. Cousa feita. Bruxedo. Feitiço. Contra o que só as figas, os dentes de jacaré, as rezas, os tesconjuros”. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 57; E. SHORTER, **A Formação da Família Moderna**, 1975, p. 185-190; A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar. A criança no Portugal do Antigo Regime**, 2000, p. 224-225; G. FREYRE, **Casa Grande & Senzala**, 1958, 2º Tomo, p. 511.

coisas deveriam os pais “vigiar” no cuidado com os infantes. (I) O primeiro cuidado seria guardar os meninos das Bruxas, para “que os nam matem antes do Bautismo”. (II) A segunda tarefa seria que cuidassem em batizá-los “a tempo, & com a solenidade”. (III) Por fim, recomendava que os filhos fossem criados nos peitos de suas mães, e se não fosse possível que tivessem “grande escolha na eleiçam das amas”.<sup>211</sup>

I - Grande perigo, e razão para a vigília dos pais seriam as “diabólicas mulheres feiticeiras” que se transfiguravam em gatos, cachorros e outros animais domésticos, e matavam as crianças de peito chupando-lhes o sangue ou dando a estas a mama envenenada. Pretendiam as *Strigaes*, segundo o padre Alexandre de Gusmão, realizar feitiços com o sangue dos infantes, pois enganadas pelo Diabo acreditavam que com isso seriam impunes às penas do inferno.<sup>212</sup> Citando o demonólogo jesuíta Martín Del Rio, de fins do século XVI, padre Alexandre de Gusmão afirmou que nas partes da Germânia chegaram estas “femeas infernaes” a matar grande número de infantes.<sup>213</sup> Os sinais de uma criança “embruxada” segundo o mesmo padre Martín Del Rio, eram percebidos pelo surgimento de “algumas gotas de sangue, ou picaduras de alfinetes, ou os beicinhos feridos da peçonha”.<sup>214</sup> Padre Manoel Bernardes afirmou que estas “impiissimas mulheres” enviadas pelo Demônio para molestar o povo fiel de Deus, tinham por prática afogar os meninos em suas roupas de cama, ou enfiar-lhes agulhas por detrás da orelha.<sup>215</sup>

Mary del Priore destacou no imaginário e na literatura médica no período moderno a recorrência da atribuição da mortalidade infantil a feitiços. A historiadora enumerou algumas práticas que chegaram aos nossos dias, como a atribuição de poder

---

<sup>211</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 171-172.

<sup>212</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 172-173.

<sup>213</sup> “E destas femeas infernaes ouve alguas tam crueis, que chegáram a matar grande numero de creanças, como refere o nosso Del Rio, porque ouve Bruxa, que chegou a matar quarenta infantes, & em Germânia a alta foram queimadas oito Bruxas, que confessáram aver morto cento, & quarenta innocentes.”. A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 172. Sobre o fenômeno das bruxas na Europa moderna, em Portugal e na América Portuguesa, cf. José Pedro PAIVA, **Bruxaria e superstição num país sem caça às bruxas**. 1600-1774, Lisboa: Editorial Notícias, 1998; L. de MELLO e SOUZA, **O Diabo e a terra de Santa Cruz**, São Paulo: Companhia das Letras, 1986; L. de MELLO e SOUZA, **Inferno Atlântico**. Demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>214</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 172-173.

<sup>215</sup> Padre Manoel de Bernardes transcreveu a confissão de uma destas bruxas: “Andamos á caça dos meninos, que ainda não são baptisados; e tambem dos que já o são, principalmente se não estão armados com o signal da Cruz e orações. A estes no berço, ou á ilharga de seus paes os matamos com as nossas cerimônias; e cuidam, que os opprimiram, ou que morreram por alguma outra causa. E do logar onde os enterram, os tiramos, e cosemos em uma caldeira, até que esbrugados os ossos, fica toda a carne delida, e potável, a qual sorvemos; e do pé, que fica mais grosso, fazemos unguento com que nos untamos; e do mais liquido enchemos também um frasco, d’onde damos a beber aos principiantes quando professam a nossa arte, etc.”. M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 52-53.

curativo dos primeiros excrementos do bebê, o costume de enterrar o umbigo no quintal de casa, as benzeduras e rezas para proteção dos pequenos.<sup>216</sup> António Gomes Ferreira destacou que não só pela superstição popular passava a crença dos malefícios das bruxas. O autor citou o tratado médico de princípios do século XVIII, *Portugal medico ou monarchia medicolusitana*, de autoria de Brás Luis de Abreu, no qual o Demônio foi acusado de ter “ancia insasiavel nos infantes” ainda não batizados e quando não podem causar mal aos meninos “brancos, louros, alegres, e bem criados” jogava-lhe um “quebranto”.<sup>217</sup>

Gilberto Freyre relatou sobre este mundo colonial a existência de práticas místicas lançadas para a proteção dos recém-nascidos, como por exemplo, lançar o cordão umbilical no rio, colocar no pescoço do bebê uma chave para curar “sapinhos”, ou deixar as luzes acesas para afastar as bruxas.<sup>218</sup> Padre Alexandre de Gusmão assinalou esta “superstição”, que usavam as mulheres desde “antigamente”. O jesuíta não citou nenhum exemplo, mas preveniu aos pais que os “remédios” usados para proteger e curar os rebentos eram ineficazes. E se sucede de umas vezes eles terem efeito, “foi sómente pela virtude natural, que tem contra o humor viciado pelo Demônio, ou outra qualidade nociva à creança, & nam por virtude que têm contra a arte do Diabo, contra quem só póde prevalecer a virtude Deos”. O remédio para proteger os pequenos, segundo o jesuíta, estava em “armar os inocentes” com o sinal da Cruz, portar o *Agnus Dei*, aspergir Água Benta, as relíquias e as imagens de Santos em sua proximidade, para que assim “os inimigos infernaes temam combater os Soldadinhos de Christo”.<sup>219</sup> Infalível, sobretudo, para afastar as “diabólicas feiticeiras” e toda força do mal era o Batismo, “remédio da alma”.<sup>220</sup>

II - Diante da incerta existência nesta vida, era necessário salvaguardar a vida eterna. Diferentemente dos gentios no México que sacrificavam seus filhos aos Demônios, relatou padre Alexandre de Gusmão, os cristãos deveriam consagrar os filhos a Deus como “acto de Fé” e “verdadeira religiam, piedade, devaçam, & agradecimento”. E o modo disto, afirmou o jesuíta, em uma orientação que aparece comum e repetitivamente, era o Batismo. Através deste Sacramento, além de tornar os filhos “subditos da Igreja, & membros de Christo”, tomariam os pais para si e seus filhos a proteção e prêmios divinos.<sup>221</sup> Sentença

---

<sup>216</sup> M. L. M. del PRIORE, O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: M. L. M. del PRIORE, (Org.). **A História das Crianças no Brasil**, 1999, p. 90-91.

<sup>217</sup> A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar**. A criança no Portugal do Antigo Regime, 2000, p. 274.

<sup>218</sup> G. FREYRE, **Casa-Grande & Senzala**, 1958, 2º Tomo, p. 455.

<sup>219</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 173.

<sup>220</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 174.

<sup>221</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 164, 165, 175.

consoante às prescrições do Concílio de Trento a respeito do Batismo, que era indubitavelmente matéria de salvação.<sup>222</sup>

O arcebispo Dom Frei Bartholomeu dos Martyres (†1590) advertiu em seu catecismo que nenhum menino e nem adulto se podia salvar sem o Batismo, pois através dele o homem se tornava filho de Deus e herdeiro do Céu.<sup>223</sup> Segundo o padre João da Fonseca seriam três as benesses conferidas pelo recebimento do Sacramento: a primeira seria que pela graça o batizado deixaria de ser “filho do Demônio”, para tornar-se “filho adoptivo de Deus”, purificado de todos os pecados, inclusive do pecado original; a segunda seria o imprimir na alma do batizado um sinal de Deus que nunca se tira; e o terceiro que o batizado seria inscrito na Igreja, participando de todas as suas bênçãos.<sup>224</sup> Adão, representando a unidade da humanidade na explicação agostiniana, ao cair no primeiro pecado da desobediência, tornou a todos os homens herdeiros e participantes desde então do pecado e da morte.<sup>225</sup> “Nascem as

---

<sup>222</sup> O “sacrossanto Concílio Ecumênico de Trento”, visando “eliminar os erros e extirpar as heresias” cuidou em reafirmar a doutrina sobre os Sacramentos na Sessão VII (3/3/ 1547). Nos cânones sobre o Batismo, considerava-se matéria de excomunhão, por exemplo:

“Se alguém disser que ninguém deve ser batizado senão na idade em que Cristo se deixou batizar, ou na hora da morte - seja excomungado.”

“Se alguém disser que não se podem contar entre os fiéis as crianças, depois de terem recebido o Batismo, porque ainda não crêem realmente e por isso, quando chegarem aos anos de discipulação, devem ser rebatizadas; ou que é melhor omitir o seu Batismo do que batizá-las somente na fé da Igreja, antes que possam crer por um ato de fé produzido por elas mesmas — seja excomungado.”

“Se alguém disser que a estas crianças batizadas, quando crescerem, se lhes deve perguntar se querem ratificar o que os padrinhos prometeram em seu nome no Batismo; e [que], se responderem que não querem, deve-se deixá-las entregues ao seu próprio arbítrio, e que neste ínterim não se há de obrigá-las à vida cristã por meio de outro castigo senão afastando-as da recepção da Eucaristia e dos demais sacramentos até que se emendem — seja excomungado.”

Conforme o Concílio de Trento, pelos méritos de Jesus Cristo, o batismo seria o “remédio” para livrar o homem da culpa do pecado original.

“Se alguém afirmar que esse pecado de Adão – que é um pela origem e transmitido pela propagação e não pela imitação, mas que é próprio de cada um – se apaga ou por forças humanas ou por outro remédio, que não seja pelos méritos de um único mediador nosso Jesus Cristo, que nos reconciliou com Deus por seu sangue, fazendo-se para nós justiça, santificação e redenção (I Cor 1, 30); ou negar que o mesmo mérito de Jesus Cristo, devidamente conferido pelo sacramento do Batismo na forma da Igreja, é aplicado tanto aos adultos como às crianças – seja excomungado, porque sob o céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos (At 4, 12); daí aquela palavra: Eis o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo (Jo 1, 29); e esta outra: Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Jesus Cristo (Gl 3, 27).” **Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563)**. *Versão digital*. Sessão VII (3/3/1547) – Sobre os Sacramentos. Sessão V (17/6/1546) – Decreto sobre o pecado original.

<sup>223</sup> Bartholomeu MARTYRES, **Cathecismo ou Doutrina Christã e praticas espirituales**, Lisboa: Officina João Galvão, 1686, p. 116-117 [1ª Edição de 1564].

<sup>224</sup> O primeiro sacramento foi definido ainda pelo padre como o “vazo de óleo celestial, que cura a chaga do pecado original”, livrando as almas da “escravidão do Demônio”, pelo padre João da Fonseca. J. da FONSECA, **Escola da doutrina christã**, 1688, p. 236, 239. Cf. J. SANTA MARIA, **Brados do pastor às suas ovelhas**, Dedicado ao bom pastor das almas Christo Jesus à soberana May de Deos, Rainha dos Anjos. Lisboa: Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1731, p. 163-164.

<sup>225</sup> O historiador Jean Delumeau afirmou que a civilização cristã, notadamente entre os séculos XV e XVIII, colocou como centro norteador de suas preocupações teológicas e doutrinárias a questão da queda do primeiro homem. O termo “pecado original” cunhado por Santo Agostinho a partir da Epístola aos Romanos (5: 12-21) que afirma que o pecado e a morte entraram no mundo através de Adão, dirimiu as querelas reformistas e católicas, identificadas em muitas representações iconográficas e nas letras de intelectuais do período moderno.

crianças chorando o peccado de Adão”, afirmou padre Alexandre de Gusmão em *Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio*. Começando os machos seu choro pela letra “A” de Adão, e as meninas pela letra “E”, para lembrar a primeira mulher e pecadora Eva.<sup>226</sup>

Padre Manoel Bernardes relatou um caso assombroso para atestar o poder purificador do Batismo. Castano, rei da Tarturia, conquistando a Síria no ano de 1298 tomou por esposa a filha do rei cristão daquelas terras. Vindo a princesa a conceber, deu à luz a uma criatura tão feia e disforme, que segundo o padre nem “parecia da espécie humana”. O imperador indignado, não quis reconhecer o “monstro”, e suspeitando ser fruto de adultério, convocou seu conselho para punir a esposa infiel. Vendo-se a mãe cristã em perigo, orou e pediu que pudesse batizar a criatura. “Caso maravilhoso!” ocorreu ao pequeno batizado. Repentinamente o menino tornou-se “formoso e engraçado”, vindo seu pai a converter-se diante de tamanho milagre. Conclui o padre que a feiúra do menino monstruoso era semelhante ao homem no estado da culpa do pecado original, e a beleza depois do batismo simbolizaria o estado da graça divina que seria alcançado com o Sacramento.<sup>227</sup>

A condenação ao descuido dos pais em relação ao Batismo de seus rebentos aparece recorrentemente na literatura religiosa. Padre Alexandre de Gusmão lastimou o grande descuido que tinham nisto os pais Católicos, “exercitando obra de tanto mysterio, como se fosse outro qualquer negocio secular sem actuar a intençam ao fim sobrenatural para que foi instituído”.<sup>228</sup> A se notar pelos testemunhos do bispo José de Santa Maria, do Cabo Verde, e das admoestações do padre Manoel Barnardes, no Reino, foi um fato comumente registrado no mundo português.<sup>229</sup> Incúria dos pais, que pareciam fazer “ouvidos moucos” às expressas orientações nesta matéria da Igreja pós-Trento, conforme observamos em seus ditames conciliares.

---

Ainda segundo o autor, a idéia sobre o pecado original influenciou as atitudes coletivas sobre a infância, colocando em pauta de discussão na cultura dirigente o “estatuto da infância”. J. DELUMEAU, **O pecado e medo**. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18), 2003, Volume I, p. 464, 465, 469, 502-515.

<sup>226</sup> A. de GUSMÃO, **Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio**, 1678, p. 113.

<sup>227</sup> M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 48-49.

<sup>228</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 175 - 176.

<sup>229</sup> José Santa Maria lamentou o descuido dos cristãos de seu bispado de Cabo Verde com o Sacramento do Batismo. Advertiu também aos senhores de escravos, para que tivessem “muyto cuydado, e dilijencia em os persuadir a serem christãos (...) para o que lhes he precisamente necessário receberem o Sacramento do Baptismo, porque se morrerem sem elle, certamente irão suas Almas para os Infernos para a companhia dos Demônios.” J. SANTA MARIA, **Brados do pastor às suas ovelhas**, 1731, p. 163 - 165. Padre Manoel Bernardes apontou como erro dos pais o retardarem o Sacramento do Batismo por causa dos “apparatos pomposos, ou por outros respeitos do mundo”. Afirmou o oratoriano português, que embora não houvesse nem nas Escrituras, nem nas Leis Eclesiásticas discriminadas o “tempo certo” para o Batismo, era costume hodiernamente que recebesse o sacramento na infância conforme a Circuncisão na “Lei antiga”, no oitavo dia do nascimento. M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 45-46.



Em relação a este desmazelo na Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide relatou no ano de 1712 em missiva ao rei D. João V sobre as condições da fé Católica nesta província. O arcebispo fez esmerado apelo em favor do Arcebispado, que sendo muito vasto, padecia de sustento espiritual, necessitando de um maior número de sacerdotes e igrejas. Especialmente sobre o Recôncavo Baiano relatou a precariedade de acesso à região e o isolamento dos paroquianos, que ficavam desassistidos dos Ofícios Divinos, e da administração dos Sacramentos. Lamentou, segundo suas próprias palavras, a “indecência” com que estava sendo ministrado o Batismo, pois, comumente dilatavam os pais os dias para a cerimônia alegando serem distantes e maus os caminhos de condução e os perigos a que se expunha a criança em seu transporte até a paróquia mais próxima, como por exemplo, a falta de leite.<sup>230</sup>

O cerimonial do Batismo significava para a Igreja pós-Trento muito mais que o simples derramar de água natural sobre a cabeça do indivíduo, e o proferir da sentença “Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo”.<sup>231</sup> Como que em um “rito de passagem”, a criança era exorcizada do pecado original, recebendo a “graça de Deus”. Além disto, no momento solene do batismo, a criança receberia seu prenome.<sup>232</sup> Padre Alexandre de Gusmão aconselhou que não se considerasse somente “brazões & títulos de famílias”, pois mais importante era a devoção ao santo escolhido por afeto dos pais ou pelo dia que a criança nasceu, para que tivessem os meninos ”patronos, & singulares advogados dos filhos, para que os amparem, & defendam no negocio da salvação”.<sup>233</sup> Padre Manoel Bernardes considerou que erro dos pais seria impor “nomes do gentilismo”, antes, que os meninos através do nome de algum santo, exercitassem a devoção e imitação de sua vida pia, recebendo deste o amparo e defesa “dos perigos da alma, e corpo”.<sup>234</sup>

Segundo o padre Alexandre de Gusmão, importava que os pais tivessem a devida atenção na escolha dos padrinhos. Os pais escolhiam compadres, não atentando para o que

---

<sup>230</sup> Sebastião Monteiro da VIDE, Notícias do Arcebispado da Bahya, para se poder supplicar a S. Magestade em favor do Culto Divino, e da Salvação das Almas. Bahia, 1712. In: Cândido da Costa e SILVA, **Notícia do Arcebispado de São Salvador da Bahia**, Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2001, p. 40.

<sup>231</sup> Sobre a indicação da administração deste sacramento no Arcebispado da Bahia, cf. Sebastião Monteiro da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, Edição Fac-similar de 1853, Brasília: Edições do Senado Federal, 2007, Título X – Do sacramento do Baptismo, de sua matéria, forma, ministro, e effeitos, p. 11-14.

<sup>232</sup> A escolha do nome, como analisou François Lebrun no contexto da Europa na modernidade, era revestido de um duplo caráter: religioso e mágico, com “a proteção simultânea de um grande santo (dado ao mesmo tempo como modelo) e dos antigos chefes da família ou deste ou daquele parente assim reencarnado”. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, p. 116-118. Cf. C. HEYWOOD, **Uma história da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**, 2004, p. 70-75.

<sup>233</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 176.

<sup>234</sup> M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 55.

havia ordenado a Igreja como tarefa dos padrinhos, que era “ensinar, & instruir o afilhado nas cousas da Fé, & bons costumes” e amparar a criança caso os pais faltassem.<sup>235</sup> Padre João da Fonseca em uma sentença muito semelhante também advertiu sobre a obrigação dos padrinhos, que eram parentes espirituais, em ensinar as “couzas da fé, & bons costumes”, quando os pais não pudessem ou fossem negligentes.<sup>236</sup> Deste modo podemos perceber que o Batismo, para além de suas funções “mágicas” e religiosas cumpria papel social e de integração da criança e das famílias na comunidade.<sup>237</sup>

Somente o Pároco deveria ministrar o Sacramento na igreja, mas estando o bebê em perigo de morte, que cuidasse a parteira ou alguma outra pessoa em realizar o rito.<sup>238</sup> As crianças batizadas que viessem a morrer no estado de inocência, afirmou o padre Alexandre de Gusmão baseado nos ditames do Concílio de Trento, iriam prontamente encontrar Deus. O descuido dos pais nesta matéria poderia significar aos filhos a pena do Purgatório, ou o limbo para os inocentes. Pelo que deveriam estar os pais atentos aos filhos defuntos, oferecendo sufrágios, missas e realizando obras caritativas. E, se porventura não precisasse o “anjinho” destes socorros espirituais, em uma negociação na “economia da salvação”, afirmou o jesuíta, “a providente misericórdia de Deos nosso Senhor tem cuidado de aplicar as almas dos parentes mais chegados; ou guardallo no tesouro da Igreja para quando os pays delle necessitem”.<sup>239</sup>

---

<sup>235</sup> A. GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 176.

<sup>236</sup> J. da FONSECA, **Escola da doutrina christã**, 1688, p. 239.

<sup>237</sup> Luiz Mott em artigo sobre a religiosidade no período colonial, fez menção a E. Durkheim ao observar que as cerimônias e os ritos públicos têm a função de catalisar os elos comunitários e estreitar os mecanismos de controle social, como podemos observar destacadamente em relação ao Batismo. Luiz MOTT. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: Laura de Mello e SOUZA (Org.), **História da Vida Privada no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Vol. 1, p. 160.

<sup>238</sup> Padre Alexandre de Gusmão descreveu para os seus leitores a forma que deveria ser ministrado este sacramento “emergencial”: “Lançando sobre a creança água natural, que he, ou a do mar, rio, poço, ou da chuva, de modo que toque na carne da creança, diga: Antonio, eu te bautiso em nome do Padre, & do Filho, & do Espírito Santo. Amem.”. Sobrevivendo a criança deveria então ser levada para que se cumprisse o ritual na Igreja. A. GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 175. João Felipe Betendorf, em seu catecismo escrito em português e “língua brasílica”, instruiu sobre o Batismo de crianças em perigo de morte por motivo de parto trabalhoso que se batizasse o braço, mão, pé, ou qualquer outra parte, mas que cuidasse em assegurar a salvação de sua alma. João Felipe BETENDORF, **Compendio da Doutrina Christã**, Dedicada à Soberana Virgem Mãe de Deos Nossa Senhora da Luz. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1678, p. 117-118.

<sup>239</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 128, 133. Jean Delumeau analisou as idéias teológicas sobre o destino da alma das crianças inocentes mortas sem batismo, no purgatório ou limbo no contexto da culpabilização na mentalidade dos séculos XVI - XVIII. Relatou curiosos casos do batismo dos inocentes mortos pela devoção dos pais nos chamados “santuários de trégua”. Francis Rapp, analisando a religiosidade no Ocidente em fins da Idade Média, fez breve menção também a estes santuários “de suspiro”, aos quais os pais levavam os pequenos nascidos mortos, crendo que por um breve instante a Virgem ressuscitaria o bebê para receber o Sacramento. J. DELUMEAU, **O pecado e medo**. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18), 2003, Volume I, p. 515 – 535; F. RAPP, **La Iglesia y la vida religiosa en Occidente a fines de la Edad Media**, 1973, p. 99. Cf. F. LEBRUN, **A vida conjugal no Antigo Regime**, s/d, p. 115.

III – A recomendação do padre Alexandre de Gusmão sobre o aleitamento materno, tratado no terceiro capítulo da segunda parte – “De quanta importancia he para a boa creaçam dos mininos, serem criados aos peitos de suas proprias mays”, deve ser compreendida no contexto crescente de produção literária em torno da alimentação dos rebentos ao longo dos séculos XVI e XVII. Renomados intelectuais como John Locke em seu tratado já citado sobre a educação das crianças, e posteriormente Jean Jacques Rousseau em *Emile* (1762) trataram desta matéria.<sup>240</sup> A defesa da idéia da prática da amamentação materna em Portugal aparece com grande destaque nos tratados de puericultura a partir dos Setecentos.<sup>241</sup>

Encontramos referência ao aleitamento materno em obras de gêneros bem distintos. Em sua gramática de língua portuguesa, padre João de Barros (†1570) afirmou que “mayor beneficio & mais nutrimento” recebem os meninos do “leite de suas próprias madres que das amas, posto que mais grosso, & melhor complexam seja”. Comparou a amamentação com a língua que os meninos aprendem ainda pequenos, materna e natural, distinta da língua “madrasta”, dificultosamente aprendida depois de crescidos.<sup>242</sup> Francisco da Sylva, no “espelho de príncipes” analisado no primeiro capítulo, aconselhou que as mães (mesmo as de nobre estirpe) devessem amamentar aos seus filhos. Por ser alimento próprio do corpo humano, poderiam ser conservadas mais facilmente as forças corporais dos bebês, razão pela qual advertiu que as mães fossem amas de seus filhos, e os criassem e sustentassem em seus peitos. Era isto, segundo o autor, “não só obrigação natural”, como também demonstração de generosidade e virtude.<sup>243</sup>

Padre Alexandre de Gusmão apontou motivações nutricionais, afetivas e morais para defender as virtudes da amamentação materna, citando histórias bíblicas, e alguns santos doutores, como Santo Ambrósio e São Jerônimo.<sup>244</sup> Inicialmente afirmou que não havia outro leite tão saudável aos filhos quanto o da própria mãe, uma vez que esse era o mesmo líquido

---

<sup>240</sup> Cf. F. LEBRUN, *A vida conjugal no Antigo Regime*, s/d, p. 124-126; C. HEYWOOD, *Uma história da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*, 2004, p. 88-97.

<sup>241</sup> António Gomes Ferreira afirmou que estas idéias esbarraram na barreira da tradição. Comumente, descreveu o autor, não se desaconselhavam dar o colostro aos recém-nascidos, acreditando que era necessário que o bebê ficasse sem mamar os primeiros dias, sendo sustentado por alguma mistura laxativa para ajudar a expelir o mecônio. Detidamente sobre o aspecto da nutrição infantil a partir de seus primeiros dias de vida ver, António Gomes Ferreira, *Gerar Criar Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, 2000, p. 178-194.

<sup>242</sup> João de BARROS, *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Dedicada ao muito alto e excelente príncipe Dom Felipe nosso Senhor. Lisboa, 1539, dedicatória. Nos catálogos da Biblioteca Nacional, esta obra foi registrada como primeiro livro didático do mundo, segunda gramática em língua portuguesa, e exemplar único. Na dedicatória, digno de nota que tenha sido riscado o nome do rei Felipe de Castela, e escrito “Joam”.

<sup>243</sup> F. SYLVA, *Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores*, 1644, p. 39-42.

<sup>244</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 176.

que o havia alimentado nos meses de gestação. A ciência médica no período moderno desconhecia a anatomia do corpo feminino e os mistérios da contracepção. Idéia difundida, por exemplo, era que o feto se alimentava do sangue das mães e o leite materno era o mesmo que o líquido uterino (amniótico).<sup>245</sup> Segundo o padre, o leite materno tinha poderes curativos, bastando “muitas vezes meter-lhe o peito na boca para sarar” as crianças. Assim, concluiu o jesuíta, “a experiência nos tem ensinado, que os mininos criados com o leite próprio de suas mãys, sam em piquenos menos doentes, & em grandes mais robustos”.<sup>246</sup>

A segunda importância apontada pelo padre Alexandre de Gusmão dizia respeito à ligação criada com o lactante, estreitando os laços maternais. Cruéis eram as mães que tinham condição para amamentar e não o faziam. Amorasas eram as que amamentavam, e que deste modo teriam os filhos por dívida o honrar e ser obedientes por toda a vida. O jesuíta exemplificou isto com a anedota de que para caçarem rinocerontes bastaria mostrar os peitos de uma donzela, que o feroz animal facilmente se deixava capturar. Disto conclui o padre que se os ferozes animais se renderiam quanto mais se dobrariam os filhos desobedientes diante da lembrança de terem suas mães o amamentado quando pequenos.<sup>247</sup>

Indagou padre Alexandre de Gusmão, “se a mãy nam crear os filhos a seus peitos senam a escrava, como se poderá aproveitar de tam poderosa consideraçam?”.<sup>248</sup> Para o jesuíta isto se expressava na preocupação moral de que seriam passadas as inclinações e os costumes através da mama. “A peçonha delida no leite he mais nociva, que em outro qualquer licor; assim he também a inclinaçam peçonhenta, que se mama com o leite do peito”.<sup>249</sup> Idéia exemplificada nas lendas de Rômulo e Remo, que eram inclinados a latrocínios, por terem mamado em loba, e de Habis que corria como veado, por ter mamado de uma veada. Deste mesmo modo,

O cabrito (diz o Santo [Sam Bernardino]) que mama na ovelha, tem o pélo brando, & o cordeiro, que mama na cabra, tem o pélo brando, & o cordeiro, que mama na cabra, tem o pélo áspero, porque nam he menos poderoso o leite do peito para mudar a natureza, que o sangue do ventre para a conservar.<sup>250</sup>

---

<sup>245</sup> Cf. A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar**. A Criança no Portugal do Antigo Regime, 2000, p. 82-83; M. L. M. del PRIORE, **Ao sul do corpo**. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993; M. L. M. del PRIORE, *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino*. In: M. L. M. del PRIORE, C. BASSANEZI (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**, 1997, p. 78-114.

<sup>246</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 180.

<sup>247</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 185 – 186.

<sup>248</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 186.

<sup>249</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 182.

<sup>250</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 181.

Advertiu o jesuíta que as mães quando não pudessem amamentar seus filhos, deveriam escolher com cuidado as amas-de-leite.<sup>251</sup> Podemos observar que a prática da entrega dos bebês às amas no período moderno é assunto recorrente na historiografia da Infância. Costume comum nos meios abastados, nobres e burgueses, esta prática foi apontada por alguns estudiosos como sinal próprio do “desamor” de antanho pelos rebentos. Moralistas e religiosos do período dos mais variados pontos da Europa, segundo destacado por Colin Heywood, redargüiam que ideal fosse a mãe amamentar, e se assim não pudesse, que se tratasse de escolher amas de bons costumes e jovens.<sup>252</sup>

A respeito da prática na América Portuguesa, Maria Beatriz Nizza da Silva afirmou que o aleitamento era tarefa doméstica das amas escravas, que eram para este fim alugadas ou compradas.<sup>253</sup> Sobre este assunto, nenhum outro autor dispensou maior atenção ou importância que Gilberto Freyre. Na sociedade estruturalmente escravista (e canavieira, por melhor dizer), as amas passavam aos seus “sinhozinhos” os primeiros contatos com o mundo. As amas-de-leite faziam parte da primeira infância dos meninos e meninas das casas-grandes. Através deste estreito contato do primeiro sustento do amamentar, nos cuidados, das canções de ninar, das histórias para dormir e amedrontar menino, segundo Freyre, imprimiu-se na alma dos brasileiros sinais de negritudes.<sup>254</sup> Das polêmicas conclusões do estudioso pernambucano traçadas sobre o “amoldamento” da sociedade e cultura nacionais não nos deteremos aqui. Chama-nos atenção contudo, que na descrição desta sociedade colonial, a criação na primeira infância estava ao encargo e influência das negras mucamas. Costume que nos parece contrário às advertências do padre Alexandre de Gusmão, que ecoavam na moralização católica dos pequenos rebentos.

\*\*\*

Importava ainda para a boa criação dos meninos dedica-los ao patrocínio e devoção da Virgem Maria desde tenra idade.<sup>255</sup> Sobre a importância desta devoção, tratou no capítulo XV da segunda parte – “De quanta importância he crear os mininos na devoção da Virgem Maria nossa Senhora”. A importância desta matéria não era fácil de se declarar em um só

---

<sup>251</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 188.

<sup>252</sup> Cf. P. ARIÈS, *História Social da Criança e da Família*, 1981, p. 236-237; E. SHORTER, *A Formação da Família Moderna*, 1975, p. 199-200; A. G. FERREIRA, *Gerar Criar Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, 2000, p. 179-185; C. HEYWOOD, *Uma história da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*, 2004, p. 88-94.

<sup>253</sup> M. B. N. da SILVA, *História da Família no Brasil colonial*, 1998, p. 207-208.

<sup>254</sup> Cf. G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, passim.

<sup>255</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 165.

capítulo, afirmou o jesuíta.<sup>256</sup> E esta “matéria” da devoção o jesuíta realmente não dissertou somente neste capítulo de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*. Foi o mote de *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, e parte importante da cultura escolar do Seminário de Belém, como veremos no capítulo seguinte.

O culto mariano sabidamente marcou a catolicismo no período moderno, e esteve presente na religiosidade deste mundo luso-brasileiro.<sup>257</sup> De modo que nas recomendações do jesuíta, marcadas pela preocupação religiosa na “reforma dos costumes” da Cristandade, a devoção a Soberana Senhora era essencial para a criação de meninos virtuosos. Afirmou o padre que, assim como os meninos tiravam maior proveito dos leites de suas mães, assim eram o “leite da devaçam da Virgem he o maior proveito para saúde de suas almas, mais que outra qualquer industria, ou política humana”. Fazia-se particularmente importante o estímulo no amor à Virgem Santa, pois assim seriam conduzidos em pureza e castidade para acertar desde logo os caminhos da vida.<sup>258</sup>

## 2.2 – A IDADE DA PUERÍCIA.

Passados os anos da primeira infância, entrava o menino nos ditos “anos de discricção”. Idade dos “meninos-diabos”, que se passava aproximadamente dos sete aos dez anos de idade.<sup>259</sup> Idade definida como quando passariam a ter a “luz da razão”, conhecimento do bem e do mal, não sendo mais considerados, portanto, como “inocentes”.<sup>260</sup> Marco etário nos sistema de “idades da vida”, que corresponderia à puerícia.<sup>261</sup> Sobre esta fase, padre

---

<sup>256</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 283.

<sup>257</sup> Charles R. Boxer tratando da mariologia no mundo ibérico mencionou o padre Alexandre de Gusmão em sua prédica sobre a importância das Congregações da Virgem da Companhia de Jesus, que trataremos no capítulo seguinte. Charles R. BOXER, *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815): Alguns Factos, Idéias e Personalidades*, Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 128-129; 130-135. Cf. F. RAPP, *La Iglesia y la vida religiosa en Occidente a fines de la Edad Media*, 1973, p. 105-106. L. MOTT. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: L. de M. e SOUZA (Org.), *História da Vida Privada no Brasil*, 1997, Vol. 1, p. 185.

<sup>258</sup> A este respeito o padre Alexandre de Gusmão redarguiu com o exemplo de meninos Santos, que destacamos no capítulo anterior, como os beatos “Estanislaio” e “Luis Gonzaga”, e também como Santo Ildelfonso, Santo Thomas de Cantuaria, Santo Alano, São Hermano, e outros. A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 283-284.

<sup>259</sup> Esta expressão foi usada por Gilberto Freyre ao descrever as travessuras dos meninos pelos engenhos. Cf. G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, p. 573.

<sup>260</sup> Padre Alexandre de Gusmão afirmando a necessidade dos sufrágios pela alma dos meninos defuntos, afirmou que muitos pais se enganavam em tratar o mesmo que “idade da puerícia, que idade de innocencia”, pois eram estes já capazes de dolo. A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 132.

<sup>261</sup> Na historiografia sobre a Infância, destaca-se esta idade como marco na infância, com divisões de gênero e diferentes relações de sociabilidade. Cf. F. LEBRUN, *A vida conjugal no Antigo Regime*, s/d, p. 128-131; A. G. FERREIRA, *Gerar Criar Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, 2000, p. 365-367; C.

Alexandre de Gusmão dissertou orientações espirituais e morais para a boa educação. Sobre que coisas principalmente se devem instruir nesse tempo aos meninos? – indagou o padre, e em seguida esclareceu ao leitor: “A primeira, & principal cousa he a noticia de Deos, & mysterios principaes de nosssa Fé, de sorte que com a luz da razam nasça juntamente o conhecimento do Creador”.<sup>262</sup>

Tratando da importância dos meninos serem criados em piedade e devoção, padre Alexandre de Gusmão registrou sua opinião sobre o comportamento social com a Infância em seu tempo. Relatou o jesuíta que via muitos pais cuidadosos em trazer os filhos pequenos “muito enfeitados, & alindados”, e dos mistérios da Fé e piedade não faziam caso. Meninos com “espadinhas prateadas” e “vestidos de seda arrendada de prata”, sem que tivessem ao menos cartilhas, nem Rosários ou Livros de Horas de Nossa Senhora. “Estes podereis esperar, que sejam bons vadios, nam bons Cristãos ou bons Doutores” – advertiu o padre. Outros pais ainda ensinavam aos filhos a dançar, tocar viola, cantar, esgrimir, mas dos exercícios da oração, confissão, “pouco ou nada curam”. Com esta criação saíam “bons dançantes, ou bons cavalleiros, mas nam bons Christãos”.<sup>263</sup>

As afirmações sobre a importância e obrigação dos pais quanto à doutrina de seus filhos estavam coadunadas às prescrições das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), para o bom governo do Arcebispado, “direcção dos costumes, extirpação dos vícios, e abusos, moderação dos crimes, e recta administração da Justiça”.<sup>264</sup> No Título II declarou-se a obrigação dos “pais, mestres, amos e senhores” a respeito de “ensinar, ou fazer ensinar, a doutrina christã aos filhos, discípulos, criados e escravos”, pois,

(...) não só importa muito, que a Doutrina Christã e bons costumes plantem na primeira idade, e pueria dos pequenos, mas também se conservem na mais crescida dos adultos, aprendendo uns juntamente as lições de ler, escrever, as do bem viver no tempo, em que a nossa natureza logo inclina para os vícios, e continuando seus mysterios aquelles, que novamente os ouvirem (...).<sup>265</sup>

Há uma recomendação especial para que fossem os cativos doutrinados, por serem estes mais “necessitados desta instrução pela sua rudeza”. Todos deveriam, sobretudo ser “instruídos em tudo que importa a sua salvação”: os Artigos da Fé, os Mandamentos, os

---

HEYWOOD, **Uma história da Infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente, 2004, p. 141-158.

<sup>262</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 189.

<sup>263</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 277.

<sup>264</sup> Recomendação aos “Reverendos Deão, Dignidades, Conegos e Cabido da Sé Metropolitana, e mais Beneficiados, e a todas as pessoas Ecclesiasticas, e seculares”. Cidade da Bahia, 21 de julho de 1707. In: S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007.

<sup>265</sup> S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 2.

Sacramentos, o Padre Nosso e a Ave Maria. Na conclusão do capítulo, advertiu-se que os estariam as pessoas responsáveis por esta questão gravemente encarregados, “para que assim o facão, attendendo á conta, que de tudo darão á Deos nosso Senhor”.<sup>266</sup> Novamente podemos observar que as prescrições sobre a boa criação (doutrinação e moral) para a Infância integravam um projeto mais amplo de doutrinação e moralização das famílias, e de toda a “Cristandade”.

Não havia “escusa”, afirmou padre Alexandre de Gusmão para que os pais não cuidassem em ensinar a doutrina para os filhos desde tenra idade. Embora os filhos que morressem nesta idade pudessem se salvar sem conhecimento de toda a doutrina, não ficavam sem culpa os pais pela sua negligência. De modo sumário afirmou o jesuíta que os meninos deveriam ter ciência das coisas “sem cuja noticia, se nam podem salvar”: “há hum só Deos, que premia os bons, & castiga aos maos”, os mistérios da Santíssima Trindade, e da Encarnação de Cristo, a obrigação dos atos de Fé, Esperança e Caridade. Deveriam ainda saber o Credo, o *Pater Noster*, os Mandamentos e os sete Sacramentos.<sup>267</sup>

Analisemos a recomendação do Padre Alexandre de Gusmão para esta idade da “discrição” na atenção a dois Sacramentos: a Confirmação e a Penitência. Embora não fosse considerada condição para salvação, sem a Confirmação estariam os meninos privados de “grandes bens espirituas”.<sup>268</sup> Os meninos deveriam ser instruídos sobre a Penitência, por três razões: a obrigação do preceito por serem já os meninos capazes de dolo, a necessidade do remédio (“como os mininos sam sujeitos á doença, que he o peccado, tem necessidade do Sacramento”), e a sua própria utilidade na salvação. Fazia-se necessário que os meninos observassem a Confissão, para assim restituir a inocência, “antes que nelles lance raizes o peccado”, e acostumar os meninos para os tempos de “mancebo”, para que não dilatassem em muito tempo o Sacramento, “com ta[n]to danno de suas almas, & risco da salvaçam.”.<sup>269</sup>

Sobre esta importância dos Sacramentos, e de modo mais amplo da importância dos pais ensinarem nos santos e bons caminhos, devemos fazer um pequeno e breve parêntese. Vale citar a novela alegórica *História do predestinado Peregrino e seu irnam*

---

<sup>266</sup> S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 2.

<sup>267</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 192.

<sup>268</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 194-195. Nas *Constituições*, o segundo Sacramento, que deveria ser ministrado a partir dos sete anos, foi definido como unção do cristão batizado através do Chrisma aumentando a fê corroborando a Fé nos que o recebem, e embora não fosse obrigado recebe-lo, pecava mortalmente que não o fizesse tendo condições para tal. S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 31.

<sup>269</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 196-197. Sobre a Penitência afirmou ser a segunda taboa de salvação do cristão, através da contrição, confissão e arrependimento. S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 54. **Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563)**, *Versão digital*, Sessão XIV (25/11/1551) – Doutrina sobre a Penitência.



*Precito*, escrita, segundo o padre Alexandre de Gusmão, para servir como um “roteiro da vida, ou morte sempiterna”.<sup>270</sup> No Proêmio, o jesuíta, que não era muito dado a arroubos poéticos, descreveu o sentido desta sua obra. Foram todos os homens desterrados pelo pecado de Adão, vivendo neste “vale de lagrimas” como peregrinos e caminhantes, e pelo mérito de Cristo rumariam à pátria celestial. Assim, observando os passos de dois irmãos peregrinos, que pelas escolhas em vida alcançaram diferentes destinos, o leitor poderia “saber os caminhos, & procurar a entrada” do Céu.<sup>271</sup>

Nesta narrativa metafórica podem ser compreendidos elementos de orientação sobre a educação e boa criação. Viviam os dois sobreditos irmãos em Gerson, no Egito, que segundo o padre significava “desterro”. Casaram-se ambos: o Predestinado com Razão (“Santa e Honesta Virgem”), e Precito com Própria Vontade (“roim e corrupta fêmea”). Os filhos de Predestinado, Bom Desejo e Recta Intenção, eram muito bem criados, por serem filhos da Razão e nunca estarem em companhia de sua cunhada Própria Vontade, sendo educados nas boas artes na escola da Verdade. Os rebentos de Precito eram muito mal doutrinados, pois além de sua filiação, foram enviados pelo pai para aprender a “politica do mundo” na escola da Mentira, ouvindo as opiniões de “Atheo”, tornaram-se cada vez piores.<sup>272</sup>

Em sua caminhada rumo a Jerusalém, Predestinado observou no jardim chamado “Graça Sacramental”, na cidade de Nazaré que os seus sete chafarizes jorravam da Pedra Angular (na teologia cristã o próprio Jesus Cristo é a pedra fundamental).<sup>273</sup> De forma alegórica o jesuíta dissertou sobre os Sacramentos, a partir das observações de Predestinado sobre os ditos chafarizes, a sua substância e utilidades para a purificação rumo a Jerusalém celestial. O chafariz denominado de Confirmação, cujas águas tinham a propriedade de confortar a alma “para os combates da fé”, confirmavam o cristão como “soldado de Christo” e escrevendo seu nome no livro de “Sua matricula”.<sup>274</sup> Sobre o quarto chafariz, ou melhor, sobre o quarto Sacramento, da Confissão, o peregrino provou das águas na cidade Cafarnaú, que segundo o inaciano significava penitência. Visitou Predestinado o Palácio de Confissão, Contrição e Satisfação, observando que para ali permanecer, era necessário o exame de

---

<sup>270</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, Prologo ao Leytor.

<sup>271</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 1-2.

<sup>272</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 4-5.

<sup>273</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 68-69.

<sup>274</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 193.

consciência, “pondo em lembrança tudo aquilo, em que avia delinqüido” para fazer a Confissão com exatidão, arrependimento e penitência.<sup>275</sup>

Conforme a *devotio* moderna, as virtudes deviam ser cultivadas para a formação do bom cristão. Em linhas gerais, importava dominar as paixões, temendo o pecado, e almejando a perfeição no exemplo da vida de Jesus.<sup>276</sup> Os cristãos deveriam, por exemplo, passar ao largo dos maus caminhos escolhidos por Precito. Em sua jornada para Babilônia, que veio a culminar com a condenação eterna no fogo ardente do Inferno, o vicioso e pecador peregrino, passou pela cidade de Edem, que significava “deleite”. Tinha por governador um homem muito “afeminado” chamado Regalo, casado com a mimosa e delicada Delicia, e por mordomo um moço chamado Bemmequero. Os moradores desta cidade eram inclinados a toda sorte de vícios. Os mercadores apenas vendiam “sedas, olandas, partilhas, perfumes, & tabacos”. E nestes luxos e galas (como suas cabeleiras e vestidos), gastavam tudo o que possuíam, não cuidando da caridade e nem das coisas sagradas. Havia um mal comum nesta terra chamado Mimo, que fazia nascer nos homens uns “achaques”, como a preguiça, o descuido, a frouxidão e a tibieza.<sup>277</sup> Por certo não era nesta “cidade” que os pais honrados encaminhariam seus filhos.

Os meninos deveriam ser estimulados na santidade, castidade, honestidade e pureza. Para tanto, importava atentar para todos os aspectos da infância, como por exemplo, das brincadeiras. Sendo tão próprio o brincar, afirmou o padre Alexandre de Gusmão que deviam ser permitidos aos meninos cristãos, jogos “honestos, & próprios daquela idade, com que aliviem o enfado do estudo, & fujão a ociosidade”. Dirigiu o padre graves advertências contra os jogos ilícitos, nocivos ou defesos, “porque os que se costumam a estes jogos desde a puerícia, nunca podem ter boa creação”.<sup>278</sup> Apropriados e “honestos” eram: o jogo do aro,

---

<sup>275</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 146. O quinto chafariz manava óleo, pois era justamente o da Extrema Unção para esforço da alma contra as chamas condenatórias. O sexto chafariz, o da Ordem, também era de óleo, do qual somente poderiam tomar os que pretendessem ser “Ministros desta grande Senhora a Igreja Catholica”. Somente lavados neste óleo estaria o individuo apto para “tratar das couzas sagradas”. Por fim, o último chafariz, o Matrimônio, apagava nos individuos os “incêndios illicitos da Concupiscencia da carne”. A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 72 - 76.

<sup>276</sup> John BOSSY, **A cristandade no Ocidente 1400 – 1700**, Rio de Janeiro: Edições 70, 1990, p. 120; F. RAPP, **La Iglesia y la vida religiosa en Occidente a fines de la Edad Media**, 1973, p. 105-106.

<sup>277</sup> A. GUSMÃO, **Historia do predestinado Peregrino e seu irmam precito**, 1682, p. 130-133.

<sup>278</sup> (1) ilícitos = desonestos: “balhos, danças, & outros certos brincos, de que os mininos aprendem mão exemplo, & abrem os olhos para a malicia.” (2) nocivos = os “que alguns pays prmittem aos filhos, que lhes podem ser nocivos á vida”: “jugar pedras, esgremir, correr a cavallo, & outros semelhantes, em que os mininos aprendem a ser espadachins, impacientes, cruéis, & soberbos, & correm grandes riscos, & desventuras.” (3) os jogos q os pais devem livrar os filhos são os “defesos”, “dados, cartas, & outros, que sam próprios de tafularia; porque os pay, que permite o filho ser taful em minino, que espera venha a ser em mancebo, senam ladram, perjuro,

“da pella”, peão, e “outros que elles trazem nos seus annaes”, e também “fora de toda supeita, antes indício de boa inclinação o fazer Altares, Presépios, arremedar o Sacerdote, & o Pregador”. Importava, sobretudo, que os pais procurassem para os filhos jogos pueris que “nam façam cousa, que cheire a impiedade, ou peccado, mas que folguem como mininos Catholicos, & bem criados”.<sup>279</sup>

Philippe Ariès dedicou em *História Social da Criança e da Família* um capítulo sobre os jogos e as brincadeiras infantis.<sup>280</sup> As descrições do autor sobre as brincadeiras infantis de antanho – bola, boneca, lutas, jogos de azar, fantoches – nos levam a concordar com a sua afirmação de que “as crianças constituem as sociedades humanas mais conservadoras”. Destacou o estudioso que ao longo dos séculos XVII e XVIII a “nova atitude” em relação à Infância foi expressa na preocupação de moralizar e educar os comportamentos infantis. Refletida por exemplo, na indicação dos jogos apropriados para a prática da virtude, e no recriminar os que atentassem contra a “inocência” infantil. Destaque para a conclusão deste autor sobre a importância destas brincadeiras como sociabilizadora no mundo infantil e preparação para o mundo adulto.<sup>281</sup>

Papel de socialização descrito por Gilberto Freyre nas brincadeiras dos meninos brancos e dos seus “negrinhos” companheiros de brinquedo (os “leva - pancadas”). Brinquedos comuns, como pião e pipa, ou a luta, o matar passarinho, os jogos de beliscões faziam parte do cotidiano infantil. Perversidades presentes tanto na infância nos engenhos quanto nas cidades, que para o autor revelariam uma veia sádica na formação da cultura brasileira. O autor descreveu ainda que a sexualidade dos meninos brancos nestes tempos dos engenhos era descoberta desde bem cedo, com animais e frutas, ou com as “negrinhas”. A infância “freyriana” pouco tinha de inocente.<sup>282</sup>

\*\*\*

O fundamento de todo o bem e princípio da vida cristã, afirmou o padre Alexandre de Gusmão, era o temor a Deus e ódio ao pecado. Principalmente nestes primeiros anos da puerícia era o pecado como a “peçonha no coração”, querendo com isto demonstrar o

---

blasfemo, prompto para todo o mal, & desidioso para todo o bem?”. A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 370-373.

<sup>279</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 374.

<sup>280</sup> P. ARIÈS, *História Social da Criança e da Família*, 1981, p. 82-124.

<sup>281</sup> P. ARIÈS, *História Social da Criança e da Família*, 1981, p. 89, 103-104. Cf. C. HEYWOOD, *Uma história da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*, 2004, p. 124-129

<sup>282</sup> G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, p. 468, 513-517. Ainda sobre os brinquedos e jogos na história da infância, com destaque para a descrição dos brinquedos de comunidades indígenas brasileiras, ver Raquel Zumbano ALTMAN, *Brincando na história*. In: M. L. M. del PRIORE, (Org.) *História das crianças no Brasil*, 1996, p. 231 - 258.

padre que, se houvesse dolo no princípio das idades, contaminado estaria o indivíduo por toda a sua vida. Afirmou que deveriam ser considerados os exemplos dos “peiores homens do mundo” - Nero, Heliogabalo, e Sardanapalo - que assim o foram por que “mamaram com o leite essa peçonha, lhes nasceram com os dentes os vícios, & com a luz da razam o peccado”.<sup>283</sup>

Para “ilustrar” esta tese com uma história exemplar, relatou sobre um menino de doze anos “de muy rica índole, & innocente consciencia”, que ele próprio havia confessado na Bahia. Persuadiu o padre ao menino que deveria ter horror ao pecado, fazendo-o tomar de cor as palavras do Livro de Eclesiastes que dizia que do pecado se deve fugir como quando visse uma serpente ou os dentes do leão. Vindo depois de muitos anos a confessar na hora da morte este menino que já havia se tornado sacerdote da Companhia de Jesus, não achou neste nenhuma culpa mortal, e a razão apontada para isto foram as palavras que lhe havia ensinado quando menino e que havia impresso em seu coração.<sup>284</sup> Padre Manoel Bernardes citou esta história do padre Alexandre de Gusmão, buscando desta forma persuadir aos pais dos prejuízos em não “alumiar” os filhos na idade da discríção com a luz dos mistérios da fé católica.<sup>285</sup>

Padre Alexandre de Gusmão traçou recomendações expressas sobre o que os pais não poderiam ou não deveriam fazer para bem criar dos filhos. Entre os pecados que os meninos deveriam odiar, estava a perda da pureza virginal. Segundo o jesuíta, os pais deveriam principalmente livrar os filhos do “peccado desonesto contra a Angelical virtude da castidade”, porque,

assim como a castidade he a flor, que orna aquellas novas plantas, & o verdor, que as conserva em sua frescura, para que ao diante dem o fruto das boas obras, assim o vicio a ella contrario he o fogo, que abraza, & o bicho, que a carcome, seca, & murcha, tira toda a virtude, & fermosura, & a faz indigna dos prados da Igreja, & olhos de Christo seu Esposo, que por isso se agrada tanto destas plantas tenras, porque vê nellas essa virtude ou essa flor.<sup>286</sup>

Em um caso exemplar, padre Alexandre de Gusmão narrou a história de Hernesto, estudante do colégio da Companhia, membro da Congregação de Nossa Senhora, da cidade de Herbipoli, na “Franconia”. Embora virtuoso e de bom comportamento, foi o jovem seduzido

<sup>283</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 198 - 203.

<sup>284</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 200-201.

<sup>285</sup> Explicitamente o oratoriano citou ao padre Alexandre de Gusmão: “O Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, conta um caso que lhe sucedeu a elle mesmo, e comprova bem o presente intento. Confessava eu (diz elle) na Bahia um menino de doze annos de mui rica índole e innocente consciencia; e para lhe persuadir o horror ao peccado lhe fiz tomar de cór estas palavras do Ecclesiastico: *Quase a facie colubri, fuge peccata, dentes leonis, dente illius*. Foge do peccado, como se visse uma cobra, os seus dentes são como dentes de leão (...)”. M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 61-62.

<sup>286</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 208.

por uma parenta. Assim, começou o “enganado Hernesto” a provar o “doce deleite do prazer sensual” vindo a esquecer “das cousas da piedade”. Entregou sua alma ao demônio com “cédula firmada de seu nome, com concerto de lhe solicitar as occasioens do deleite” e por fim, e apesar de todo empenho de seus mestres, foi Hernesto degolado publicamente sem confissão. Concluindo o jesuíta que, “a tam desastrado fim chegou Hernesto por aver caminhado logo nos primeiros anos da puerícia pelo caminho immundo da desonestidade, & tanto perdeo como isto em perder a innocencia pueril”.<sup>287</sup>

Os meninos deveriam fugir também do caminho das vaidades.<sup>288</sup> Em uma história edificante, o jesuíta contou do destino trágico de um jovem mancebo de corrompida vida, dado a tantas galas e “profenidades”, que por vaidade chegava a “encrespar os cabellos como mulher”. Seu pai lhe era permissivo e negligente, em “tudo callava sem ter animo para o reprehender.” Por desígnio divino este rapaz morreu em um acidente na neve, “& a alma desceo ao fogo do inferno”. Voltou a alma para assombrar o pai, lhe dizendo:

Oh pay malvado, que tam cruel sorte para mim, pois que por tua culpa me condenei, por me nam saberes ensinar, nem teres animo para reprehender minhas vaidades, pelas quaes permitio Deos me colhesse a morte em peccado mortal, & me condenasse.

O pai ficou tão assombrado que seu sangue apodreceu, e morreu três dias depois de desgosto. Com estas duras palavras conclui o jesuíta sobre este caso:

Eis aqui como Deos nosso Senhor castiga nesta vida a negligencia, com que os pays procuram crear os filhos, em quanto sam mininos, & posto que estes castigos sejam tam severos, sam com tudo mui suaves, a respeito das penas, com que na outra vida sam castigados”.<sup>289</sup>

Os pais, e mais comumente as mães, deviam evitar o excesso de mimos com que criavam seus filhos, pois desta forma os meninos ficariam “mimosos, & moles”, “afeminados”, deliciosos, & deshonestos, “tolinhos, & menos avisados”, e em tudo propensos à perdição.<sup>290</sup> Retenhamos o termo “efeminado”, que segundo o *Vocabulário Portuguez e Latino* do padre Raphael Bluteau, seriam aqueles que “tem costumes, & modos de molher”.

<sup>291</sup> A tópica de condenação às práticas efeminadas (o encrespar o cabelo “como mulher” do jovem mancebo) foi analisada por José Maravall na lógica moralizadora da cultura do

---

<sup>287</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 211-213.

<sup>288</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 266.

<sup>289</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 59.

<sup>290</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 269-272.

<sup>291</sup> R. BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino*, 1713, Vol. 2, p. 15.

Barroco, em que religiosos e homens das leis viam seu tempo como de relaxamento moral e depravação dos costumes.<sup>292</sup>

A vaidade do demasiado alinho com que muitos pais vestiam e enfeitavam seus filhos seria, segundo o padre Alexandre de Gusmão, um modo de consentir desonestidades aos filhos. Denominou o padre aos enfeites como “laços do Diabo, armas de Venus, habito desonesto, incentivo da luxuria, & lenha” com que estimulava o fogo infernal da sensualidade. Contou o padre a história de meninos vendidos como escravos na Roma Antiga, que de tão “alindados”, e cuidados para que não tivessem bigode ou barba, que pareciam mais meninas.<sup>293</sup> A repreensão a respeito da criação dos meninos tem o mesmo fundo moral das críticas do Padre Manoel Bernardes aos costumes do Reino em seu tempo em *Nova Floresta*. Em um sermão sobre a “degeneração de Portugal” afirmou que naqueles tempos as espadas tinham virado “cotós”, os capacetes em perucas, andando os homens “alvejados de polvilhos”. De tal sorte, que cheiravam os homens como mulheres, “não a Marte, mas a Vênus”.<sup>294</sup>

A este respeito vale citar as conclusões de Gilberto Freyre sobre a moralidade na sociedade em tempos de colônia e na lógica patriarcal:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a gloria de conservar filhos maricas ou donzelões. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de debique: para levar o maricas ao ridículo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.<sup>295</sup>

Segundo a orientação do padre Alexandre de Gusmão, o primeiro cuidado na educação dos filhos era a vigilância e o castigo, “porque assim como nam há doutrina sem disciplina, nam há criação boa sem castigo”. O açoite devia ser dado logo na puerícia, pois deste modo se livrava a alma do menino do inferno.<sup>296</sup> O décimo erro dos pais apontado pelo padre Manoel Bernardes era o não dar aos filhos o castigo “necessário e conveniente”. “Haja freio, esporas e vara”, afirmou o oratoriano, pois,

Que é um moço, amigo de sahir sempre com as suas vontades, duro para a obediência dos paes; senão um potro inquieto, rifador, e revelão? Se assim o

---

<sup>292</sup> J. MARAVALL, **A cultura do Barroco**. Análise de uma estrutura histórica, 1997, p. 93. Sobre homossexualismo, e mais detidamente sobre questões atinentes à pederastia e pedofilia no período colonial, cf. L. MOTT, Pedofilia e pederastia no Brasil Antigo, In: M. L. M del PRIORE, (Org.), **História da Criança no Brasil**, 1991, p. 44-60.

<sup>293</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 223-224.

<sup>294</sup> M. BERNARDES, **Excerptos**, 1865, Tomo Primeiro, p. 172-173.

<sup>295</sup> G. FREYRE, **Casa Grande & Senzala**, 1958, 2º Tomo, p. 528.

<sup>296</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 310-315.

deixarem os paes, cada dia terá peiores manhas, e não servirá mais que para morder, e rinchar, e tirar couces.<sup>297</sup>

António Gomes Ferreira observou em relação aos castigos e açoites nos escritos de moralistas a justificativa imperiosa de sua necessidade para bem educar os filhos no século XVII. Destacou as recomendações do padre Alexandre de Gusmão nesta matéria, comum a outros religiosos e literatos do período (principalmente a partir dos Setecentos), da moderação necessária para estas práticas.<sup>298</sup> A prática dos castigos físicos constitui importante matéria na escolarização no período moderno, conforme trataremos nesta dissertação no capítulo seguinte.

O padre Alexandre de Gusmão advertiu aos pais para que açoitassem sem “demasiada severidade”, para não provocar a ira e a indignação dos filhos. Deste modo, não deveriam ser usados outros “instrumentos” de correção além da “vara, disciplina, ou palmatória”. Relatou o padre, que havia pais que empregavam “instrumentos asperos”, que poderiam causar dano físico, e mais ainda, oferecer perigo de vida. Em uma curiosa ilustração, afirmou sobre esta moderação nos castigos, que deveriam fazer como às cordas da viola. Apertadas com força, facilmente se partiam, e se ficam frouxas, não produziram som. Assim, nas palavras do jesuíta, era necessário “temperalla, apertando com huas mais, & com outras menos, com moderaçam sempre, & nunca com demasia”. À semelhança da educação dos filhos, que se deve “temperar o rigor com o amor, & com a brandura a severidade”.<sup>299</sup>

Os filhos não deveriam ser criados a sua própria vontade - como “poldros do campo sem freio”, na expressão do jesuíta. Cuidassem os pais em não lhes permitir liberdades. Como por exemplo, condenou aos pais que davam dinheiro aos filhos. “O rapaz a quem nam falta na algibeira o dinheiro, ou há de sair jogador, ou desonesto, & a bom livrar guloso, porque raro he o que com esse dinheiro compra santinho para o Oratório” – advertiu e troçou o jesuíta. Ou ainda deixar-lhes andar pelas ruas e cantos das cidades, aprendendo desonestidades, em companhia de “ociosos, & vadios”.<sup>300</sup>

Importava ainda que os pais estivessem atentos às companhias dos filhos. O Demônio, segundo o padre Alexandre de Gusmão, “sabendo que da boa creação da puerícia depende todo o bom sucesso de nossa vida”, procurava por todos os meios perverter os bons caminhos dos meninos, e “como por sy nam pode, procura fazelo por via destas más

---

<sup>297</sup> M. BERNARDES, **Discurso sobre a Educação**, 1908, p. 121.

<sup>298</sup> A. G. FERREIRA, **Gerar Criar Educar**. A criança no Portugal do Antigo Regime, 2000, p. 317-334.

<sup>299</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 320-321, 323- 324.

<sup>300</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 222-223.

companhias.”<sup>301</sup> Ideal seria, segundo o padre, que os meninos fossem criados como Josué no Tabernáculo, Samuel no Templo – “mas porque isso nem sempre pode ser, he necessário que seus pays ponham grande vigilância em apartar os filhos, em quanto sam crianças”.<sup>302</sup>

Padre Manoel Bernardes apontou este erro grave dos pais que não tratavam de apartar os filhos de meninos mentirosos, amantes do jogo, briguentos, murmuradores. Os pais deveriam estar “desenganados” de crer que com más companhias poderiam estar os filhos puros e sem máculas. Principalmente ao se tratar dos vícios da luxúria, pois “a quem o diabo repassa com o fogo da luxuria, é assadura do diabo; e quem se chega muito a estas assaduras, não pode ficar limpo”.<sup>303</sup>

O bispo José de Santa Maria citou o exemplo de Sara, mulher de Abraão, pelo cuidado em afastar seu filho Isaque do irmão Ismael, filho da escrava egípcia Agar. Advertiu o bispo que por meio de brincadeiras, aprendiam os meninos “tantas deshonestidades de obras, e palavras torpes, mas nem ladroices, pragas, juramentos, e mais vícios”. Nas ilhas de Cabo Verde quase todos eram criados com companhias de “bayxa geração”, e talvez por isso saíssem muitos meninos tão mal criados. Advertiu o prelado,

Haja pois, pays de famílias, grande cuydo em apartardes vossos filhos de más companhias, porquanto são muy contagiosas as enfermidades dos vícios, principalmente nas tenras idades pela mayor disposição; que se pouco formento basta para azedar toda a farinha, huma só má companhia bastará para azedar toda a outra boa criação, que lhes derdes.”<sup>304</sup>

### 2.3 – A BOA EDUCAÇÃO DAS “MININAS”.

No último capítulo de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, intitulado “Do especial cuidado que se deve ter na creaçam das mininas”, foi dedicado um espaço privilegiado para a educação feminina. Partindo de uma alegoria de São João Crisóstomo, padre Alexandre de Gusmão comparou as “mininas de casa” as “mininas dos olhos” (as pupilas). A comparação perpassou toda a argumentação do capítulo, afirmando que assim como a natureza havia guardado a menina-do-olho com tantas “teas, portas, & prizoens de

<sup>301</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 251.

<sup>302</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 256.

<sup>303</sup> M. BERNARDES, *Discurso sobre a Educação*, 1908, p. 87-88. Ainda sobre este mesmo assunto o padre Manoel Bernardes tratou em “Últimos Fins do Homem”. M. BERNARDES, *Excerptos*, 1865, Tomo Segundo, p. 133-135.

<sup>304</sup> J. SANTA MARIA, *Espelho de Dezengano para peccadores confiados*, 1731, p. 257.



capellas, pestanas, humores veas, & membranas”, deste mesmo modo deveria guardar-se as filhas em casa, “com toda vigilância, & cuidado”.<sup>305</sup>

Esta era a tese central, e principal admoestação do padre sobre a educação das meninas: a necessidade do recolhimento doméstico, propriamente designada para o sexo feminino. Todos os de casa, “pay, mãy, ama, eunucos, & criados”, deveriam se ocupar da guarda das meninas. Conforme o conselho do Livro de Eclesiastes, a filha guardada era vigília de seus pais, e seu cuidado motivo para os pais perderem o sono. Segundo o padre, os “Antigos” representavam esta guarda pela deusa Palas, que armada de adaga e lança tinha ainda junto de si um dragão, que diziam ser “animal que nunca dorme”, representando com isto que na vigilância das filhas era pouca toda a atenção.<sup>306</sup>

Deste modo, Padre Alexandre de Gusmão falava de seu tempo ao desaconselhar até mesmo que as meninas saíssem para brincar com meninos depois de desmamadas, afirmando que seria muito pernicioso e perigoso permitir visitas masculinas, mesmo de parentes próximos. Deveriam estar protegidas em suas alcovas, evitando qualquer “argueiro” e “poeira” que lhes pudessem causar danos.<sup>307</sup> Reclusas em “isolamento árabe”, sob constante vigilância das mucamas, e guardadas nas grossas paredes das casas-grandes, conforme as descrições de Gilberto Freyre.<sup>308</sup> Charles R. Boxer apontou como “padrão” no mundo português (notando que não só no Brasil, como também nas possessões asiáticas) esta reclusão feminina. A este respeito, mencionou o protesto do arcebispo da Bahia em meados do século XVIII de que as “raparigas” das boas famílias locais não recebiam licença de seus pais de freqüentar as aulas do Convento das Ursulinas, e algumas nem ao menos de assistir a missa em razão da severa reclusão.<sup>309</sup>

As recomendações do padre Alexandre de Gusmão refletiam o modelo patriarcal da família. Governo absoluto do “senhor” impingido às esposas, prole, inúmeros escravos, parentes pobres, poder defendido e propalado pelos moralistas destes séculos XVI e XVII.<sup>310</sup> A sociedade colonial era segregada em linhas gerais pela condição legal dos indivíduos, sua

---

<sup>305</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 377.

<sup>306</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 377-378.

<sup>307</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 379-380.

<sup>308</sup> G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 2º Tomo, 1958, p. 470-473. Foi cristalizada na historiografia, a partir de Gilberto Freyre, a imagem da mulher branca colonial como submissa, subjugada, tiranizada, reprimida sexual e socialmente na sombra do pai ou do marido. Cf. M. L. M. del PRIORE, *Ao sul do corpo*. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia, 1993, p. 37.

<sup>309</sup> O autor não deixou, contudo, de analisar as possibilidades dos espaços de poder da mulher na sociedade colonial brasileira. Particularmente interessante, foi a menção deste historiador ao padre Alexandre de Gusmão sobre este capítulo dedicado às meninas. C. R. BOXER, *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815)*: Alguns Factos, Idéias e Personalidades, 1977, p. 66-78; 128-129.

<sup>310</sup> Ronaldo VAINFAS, *Trópico dos Pecados*. Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil, Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 111.

identidade étnico-racial e a legitimidade do nascimento. Distinguindo os indivíduos de acordo com os valores dos grupos dominantes, “concedendo ou negando *status* de honra, dignidade e virtude”, conforme apontado por Ronaldo Vainfas.<sup>311</sup> Negras, escravas, prostitutas, bastardas eram por sua condição social desprovidas de honra, e por certo não era para estas meninas e mulheres que o padre Alexandre de Gusmão dedicava suas letras.

Padre Alexandre de Gusmão apelou aos pais que conduzissem as filhas no “amor santo da pureza virginal”.<sup>312</sup> São João Crisóstomo, referência constante do jesuíta nesse capítulo, afirmava que o corpo virgem era o “templo da alma apta para o movimento ascendente rumo a Deus.”<sup>313</sup> A virgindade era condição *sine qua non* para a honradez feminina, e por consequência de suas famílias.<sup>314</sup> Esta seria questão grave nas casas-grandes, descreveu Gilberto Freyre, narrando casos de esposas e filhas assassinadas por questão de honra.<sup>315</sup> Digno de nota foi o caso de Fernão Barbalho Bezerra, rico fazendeiro da capitania de Pernambuco, que foi decapitado no ano de 1687 por ter assassinado a esposa, três filhas e um sobrinho por acreditar que uma filha o havia desonrado.<sup>316</sup>

Padre Alexandre de Gusmão reprovou que apenas entrando as meninas nos “anos de discríçam” comessem logo os pais acenarem contratos casadoiros.<sup>317</sup> Desde o dia da primeira comunhão deixavam de ser crianças para tornar-se “sinhá - moças”, e desde muito cedo estavam em fase casadoira. Conforme prescrevia as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, os meninos aos quatorze, e as meninas aos doze anos de idade teriam licença para contrair o Matrimônio.<sup>318</sup> Segundo apontou Freyre, era costume casar em arranjos dos pais as meninas dos doze aos quatorzes anos com homens muito mais velhos. Aos dezoito anos eram já senhoras matronas, e depois dos vinte a decadência: papudas, gordas, moles e sem dentes.<sup>319</sup>

---

<sup>311</sup> Ronaldo Vainfas afirmou existir um duplo padrão moral, um para a Casa Grande e outro para a Senzala. R. VAINFAS, **Trópico dos Pecados**. Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil, 1989, p. 83, 125.

<sup>312</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 381.

<sup>313</sup> Ronaldo VAINFAS, **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**, Série Princípios, São Paulo: Ed. Ática, 1986, p. 8.

<sup>314</sup> Leila M. ALGRANTI, **Honradas e devotas: mulheres da colônia – condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 126.

<sup>315</sup> G. FREYRE, **Casa Grande & Senzala**, 1958, 2º Tomo, p. 588-591.

<sup>316</sup> Este caso foi destacado por Stuart B. Schwartz, que afirmou que no cenário colonial eram comuns os crimes de “honra”. Conforme destaque deste mesmo autor, nas Ordenações Filipinas era justificado o assassinato da mulher adúltera e de seu amante pelo marido traído. Stuart B. SCHWARTZ, **Burocracia e sociedade no Brasil Colonial**. A Suprema Corte da Bahia e seus Juizes (1609-1751), São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 122, 197.

<sup>317</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 384.

<sup>318</sup> S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 109-110.

<sup>319</sup> Esta descrição foi destacada por Freyre do viajante inglês John Luccock ao Rio de Janeiro em meados do século XVII. Cf. G. FREYRE, **Casa Grande & Senzala**, 1958, 2º Tomo, p. 483-484.

Do mesmo modo como era lícito “induzir” as meninas com brinquedos, jóias e ornamentos ao estado conjugal, recomendou o padre Alexandre de Gusmão que muito digno seria que as “induzisse ao estado Religioso”.<sup>320</sup> Sobre esta recomendação, vale notar que a Coroa demonstrou em todo período colonial disposição contrária à entrada feminina na vida religiosa e contemplativa. Após muitas súplicas, em 1677 fundou-se o primeiro convento feminino na América Portuguesa, o Convento do Desterro na Bahia. Em 1732 D. João V proibiu a ida de mulheres para conventos e para tomar hábito no Reino. A historiadora Leila Algranti relacionou esta negativa metropolitana ao projeto de povoamento da Colônia, que escasseava em mulheres brancas.<sup>321</sup> Como destacou Charles R. Boxer, o casamento com as brancas cristão-velhas importava no mundo colonial português como *status*, e também como predicado para ascensão social de seus maridos.<sup>322</sup>

Sobre a orientação ao estado religioso, padre Alexandre de Gusmão narrou o caso de certo fidalgo que visitando um parente, pai de duas donzelas, comentou que as meninas já estavam em fase casadoira. Estavam já “poldrinhas”, segundo sua expressão. Ao que lhe respondeu o pai: “sim, & já tem as cellas no Mosteiro do Salvador”.<sup>323</sup> Louvou com esta história aos pais que desde cedo destinavam as filhas para a vocação religiosa, e advertiu aos que objetavam o voto religioso feminino com a pena da excomunhão.<sup>324</sup> Ideal seria, para o jesuíta, que se conservassem perpetuamente virgens, mas reconhecia não ser possível todas tornarem-se “Freiras”.<sup>325</sup>

As meninas deveriam ser criadas desde os primeiros anos “no amor da pureza, na simplicidade da vida, & na tenrura da devoçam”.<sup>326</sup> O jesuíta apontou uma série de “condutas honestas” pra a educação das meninas. Indicou como apropriado que se dedicassem aos exercícios ascéticos, ao Rosário, de devoção a Virgem Nossa Senhora. E principalmente serem desviadas do caminho das vaidades – o “branquear os rostos, & rubrificar as faces” e muitos enfeites. Assinalando a “moda” dos decotes, e das batas, o jesuíta fez dura reprimenda

---

<sup>320</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 352.

<sup>321</sup> L. M. ALGRANTI, **Honradas e devotas: mulheres da colônia – condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**, 1993, p. 63. Cf. Maria José de ANDRADE, Os recolhimentos baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX, **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, nº 90, p. 229, 1992.

<sup>322</sup> Charles R. BOXER, **A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815): Alguns Factos, Idéias e Personalidades**, 1977, p. 70.

<sup>323</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 384-385.

<sup>324</sup> “O Concilio Tridentino”, segundo apontado pelo padre Alexandre de Gusmão na Sessão XXV, “poem pena de excommunham a todo o que sem causa justa impedir a entrada, ou voto de Religiam”. Deste modo, continuou o jesuíta, “se vossas filhas querem tomar a Christo por Esposo, guardar perpetuamente a preciosissima perola da virgindade, & viver para isso em perpetua clausura no Mosteiro, que melhor felicidade podeis dellas esperar?”. A. de GUSMÃO, A. de. **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 382-383.

<sup>325</sup> A. de GUSMÃO, A. de. **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 384.

<sup>326</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia**, 1685, p. 380.

para que as mulheres tivessem “os peitos cobertos”, “porque se Sam Paulo quer, que as donzellas nam estejam com as cabeças descubertas, com maior razam os peitos”. O padre mencionou ainda que fossem inclinadas ao “lavor”, sem discriminar qual seria.<sup>327</sup>

Às mulheres brancas das elites agrárias cabia a responsabilidade pela base familiar colonial. Mary del Priore afirmou que suas obrigações diziam respeito ao educar de modo cristão aos filhos, “ensinar-lhe as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido”.<sup>328</sup> Diante da importância da família no período moderno, a mulher, enquanto esposa e mãe ganhou um novo papel: o de educadora. E para tanto, era preciso prepará-las com instrução e matérias necessárias para o funcionamento harmônico das famílias.<sup>329</sup>

A suposta inferioridade intelectual da mulher – *imbecilitus sexus* - aparece recorrentemente na literatura religiosa da época moderna.<sup>330</sup> O adágio – “Deus guarde da mula que faz him, e da mulher que sabe latim”, representa bem as expectativas sobre a educação feminina. D. Francisco Manuel de Melo citou este provérbio, que lhe pareceu muito engraçado, afirmando não considerar lícito privar as mulheres de instrução. Contudo, haveria de se ter cuidado para que as mulheres não se metessem em assuntos dos homens. Melhor livro para as mulheres seria a almofada e o bastidor, para que não estivessem entregues às leituras das perniciosas novelas, e de outros assuntos pouco honrados.<sup>331</sup>

No Império Português a educação formal feminina passava-se prioritariamente entre os muros dos Recolhimentos e Conventos.<sup>332</sup> Nos “Mosteiros”, relatou o padre Alexandre de Gusmão, poderiam exercitar-se nas “mais nobres operações”.<sup>333</sup> Não era, contudo, uma educação acessível e possível para todas. O analfabetismo feminino parece ter

---

<sup>327</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 382. Sobre a questão do vestuário feminino no período colonial, ver G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, p. 480; Emanuel ARAÚJO, *A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia*. In: M. L. M. del PRIORE; C. BASSANEZI (Orgs.), *História das Mulheres no Brasil*, 1997, p. 54 – 59.

<sup>328</sup> M. L. M. del PRIORE, *Ao sul do corpo*. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia, 1993, p. 38.

<sup>329</sup> L. M ALGRANTI, *Honradas e devotas: mulheres da colônia – condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*, 1993, p. 47.

<sup>330</sup> Cf. C. R. BOXER, *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815): Alguns Factos, Idéias e Personalidades*, 1977, p. 121-128; Suely Creusa Cordeiro de ALMEIDA, *O sexo devoto. Normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVIII*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005, p. 80-90.

<sup>331</sup> Cf. F. M. de MELO, *Carta de guia de casados*, 2007. *Versão digital*.

<sup>332</sup> Cf. A. ADÃO, *Estado Absoluto e ensino das Primeiras Letras*. *As Escolas Régias (1772-1794)*, 1997, p. 85-88; Arilda Inês Miranda RIBEIRO, *Mulheres educadas na Colônia*, In: Eliane Marta T. LOPES (et. Alii.), *500 anos de educação no Brasil*, Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 79 – 84; Alberon de Lemos GOMES, *A Matrona & o Padre: Discursos, Práticas e Vivências das relações entre Catolicismo, Gênero e Família na Capitania de Pernambuco*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco/ Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2003.

<sup>333</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p.382.

sido comum às mulheres brancas, negras, índias e mestiças.<sup>334</sup> Ponderando a conveniência ou não do ensino das “artes liberaes” às meninas, padre Alexandre de Gusmão afirmou ser de “grande gloria para o sexo feminino” e “muy louvável”.<sup>335</sup> Para convencimento dos pais, o jesuíta citou o exemplo de santas mulheres, como Santa Catarina, que segundo sua hagiografia ainda menina foi versada em Retórica e Filosofia.<sup>336</sup> Por fim aduziu que “ao menos o ler, & escrever” deveriam todas aprender, e as que se criam para Religiosas deveriam aprender alguns princípios da Língua Latina.<sup>337</sup>

### 3 – O FIM DA IDADE DO BRINCAR.

A idade da puerícia encerrava-se por volta dos doze ou quatorze anos. Poderiam por estas idades, respectivamente as meninas e os meninos contrair matrimônio, conforme citamos das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Notadamente, pelas *Ordenações do Reino*, aos quatorze anos os indivíduos passavam a ter o que contemporaneamente denominamos de responsabilidade penal. Até esta idade, as *Ordenações Afonsinas* (1466), ordenavam que os réus menores fossem representados em juízo por um tutor.<sup>338</sup> Segundo as *Ordenações Filipinas* (1603), a partir dos quatorze anos poderiam testemunhar em juízo e em testamentos.<sup>339</sup>

Nesta idade segundo o padre Alexandre de Gusmão, importava que os pais “inclinassem” os filhos para o estado que deveriam tomar. Às meninas brancas e das elites, desde os dez ou doze anos eram lhes apresentados dois caminhos honrados: casar ou tornar-se religiosa. Aos meninos além desta escolha do estado, deveriam escolher o seu ofício. Redargüiu o padre que os pais observassem os pendores dos meninos, conforme os gênios e inclinações desde a infância. Se inclinados às armas, soldados, se bom estudante, “estudante”,

---

<sup>334</sup> G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, p. 480.

<sup>335</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p.385-386.

<sup>336</sup> J. DE VARAZZE, *Legenda áurea: vidas de santos*, 2006, p. 961-970.

<sup>337</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 386.

<sup>338</sup> *Ordenações Afonsinas*, Livro III, título LXXXVI. Apud. Alex Silva MONTEIRO, *A Heresia dos anjos: a infância na inquisição portuguesa nos séculos VI, XVII e XVIII*, 2005, Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2005, p. 47.

<sup>339</sup> “Os menores de quatorze annos não podem ser testemunhas em nenhum feito”. Livro 3, Título LVI, p. 647, p. 6. “O Varão menor de quatorze annos não pode ser testemunha nos testamentos, nem a fêmea menos de doze annos nos casos, em que conforme o Direito as fêmeas podem ser testemunhas nos testamentos; nem pode ser testemunha o furioso, nem o mudo e surdo, nem o cego, nem o pródigo [demente], a que he tolhida a administração de seus bens, nem o scravo”. *Código Filipino, ou, Ordenações e Leis do Reino de Portugal: recopiladas por mandado d’el-Rei D. Filipe I*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, Livro 4, Título LXXXV, p. 19.

“se amigo dos altares, & arremedar as cousas Ecclesiasticas, conjecturamos, que virá a ser Sacerdote, ou Religioso”.<sup>340</sup>

De modo semelhante às suas recomendações para as meninas, como destacamos acima, padre Alexandre de Gusmão afirmou que aos meninos era digno e de muito louvor que se aplicassem no “estudo das letras”. Ao menos o saber ler e escrever, pois sem tal não era homem completo, e aos filhos dos nobres era “totalmente indecente o contrario”.<sup>341</sup> As letras dariam, segundo as normas de civilidade, o lustre necessário para formação de homens honrados.

Sobre esta matéria do letramento na América Portuguesa, padre André João Antonil, ou melhor, padre João António Andreoni (†1716) teceu interessante comentário em *Cultura e Opulência no Brasil* (1711). Em suas orientações aos senhores de engenho para o bom governo de suas famílias, recomendou que atentassem para a educação dos filhos. Filhos criados no engenho seriam tabaréus, e não saberiam falar de outra coisa que do cão, do cavalo e do boi, afirmou o jesuíta. Contudo, se preferissem ter os filhos em casa, que soubessem “ler, escrever e contar, e ter alguma tal qual notícia de sucessos e histórias, para falarem entre a gente”. O padre não recomendava que os pais enviassem os filhos para as cidades, pois era “dar-lhes liberdades para se fazerem logo viciosos” e sifilíticos (nas palavras do padre, “encherem-se de vergonhosas doenças, que se não podem facilmente curar”). A solução apontada pelo jesuíta seria enviar os filhos para a casa de algum parente ou pessoa amiga de honra, “onde não haja ocasiões de tropeçar”.<sup>342</sup>

A indicação sobre a necessidade do letramento na obra do padre Alexandre de Gusmão foi apontada em somente um capítulo sobre os meninos (II Parte, Cap. XXI – “Como devem os pays inclinar os filhos na puerícia ao estado da vida, que devem escolher na adolescência”), e no capítulo final dedicado à educação das “mininas”. Donde se pode concluir que a ênfase principal desta obra, e de toda a prédica pedagógica e moralizadora do padre Alexandre de Gusmão, era a prática das virtudes.

Os meninos deveriam ser educados nas boas letras e principalmente criados nos bons costumes, para formar um “perfeito minino, para que nos annos da Adolescência chegue a ser um perfeito mancebo”, conforme apontou o padre Alexandre de Gusmão.<sup>343</sup> Ênfase

---

<sup>340</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 338.

<sup>341</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, p. 342.

<sup>342</sup> André João ANTONIL, *Cultura e opulência do Brasil*, com estudo biobibliográfico de Affonso E. Taunay, 2ª Edição, São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976, p. 93.

<sup>343</sup> A. de GUSMÃO. *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, Dedicatória ao “Minino de Belem, JESU Nazareno”.

dada pelo corpus pedagógico da Companhia de Jesus. Nas primeiras linhas de *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, ainda no “Prologo ao Leytor”, padre Alexandre de Gusmão afirmou que era muito próprio da Companhia de Jesus o cuidado na “boa instituiçam” dos meninos, com o “ensinar as boas artes, & inculcar os bons costumes a todos para maior gloria de Deos, & bem das Almas”. Por esta razão, afirmou o padre, ocupava-se a Companhia tanto em ensinar as “sciencias maiores” aos “mancebos” em escolas públicas e ensinar aos meninos “os primeiros princípios, & as primeiras açoes dos bons costumes”, com o que se podiam notar os bons frutos que por todo o mundo colhiam os jesuítas nas atividades missionárias e educativas.<sup>344</sup> Para que assim pudessem ser formados “bons cristãos”.

---

<sup>344</sup> A. de GUSMÃO. *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, 1685, Prólogo.

## O SEMINÁRIO DE BELÉM DO BRASIL

DEDICADO A NOSSA SENHORA DE BELÉM PARA EDUCAÇÃO DE MENINOS

EM “SANTOS E HONESTOS COSTUMES”

(CAPITANIA DA BAHIA, 1686-1759).

O fim deste Seminário é criar os meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus e inclinação às coisas espirituais afim de saírem ao diante bons cristãos.<sup>345</sup>

Regulamento do Seminário de Belém, (1694, 1696).

### 1- PARA EDUCAR OS MENINOS NOS “SANTOS E HONESTOS COSTUMES”.

Padre Alexandre de Gusmão relatou em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* que ao tempo que escrevia esta obra (provavelmente primeiro decênio do século XVIII) estava ao seu cuidado o “Seminário de Belém do Brasil”. O jesuíta atribuiu a sua fundação à providência da Virgem, narrando que sob a invocação de Nossa Senhora de Belém havia sido fundado “na era de 1686”. Esta sua narrativa foi destacada no capítulo em que tratava das mercês e do patrocínio da Soberana Senhora à Companhia de Jesus para a educação da puerícia. Na devoção mariana, e no intento de difundir os feitos jesuíticos (missionários, literários e educativos) registrou uma “particular menção” sobre o cotidiano escolar e vivência religiosa deste seminário.<sup>346</sup>

Analisando a historicidade do Seminário de Belém, observa-se que estava inserido no processo de difusão escolar no período moderno. “Difusão” aqui entendida enquanto multiplicação de instituições educativas voltadas para as crianças e adolescentes no Ocidente,

---

<sup>345</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 180.

<sup>346</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 362.



e não democratização - idéia tão anacrônica àqueles tempos. Escolarização traduzida por Phillipe Ariès como “o enclausuramento das crianças”.<sup>347</sup> Concomitante ao “surgimento” do sentimento da infância, segundo o estudioso francês, delineou-se a preocupação com a sua moralização, que se fez traduzir no adstrar, disciplinar e separar as crianças da sociedade dos adultos. As escolas e colégios recebem deste modo, a atribuição da formação de indivíduos letrados, e preponderantemente, a de “formar” bons cristãos.<sup>348</sup>

Interesse expresso no ideal missionário/ educativo empreendido pela Companhia de Jesus. Embora não tenha sido fundada sob esta vocação educativa, conforme apontamos ao tratar das missões com os “indiozinhos”, foi neste empenho que a ordem se consagrou. No ano de 1542, apenas dois anos após a aprovação da Ordem, São Francisco Xavier enviou notícias de Goa (Índia) de que os missionários vinham trabalhando no Colégio de São Paulo, fundado pelo clero secular, que veio posteriormente a passar à administração jesuítica. Neste mesmo ano, foi fundado o Colégio de Messina (Sicília), inaugurando a atividade pedagógica da Companhia. Em 1556, ano da morte de seu santo fundador Ignácio de Loyola, a ordem contabilizava cerca de quarenta colégios, e mais de mil membros distribuídos em doze Províncias – Itália. Sicília. Alta Alemanha, França, Aragão, Castela, Andaluzia, Portugal, Brasil, Índia e Etiópia.<sup>349</sup>

Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, padre Alexandre de Gusmão buscou encarecer os feitos da Companhia por todo o mundo. Emblemática desta sua retórica decantada é a menção a uma revelação de santo Ignácio de Loyola, na qual estaria Cristo com

---

<sup>347</sup> Vale destacar o estudo contemporâneo de Michel Foucault sobre a *História da Loucura* [1ª edição 1961], que em um capítulo intitulado “A Grande Internação”, analisou historicamente a experiência da reclusão e isolamento desde os leprosários no período medieval europeu, que no alvorecer no período moderno foram destinados para tratamento de enfermos por contaminação venérea. Sobre a escolarização infantil, Philippe Ariès comparou ao enclausuramento dos loucos, dos pobres e das prostitutas. P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p. 11, 165 - 194; Cf. Michel FOUCAULT, **História da Loucura na Idade Clássica**, 3ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

<sup>348</sup> Vale destacar neste processo de escolarização no período moderno a experiência das escolas de Port-Royal fundadas pelos jansenistas em meados do século XVII. Caracterizavam-se enquanto internatos dedicados ao ensino elementar - “ler, escrever e contar”. A sua singularidade estava na organização em torno das pequenas classes. Os princípios pedagógicos pautavam-se especialmente na doutrinação dos meninos, na preocupação em preservar as pequenas almas dos vícios e garantir-lhes desta forma a salvação eterna. Contavam para tanto com um plano escolar rígido, no controle prescrito do cotidiano de seus pequenos estudantes. Destaca-se na produção pedagógica de pensadores e educadores ligados a Port-Royal, a preocupação de que as crianças fossem afastadas das influências do mundo dos adultos. Esta “escola” consolidada na modernidade buscava oferecer a salvaguarda da inocência infantil no entre – muros, conforme refletido na pedagogia de Port-Royal e poderíamos espriar esta expectativa às idéias pedagógicas no período moderno. Frédéric DELFORGE, **Les petites Écoles de Port – Royal (1637-1660)**, Paris: Les Éditions Du Cerf, 1985, p. 157-158. Cf. Antônio Gomes Ferreira, A difusão da escola e afirmação da sociedade burguesa, **Revista Brasileira de História de Educação**, Campinas, SP, nº 9, p. 177-198, jan./ jul 2005.

<sup>349</sup> Cf. Leonel FRANCA, **O método pedagógico dos jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1952; J. F. GOMES, O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus, **Revista Portuguesa de Pedagogia**, p. 133-137, 1991; J. W. O’ MALLEY, **Os primeiros jesuítas**, 2004, p. 89, 316 - 325.

três lanças prontas para destruir o mundo. Por intercessão da Virgem, as duas primeiras foram tomadas por São Francisco e São Domingos, sendo que a terceira foi oferecida ao santo inaciano. Então, através dos favores da Santa, e pelo labor de seus filhos/ missionários,

procurou mitigar a ira de Deos justamente indignada contra as heresias, & peccados do mundo que em seu tempo se hão levantado na Igreja de Deos, pregando, & escrevendo copioso numero de livros, abrindo Escolas publicas de todas as sciencias, *levantando Seminários para a boa criação de meninos em bons costumes*, penetrando toda a terra, alumando aos que estavam sepultados nas trevas da idolatria, & paganismo, & destruindo as heresias à custa de infinitos trabalhos, & perseguições, & do sangue de quase trezentos Martyres. [grifos meus] <sup>350</sup>

Em *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, enlevou o padre Alexandre de Gusmão a atividade jesuítica, afirmando que a Ordem vinha colhendo muitos frutos “em quase todas as principaes Republicas Christans” com suas atividades missionárias/ educativas. Asseverou o padre que todas “as Repúblicas bem governadas, & todos os Príncipes amantes do bem commum” procuravam conservar e semear as escolas “onde meninos se instituem, assim nas letras, como nos bons costumes”. <sup>351</sup> Nesta lógica, os monarcas portugueses, como D. João III e D. Sebastião, podem ser considerados amantes deste citado “bem comum”.

No ano de 1542, a Companhia já havia se instalado em Portugal e estabelecido missão na Ásia a convite do rei D. João III, para que exercessem seu apostolado nas descobertas portuguesas. No Reino, fundaram ainda neste primeiro século instituições de ensino, como em Coimbra (1547), Évora (1553), Braga e no Porto (1560), que constituíram centros de recrutamento para as missões. No contexto das conquistas, Charles R. Boxer afirmou que sob o Padroado ibérico, as ordens regulares, e preponderantemente a Companhia de Jesus, representavam os braços da Igreja e da coroa lusitana nas novas possessões. Deste modo, até a expulsão da ordem de todo o Império Português, em 1759, estiveram ambos, a coroa e a Companhia, empenhados em seus interesses civilizadores/ dominadores como aliados. <sup>352</sup>

Conforme mencionamos no primeiro capítulo, a Companhia desembarcou deste lado do Atlântico em 1549, tendo sido a Província do Brasil estabelecida no ano de 1553. A ordem de Loyola marcou indelevelmente a história dos primeiros séculos da ocupação

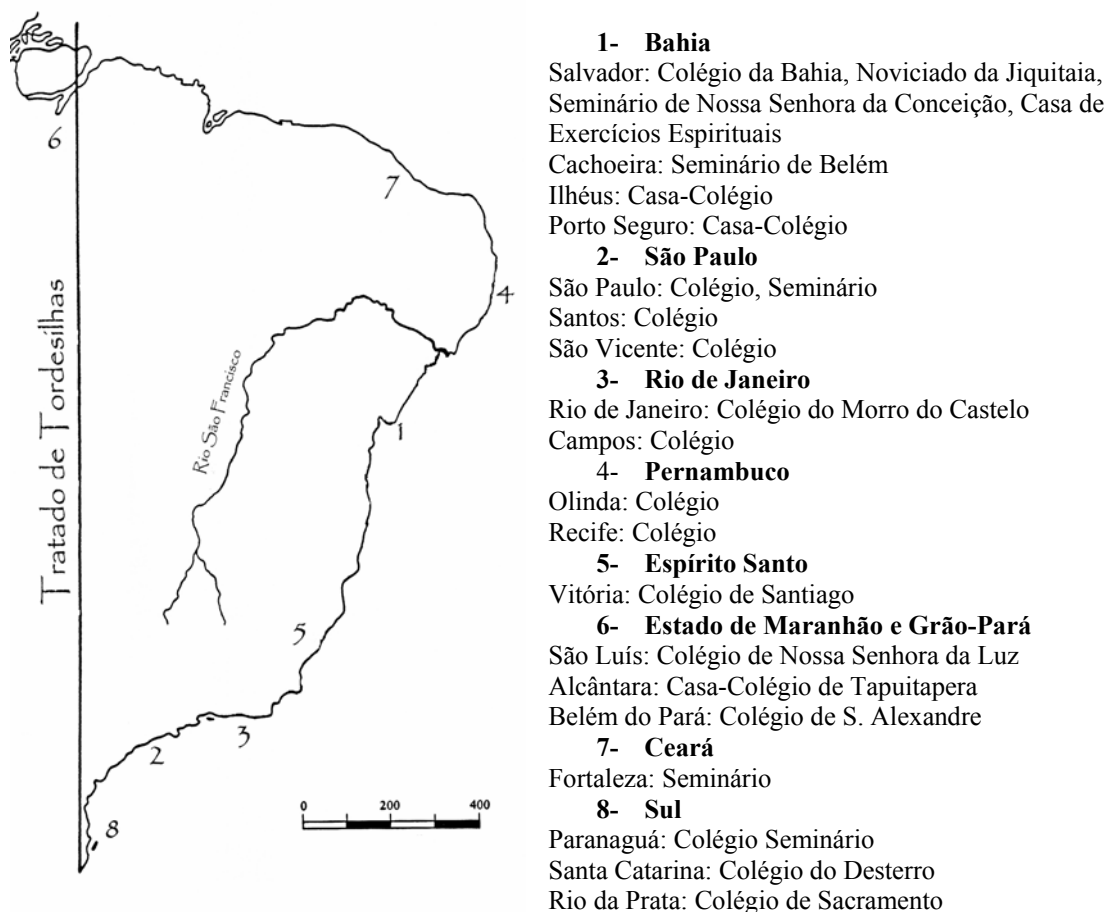
---

<sup>350</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 397.

<sup>351</sup> A. de GUSMÃO, **Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 42- 43, 158.

<sup>352</sup> Célia Cristina da Silva TAVARES, **A Cristandade insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)**, Niterói – RJ: 2002, Tese (doutorado) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ: 2002, p. 89-103; C. R. BOXER, **O Império Colonial Português**, 1969, p. 257-276; C. R. BOXER, **A Igreja Militante e a Expansão Ibérica: 1440 – 1770**, 2007, p. 84-106.

portuguesa nesta terra *brasilis*, principalmente no plano educativo.<sup>353</sup> Nesta empresa, pontilharam a costa da América Portuguesa – Estados do Brasil e Maranhão e Grão-Pará, fundando aldeamentos, casas, colégios e seminários, como podemos observar nesta representação:



**Mapa 1** – Instituições da Companhia de Jesus na Companhia de Jesus (1549-1759).

As atividades educativas ministradas pela Companhia de Jesus envolviam desde as primeiras letras aos estudos Universitários.<sup>354</sup> Suas direções pedagógicas foram organizadas no *Ratio atque Instituto Studiorum Societatis Iesu* em 1599 (ano de sua redação final). Neste código, a vocação pedagógica da Companhia foi exaltada como um dos seus

<sup>353</sup> Cf. L. G. CABRAL, *Influência dos jesuítas na colonização do Brasil (século XVI)*, 1925; Fabrício Lyrio SANTOS, *Te Deum Laudamus. A expulsão dos jesuítas da Bahia. (1758-1763)*, Salvador, 2002, Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

<sup>354</sup> Sobre este ponto cabe a ressalva de que declaradamente a Companhia não pretendia oferecer ensino elementar. Joaquim Ferreira Gomes assinalou que no artigo 451 das Constituições, determinou-se: “Ensinar a ler e escrever seria também obra de caridade, se a Companhia tivesse tanta gente que pudesse acudir a tudo. Mas, por falta de pessoal, ordinariamente, não se ensinará”. J. F. GOMES, O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1991, p. 139.

mais importantes ministérios, firmando a preocupação missionária de “ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso”.<sup>355</sup> Conforme destacou padre Leonel Franca, o *Ratio Studiorum* não foi constituído em forma de um tratado pedagógico, mas como “uma coleção de regras positivas e uma série de prescrições práticas e minuciosas”.<sup>356</sup>

Regras e prescrições lidas, por exemplo, na organização dos graus de estudo, (Superiores e Inferiores) e na divisão das classes seguindo o *modus parisiensis*. Expressas em relação aos professores de cada grau e matéria, com os conteúdos a serem ensinados e em recomendações didáticas a respeito de avaliações e da emulação. Determinando no plano administrativo a hierarquia das atribuições dos cargos diretivos nos colégios. Ditando a ordem e a disciplina dos colégios, como por exemplo, os horários de lazer e a censura das leituras “perniciosas” para a formação da alma juvenil.<sup>357</sup>

No plano deste *corpus* documental pedagógico que podemos compreender o Seminário de Belém. Projeto pedagógico representado e estruturado no seu regulamento redigido pelo padre Alexandre de Gusmão (1694, 1696). Contava o Seminário quando suas regras foram aprovadas com quase uma década do início de sua construção, e já abrigava cinquenta seminaristas, segundo apontou Serafim Leite.<sup>358</sup> O sobredito regimento foi organizado em três partes. Na primeira, intitulada de *Regulamento do Seminário de Belém* foram definidas proposições gerais sobre o seu funcionamento e organização, dispostos em vinte e quatro pontos. Discorreu-se desta forma desde a forma de sustento do Seminário, regras para admissão dos estudantes, o currículo de ensino, as vestes dos pequenos seminaristas e as recomendações quanto ao comportamento dos meninos. Logo em seguida foram descritas regras para os professores, confessores, e irmãos coadjutores do Seminário, para que tivessem o “exacto cuidado na boa criação dos meninos”. Por fim na última parte intitulada *Ordem que se deve guardar no Seminário de Belém*, foi prescrito o cotidiano escolar, no dia-a-dia dos meninos do “romper do dia” às preces noturnas, nas orientações para

---

<sup>355</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 119.

<sup>356</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 43.

<sup>357</sup> Cf. L. FRANCA, **O método pedagógico dos jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952; J. F. GOMES, O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus, **Revista Portuguesa de Pedagogia**, 1991, p. 131 - 154; J. F. GOMES, O “modus parisiensis” como matriz da pedagogia dos jesuítas, **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano XXVIII, n.º 1, 1994, p. 3 – 25.

<sup>358</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 177.

as atividades nos feriados e Dias Santos, nas horas de brincadeira, atentando principalmente para a doutrina dos meninos.<sup>359</sup>

Fique assente que seminário para a educação de meninos, e não para formação de clérigos, como também poderia sugerir o termo. No *Regulamento do Seminário de Belém* as idades para ingresso e saída dos estudantes não foram determinadas com exatidão, sendo determinado da seguinte forma: “Os que podem ser admitidos comumente não hão - de passar os doze ou treze anos de idade, nem estarão no Seminário mais de cinco ou seis anos”.<sup>360</sup> A faixa etária poderia variar entre os dez e os dezoito anos de vida. Embora tenhamos notícias de que alguns seminaristas tenham vindo a ingressar nas Religiões, não era este o principal objetivo do Seminário. Destinava-se, para fazer uso da expressão do jesuíta, ao ensino dos meninos nas “letras e bons costumes”.<sup>361</sup>

No capítulo em que descreveu a experiência do Seminário de Belém, padre Alexandre de Gusmão teceu algumas prévias considerações sobre a indústria da Companhia de Jesus na fundação de seminários para a boa criação dos meninos. Afirmou o jesuíta que, segundo a aprovação da Virgem, a Companhia se ocupou de “ensinar as letras aos mayores, & os bons costumes aos pequenos”, e fundando, respectivamente para cada grau, classes públicas e Seminários. O primeiro seminário fundado pela Companhia foi o Germânico, em suas palavras, “para se criarem os naturais da Alemanha em todo o gênero de letras, & virtudes, para que informados desta sorte vão pregar às suas pátrias”.<sup>362</sup>

O principal instituto do Seminário de Belém, segundo o primeiro parágrafo do seu regimento, seria a formação dos meninos em “santos e honestos costumes”. Cito: “O fim deste Seminário é criar os meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus e inclinação às coisas espirituais afim de saírem ao diante bons cristãos”. E, “*além disto*, hão-de aprender a ler, escrever, contar, gramática e Humanidades” [grifos meus].<sup>363</sup> Mais adiante ao tratar do cotidiano escolar do Seminário destacaremos este aspecto do ensino e currículo.

---

<sup>359</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 180 - 189.

<sup>360</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 182.

<sup>361</sup> A. de GUSMÃO, **A Arte de Criar bem os Filhos na Idade da Puerícia**, 1685, p. 42.

<sup>362</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 361-362.

<sup>363</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 180.

O objetivo de se formar “bons cristãos” se mostra confluyente às regras dirigidas aos professores das classes inferiores no *Ratio Studiorum*.

Aos jovens confiados à educação da Companhia forme o Professor de modo que aprendam, com as letras, também os costumes dignos de um cristão. Concentre de modo especial a sua intenção, tanto nas aulas quando se oferecer o ensejo como fora delas, em *moldar a alma plástica da juventude no serviço e no amor de Deus*, bem como nas virtudes com que lhe devemos agradar. [grifos meus]<sup>364</sup>

Identifica-se assim uma clara (e óbvia) conformidade das regras do Seminário e dos preceitos do *Ratio Studiorum*, conforme expresso através das expressões “santos e honestos costumes” e “costumes dignos de um cristão”. O cumprimento deste “fim” moral e religioso foi impresso na pedagogia jesuítica na preocupação com a disciplina e na obrigação com a doutrinação de seus estudantes para a salvação de suas almas.

Padre Alexandre de Gusmão relatou que os meninos viviam no Seminário de Belém “ao som de campainha, com summa obediência, & sugeyçaõ aos Mestres”.<sup>365</sup> As regras do Seminário demonstram esta severidade. No décimo quarto parágrafo do regimento foi determinado que seriam expulsos: (1) os que se envolvessem em escândalo sobre a matéria da castidade; (2) os teimosos e desobedientes; (3) os que ferissem alguém propositalmente; (4) e os que fizessem afrontas “não puerilmente”.<sup>366</sup> No *Ratio Studiorum* de forma mais resumida foi advertido que os que não aceitassem castigos, não dessem “esperança de emenda”, os que incomodassem os colegas e fossem maus exemplos, seriam sumariamente “despedidos dos nossos colégios”.<sup>367</sup> Analisando estas normas depreende-se a idealização do jovem estudante dos colégios da Companhia: virtuoso, obediente, cortês.

Relatou ainda o jesuíta que não havia entre os seminaristas “opinião de espíritos nobres”, e dos “timbres do mundo”. Eram todos criados “conforme ao espírito de Christo”.<sup>368</sup> Afirmou o jesuíta que os meninos não se utilizavam dos serviços de criados, ou escravos, nem usavam vestidos de sedas, de modo que humildemente, “todos se servem a si, & aos outros, sem questaõ, ou reparo”.<sup>369</sup> Este “espírito” pedagógico/ moral, havia sido expresso no Regulamento, determinando que os meninos não tivessem “moleques” pessoais para lhes servir. Declarou ser necessários para a “boa criação” que eles servissem a si próprios e aos outros quando estivessem doentes. E, para que se acostumassem “a ter cuidado das coisas”

<sup>364</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 181.

<sup>365</sup> A. GUSMÃO, Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron, 1715, p. 362.

<sup>366</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>367</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 220.

<sup>368</sup> A. GUSMÃO, Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron, 1715, p. 362.

<sup>369</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 363.

deveriam ser “os sacristães, porteiros, etc.”, varrendo os seus próprios cubículos, fazendo suas camas.<sup>370</sup> Este ponto foi comentado pelo Provincial Manuel Correia, mas disto trataremos à frente.

Os meninos criados nos “bons costumes” deveriam ser afastados dos caprichos mundanos. As vestimentas dos seminaristas foram detalhadamente descritas no regulamento. Roupeta de estamena (espécie de tecido de lã mais leve) de cor marrom, sem cauda que arraste. Em público deveriam usar beca e barrete (espécie de carapuça ou gorro) pretos com uma “breve volta branca sem renda”. Não seria permitida seda ou aplicação de bordados. Deveriam calçar sandálias de correia, e sem saltos. Não seriam permitidas “gadelhas” (perucas) ou cabeleiras, para que desta forma, “se costumem fugir da vaidade com que alguns Pais criam seus filhos”.<sup>371</sup> Podemos notar que estas prescrições quanto às vaidades confluem às condenações do padre Alexandre de Gusmão do demasiado alinho e dos muitos enfeites que os pais naqueles tempos ostentavam em seus filhos.<sup>372</sup>

A descrição e análise que podemos depreender do regimento em seus aspectos mais particularizados nos abrem caminhos para a compreensão do projeto pedagógico do Seminário, detidamente nas normas estritas ao cotidiano escolar.<sup>373</sup> Nas prescrições quanto à “ordem” a ser vivida foi expressamente determinado que os meninos se preservassem de “todos os brincos de mãos, e outras travessuras, que não servem mais que de discórdias”.<sup>374</sup> Não deveriam riscar as paredes e nem os livros, tratando-os com asseamento, “como convém a meninos bem criados”. Estavam obrigados a tratar-se com “modéstia e cortesia”, e os que nisto faltassem seriam “rigorosamente castigados”.<sup>375</sup> Pequenas prescrições para uma

---

<sup>370</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>371</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>372</sup> A. de GUSMÃO, **A Arte de Criar bem os Filhos na Idade da Puerícia**, 1685, p. 223-224.

<sup>373</sup> “A disciplina é uma anatomia política do detalhe”, afirmou Michel Foucault. Segundo o filósofo francês na terceira parte de *Vigiar e Punir*, no capítulo dedicado à disciplina dos “corpos dóceis”, a meticulosa disciplina dos Colégios, assim como da disciplina militar nascente no período moderno, revela uma face do processo histórico de coerção dos corpos, de manipulação dos gestos e comportamentos. Michel FOUCAULT, **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão, tradução de Raquel Ramalhete, 29ª Edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004, p. 119-120.

<sup>374</sup> Somente nos dias Santos e feriados pelo turno da tarde os meninos estavam autorizados a “jogar os jogos costumados”. Jogos “honestos, & próprios daquela idade”, indicados pelo padre Alexandre de Gusmão para a boa criação dos meninos. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 188; A. de GUSMÃO, **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, 1685, p. 370-373.

<sup>375</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 188-189.

pedagogização dos comportamentos pueris – nada de travessuras, nem discórdias, tampouco comportamentos contrários à civilidade.

Nas recomendações para os padres e irmãos do Seminário de Belém a matéria dos castigos foi apontada como de primeira importância. Deveriam ser julgados com prudência os casos para açoites, como os “erros da classe”, e se fosse uma falta secreta, deveria o Padre Reitor castigá-lo em seu cubículo, “de sorte que não saiba a falta e se emende o culpado”.<sup>376</sup> Assim considerava o *Ratio Studiorum* ser necessária a ponderação nesta matéria, como advertiu aos professores dos Estudos Inferiores para que não fossem precipitados no castigar, abstando-se de qualquer “injúria, por palavras ou ato”. O castigo físico caberia ao corretor.<sup>377</sup> Philippe Ariès afirmou que os castigos corporais, assim como a vigilância e a delação, faziam parte da disciplina escolar no período moderno.<sup>378</sup> Conforme também as prescrições de religiosos e moralistas nas recomendações para a boa criação dos filhos.

“A criação dos meninos não difere da dos Religiosos, mais que nos votos; vivem em clausura ao som de campainha”, descreveu o padre Alexandre de Gusmão.<sup>379</sup> Clausura vivenciada no Seminário de Belém pelo seu sistema de internato fechado. Foi expressamente recomendado no regimento que os meninos não saíssem “das portas da clausura” sem licença, e mesmo sob autorização não o fariam desacompanhados.<sup>380</sup> Clausura indicada também pela escolha do sítio para sua fundação, que ao padre Serafim Leite lembrou os “mosteiros da Idade-Média, isolados nas solidões européias”.<sup>381</sup>

## 2 - O SÍTIO DE BELÉM DA CACHOEIRA.

O Seminário de Belém foi erigido a aproximadamente quinze léguas da Cidade da Bahia, no Recôncavo baiano. A apenas uma légua a nordeste do porto da Cachoeira. Padre Alexandre de Gusmão não comentou a razão da escolha deste sítio. Apenas encontramos menção do jesuíta sobre estas terras ao tratar das muitas mercês da Virgem ao Seminário, declarando que embora estivesse construído em “principios do sertão”, e mesmo em épocas

---

<sup>376</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 186.

<sup>377</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 220.

<sup>378</sup> P. ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**, 1981, p.180-181.

<sup>379</sup> A. GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 362.

<sup>380</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>381</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 196.



de carestia, “nunca faltasse no Seminário o sustento necessário, & passem neste particular melhor os meninos, que nenhuma Comunidade da Cidade”.<sup>382</sup>



Mapa 2.<sup>383</sup>

Nas terras que cercam a baía de Todos os Santos floresceu a capitania da Bahia. Na ponta de sua enseada foi fundada a cidade de Salvador (ou da Bahia), sede administrativa da colônia entre os anos de 1549 e 1763, e principal metrópole da América Portuguesa. Em relação direta com a capital, em sua hinterlândia estava o Recôncavo. Nesta região dos solos de massapê, brotaram os engenhos de canas-de-açúcar, sabidamente principal produto de exportação colonial.<sup>384</sup>

O Recôncavo foi descrito por Sebastião da Rocha Pitta como “culto e povoado”, em que habitam a “mayor parte da nobreza, os trabalhadores, os escravos”.<sup>385</sup> Este mesmo autor ressaltou que além do açúcar, que fazia a “grandeza” do Estado do Brasil, eram notáveis na região do Recôncavo “os dilatados campos, plantados de tabaco”.<sup>386</sup> O tabaco, esta “herba

<sup>382</sup> A. GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 364. Nas Cartas do Senado da Cidade da Bahia nos primeiros anos da década de 1690 aparecem repetidas reclamações sobre a carestia de alimentos que padecia a Cidade e seu Recôncavo. **Cartas do Senado. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, Salvador: Prefeitura do Município de Salvador, 1953, vol. 3.

<sup>383</sup> In: S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V.

<sup>384</sup> Stuart B. SCHWARTZ, *Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*, tradução Laura Teixeira Motta, 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 77 - 94.

<sup>385</sup> Cf. S. Rocha PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 65; I. ACCIOLI, *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*, 1835, Tomo I, p. 140.

<sup>386</sup> S. R. PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 65. A cultura do tabaco, conforme descrição deste mesmo autor exigia clima e solo adequados por ser “tão melindrosa, que na sua criação qualquer acidente a

Santa” que o “luxo dos homens lhe faz degenerar em vícios as virtudes”, tinha significativa importância no tráfico negreiro com a Costa da Mina.<sup>387</sup>

A Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira destacava-se como pólo da manufatura e escoamento da produção do fumo nos tempos coloniais.<sup>388</sup> O porto, localizado nas margens do Rio Paraguaçu, era “ordinário conduto, de que se provêm os que dali saem tanto para o mar, como por terra para os sertões”, afirmou Luis dos Santos Vilhena em princípios do século XIX.<sup>389</sup> Desenvolveu-se por ser estratégico ponto de comunicação da Cidade da Bahia com seu Recôncavo e os “sertões”.<sup>390</sup> Porto de onde rumaram muitos aventureiros e homens de negócios em busca do ouro das Minas nas Gerais.<sup>391</sup>

O Peregrino da narrativa de Nuno Marques Pereira teve no porto de Cachoeira a primeira parada de sua viagem pela América. Partiu o Peregrino, ainda pela manhã, da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, e foi descobrindo “copados, arvoredos, fragantes flores, espaçoso prado, todo coberto de fino argento” pelo caminho. Por volta das sete da manhã, narrou ter avistado “aquelle propiciatório Templo do Seminário de Belém, tão

---

destrõe” (idem, p. 33-34). Condições encontradas na confluência dos rios Paraguaçu e Jacuípe e na região dos atuais municípios de Santo Estevão e Muritiba, em que os solos arenosos e elevados, e o clima ameno, favoreciam o cultivo do fumo, iniciada ainda na segunda metade do século XVII. Cf. S. B. SCHWARTZ, **Segredos Internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835), 2005, p. 84-85; Jean-Baptiste NARDI, **O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

<sup>387</sup> S. R. PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 33. Os negociantes da Bahia enviavam o refugo do fumo, a “soca”, que era recusada no Reino pela sua qualidade inferior, mas era muito apreciada naquela região africana, com preferência absoluta sobre qualquer outro artigo no resgate de escravos. Cachoeira tinha papel capital na indústria e comércio, pois em seus armazéns guardavam-se os rolos de fumo, que de seu porto seguiam pelo rio Paraguaçu ao Porto de Salvador, e de lá rumavam pelo Atlântico. Cf. S. B. SCHWARTZ, **Segredos Internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835), 2005, p. 85; Pierre VERGER, **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benim e a Baía de Todos os Santos**. Dos séculos XVII a XIX, 2ª edição, São Paulo: Corrupio, 1987, p. 20-26.

<sup>388</sup> Foi elevada à condição de vila por D. João Lencastre em 1702. José Antonio Caldas em 1758 estimou as freguesias do Recôncavo da Bahia em 8.315 fogos e 62.833 almas, sendo a Freguesia da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira a mais povoada, com 986 fogos e 5 814 almas. J. A. CALDAS, **Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**, 1951, p. 66-67.

<sup>389</sup> L. dos S. VILHENA, **A Bahia no século XVIII**, 1969, vol. 2, p. 483.

<sup>390</sup> Por sertão entende-se primariamente a porção do território que adentrava o continente. Terras de perigos, sujeitas ao ataque constante dos “gentios”, conforme descreveu José Antonio Caldas. Este mesmo autor nos conta que os “bárbaros” assaltavam os comboios que saíam da cidade da Bahia “para as Minas, e sertoens fazendo tal estrago que tudo o que apanhão de feição, matão, e destroem sem dar quartel”, ameaçando também as fazendas de gado ao longo do curso do Rio São Francisco e as lavras de ouro. Alarmava o cronista: “Estes bárbaros não tem habitação certa. Todo o Sertão desta América esta cheio, e enfestado deles, e são tantos que não tem numero”. J. A. CALDAS, **Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**, 1951, p. 49.

<sup>391</sup> Seguindo o curso do Rio Paraguaçu ao sul, havia duas rotas possíveis: pelo Rio das Contas ou descendo o Rio São Francisco até chegar ao Rio das Velhas, em uma longa jornada de cerca de 237 léguas. Laura de Mello e SOUZA, Maria Fernanda Baptista Bicalho. **1680-1720**. Virando séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 30.

condigno de veneração” onde foi assistir a missa que se oficiava.<sup>392</sup> Este literato, como mencionamos na Introdução, demonstrou uma grande admiração pelo padre Alexandre de Gusmão, e em seus relatos traçou importantes pormenores da arquitetura e ornatos do Seminário de Belém.

Frei Agostinho de Santa Maria coligiu em sua obra, *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora* (1722), histórias de todo o Império Português sobre a devoção à Virgem Santíssima. No Tomo IX, em que tratou do Arcebispado da Bahia, e bispados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Grão Pará, dedicou o religioso da Congregação dos Agostinhos Descalços algumas páginas à “Milagrosa Imagem de Nossa Senhora de Belém, que se venera no Seminário da Companhia na Cachoeira”. Iniciou sua narrativa dando notícias do seminário, descrevendo que havia sido fundado em um sítio que antes se denominava “Sigumude”.<sup>393</sup> Não encontramos outras fontes e relatos que mencionem este termo, muito menos a origem e significado desta palavra.<sup>394</sup>

Sebastião da Rocha Pitta descreveu o sítio em que se fundara o Seminário como uma “grande porção de terra, cujo cume se estende dilatadíssima campina”. Elogiou ainda a amenidade do clima, e “suavidade dos ares, pela alegria, e distancia dos horizontes”, a fecundidade do terreno, e o “concurso de muitas, e cristalinas águas”.<sup>395</sup> Havia contígua ao Seminário de Belém uma fazenda com cerca de duas léguas, que servia para o abastecimento de lenha, farinha, legumes e frutos, contando com escravos para o seu labor.<sup>396</sup> Padre Alexandre de Gusmão relatou a existência além da cerca de uma “horta, & jardim”, e também um “pomar de muytas, & muytas sortes de frutas”. Descreveu ainda a presença de “três fermosos tanques, & fontes de excellente água, que servem alem da vista, para a criação de peyxes”, com o que os meninos ficavam contentes e se esqueciam da casa dos pais.<sup>397</sup> À distância de cem metros, corre o rio Pitanga, cujas águas engenhosamente jorravam nas bicas do Seminário. O abastecimento dos gêneros desta fazenda e a proximidade de fontes de água

---

<sup>392</sup> N. M. PEREIRA, *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 1939, Vol. I, p. 58, 62.

<sup>393</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *Santuário mariano, e Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e milagrosamente manifestadas, & apparecidas em o Arcebispado da Bahia, em graça dos pregadores, & de todos os devotos da Virgem Maria Nossa Senhora*, Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gabram, 1722, Tomo IX – que consagra, offerece, e dedica ao Ilustríssimo Senhor Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide, p. 226.

<sup>394</sup> Antônio Loureiro de Souza afirmou que segundo a “tradição” e pela notícia da descoberta de urnas funerárias em regiões próximas, o sítio de Belém de Cachoeira era antes da chegada dos jesuítas uma aldeia indígena. Afirmou também ignorar o significado desta denominação “Sigumudo”. A. L. de SOUZA, Belém de Cachoeira, *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1972-1975, p. 63.

<sup>395</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*. 1950, p. 277.

<sup>396</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 176.

<sup>397</sup> A. GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 363.

talvez possam oferecer a resposta material para que mesmo nos anos de carestia não padecessem necessidades no Seminário de Belém, como declarou o jesuíta.

Ao tempo que escrevia *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, informou o padre Alexandre de Gusmão que já haviam passado mais de quinhentos estudantes pelo Seminário de Belém, e naquele período contavam em mais de cem.<sup>398</sup> Serafim Leite calculou em cerca de mil e quinhentos seminaristas em seus setenta e dois anos de funcionamento. No entanto, partindo dos seus registros para o número de matriculados no Seminário dos anos de 1688 a 1739, em que a lotação máxima encontrada foi de cento e quinze meninos anuais, podemos tomar como muito avultada esta estimativa.<sup>399</sup> Mesmo diante desta imprecisão numérica, cabe-nos o questionamento sobre a estrutura necessária para funcionamento deste internato em “princípios do sertão”, como passaremos a descrever a seguir.

### 3 - A “CASA” DO SEMINÁRIO DE BELÉM.

Padre Alexandre de Gusmão registrou suas impressões sobre o Seminário de Belém nas seguintes linhas: “A casa he a mayor, & mais fermosa do Brasil, capaz de receber duzentos meninos; a Igreja, & Sacristia a mais linda, & de ricas pessas, que o Brasil tem”.<sup>400</sup> A partir desta entusiasta descrição do padre Alexandre de Gusmão, cabe-nos a indagação sobre a estrutura do seminário. Do antigo Seminário de Belém, somente a sua Igreja sob a invocação de Nossa Senhora de Belém resistiu até os dias atuais. As principais notícias que temos sobre o edifício do Seminário de Belém, e todas as suas acomodações, conforme indicadas na planta – Residência dos Padres, Pátio dos Estudantes, Portaria, Casa de Hóspedes, salas de aula, refeitório, cozinha, rouparia, e biblioteca – datam da ocasião do seu fechamento.

Do “Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sette centos, e cincoenta e nove, aos vinte e nove dias do mez de Dezembro” foi datado o Inventário de todos “os ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertecentes a Igreja do Seminário de Bethlem, que foi dos Religiozos da Companhia *denominada* de Jesus” [grifos meus]. A mais completa descrição que dispomos sobre o Seminário procede deste Inventário (1759-1760), que marca o

---

<sup>398</sup> A. GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 364.

<sup>399</sup> Cf. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo V, 1945, p. 177-178.

<sup>400</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 362.

encerramento de suas atividades educacionais e a transferência de sua posse para o clero secular. Todos os bens foram entregues, e dada a “posse de tudo, que nelle se contem pelo mesmo inventario em nome do Reverendíssimo Cabbido sede Vacante a quem representava pelos poderes, que lhe tinha facultado”, o Arcebispo Gonçalo de Souza Falcão.<sup>401</sup>

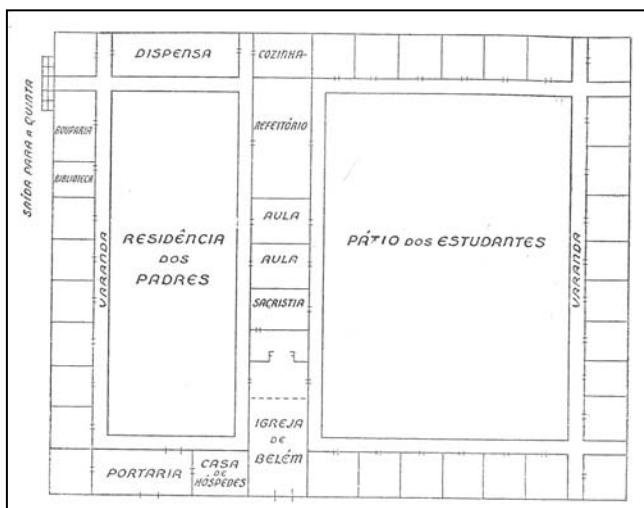
Estes inventários atendiam ao mandado da coroa lusitana para o seqüestro dos bens das Ordens Religiosas que não portassem licença régia, expedido pelo rei D. José I, sob ingerência direta do seu poderoso primeiro ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal. A obrigatoriedade deste consentimento da Coroa estava disposta desde as *Ordenações Afonsinas* (1466), e repetidas na legislação lusitana subseqüentes, na *Manuelina* (1521) e *Filipina* (1603). A deflagração para a ordem real, que culminou com a expulsão da Companhia de Jesus no mesmo ano de 1759, pode ser compreendida na confluência, tais como, a riqueza que a Igreja de Roma, e de modo mais específico que a Companhia de Jesus havia angariado no Reino português e em suas possessões. Acrescenta-se ainda a tentativa de regicídio, na qual os jesuítas foram acusados de mentores, e os ventos do Absolutismo que sopravam sobre a Europa.<sup>402</sup>

Destaque para o desenho da planta do Seminário enviada em 4 de junho de 1687 pelo padre Alexandre de Gusmão ao Padre Geral em Roma, juntamente com o pedido para a sua licença (Imagem 3).

---

<sup>401</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **Arquivo Histórico Ultramarino (AHU). Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida.** Bahia. Caixa 26, Doc. 4894. Este Inventário está composto da listagem dos bens (29/12/1759), e dos termos de concórdia e de conferência (22 e 23/01/1760).

<sup>402</sup> Cf. F. L. SANTOS, *Te Deum Laudamus*. A expulsão dos jesuítas da Bahia. (1758-1763), 2002, p. 89 – 115. Importante relato sobre a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil e da Índia foi dado pelo padre jesuíta José Caeiro, contemporâneo a estes eventos. Este jesuíta, em uma tônica apologética, descreveu o processo, desde a expedição da ordem para seqüestro dos bens, a prisão dos padres, irmãos e noviços na Bahia, a acusação de atentando ao rei e o exílio e espoliação dos jesuítas destas terras. Atentou em seu relato sobre o modo que foi procedido o seqüestro dos bens do Seminário de Belém, a prisão dos padres residentes, e a despedida “desumana e grosseira” aos pequenos seminaristas, segundo seus termos. “O desembargador Francisco Figueiredo Vaz, nada afecto aos jesuítas, deu-se logo pressa a ir cumprir as ordens do Governador. Dirigiu-se ao seminário de Belém (Cachoeira); pôs guardas em volta da casa, e, com modo muito deshumanos e grosseiros, atirou para a rua os seminaristas. Aos jesuítas contava-os duas vezes ao dia. Até as cinzas de veneráveis finados as pos também no rol dos da casa; e aos padres obrigou-os com juramento a que não ocultassem dinheiro algum ou publico ou particular. E, depois de os ter maltratado durante três dias, mandou os sete padres, e dois escolásticos e dois coadjutores, que la moravam, para a cidade da Baía, escoltados por um destacamento de força publica”. J. CAEIRO, *Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal (século XVIII)*, 1936, p. 99-100.



**Imagem 3** - Cópia da planta do Seminário de Belém reproduzida por justaposição por Serafim Leite. <sup>403</sup>

Partiremos então a perscrutar esta “casa” do Seminário de Belém, buscando evidenciar aspectos das suas práticas pedagógicas, do cotidiano e da religiosidade. Ressaltamos, no entanto, que o detalhamento das acomodações não pode resultar em uma asserção direta sobre o projeto pedagógico. Para “adentrar” no Seminário através da narrativa, devemos atentar para a relação entre a sua estrutura e os possíveis significantes sócio-culturais de seus elementos.

### 3.1 - A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM E SUA SACRISTIA.

A Igreja de Nossa Senhora de Belém <sup>404</sup> foi descrita da seguinte forma: “Hum Templo dedicado a Nossa Senhora de Belém, com o frontispício para a parte do Nascente, e a porta principal de almofadas, e duas janellas, com suas grades e seo adro, que occupa todo o lugar do mesmo Templo, e com hua Torre com quatro sineiras”. <sup>405</sup> Inaugurada em 1695, a igreja conserva ainda hoje a grande porta “de almofadas” e as janelas em seu frontão. <sup>406</sup> Há somente uma torre na Igreja. Padre Serafim Leite, com base nos catálogos da Companhia, encontrou a informação que em 1726 estava o frontispício e as suas duas torres por ruir, e que se procedera a reformas, concluídas em 1732, utilizando desta vez pedras na edificação. De 1739, havia outra notícia de que a Igreja toda ameaçava ruína, e que iriam reconstruí-la. No

<sup>403</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 190.

<sup>404</sup> Ao longo desta narrativa, foram sublinhados os elementos da estrutura do internato para auxiliar ao leitor.

<sup>405</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>406</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 192.

Inventário (1759-1760), encontramos a descrição de apenas uma torre, com quatro sinos e um relógio grande muito velho, que não dava mais as horas.<sup>407</sup> Esta singular torre foi ornada com pedaços de louça de matizes brancas e azuis, muito possivelmente de origem oriental.<sup>408</sup>

Adentrando as portas da pequena Igreja de Nossa Senhora de Belém, observam-se os cinco nichos no altar-mor. O maior e central servia de “trono” para as imagens da Sagrada Família, Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus, representando o “mysterio do Nascimento do Salvador, a quem a obra [do Seminário] he consagrada”.<sup>409</sup> Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* relatou o padre Alexandre de Gusmão que estas imagens vieram para o Brasil equivocadamente, “porque mandando certa pessoa fazer a Lisboa as Imagens do Desterro para hua sua Capella deste título, o official as fez do Belém”. Era a imagem de Nossa Senhora de Belém, “das mais fermosas, & veneráveis, que se tem visto”. Relatou o jesuíta que foi tirada segundo o modelo da imagem da Madre de Deus de Lisboa, que acreditava ter sido feita e entregue por anjos para a rainha D. Leonor na fundação do Convento de franciscanas descalças no ano de 1509.<sup>410</sup> São José, ainda segundo o padre

---

<sup>407</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida.** Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>408</sup> Ornamentada com porcelana oriental, “reluzente de Macau”, nas palavras do padre Serafim Leite. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 195. P. M. Bardi identificou neste século XVIII uma notável influência de “chineses” nas artes luso-brasileiras, reflexo de um maior influxo comercial com o Oriente. As louças, que serviam de lastro nos navios, eram comercializadas pela Companhia das Índias Orientais, que também trazia tecidos, peças preciosas, inspirações e motivos para a pintura e escultura. P. M. BARDI, **História da arte brasileira.** Pintura, escultura, arquitetura, outras artes, 2º edição, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1977, p. 88-90.

<sup>409</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida.** Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>410</sup> Frei Agostinho de Santa Maria registrou a “milagrosa” origem desta história. D. Leonor, esposa de D. João II, decidiu edificar um convento de religiosas reformadas sob autorização da Santa Sé. Andava então a rainha “cuidadosa” sobre qual a invocação daria a este convento. Certo dia recebeu a visita de dois rapazes que lhe pareceram “flamengos”, que lhe ofereceram uma belíssima imagem da Madre de Deus. À rainha pareceu excessivo o preço cobrado, e não entrando em acordo com os mercadores, deixaram a imagem para retornar no dia seguinte. Contudo, nunca tornaram a aparecer. E, desta forma, difundiu-se a história de que seriam os vendedores anjos, ficando o convento fundado sob a invocação da Madre de Deus. A imagem foi descrita pelo religioso da seguinte forma: “He esta Santíssima Imagem obrada pelas maos do Divino Artífice, & não he possível que será das divinas mãos, ouvesse quem obrasse Imagem tam perfeita, & tam admirável (...). A sua vista suspende, & arrebatá os corações; & a sua grande modéstia, & reverencia com que adora ao Soberano Menino, que tem diante de si, reclinado em hum rico berço de prata, o enternece. He do tamanho natural, esta collocada em hua Capella collateral, que fica fronteira ao Coro da parte do Evangelho; está de joelhos com as maos postas, como quem dá as graças ao Divino Verbo, q vê reclinado, de a eleger por Mãe sua”. A. de SANTA MARIA, **Santuário mariano, e Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, E das milagrosamente apparecidas, em graça dos Pregadores, & dos devotos da mesma Senhora**, 1707, Tomo I – Que comprehende as Images de Nossa Senhora, que se venerão na Corte, & Cidade de Lisboa, que consagra, offerece, e dedica À Soberana Imperatriz da Gloria Maria Santíssima Debayxo do seu milagroso titulo de Copacavana. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galrão, p. 123 – 127.

Alexandre de Gusmão, era “de igual perfeição”, e com eles estava o Menino Jesus reclinado em um berço.<sup>411</sup>

Frei Agostinho de Santa Maria escreveu sobre a “milagrosa imagem de Nossa Senhora de Belém” a partir de informações dadas por um vigário de Cachoeira, Padre Antonio Pereira. Relatou o agostinho que era a Nossa Senhora de “escultura de madeyra”, de altura de “huma perfeytissima mulher”, e estava “de joelhos com as mãos levantadas, & os olhos postos no Santíssimo Filho Menino, que está reclinado em hum berço, ou como presépio: & com tão grande affecto se mostra para com o soberano Filho, a quem adora, que arrebatava os corações”.<sup>412</sup> O Peregrino de Nuno Marques Pereira ficou “com os olhos arrazados em lagrimas de puro gozo” quando chegou ao “reclinatório” (genuflexório) e contemplou as imagens da Sagrada Família.<sup>413</sup>

Emoldurados no altar da Capela principal, iluminada pela luz natural de suas janelas, e encimada pelo forro do teto profusamente colorido representando a Natividade do Senhor, as três imagens receberam ainda muitos ornamentos, o que por certo contribuía para o “arrebato” dos corações dos fiéis. Completando o cenário do altar-mor, estavam as imagens do Padre Fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, e do Apóstolo do Oriente, São Francisco Xavier, cada qual a um lado da Sagrada Família. Nos nichos superiores, estavam São João Batista e São João Evangelista. Nos dois altares laterais estavam os “avós de Jesus” completando assim a representação da Sagrada Família. Da parte do Evangelho (esquerda), estavam as imagens de Santa Ana, um Senhor Crucificado, e uma Santa Quitéria com seu pequeno relicário. Na parte da Epístola (direita) estava São Joaquim, com seu cajado de prata, ao lado de São Benedito, e outra imagem do Senhor Crucificado. Ainda no altar-mor estavam dispostos os objetos litúrgicos: cálices, âmbulas, castiçais e turíbulos com muitos marcos de prata...<sup>414</sup>

Refletindo no valor pedagógico *per se* da arte sacra, na relação de suas representações e o ensino religioso direcionado aos seminaristas, mostra-se interessante pensar sobre o aspecto da “comoção”. Nos termos do historiador José Antonio Maravall, na cultura do Barroco o apelo da comoção, estava (e deveria estar) “atuando calculadamente

---

<sup>411</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 365. Esta imagem está guardada em Belém de Cachoeira, ver no Anexo II.

<sup>412</sup> A. de SANTA MARIA, **Santuário mariano**, 1722, Tomo IX, p. 226.

<sup>413</sup> N. M. PEREIRA, **Compêndio narrativo do Peregrino da América**, 1939, Vol. I, p. 64.

<sup>414</sup> *Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfaytas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida.* Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.



sobre os motores extra-rationais” das “forças afetivas” nos sujeitos. “Artimanha” presente nas artes, na política, na arquitetura, ou seja, em toda esta cultura “barroca”. Trocando em miúdos, dentro da lógica de uma cultura pedagógica do Barroco, havia em comum nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola e no teto primorosamente pintado da Igreja de Nossa Senhora de Belém o intuito de atingir o público, o leitor, o educando, através de fatores emotivos e sensoriais.<sup>415</sup>

Em um capítulo no qual tratou da devoção dos inacianos à Sagrada Família em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, padre Alexandre de Gusmão relatou que todos os dias os seminaristas, que “são criados no amor, & devoção da Virgem santíssima”, depois de haver saudado a Nossa Senhora de Belém, cumprimentar o seu Esposo e seus Santos Pais. O jesuíta ditou as saudações usadas em Belém, e reproduzidas em sua obra, “para quem as quizer usar”, as quais transcrevemos abaixo.

Ave Joseph plene gratia, & Spiritu Sancto, Dominus tecum: benedictus tu inter homines, ficut benedicta Sponsa tua inter mulieres; que a JESUS benedictus fructus ventris Mariae, etiam tuus habitus est. Ora pro nobis Pater Christi, & Sponse Virginis, est qui tibi in hac vita subditus esse voluet, meritis tuis, nunc, & in hora mortis nobis propitius, e Te dignetur. Rx Amem.

[...]

Ave Joachim avus Deis, ave justitia plene, Dominus tecum: benedictus tu inter homines, & benedictus fructus ventris Filiae tuo JESUS. Sancte Joachim ave Dei, Sancte Pater Matris Deis, ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostre. Rx. Ame[m]

[...]

Ave Anna avia Deis, ave Mater Matris Dei justitia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui Maria. Sancta Anna avia Dei, Sancta Mater matris Dei, ora por nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostre. Rx. Amen.<sup>416</sup>

Segundo foi expresso nas *Ordens que se deviam guardar no Seminário de Belém*, os meninos deveriam visitar ao menos duas vezes ao dia a Igreja. Logo ao amanhecer fariam as preces e assistiriam a Missa. À noite, após a ceia, ouviriam a lição espiritual, visitariam o Senhor e a Senhora no altar-mor, fariam breve exame de consciência, e rezariam as preces noturnas.<sup>417</sup> Deste ponto retornemos nossa atenção ao primeiro parágrafo do regulamento,

---

<sup>415</sup> J. A. MARAVALL, *A cultura do Barroco*. Análise de uma estrutura histórica, 1997, p. 147.

<sup>416</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 264.

<sup>417</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 188.

nas recomendações para o “temor de Deus” e “inclinação às coisas espirituais”. Foi expressamente orientado que a doutrina dos meninos deveria ser feita todos os Domingos, para que assim aprendessem os “mistérios da fé com inteligência”. Foi ainda indicado que o Padre ministrante dos ofícios religiosos não se estendesse em exortações ao povo no sermão, mas que atentassem para “fazer a doutrina” aos seminaristas, que era esta sua maior obrigação.<sup>418</sup>

Em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, padre Alexandre de Gusmão, narrou que todos os dias, ao findar as classes, tinham os meninos as práticas espirituais, nas quais cuidavam “principalmente”, em suas palavras, em lhes intimar “o temor de Deus, pureza da alma, & mais bons costumes, com a devoção da Senhora”. Nos Domingos ouviam a Doutrina, e comungavam nas festas de Cristo, e da Senhora. Todos os dias, na devoção da Senhora com que eram criados, rezavam o terço em coros e Ladainhas. Destacou o padre que os meninos guardavam “sempre o bom costume de visitar o Senhor, & a Virge santíssima ao ir, & vir da classe”.<sup>419</sup>

Relatou ainda que para “além do fruto, que se colhe da criação dos meninos, também não he pouco o que se colhe da gente de fora”.<sup>420</sup> No regimento foi ressaltado aos que assistiam no Seminário que o seu principal instituto era o cuidado na criação dos meninos. Fez a ressalva de que, sem que a Igreja viesse a se tornar “freguesia”, estivessem os padres também dedicados aos demais “ministérios da Companhia”, que eram “administrar sacramentos, pregar e exortar o Povo”, e “ainda aludir às confissões de fora”.<sup>421</sup>

Mesmo com o regulamento determinando que os seminaristas não pudessem aproximar-se de pessoas externas, por certo não lhes passava despercebida a movimentação dos muitos fiéis que acorriam à Igreja de Nossa Senhora de Belém.<sup>422</sup> O templo, segundo o seu inventário, dispunha de dezesseis bancos grandes, que provavelmente não eram suficientes para comportar a multidão que ocorria à Igreja nos tempos do Natal e nas romarias. Padre Alexandre de Gusmão relatou que vinham pessoas não só das cercanias, mas algumas vindas até de cinqüenta e cem léguas para as partes dos sertões, buscando desta

---

<sup>418</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 180.

<sup>419</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 363.

<sup>420</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 366.

<sup>421</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 186-187.

<sup>422</sup> No regimento foi afirmado da seguinte forma: “Não se admita no côro chusma de gente, porque é reservado aos de casa”. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil** 1945, Tomo V, p.185.

forma o “bem de suas almas, & para implorarem da Senhora o remédio de suas necessidades”.<sup>423</sup>

O relato foi corroborado por Sebastião da Rocha Pitta, que, tratando do culto divino celebrado na Igreja de Nossa Senhora de Belém, relatou que naqueles tempos vinha aumentando a devoção dos fiéis que de muito distante iam àquele “Santuário”.<sup>424</sup> Frei Agostinho de Santa Maria também afirmou que a imagem de Nossa Senhora de Belém era deveras buscada pelos moradores da região, “muyto frequentada com muytas romagens”. Narrou ainda o religioso, que muitas pessoas acorriam à “milagrosa” imagem “para impetrarem da Senhora os favores, & mercês, que lhe pedem; & outras a darlhe as graças das que tem recebido da sua piedade”.<sup>425</sup>

Com a advertência de que não era seu intento avaliar os casos que narrava como milagres, padre Alexandre de Gusmão fez menção a algumas mercês da Virgem presenciadas em Belém.<sup>426</sup> Como por exemplo, o “miraculoso” azeite da lâmpada de Nossa Senhora de Belém. Este óleo, narrou o jesuíta, curou as chagas de bexiga (varíola) de uma mulher, e salvou um vizinho do Seminário de um atentado. Afirmou o padre que era este azeite, “muyto procurado para todo o gênero de males”.<sup>427</sup>

Vale citar brevemente alguns dos casos narrados pelo padre Alexandre de Gusmão, para compreender a aura de religiosidade que envolvia a educação dos seminaristas. Dona Ursula Garcia, esposa de Antonio Bautista, “insigne bemfeytor do Seminário”, tendo problemas no parto, e estando já três dias com o feto morto e com risco de vida ela própria, rogou pela sua vida à Senhora. Com apenas a visão da imagem de Nossa Senhora de Belém levada da Igreja do Seminário, “lançou hua criança morta podre, de tal grandeza, que todos

---

<sup>423</sup> *Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida.* Bahia. Caixa 26, Doc. 4894; A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 336.

<sup>424</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 278.

<sup>425</sup> A. de SANTA MARIA, **Santuário mariano**, 1722, Tomo IX, p. 225-227.

<sup>426</sup> “PROTESTO DO AUTOR: Obedecendo Aos Decretos do Papa Urbano VIII declaro ser o meu intento observar quanto nelles se ordena. Não intento antecipar me ao juízo da Igreja Romana, & sempre que dou título de Santo ou outro equivalente a alguas pessoas illustres em virtudes, he caindo o tal titulo, naõ sobre as pessoas, mas sobre a sua opinião, & acções louváveis. *Finalmente não pertendo mais fé a que merece qualquer relação humana.*”[grifos meus] A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, Protesto do autor, p. 366. Por decreto do papa Urbano VIII de 1625, proibiu-se a difusão (na devoção de imagens e na publicação em hagiografias e demais gêneros literários) de relatos de santidade, milagres, ou revelações que não houvesse recebido a aprovação da Sagrada Congregação dos Ritos. Cf. E. SALES SOUZA, **Espiritualidade e piedade em D. Sebastião Monteiro da Vide**, [2007] não publicado.

<sup>427</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 366-367.

julgaraõ era impossível expulsalla naturalmente”.<sup>428</sup> Em gratidão D. Ursula, doou para o Altar da Senhora uma lâmpada com “trinta & oyto marcos de prata”. Esta talvez seja a lâmpada listada no Inventário, com 35 marcos de prata lavrada (ou seja, sete quilos, novecentas e vinte e duas gramas).<sup>429</sup>

Outro caso narrado foi o de certa mulher “douda” trazida à Igreja pela família. A dita mulher apenas tomou em suas mãos a um quadro da Senhora, e, segundo relato do padre, “se levantou toda risonha, & começou a baylar co elle nas mãos por toda a Igreja, &, ou fosse impulso de doudice, ou moção da Senhora, ella se sentou sã com juízo perfeyto, & nunca mais sentio semelhante falta”. Padre Alexandre de Gusmão relatou que este quadro da Senhora era comumente levado aos enfermos, e principalmente para as parturientes, para proteção da Senhora com “boas horas”.<sup>430</sup>

De grande admiração para o padre, foi o caso de um menino filho único, que estava já muito doente, e sem mais esperanças de cura, que foi levado pelos pais à Igreja de Nossa Senhora de Belém. Esta mesma história, embora sem o mesmo detalhamento, foi destacada pelo Frei Agostinho de Santa Maria. Padre Alexandre de Gusmão narrou que no momento em que a família invocava a graça da Virgem misteriosamente “as cortinas que cobrem a Santa Imagem, se abirão por si, sem ninguém as tocar”. Tomaram os pais este acontecido como sinal de “bom annuncio” e levaram o menino de volta para casa. Naquela mesma noite o menino faleceu. No dia seguinte, seguia o séquito com o corpo amortalhado, e de repente, levantou o menino clamando por Nossa Senhora de Belém.<sup>431</sup> Nas palavras do agostinho, ressuscitou o menino “por mercê, & favor daquella Soberana Senhora, sem saber dizer mais”.<sup>432</sup> Padre Alexandre de Gusmão relatou que ele pessoalmente instou o menino para que lhe dissesse o que havia visto enquanto acreditavam estar morto, o qual lhe respondeu que havia visto uma Nossa Senhora igual à imagem de Belém.<sup>433</sup>

Também eram levados endemoniados à igreja, que saíam livres graças à invocação à Virgem, conforme relatou o padre com alguns casos. Narrou o jesuíta exemplo de duas negras escravas que libertas em nome da Virgem de Belém, e de seu servo Santo Ignácio, como sinal da sua possessão lançaram fora um anel e um alfinete torto. E ainda

---

<sup>428</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 366.

<sup>429</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>430</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 366.

<sup>431</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 367-368.

<sup>432</sup> A. de SANTA MARIA, **Santuário mariano**, 1722, Tomo IX, p. 225-227.

<sup>433</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 368.

muitos outros que segundo o jesuíta acudiam à Igreja “com titulo de demônios, mas ou não são certos, ou são assombrados, ou vexados de outras enfermidades não conhecidas”.<sup>434</sup>

Por estas histórias e relatos podemos considerar que grande fama corria por todo Recôncavo, Capitania da Bahia e mundo português desta Igreja e sua venerada Nossa Senhora de Belém. Fama que o próprio padre Alexandre de Gusmão tratou de difundir em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*. O prestígio do Seminário de Belém, a se notar pelos relatos de seus contemporâneos, como Nuno Marques Pereira e Sebastião da Rocha Pitta, foi em boa parte construído em torno desta religiosidade.

Pelas portas laterais na nave da Igreja passamos à Sacristia. Nuno Marques Pereira através da narrativa do Peregrino, a descreveu como de “grande asseio e alinhado”, que lhe “pareceu uma copa bem arrumada”.<sup>435</sup> Segundo o Inventário, os nichos pintados de branco com singelas guirlandas de flores que adornam suas laterais recebiam duas imagens de Nossa Senhora da Conceição. Da parte do Evangelho, estava ainda uma Imagem de pedra do Senhor *Ecce - homo*. Da parte da Epístola, outra Imagem do Nosso Senhor Crucificado, uma imagem de Nossa Senhora da Soledade, e outra de São João, e uma caixa pequena com uma relíquia de São Ângelo. No Inventário foi listada ainda uma imagem de Nossa Senhora das Dores, e diversas peças de presépio.<sup>436</sup>

Sebastião da Rocha Pitta relatou que além do desenho da Igreja de Belém, dos artefatos do retábulo, e várias peças da sacristia, padre Alexandre de Gusmão fazia “muitos presépios de diferentes matérias pelas suas mãos”.<sup>437</sup> Constavam no Inventário, quatro presépios “com várias Imagens, e figuras de barro, cada hum em sua caixa”. Outro presépio “com as Imagens do menino Deos, de Nossa Senhora, do Senhor São Jozé, e hum Anjo, e outras figuras de Pastores todas de barro, velhas e toscas”, e ainda duas Imagens que deviam pertencer a outro presépio, “huma de Nossa Senhora com o menino Deos, nos braços, e outra do Senhor São Joze já velhas, e de barro”.<sup>438</sup>

---

<sup>434</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 367.

<sup>435</sup> N. M. PEREIRA, *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 1939, Vol. I, p. 76-77.

<sup>436</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>437</sup> S. da ROCHA PITTA, *História da América Portuguesa*, 1950, p. 278.

<sup>438</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894. Observa-se a marcante presença de representações da Natividade do Senhor, encontrada no colorido teto da Capela-mor, na Sagrada Família, tão veneradas e bem paramentadas em seu trono, e nas pequenas peças de barro.

Não somente na torre da Igreja podemos observar a presença de traços e peças orientais. No meio da Sacristia estava um altar entre “os dous caixoens donde se revestem os Sacerdotes, para celebrarem”, com uma imagem de marfim do Nosso Senhor Crucificado. Havia ainda um Menino Deus, descrito como “deitado sobre a sua mão direita”, posto sobre um caixão com “Lavores de ouro”, com apliques de “vidraças brancas” envernizado com charão vermelho.<sup>439</sup> Também podemos notar a presença das especiarias orientais que chegavam à Bahia pelas naus mercantes nos tecidos, como os “panos da Índia” que vestiam o Menino Deus no altar-mor, nas sedas que cobriam os altares, nas jarrinhas com “Japonistas de Louça da Índia” com seus “trez leoens pintados de amarelo, duas figuras pretas, com os corpos vermelhos, e azues” pertencente à Capela dos Congregados.

O forro da Sacristia é matéria para um estudo de arte. As singelas guirlandas de flores, profusamente coloridas e com apliques de folhas de ouro, impressionam pelo exotismo de seu estilo “oriental”. Nas palavras do padre Serafim Leite, conta da “antiga unidade do império português”, na influência da arte oriental chinesa.<sup>440</sup> O historiador da Companhia atribuiu ao missionário Carlos Beleville S. J. (†1730) a pintura do teto. O jesuíta francês natural de Rouen, depois de dez anos de missão pela China aportou na Bahia entre 1708 e 1709, onde passou a exercer as funções de pintor e escultor.<sup>441</sup>

Sobre os “confectores” do Seminário e da Igreja dispomos de poucas informações. O labor pesado da construção por certo esteve nos braços escravos. O padre Alexandre de Gusmão, conforme já apontamos, tinha seus pendores de marceneiro e ensamblador. Encontramos notícias de dois irmãos coadjutores que exerciam ofícios no Seminário. O Irmão João Baptista (†1760), natural de Turquel (Alcobaça - Portugal) entrou na Companhia em 23 de outubro de 1734, trabalhou como carpinteiro e em outros ofícios em Belém e no Colégio da Bahia, sendo posteriormente administrador da Fazenda de Urubumirim (Alagoas).<sup>442</sup> Natural de Alfândega da Fé (Bragança – Portugal), o Irmão Martins Clemente (†1768) somente entrou para a Companhia aos 40 anos de idade. Serviu como carpinteiro no Noviciado da Jiquitaia (Bahia) em 1746, e no Piauí em 1748. Registrou-se que em 1757 vivia no Seminário de Belém, “e não havendo então obras, ocupava outros ofícios de casa, entre os quais de enfermeiro”.<sup>443</sup>

---

<sup>439</sup> Charão: tipo de verniz de laca originário da China.

<sup>440</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 196.

<sup>441</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 129-130.

<sup>442</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 126.

<sup>443</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 213-214.

### 3. 2 - O SEMINÁRIO DE BELÉM.

No *Catalogus Tertius ex Triennialibus Provinciaes Brasiliaes Roman missus a P. Provinciali Francisco de Mattos* (1701) informou o citado Provincial ao Geral em Roma que todo Seminário era amplo, e o seu Templo e Sacristia estavam primorosamente edificadas e ornadas.<sup>444</sup> Graças à planta do Seminário, podemos ter uma noção da sua configuração arquitetônica. Não sendo possível dimensionar sua área construída, podemos compará-la proporcionalmente à Igreja de Nossa Senhora de Belém, considerando a fidedignidade da planta. A necessidade de perscrutar a estrutura do Seminário justifica-se pela possibilidade de compreender o cotidiano dos pequenos seminaristas.

Somando as informações do Inventário e da planta, iniciamos a descrição pela Portaria. Localizada ao norte da Igreja, a portaria tinha uma varanda, e logo na entrada havia “hum altar de madeira feito de talha, ainda por pintar, em o qual se acha collocada Nossa Senhora da Conceição” uma imagem de Nosso Senhor Crucificado pequeno de ouro, e um retrato do Coronel Antonio de Aragão de Menezes, “insigne benfeitor” do Seminário.<sup>445</sup> Somente nesta portaria teriam lugar as visitas autorizadas pelo Padre Reitor, conforme prescrito no regulamento.<sup>446</sup>

“Entrando para a parte de cima” da portaria estava “huma Câmara que serve para hospedes”. Sebastião da Rocha Pitta afirmou que havia sido edificado no Seminário “casas para peregrinos, e hospedes authorizados, que naquelle sitio são frequentes”.<sup>447</sup> O Seminário recebeu ilustres viajantes nesta Casa de Hóspedes. O arcebispo Fr. Manoel da Ressurreição (†1691), em visita pelo Recôncavo “sentiu-se doente”, nas palavras de Rocha Pitta, e foi ao seminário buscar abrigo.<sup>448</sup> Padre Antonio Vieira, em uma correspondência datada de 9 de junho de 1691, relatou que estava o prelado “andando em visita das suas ovelhas, com exemplo e trabalho igual a seu zelo, pela aspereza e incomodidades do tempo e dos lugares”.

---

<sup>444</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, Anexos.

<sup>445</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. **Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>446</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.182.

<sup>447</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 278.

<sup>448</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 277.

Estando “mortalmente enfermo”, e então passou a este “deserto”, onde estava o seminário.<sup>449</sup> Faleceu o arcebispo nos braços do Padre Alexandre de Gusmão, tendo sido sepultado na Igreja de Nossa Senhora de Belém.<sup>450</sup> Também no seminário foi acolhido o capitão geral D. João de Lencastre no ano de 1702 em sua passagem para as minas de salitre em Jacobina.<sup>451</sup> O *Regulamento do Seminário* ordenou que os familiares dos seminaristas quando se abrigavam no Seminário deveriam ficar acomodados “em cubículos à parte para isso assinalado”, não sendo permitido nem que tomassem as refeições no refeitório.<sup>452</sup>

Seguindo ao norte da Casa de Hóspedes, foi descrito no Inventário “hum salão, com duas janellas, e seus arquibancos, e principiando no canto estão vários cubículos com suas portas, para os corredores interior[es], e janellas, para a parte exterior”. Comparando com a planta, estes cubículos provavelmente eram os reservados aos padres e assistentes no Seminário, a Residência dos Padres. Segundo o já citado “*Catalogus Tertius ex Triennialibus Provinciaes Brasiliaes Roman missus a P. Provinciali Francisco de Mattos*”, em 1701 assistiam no Seminário, três Sacerdotes, um professor de Humanidades e outro de Gramática, e dois Irmãos Coadjuutores.<sup>453</sup>

Declarou o padre Alexandre de Gusmão, que seguindo o espírito da Companhia de Jesus com o cuidado na boa criação dos meninos, todos deveriam cuidar para estivessem os seminaristas “de modo os que tiverem cuidado no Seminário que os de pouca idade entendam que, se lhes falta o bafo das mães, não lhes falta o favor dos Mestres”.<sup>454</sup> Faltando-nos as fontes que permitam listar todos os que assistiam no Seminário em seus mais de setenta anos de funcionamento, pudemos contar com alguns dados coligidos pelo padre Serafim Leite nos catálogos da Companhia. Nestes, encontrou o historiador, a Manuel Lopes (†1760), natural de Viana (Portugal), que entrou na Companhia aos 21 anos, era sapateiro, e sabia “vários ofícios”. Foi o referido irmão enfermeiro no Colégio do Recife (1732-1743) e soto-

---

<sup>449</sup> **Cartas do Padre António Vieira**, Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de AZEVEDO, Lisboa: Imprensa Nacional, 1971, Tomo Terceiro, p. 632.

<sup>450</sup> Cf. S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 277; N. M. PEREIRA, **Compêndio narrativo do Peregrino da América**, 1939, Vol. I, p. 69-70.

<sup>451</sup> Cf. Ignácio ACCIOLI, **Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia**, 1835, Tomo I, p. 140; 1837, Tomo IV, p. 26, 27; S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 277, 293.

<sup>452</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.183.

<sup>453</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1949, Tomo VII, Anexos. Na obra de José Caeiro, nas notas provavelmente de autoria do padre Luiz Gonzaga Cabral, foram nomeados estes como: Francisco Lago, reitor, Victorino Cunha, João Barbosa, Inácio Passos, Felix Viana, José Carnolto e Francisco Marinho. J. CAEIRO, **Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal (século XVIII)**, 1936, p. 100.

<sup>454</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.186.



ministro do Noviciado do Rio de Janeiro, de onde passou a Belém de Cachoeira, e residiu até 1759, cujo nome foi citado nos autos do Inventário.<sup>455</sup>

Natural do Rio de Janeiro, o irmão coadjutor Francisco de Oliveira (†1740) entrou na Companhia aos 19 anos, e pretendia ordenar-se, mas não o fez por problemas com a gaguez. O que não o impediu de tornar-se enfermeiro de “grande exemplo de caridade”. Serafim Leite encontrou nas Cartas Ânuaas o relato de que em um surto de varíola na Bahia caíram cinqüenta e quatro seminaristas doentes em Belém, cuidados com tanto esmero pelo irmão Francisco de Oliveira que nem um só faleceu.<sup>456</sup> Segundo padre Alexandre de Gusmão o “mal das bexigas”, que “no Brasil he quase peste”, havia assolado o Seminário naqueles idos de 1710 mais de três vezes. Em um destes surtos, admirou-se o jesuíta “que não morresse mais que hum, & esse por desordem, que fez, sendo que dessa ultima vez foraõ perto de cinquenta os enfermos.”<sup>457</sup> Enfermeiro também, e porteiro do Seminário era António de Oliveira (†1762), natural do Porto (Portugal), que entrou para a Companhia em 24 de março de 1741.<sup>458</sup>

Em um corredor ao lado da residência dos padres, estavam “**duas classes** da primeira e da segunda”, as salas de aula. Consta no regimento que havia “duas classes de Latim, além da classe de solfa” e segundo a capacidade dos ouvintes e a ordem das classes da Companhia, em uma classe se ensinaria Arte e na outra Latinidade e Retórica.<sup>459</sup> No *Ratio Studiorum* foi orientado aos chamados “Estudos Inferiores” que estivessem divididos em duas classes, que subdivididas em mais duas, deveria ser ensinado em uma (1) classe média e classe ínfima de Gramática, e na outra (2) classe superior de Gramática e Humanidades.<sup>460</sup> O

---

<sup>455</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 206. Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>456</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 228.

<sup>457</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth**, 1715, p. 364. A “bexiga”, nome popular para a varíola, tornou-se endêmica no Brasil Colonial, causando grande mortandade principalmente entre os africanos, que muitas vezes chegavam a esta costa já infectados. Na ata de 21 de maio de 1685, registrou a Câmara as providências tomadas em relação a Nau Santa Marta vinda de Luanda infestada de bexiga. A Câmara proibiu o desembarque destes negros, e propuseram que corresse aviso nas vilas do Recôncavo, pelo medo de “[...] tão grande ruína que além da mortandade que seriamente havia de se arruinar os engenhos e fazendas se deu nas bexigas passadas que muitos engenhos não moeram por haver de morto os negros de muitas fazendas”. **Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, Salvador: Prefeitura do Município de Salvador, 1984, vol. 6, p. 22-26.

<sup>458</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 227.

<sup>459</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V, 1945, p. 185.

<sup>460</sup> L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 168.

código estabelecia ainda que nestas classes subdivididas, toda a explicação seria em comum, com exceção da Gramática.<sup>461</sup>

Em *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, padre Alexandre de Gusmão dirimiu algumas recomendações para a escolha dos “mestres de meninos”, que nos permitem aludir à construção de um ideal de preceptor. No Capítulo XI da primeira parte, tratando “da obrigação dos Tutores, Ayos, & Mestres de mininos” indagou-se sobre “as propriedades [que] há de ter o bom mestre, ou ayo dos mininos, para serem bem criados?”. Respondeu o padre que deveria o mestre ter “espírito, & sciencia”, ou ao menos, bom exemplo e inteligência. Deveria ser como o “lavrador do campo novo”, pois “ha de cultivar o prudente mestre os ânimos dos mininos como terra virgem com o arado da disciplina, arrancando primeiro os abrolhos dos vícios pueris, & espinhos das más inclinaçoens, para que nam cresçam, & sufoquem a semente da verdadeira doutrina”.<sup>462</sup>

No regimento somente havia uma orientação específica direcionada ao mestre de Solfa, para que este fosse um “secular e de nenhuma maneira os Nossos ensinem solfa nem toquem instrumentos, orem cantem e muito menos na Igreja e no coro”.<sup>463</sup> Esta determinação estava de acordo com as *Constituições da Companhia* (1558) que proibia que se ocupassem de coro ou instrumentos musicais. No entanto, sabe-se que a música foi de grande auxílio na tarefa catequética desde o início das missões jesuíticas, como destacamos dos órfãos cantores. Havia Igrejas, segundo Serafim Leite, que poderiam ser consideradas “escolas e conservatórios de Música”, e como tal citou o exemplo do Seminário de Belém, onde havia coro e ensino de instrumentos.<sup>464</sup> Na Carta Ânua de 1699, o padre João Antonio Andreoni descreveu as atividades do Seminário de Belém, mencionando que havia a prática do “canto músico com um professor externo, após os estudos de letras, para que sirvam nos dias festivos

---

<sup>461</sup> “10§ [...] Antes de tudo, comum será a leitura de Cícero de modo que as cousas mais fáceis se perguntem ao grupo menos adiantado, as mais difíceis ao outro. Poder-se-á também ditar um só tema de tradução de modo que a subdivisão mais adiantada o escreva todo, a outra, só a primeira ou a última parte mais adaptada às regras que lhe foram explicadas. Comum enfim a todos poderão ser, quase sempre, os exercícios e desafios. Sendo, portanto, diferente unicamente a lição de gramática, poderá ser explicada e repetida ou em dias alternados a cada grupo, ou diariamente em tempos diversos”. L. FRANCA, **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 169.

<sup>462</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 85, 88.

<sup>463</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>464</sup> S. LEITE, **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**, 1953, p. 63.

no templo à religião e à piedade, com o prazer santo e doce dos que ouvem aquela melodia”.<sup>465</sup>

No Inventário do Seminário, dentre os “Trastes” da Igreja foi listado um órgão, “muito velho, e hum banquinho em que se assenta o organista”, avaliado em 19\$200 réis, e um cravo “velho, e sem cordas” avaliado 6\$400 réis.<sup>466</sup> Padre Alexandre de Gusmão relatou que os meninos “todos os dias rézaõ o terço juntos a coros, & as suas Ladainhas, que ao Sabbado são cantadas a canno de órgaõ, em tom particular, & de muyta devoção; como he o em que cantão nos Domingos, & festas principaes o Oficio da Conceyçaõ” na Igreja de Nossa Senhora de Belém.<sup>467</sup> Segundo o regulamento, todos os meninos tinham lições diárias de solfa, e nos suetos e dias Santos, poderiam ocupar-se “provando os tonilhos, e aprendendo a tocar os instrumentos conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor”.<sup>468</sup>

Ao lado das salas das classes, segundo o Inventário, havia “huma despensa rezervada”, não listando o que nela se guardava. Assinalada na planta, na parte Norte do Seminário, mas não descrita no Inventário, estava a Rouparia. O regulamento determinou que houvesse “uma casa que sirva de rouparia, em que guarde e reparta a roupa branca de cada um com seus números”. Proibiu-se que os meninos tivessem “lavadeira particular: salvo quando os Pais, dos que moram perto, quiserem por sua conveniência tomar esse cuidado”. Era obrigação dos pais proverem o calçado, mas por alguns morarem muito longe, seria “conveniente conservar em casa um sapateiro escravo” e também “mandar vir de Portugal provimento de peles e desta sorte se evitarão as amiudadas idas aos meninos às casas dos oficiais de fora”. Algumas vezes Rouparia também dizia respeito às alfaiatarias, oficinas comuns em todas as Casas e Colégios da Companhia, o que não podemos garantir que fosse esta a função no caso de Belém.<sup>469</sup>

Ainda na parte Norte, assinalada na planta e segundo o Inventário estava a Casa da Livraria. Em um Inventário em que se registraram miudezas, não há menção da listagem de livros da Biblioteca. Padre Serafim Leite, em uma nota de rodapé afirmou que no ano de 1735

---

<sup>465</sup> Cf. Marcos HOLLER, Os instrumentos musicais no processo de expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 16, nº 27. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música/ UFRGS, dezembro 2005.

<sup>466</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. **AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>467</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 363.

<sup>468</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 187-188.

<sup>469</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

foi registrada a entrada de 40 volumes, dos quais infelizmente não forneceu mais informações.<sup>470</sup> Encontramos somente as indicações de um livro do padre Alexandre de Gusmão, *Eleyção entre o Bem e o Mal Eterno* (1720), avaliado em \$200 réis, um livro de Ladainha e um missal “usado”, ambos pertencentes à Congregação do Menino Jesus, e outros cinco missais com valores variados pertencentes à Sacristia.<sup>471</sup>

Segundo o padre Alexandre de Gusmão, dentre as “indústrias” que os da Companhia usavam para “dilatar no mundo a devoção da Senhora” estava a de “repartir estes livrinhos de devoções da Senhora, principalmente aos nossos Estudantes”. Esperava que com estas leituras que “não só honrem, & saudem a Senhora, mas se desaffeyçoem de outros livros profanos e lascivos, em que se aprendem os costumes depravados”. O jesuíta informou ainda que “no Estado do Brasil, aonde isto escrevo”, estavam sendo distribuídos “por indústria de um dos Nossos”, mais de dois mil “livrinhos de preces da Virgem santíssima, alem do livrinho, Menino Christão, & livrinho das preces, que se costumão rezar no Seminário de Belém”.<sup>472</sup>

Havia no interior do Seminário a capela das Congregações, que não foi assinalada na planta, mas citada pelo padre Alexandre de Gusmão e descrita no Inventário. Estas congregações, segundo narrou o próprio jesuíta, surgiram do exemplo da experiência do irmão belga João Leonios no Colégio Romano.<sup>473</sup> Eram grupos diários de estudo, nos quais os estudantes, sob supervisão de algum professor, buscavam ajuntar as “letras a devaçam”. Reunidos nestas classes, os meninos dedicavam-se à oração e às lições espirituais, cuidando em confessarem-se todas as semanas e comungando todos os meses, com especial devoção à Virgem Maria.<sup>474</sup>

No regulamento do Seminário foi destacada a importância destes grupos, denominadas de Congregações das Flores, “como meio muito eficaz para conservar a devoção

---

<sup>470</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 191 (nota 5).

<sup>471</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. **Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>472</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 340.

<sup>473</sup> Prática enraizada no catolicismo europeu, as confraternidades foram também muito frequentes na Companhia de Jesus. Através de uma carta de 14 de julho de 1564 foi descrita para toda a Companhia a experiência do irmão belga, Jan Leunis com a “Congregação Mariana” do Colégio Romano, que fundou sob proteção da Virgem Maria e era composta de meninos do colégio, tendo como centro o estímulo para a vida devota dos estudantes. Nas “Regras do Reitor”, no *Ratio Studiorum*, recomendava-se que fossem introduzidos nos colégios da Companhia a “Congregação de Nossa Senhora”, seguindo o exemplo da “Congregação de Nossa Senhora da Anunciação do Colégio Romano”. J. W. O’ MALLEY, *Os primeiros Jesuítas*, 2004, p. 310; L. FRANCA, *O método pedagógico dos Jesuítas*. O “Ratio Studiorum”, 1952, p. 137.

<sup>474</sup> A. de GUSMÃO, *Arte de crear bem os filhos na idade da Puerícia*, 1685, p. 287.

da Virgem Santíssima e os meninos no amor ás coisas de piedade”.<sup>475</sup> Nos tempos que escreveu *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, informou o padre Alexandre de Gusmão que existiam duas Congregações das Flores, contando com cerca de trinta estudantes “dos mais devotos, & modestos”.<sup>476</sup>

No Inventário foram listados os bens das três congregações então existentes – Menino Jesus, Nossa Senhora e São José - e da capela particular, que segundo a descrição, parecia seguir o modelo da Capela-Mor da Igreja de Nossa Senhora de Belém, com cinco nichos em seu altar. No altar principal estava um “menino JESUS de estatura de palmo, e meyo, com suas roupas de Seminarista”, e ao seu lado, as imagens de São João e Nossa Senhora. Havia ainda imagens de Nossa Senhora da Conceição, São José, Senhor dos Passos, São Francisco Xavier, Santo Ignácio, Senhor Crucificado. Foi assinalado ainda que em um dos nichos estava um cofre, “dentro do qual estão os ossos do Venerável Padre Alexandre de Gusmão, Fundador do mesmo Seminário”.<sup>477</sup>

Vale destacar a declaração do Padre Francisco Lago S. J. nos termos de juramento do Inventário, que afirmou que o que havia nas Congregações pertencia aos congregados, e havia sido doado pelas suas famílias, não devendo listar nos bens do Seminário. Contudo, foi ordenado proceder à listagem do que havia nos “caixões” das Congregações. Desta forma foram enumeradas “roupetas” de galacé, carmezim, seda, alguns bordados com fios de ouro, castiçais velhos, jarrinhas de louça da Índia, espelhos, e outras coisas de pequeno valor. Foi avaliada em \$640 réis uma tabuleta com molduras pertencente à Congregação do Menino Jesus com as “profições dos congregados”, e outra com estas “profições” foi listada na Congregação de São José em \$500 réis.<sup>478</sup>

---

<sup>475</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 184.

<sup>476</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 363.

<sup>477</sup> Serafim Leite em nota informou que encontrou uma declaração de Alberto Rebelo datada de 1916 sobre ter encontrado quinze anos antes uma urna com a inscrição “EM QVE ESTÃO AS RELIQUIAS DO V. P. ALEXANDRE DE GVSMÃO”, e que estava então aos cuidados do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 197 (nota 1). No IGHB não foi localizada esta urna (março de 2007). *Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida*. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>478</sup> As regras para as Congregações Marianas foram publicadas pelo padre geral Cláudio Aquaviva em 1587. Fundaram-se na idéia do patrocínio da Virgem Maria, estabelecidas no propósito do aumento das virtudes e da fé e o progresso dos estudos dos seus congregados. Embora indicasse nestas Regras procedimentos e condutas a serem seguidas nas Congregações, as Regras escritas pelo padre Aquaviva indicava que em cada localidade o padre Reitor poderia adaptar estas regras. “Nos ha parecido bien establecer estos estatutos para que sean en lo posible comunes a todas lãs Congregaciones afiliadas a la de Roma, dejando, con todo, a cada una la facultad de conservar y establecer sus propios estatutos particulares, de acuerdo con la diversidad de personas y lugares, contando con la aprobación del Rector (del Colegio)”. Cf. Fermín MARÍN BARRIGUETE, Los jesuitas y el

Entre os bens das três Congregações havia em comum algumas flores de papel. Foram listados dezoito ramalhetes de flores de papel que foram somadas e avaliadas em 2\$880 réis. As “várias” flores de papel encontradas nos caixões foram estimadas como sem valor.<sup>479</sup> Aos interesses dos inventariantes por certo não poderia ser conferida qualquer utilidade às flores de papel rotas. Padre Alexandre de Gusmão em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* explicou o mistério da confecção destas flores: eram sinais dos “vários actos de virtudes, & mortificações” que os congregados ofereciam em devoção à Senhora.<sup>480</sup>

Uma vez por ano, promovida pelas “Congregações das Flores”, os seminaristas demonstravam e encenavam publicamente sua devoção à Virgem Rainha dos Céus oferecendo estas simples flores de papel. A Igreja de Nossa Senhora de Belém era tomada de singelas flores de papel na Festa das Congregações das Flores. Padre Alexandre de Gusmão relatou que de uma só vez os meninos adornaram a devotada Nossa Senhora de Belém com cerca de dez a doze mil flores de papel. O intuito que pretendia com esta “santa invenção”, em suas palavras, era estimular os meninos na “pureza da alma”.<sup>481</sup>

Ao lado da Capela das Congregações, seguindo outro corredor, estavam “outros cubículos na forma dos antecedentes”, ou seja, com portas internas e janelas exteriores. Este era provavelmente o pátio dos estudantes, assinalado na planta, e segundo a avaliação do padre Alexandre de Gusmão, suficiente para abrigar duzentos meninos.<sup>482</sup> O Inventário não descreveu estes cubículos, e nem fez menção ao mobiliário. No regulamento, havia a determinação de que os meninos tivessem “sua cama concertada”.<sup>483</sup> O cubículo poderia ser também ambiente de estudos, pois em um parágrafo da *Ordem que se deve guardar no Seminário de Belém*, estava determinado que “Não entrem nos cubículos uns dos outros, sem licença do Padre reitor ou do Padre Mestre, pois não serve mais que de estorvar aos que estudam”.<sup>484</sup>

---

culto mariano: la Congregación de La Natividad em la Casa Profesa de Madrid, **Tiempos Modernos**, Nº 9, p. 4, 2003-2004. Cf. *Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida*. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>479</sup> *Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida*. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>480</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 363.

<sup>481</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 363.

<sup>482</sup> A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 362.

<sup>483</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>484</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.188-189.

Imprescindível no funcionamento de um internato era a “despensa, cozinhas e refeitório”. Nas ordens que os meninos deveriam guardar, estavam regulamentadas as atividades do dia. O “almoço” às oito da manhã depois de terem feito as preces e assistido a Missa. Acabadas as classes matutinas, deveriam ir á mesa e comer “em comunidade, com lição e silêncio”. Depois das Ave-Marias, rezariam o terço, diriam a Ladainha, e então ceariam.

Nas *Ordens para os que assistiam no seminário*, foi orientado que se tratassem os meninos de forma que “que os pequenos estejam no Seminário contentes, e os grandes não estejam violentos”. E com este intento, os padres deviam empregar quando necessário o castigo, regular o lazer e ter todo o cuidado quando doentes. Também se determinava que “o Irmão, que tem cuidado da despensa, tenha alguma licença do padre Reitor para lhes dar ás vezes a merenda, com a moderação que pede a caridade; a qual quando for possível não deve faltar nos dias de sueto”. As merendas, junto com a recreação permitida, estavam reservadas aos Dias Santos e feriados à tarde.<sup>485</sup>

O lusitano Pedro de Arruda (†1725) entrou na Companhia aos 30 anos de idade. Padre Serafim Leite nos conta que era cantor e viveu seus últimos doze anos de vida no Seminário de Belém. Era procurador e chefe da despensa, cozinha e refeitório no ano de 1716, e tratava os meninos “como mãezinha e a quem regalava gulozeimas, sem permitir se usassem com eles modos carrancudos”. Foi ainda enfermeiro e sacristão, mas destacava-se como cantor “exímio”, sendo convidado por outros religiosos para ser mestre do coro, mas preferiu ser irmão leigo. Faleceu no Seminário a 14 de dezembro de 1725.<sup>486</sup>

Na parede “fronteira” do refeitório, havia “dous esguechos de Lavar as mãos, hum delles desbaratado”. Esta bica era abastecida pelas águas do Rio Pitanga, a 100 metros abaixo do nível do Seminário, e jorrava por canos sem força motora. Este invento atribui-se ao seminarista Bartholomeu de Lourenço “Gusmão” (1685 ou 1686 †1724), que ainda estudante em Belém demonstrou sua prodigalidade. O sobrenome Gusmão foi atribuído em homenagem ao seu protetor padre Alexandre de Gusmão. A sua engenhosidade entrou para os anais da história da aviação com o experimento de um precursor do balão moderno, apelidado por sarcasmo de “Passarinholá”, que encantou a corte portuguesa no ano de 1709.<sup>487</sup>

---

<sup>485</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.186, 188.

<sup>486</sup> S. LEITE, *Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*, 1953, p. 217.

<sup>487</sup> Cf. E. Vilhena de MORAES, **Três figuras: o padre poeta, o padre voador, o frade preceptor**, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1937; Affonso de E TAUNAY, **Bartholomeu de Gusmão – Inventor do aerostato – A vida e**

Em petição ao Senado da Câmara da cidade da Bahia, requereu o então seminarista Bartholomeu Lourenço uma espécie de patente para um experimento que com “particular estudo, e experiência”, descobriu o “Segredo defazer subir agoa, toda a distancia, e altura aque sequizer levar”. Esta petição, segundo o termo de vereação datado de 12 de dezembro de 1705, estava acompanhada de uma certidão do “Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, Reitor do dito Siminário”, atestando que o Suplicante havia feito “subir no [...] Siminário de Belém quatrocentos e secenta palmos”.<sup>488</sup> Serafim Leite transcreveu uma certidão do Padre Alexandre de Gusmão, dada com o selo de seu ofício em 18 de Janeiro de 1706, enviada ao Conselho Ultramarino para requerer a mesma patente, provavelmente a mesma enviada a Câmara, redigida nos seguintes termos:

Certifico eu, P. Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, reitor do Seminário de Belém, como é verdade que Bartolomeu Lourenço, seminarista que foi do dito Seminário, fez com sua indústria subia a água de um brejo do dito Seminário, que fica sobre um monte, por um cano de quatrocentos e sessenta palmos de altura, obra de grande admiração e utilidade para o dito seminário; a qual vi correr e todos os mais do dito Seminário, assim Religiosos como Seminaristas.<sup>489</sup>

Os vereadores reconheceram que este experimento poderia ser de “utilidade e conveniência do Serviço dos Povos e grandeza desta Cidade”, pois conforme dito pelo seu inventor tornaria possível “moer os Engenhos que tiveram Tanque, Fonte ou Rio, ainda que esteja em parte muito inferior; e pelo conseguinte trazer agoas para Chafarizes, e Fontes”. Assim, a mesa de vereação concedeu-lhe a licença, considerando que mesmo que não tivesse o “efeito que promete”, seria de “muita utilidade para todo este estado”. Foi então assinalado no “Termo de Resolução” que os que usassem do evento, “por cada Engenho, ou obra”, deveriam pagar ao suplicante Bartholomeu de Lourenço 400\$000 réis, para “remunerar o trabalho de seus Estudos”.<sup>490</sup>

Saindo das acomodações internas do Seminário, segundo assinalado pelo Inventário estava um cemitério “por acabar” próximo a Casa de Hóspedes. Nos fundos do Seminário havia ainda “huma Caza, que serve de guardar vários trastes da uzada Igreja, e

---

**obra o primeiro inventor americano**, São Paulo: Ed. Leia, 1942; Affonso de E. TAUNAY, **Obras diversas de Bartholomeu de Gusmão**, São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1938.

<sup>488</sup> **Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1984, vol. 7, p. 258-259.

<sup>489</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 178, 179 (nota 8).

<sup>490</sup> **Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1984, vol. 7, p. 258-259. Stuart Schwartz tratando das técnicas no fabrico do açúcar no Recôncavo Colonial assinalou que “os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII foram uma época de interesse crescente em mudanças tecnológicas e poupadoras de despesas”, citando como exemplo este pedido de patente do Bartholomeu de Lourenço e de outros experimentos, como novas técnicas de moagem da cana. Sobre o experimento do referido seminarista, informou o historiador que não encontrou mais informações além da suplicação. S. B. SCHWARTZ, **Segredos Internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)**, 2005, p. 119. A também chamada de “bica dos padres” está dentre as muitas histórias e causos contados pelos antigos moradores de Belém da Cachoeira ainda hoje.



Sachristia.” Nos limites do Seminário havia “sanzalas, para habitação dos escravos, tendo huma porta de carro para o ingresso, e saída delles, e entrada de carros”. No Catálogo de 1701, o provincial registrou mais de vinte escravos que trabalhavam na horta e pomar do Seminário, conforme já dito anteriormente.<sup>491</sup> Não foram encontrados números exatos de escravos que serviam no Seminário em seu funcionamento, havendo menção somente na conclusão do inventário (23/01/1760) de “dous escravos Lazaro Cabra, e Jozé crioulos escravos do ditto Seminário, que se rezervarão para os Serviços delle”.<sup>492</sup>

E por fim, estava o Seminário todo cercado por “hum vallado, fundo, e Largo”, que servia de cerca para o Seminário.<sup>493</sup> Este valado segundo Serafim Leite foi construído em 1717, pois antes estava “exposto ao assalto dos animais e dos ladrões”.<sup>494</sup> Os meninos estariam assim protegidos dos perigos do mundo, em uma atmosfera de religiosidade e moral católica. As repetidas ordens no Regulamento para que fosse evitado que os meninos tivessem contato com pessoas externas do Seminário evidenciam esta preocupação.<sup>495</sup> Viviam os meninos, como se entrevê na orientação pedagógica, “guardados” em clausura, para serem educados nos “santos e honestos costumes”.<sup>496</sup>

#### 4 - EDUCANDO OS FILHOS “DOS PRINCIPAIS” DESTE ESTADO DO BRASIL.

Em páginas decorridas, descrevemos e analisamos a estrutura física do Seminário de Belém. Mencionamos algumas vezes os “testemunhos” de contemporâneos a este respeito. Uma afirmação de Sebastião da Rocha Pitta interessa-nos particularmente. O historiador observou e registrou que no tem em que escrevia esta sua obra (por volta da década de 1720),

---

<sup>491</sup> S. LEITE, História da Companhia de Jesus no Brasil, 1945, Tomo V, Anexos.

<sup>492</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. **Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>493</sup> Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem [...]. Seminário de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760. AHU. **Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida**. Bahia. Caixa 26, Doc. 4894.

<sup>494</sup> S. LEITE, História da Companhia de Jesus no Brasil, 1945, Tomo V, p. 191.

<sup>495</sup> “Quando estiver a obra com cêrca bastante, não se permita entrar mulheres na nossa horta, nem ainda as nossas escravas. Nem se permitam homens de fora para os cubículos, e quando houverem de falar com os seminaristas, seja na portaria ou varanda, conforme a qualidade de pessoas. Assim mesmo não admita no coro chusma de gente, porque é reservado para os de casa ou a pessoa de particular respeito, nem fora das portas da clausura sairão os seminaristas sem licença, e quando com licença saírem, sejam acompanhados”. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 185.

<sup>496</sup> Cf. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V, 1945, p. 180; A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 362.

o Seminário de Belém crescia em “fervor de doutrina e concurso dos Seminaristas”, de modo que “de todas as partes do Brasil lhe enviavam muitas pessoas principais filhos e parentes”.<sup>497</sup> Fica-nos então a indagação sobre os pequenos seminaristas. Quais suas origens socioeconômicas? Eram filhos e parentes dos “principais” deste Estado do Brasil? Cumpridos os cinco ou seis anos de instrução, qual estado escolhiam os meninos, e para quais ofícios eram destinados? Questões que nos permitem discutir o projeto pedagógico do Seminário de Belém, como também contribuir para os estudos históricos sobre educação no mundo luso-brasileiro de fins do século XVII e princípios do XVIII.

#### 4. 1 – LIMPOS DE SANGUE.

No regimento do Seminário de Belém foram prescritas algumas recomendações quanto à admissão dos estudantes, de onde partiremos para traçar o perfil dos jovens seminaristas e suas famílias. No oitavo parágrafo do Regulamento estava posto que aos que pretendessem ingressar no seminário deveriam ser tiradas informações sobre os “costumes”, e a “pureza do sangue”, ainda que não com a “exacção, que se costuma quando se trata de admitir alguém na Companhia”. Excluía-se assim, “totalmente os que têm qualquer mácula de sangue judeu, e ate o 3º grau inclusive os que têm alguma mistura de sangue da terra, a saber, de índio ou de negros mulatos ou mestiços”.<sup>498</sup>

Esta orientação do regimento se mostra congruente às exigências de sua época. Ditames de “limpeza de sangue” que na península ibérica a partir do século XIV recrudescem, e se fazem presentes em uma legislação declaradamente segregacionista. O Edito de Toledo (1449), primeiro estatuto de limpeza de sangue, determinou o veto aos cristãos-novos aos cargos públicos. Inicialmente as leis foram direcionadas aos seguidores da Lei de Moisés, com a perseguição, expulsão e conversão forçada por ordens régias de Castela (1492) e de Portugal (1496). Neste contexto surgiu o fenômeno dos cristãos-novos que seriam alvos de processos persecutórios em Espanha e Portugal.<sup>499</sup> O Santo Ofício foi estabelecido no mundo

---

<sup>497</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**, 1950, p. 278.

<sup>498</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 182.

<sup>499</sup> As Ordenações Manuelinas (1514/ 1521) promulgaram a proibição de cristãos-novos assumirem cargos públicos e religiosos. Interdição que abrangia também a ciganos, índios e mamelucos. Em Portugal, leis sucessivas proibiram a emigração de judeus, cristãos-novos (1499), de ocupar cargos públicos (1514), de ingressarem em ordens militares (1529), de casar-se com cristãos-velhos (1581), de tornarem-se irmãos das Misericórdias (1600), legislação que foi referendada nas Ordenações Filipinas (1603). Cf. Anita NOVINSKY,

ibérico entre fins do século XV e primeira metade do XVI. Este tribunal eclesiástico tornou-se a instituição responsável pela consolidação do “mito da pureza de sangue”, presente na perseguição ao “sangue infecto”.<sup>500</sup>

A “impureza de sangue” se espalhou com as conquistas para todos os “não europeus”. Esteve prescrita nos estatutos das mais diversas corporações, como Ordens Militares e Religiosas, Cabidos, Colégios Maiores e Menores. Maria Luiza Tucci Carneiro, analisando os estatutos das Ordens Militares portuguesas, como as de São Bento de Avis, de Santiago de Espada e a de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta autora observou que para se alcançar o hábito havia prescrições quanto à fidalguia e nobreza (analisada pela sua linhagem e por não ter exercido qualquer ofício mecânico), e à “pureza de sangue”, devendo ser comprovadamente cristão-velho e filho legítimo.<sup>501</sup> Charles R. Boxer em seus estudos sobre a Igreja e o mundo ibérico destacou que esta segregação foi responsável pela indisposição para a formação de um clero nativo na Ásia, África e América. Este “preconceito” não era exclusivo de Espanha e Portugal, sendo largamente difundido na Europa e na Igreja de Roma.<sup>502</sup>

Nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* foi determinado que os candidatos à ordenação deveriam ser isentos de mancha de “judeu, mouro, mourisco, mulato, herético ou de alguma infecta nação reprovada”. Para tanto, deveriam atestar através do testemunho de cristãos-velhos respeitáveis a sua ascendência.<sup>503</sup> Charles R. Boxer observou que comprovada alguma “mancha”, poderia o candidato solicitar dispensa ao bispo ou à Coroa, como ocorria com indivíduos de nascimento ilegítimos e com problemas físicos. A permissão seria menos dificultosa de se obter caso fosse por sangue protestante ou ameríndio, do que de judeu ou negro. A partir do século XVII, segundo o referido historiador, construiu-

---

**Cristãos-novos na Bahia**, São Paulo: Perspectiva, 1972; Maria Luiza Tucci CARNEIRO, **Preconceito racial no Brasil Colônia: os cristãos-novos**, São Paulo: Brasiliense, 1983; Antonio José SARAIVA, **Inquisição e Cristãos Novos**, 5ª edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1985; Francisco BETHENCOURT, **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália**. Séculos XV-XIX, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>500</sup> A Inquisição Portuguesa tinha jurisdição contra heresias e heterodoxias, como os “crimes” de superstição e adoração ao demônio, blasfêmia e violação dos Sacramentos (principalmente sobre o Matrimônio, com a sodomia e a bigamia). C. R. BOXER, **Império colonial Português**, 1969, p. 298-299; F. BETHENCOURT, **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália**. Séculos XV-XIX, 2000, p. 17-33; Daniela Buono CALAINHO, **Agentes da Fé: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil Colonial**, Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 45-58.

<sup>501</sup> M. L. T. CARNEIRO, **Preconceito racial no Brasil Colônia: os cristãos-novos**, 1983, p. 98.

<sup>502</sup> Cf. Max Sebastian Hering TORRES, “*Limpieza de sangre*” ¿*Racismo em la Edad Moderna?* **Tiempos Modernos**. Nº 9 (2003-04). <http://www.tiemposmodernos.org> (25/05/2006) C. R. BOXER, **A Igreja Militar e a Expansão Ibérica (1440-1770)**, 2007.

<sup>503</sup> S. M. da VIDE, **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, 2007, p. 224.

se uma “discriminação legalizada e específica contra Negros e Mulatos, em razão da ligação estreita entre a escravatura humana e o sangue negro”.<sup>504</sup>

Na Companhia de Jesus, a se notar pela opinião do padre Simão de Vasconcelos, não se tinha por certo serem os negros de essência humana, ou simplesmente “brutos animais” ineptos para os Sacramentos.<sup>505</sup> Os escravos negros foram amplamente empregues como força de trabalho pela ordem, como em suas fazendas e nos Colégios (como no Seminário de Belém). Sem que isso contrariasse a importância de lhes doutrinar, como foi expressa na obra do padre Jorge Benci, *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos* (1700).<sup>506</sup> Para os africanos e ladinos, não se tem registro dos jesuítas terem edificado escola de primeiras letras nestas partes da América Portuguesa.

Não era permitido aos jovens escravos negros freqüentarem as classes “públicas” da Companhia.<sup>507</sup> Aos filhos que os brancos tinham com suas escravas, segundo padre Serafim Leite, eram-lhes facultadas as classes públicas dos Colégios da Companhia.<sup>508</sup> No entanto, em fins do século XVII, por razões apontadas como a “falta de perseverança e maus costumes” dos pardos, o clero secular, assim como todas as ordens regulares, nomeadamente os beneditinos, carmelitas, franciscanos e jesuítas, deixaram de admiti-los em seus quadros na América Portuguesa. Este impedimento passou também a ser adotado pela Companhia em suas escolas preparatórias e superiores, como nos estudos de Filosofia e Teologia.<sup>509</sup>

No Colégio da Bahia, nos tempos que o padre António Oliveira era provincial da Ordem (1681-1684), período em que também o padre Alexandre de Gusmão assumiu a

---

<sup>504</sup> C. R. BOXER, *Império colonial Português*, 1969, p. 291 - 293.

<sup>505</sup> O Padre Simão de Vasconcelos revelou em suas crônicas certo otimismo em relação a doutrina dos indígenas, não sendo desta mesma opinião em relação a outros povos. Citou uma obra do padre Eusébio de Nieremberg, que relatava a existência “espécies” que embora tivessem corpo humano, eram “brutos” e sem razão. Narrou o caso de um menino criado pelos padres da Companhia no Cabo Verde, que sendo filho de uma escrava, “e de um animal daquelas partes”, e possuísse compleição humana, foi considerado “animal bruto”, incapaz de receber os Sacramentos pela irracionalidade passada pelo seu progenitor. S. VASCONCELOS, *Crônicas da Companhia de Jesus*, 1977, Vol. 1, p. 117-118.

<sup>506</sup> Sobre a doutrina dos escravos, foi recomendado nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* conforme mencionamos no Capítulo II. Cf. S. M. da VIDE, *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, 2007, p. 2. Sobre a obra do padre Jorge Benci, cf. Jorge BENCI, *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*, Estudo preliminar de Pedro de Alcântara Figueira, e Claudinei M.M. Mendes, São Paulo: Grijalbo, 1977; Ana Palmira B.S. CASIMIRO, *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial*, Salvador: 2002, Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Educação, Salvador – BA, 2002.

<sup>507</sup> A razão disto foi justificada pelo padre Serafim Leite na comparação à exclusão que se fazia na contemporaneidade aos operários. Afirmou o historiador jesuíta, que as razões disto eram por não se permitirem “as circunstâncias econômicas da terra”, e “nem os senhores compravam escravos para os mandar estudar”. S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938, Tomo I, p. 91.

<sup>508</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938, Tomo I, p. 91; 1945, Tomo V, p.77.

<sup>509</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p.75.

reitoria (1683), deflagrou-se a questão dos “moços pardos”. Foram proibidos, segundo petição enviada ao Rei e ao Padre Geral da Ordem em Roma, de estudarem no referido colégio.<sup>510</sup> Gilberto Freyre destacou o parecer do Rei D. Pedro II sobre esta solicitação, afirmando ser “documento que honra a cultura portuguesa e deslustra o cristianismo dos jesuítas”. Na carta datada de 20 de novembro de 1686 e destinada para o Marquês das Minas, Antônio Luís de Sousa Telo de Meneses, informou o monarca português os reclames que vinha recebendo “dos nossos pardos desta cidade” que estudavam há muitos anos nos colégios da Companhia de Jesus, e que haviam sido excluídos. Lembrou o rei que em Évora e Coimbra, “eram admitidos, sem que a cor de pardo lhes servisse de impedimento”. Ordenou o rei que o governador examinasse esta notícia, e se fosse procedente, obrigasse aos jesuítas a aceitá-los nos seus colégios, e “os obrigueis a que não os excluam a estes nossos geralmente, só pela qualidade de pardos, porque as escolas de ciências devem ser comuns a todo o gênero de pessoas sem exceção alguma”.<sup>511</sup>

Sobre esta mesma questão, padre Serafim Leite citou a Gilberto Freyre em sua menção à carta de D. Pedro II, e afirmou que este havia deturpado o documento. Como que “advogando” pela Companhia, argumentou que se houve exclusão conforme lida na inquirição régia, ao mesmo tempo deveria ser destacada a declaração de que “há muitos anos” estariam os pardos freqüentando o Colégio. “Sangue negro tinha-o Antônio Vieira e foi não só aluno, mas na ocasião em que se deu aquele episódio escolar, era até Jesuíta e dos mais ilustres do mundo” – argumentou o historiador jesuíta.<sup>512</sup>

Em resposta enviada ao Rei e Padre Geral, o governador noticiou que a exclusão dos pardos havia sido dada em razão das rixas com os filhos dos brancos, e porquanto não fossem mais admitidos no sacerdócio por nenhuma ordem neste Estado do Brasil, não tinham ofícios “úteis”, e transformavam-se em “vadios”. Ressaltou ainda o governador que esta exclusão dava-se unicamente nas escolas superiores, e “nas elementares de ler, escrever, contar e doutrinas, se admitiam sempre, e deviam sempre admitir-se”. Ainda sobre esta questão, Serafim Leite citou uma carta datada de 27 de julho de 1688, assinada pelo padre Antonio Vieira e escrita pelo seu secretário João Antônio Andreoni, endereçada ao Padre Geral em Roma, na qual afirmou que nunca haviam se excluído “nenhum moço honesto de bons costumes”, e que isso se tinha passado enquanto era o padre Antônio Oliveira provincial. Esta atitude do provincial, diz a missiva, parece ter sido motivada pelo intento de alcançar

---

<sup>510</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil* 1945, Tomo V, p. 84.

<sup>511</sup> G. FREYRE, *Casa Grande & Senzala*, 1958, 2º Tomo, p. 575-576.

<sup>512</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938, Tomo I, p. 92 (nota 2).

para o Colégio da Bahia o grau de Universidade. Proposta rechaçada na Corte portuguesa em razão da má fama dos estudantes pardos, descritos como sendo “de vil e obscura origem” e de “costumes corrompidos”.<sup>513</sup>

Por estes tempos, fins do século XVII, o Seminário de Belém principiava o seu funcionamento. Sobre a proibição da mácula de judeu e “mistura de sangue da terra” podemos observar que fazia parte dos sistemas hierárquicos e segregativos do mundo luso-brasileiro, e de um modo mais amplo, do período moderno. Vale atentar para uma nota do padre Serafim Leite sobre o referido parágrafo do regimento. Salientou o historiador que o Provincial Manuel Correia, para quem havia sido submetido a aprovação do regimento, comentou que a “*inquirição de genere*” para admissão no Seminário de Belém foi considerada “desnecessária” pelo então reitor padre Alexandre de Gusmão.<sup>514</sup> Há que se ter em conta os muitos meandros entre as normas e as práticas...

#### 4.2 - OS MENINOS DO SERTÃO E “PARTES DESAMPARADAS DA DOUTRINA”.

No regimento foi expressamente determinado que não se admitissem no Seminário os “nascidos na Cidade da Bahia, nem os que estudam nos Pátios do Colégio daquela dita Cidade”.<sup>515</sup> Padre Alexandre de Gusmão afirmou em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* que, ainda que se tivessem alguns seminaristas “das Cidades”, os demais eram “do certaõ, & partes remotas, & desamparados da doutrina, & criação, para os quaes principalmente foy fundado o Seminário de Belém”.<sup>516</sup> Estas asserções, ambas sabidamente fruto das penas do padre Alexandre de Gusmão, nos possibilitam considerar para que meninos (e famílias) o Seminário de Belém havia sido tencionado. Sobre as origens dos estudantes, pudemos observar uma pequena polêmica na troca de correspondências do rei D. Pedro II e o governador deste Estado do Brasil, Antonio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho para a doação de algumas “graças”.

---

<sup>513</sup> S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.77 – 78.

<sup>514</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.182 (nota 1).

<sup>515</sup> “Salvo apenas se os pais forem moradores ausentes da cidade da Baía”. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183.

<sup>516</sup> “Sertão”, como tratamos anteriormente, referia-se ao território desta América Portuguesa que se afastava do litoral e dos centros urbanos. A. de GUSMÃO, **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**, 1715, p. 364.

Em carta de 4 de março de 1692 ordenou D. Pedro II que o governador Câmara Coutinho lhe enviasse notícias acerca do Seminário de Belém. Contava que havia recebido uma súplica do padre Alexandre de Gusmão, na qual relatara ter erigido um “Seminário no cítio da Cidade da Cachoeira” para criar e doutrinar “os filhos dos meus vassalos pobres que vivem no certão”, com aulas de “escrever e ler, latim e solfa”. Afirmou o rei que o jesuíta havia solicitado algum “ordinário” da Fazenda Real, porque por falta de sustento estavam padecendo necessidades. Determinou o rei que o governador lhe enviasse notícias “do estado em que o dito Seminário se acha, e dos efeitos que tem em depois de pagar consignações e aplicações da minha fazenda pode caber nesta minha cônica para o dito Seminário”. Encareceu o rei as utilidades do Seminário para o “fructo do bem das almas que nella se recolhem” e “para o maior bem de todo esse Estado”.<sup>517</sup>

Antes de avançarmos na análise desta missiva, faz-se necessário atentar para as declarações atribuídas ao padre Alexandre de Gusmão sobre o “padecer necessidades”. Neste ano de 1692, o Seminário não havia ainda completado uma década de funcionamento. Suas obras ainda estavam inconclusas, e não havia recebido as generosas doações de seus benfeitores. Como as propriedades, terras e fazenda de gado nos sertões, e imóveis em Cachoeira e na cidade de Salvador, que foram listadas em seus inventários.<sup>518</sup> Nota-se que

---

<sup>517</sup> Carta ordenando ao governador do Brasil que informe quanto ao estado em que se acha o Seminário fundado pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, no sítio da Cachoeira, para educação de moços pobres, dizendo se pagas as consignações e aplicações da Fazenda, pode caber algum cônica para o mesmo Seminário. Lisboa, 4 de março de 1692. Arquivo Público da Bahia (APB). **Ordens Régias**. Rolo 01, Livro 02, Doc. 68.

<sup>518</sup> Em carta datada de 4 de julho de 1687, o coronel Manuel de Araújo de Aragão – pertencente a influente família do Recôncavo baiano - relatou ao Padre Geral da Companhia seu entusiasmo com a fundação do Seminário, “por tão singular benefício de tanta utilidade para o bem de nossas almas e boa criação de nossos filhos”. Afirmou o coronel sua confiança de que com tempos melhores, sem “tantas mortes de escravos e falta de água”, a obra do Seminário avançaria, e ele não haveria de faltar “à nossa obrigação, ao que tanto nos importa, dos grandes serviços a Deus”. Através de Antonio de Aragão de Menezes e sua esposa D. Ana Maria de Menezes, a família Aragão dotou o Seminário com 20 mil cruzados em dinheiro, obtendo juros de 500\$000 réis anuais. Fundação e dote lavrados em escritura de 18 de dezembro de 1711, na qual legava também fazendas de gado no Sertão da Bahia, chamado Itapicurú de Cima. Estas fazendas constam na avaliação dos bens do Seminário no Inventário (1759-1760) no valor total de 1: 600\$000 réis, ou quatro mil cruzados. Luis dos Santos Vilhena noticiou esta herdade mais de cinqüenta anos depois da expulsão dos jesuítas. Registrou o letrado que a Companhia de Jesus possuía em Belém de Cachoeira um “seminário em que se ensinava à mocidade as primeiras letras, e a gramática latina”, e que havia sido dotado com 20 mil cruzados por Antônio de Aragão Menezes e sua mulher D. Maria de Menezes, recebendo deste valor os juros, e ainda as seis fazendas no sertão de Itapicurú. A Família Aragão recebeu a insígnia de benfeitores do Seminário, conforme inscrito na lápide Joseph Garcia de Aragão localizada na nave da Igreja de Nossa Senhora de Belém (ver em Anexo II). Segundo apontou Serafim Leite, o Seminário recebeu ainda generosas contribuições do irmão leigo Bento Maciel, que legou objetos de culto de ouro e prata e mais dinheiro, que somaram em 18 mil cruzados e do Padre Inácio Pereira, baiano, que ofereceu seus bens em 1709, avaliados em 6 mil cruzados, para sustento dos Padres que assistissem no Seminário. S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 171, 174, 176, 180-181; *Offício do Conselheiro Manuel Estevão de Almeida de Vasconcellos Barberino para Thomé J. da Costa Corte Real, no qual participa ter mandado seqüestrar todos os bens de raiz pertencentes ao Seminário de Belém da Villa de Cachoeira, situados na Bahia, na Cachoeira e no Sertão de Itapicurú, que os Padres da Companhia de*

para sua fundação não dispôs de contributos da coroa, comum ao regime do Padroado em relação à Companhia de Jesus em suas atividades educativas/ missionárias.<sup>519</sup>

Tornando à carta, D. Pedro II encarregou a Câmara Coutinho que buscasse juntos aos moradores de maiores “possibilidades” algumas esmolos “para se sustentarem os filhos *que são pobres*”, e os admoestasse lembrando-lhes da utilidade do Seminário, porque assim,

por meio da doutrina que adquirem os pobres que nelle se recolhem, possam ter os Ricos, *Missionários* naturaes para as aldeias, *Mestres* para os seus filhos, *Religiosos* que servindo a Deos enriqueçam a todos do bem espiritual das almas, e sem o qual não pode haver riqueza que aproveite, nem duração alguma dos bens temporaes que hoje logrão. [grifos meus]<sup>520</sup>

Nesta declaração real sobre a importância do Seminário de Belém, fica-nos patente a relação entre a ação jesuítica no campo educativo e a política católica ibérica. Segundo João Adolfo Hansen, a doutrina política da monarquia portuguesa estava baseada na noção do “bem comum”, definida em linhas gerais como harmonia da sociedade que nasce com a observância e concórdia dos lugares sociais dos indivíduos, em suas ordens e estamentos. Desta forma, encontrou na pedagogia jesuítica uma aliada, com sua orientação para o controle das “vontades” e das “liberdades individuais”, e interiorização das hierarquias e da ortodoxia.<sup>521</sup>

Nesta lógica, aos filhos dos “Ricos” estava reservada uma educação segundo os ideais políticos e éticos para a formação do “nobre virtuoso”. Como impresso nos espelhos de príncipes e nos manuais de civilidade, com suas prescrições de enobrecimento e polimento para os de “bom nascimento”. A outra parcela intermediária que compunha o “corpo” do Estado deveria receber a educação para serem “vassallos prudentes”: missionários, mestres e religiosos. A educação integrava-se assim a um projeto de Estado.

---

*Jesus haviam adquirido sem licença regia.* Bahia, 30 de julho de 1759. **Arquivo Histórico Ultramarino. Projeto Resgate. Fundo Eduardo Castro e Almeida. Bahia.** Caixa 24, doc. 4500-4507. (ver “TABELAS DOS INVENTÁRIOS DOS BENS E IMÓVEIS DO SEMINÁRIO DE BELÉM” em Anexo III). L. dos S. VILHENA, **A Bahia no século XVIII**, 1969, vol. 2, p. 444. 1 Cruzado durante o Principado de D. Pedro II (1667-1706) equivalia a \$400 réis, logo, a dotação dada pela família Aragão era de 8:000\$000 contos de réis. Cf. Ney C. COSTA, **História das moedas do Brasil**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1973.

<sup>519</sup> O Colégio da Bahia, por exemplo, dispunha de dotação régia, e em seus quase dois séculos de funcionamento angariou um engenho de açúcar, imóveis, entre outros bens, na Capitania da Bahia. Cf. J. A. CALDAS, **Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**, 1951, p. 24, 26; F. L. SANTOS, **Te Deum Laudamus. A expulsão dos jesuítas da Bahia. (1758-1763)**, 2002, p.71-73.

<sup>520</sup> Carta ordenando ao governador do Brasil que informe quanto ao estado em que se acha o Seminário fundado pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus [...]. Lisboa, 4 de março de 1692. APB. **Ordens Régias**. Rolo 01, Livro 02, Doc. 68.

<sup>521</sup> João Adolfo HANSEN, *Ratio Studiorum e a política católica ibérica no século XVII*, In: Diana Gonçalves VIDAL; Maria Lúcia SPEDO (Orgs.), **Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 32-33.



A resposta do governador foi datada de 9 de julho do mesmo ano de 1692. Câmara Coutinho informou ao Rei que o Seminário contava então com poucos anos de fundação e abrigava em torno de cinquenta seminaristas. Contrariando as “súplicas” feitas em mercê dos “filhos dos vassalos pobres” pelo padre Alexandre de Gusmão, apurou que nem todos os estudantes eram filhos de homens pobres, e sim, que “os mais delles são filhos de homens ricos, que ajudam a sustentar aquelle Seminario, e lhe dão para isso algumas esmolos”. Quanto a apelar para a caridade dos moradores, o governador foi enfático ao afirmar que “só as dependências, ou vanglorias, são que fazem dar aos moradores do Brasil”, e, portanto, seria “trabalho sem fructo”. Lembrou ainda ao Rei que este não deveria se comprometer com novas esmolos, pois estava sua Fazenda “gravada e tão diminuta”, que andava devendo a folha de pagamentos de eclesiásticos e seculares.<sup>522</sup>

O ensino jesuítico era caracteristicamente gratuito. O Seminário de Belém, pelo seu caráter de internato, distinguia-se deste padrão administrativo, pois cobrava uma pensão das famílias de seus seminaristas.<sup>523</sup> No Regulamento foi determinado o “ordenado da porção” que servia “para o sustento, e mais móvel da casa” em 35\$000 réis, posteriormente aumentado para 50\$000 réis.<sup>524</sup> Este valor poderia ser pago em espécie ou, “respeitando ao tempo e falta [de] dinheiro”, em forma de açúcar, farinha ou carne.<sup>525</sup> A um senhor de

---

<sup>522</sup> Carta para Sua Magestade sobre se pedir uma cõgrua para os filhos dos moradores que estudam no Seminário. Bahia, 9 de julho de 1692. **Documentos Históricos da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1936, vol. XXXIV, p. 70-72 Interessante que em nota biográfica de Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, Ignácio Accioli afirmou que o governador havia auxiliado “o jesuíta Alexandre de Gusmão no progresso do seminário de Belém, termo da villa da Cachoeira”. I. ACCIOLI, **Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia**, 1835, Tomo I, p. 134.

<sup>523</sup> A este respeito, comentou o padre Serafim Leite: “Além de pública e geral, a instrução, dada pelos Jesuítas do Brasil nos seus colégios, era gratuita. Dizemos colégios, não seminários. Nos seminários, os alunos não recebiam apenas instrução e educação, recebiam também moradia e sustento; quer dizer eram internatos escolares, com a competente e indispensável remuneração de custo de vida. A instrução e educação, essa continuava a ser gratuita. Nem as despesas da sustentação dos mestres provinham dessas pensões, mas de outras, em geral as que os fundadores dos seminários benemèritamente estabeleciam, como no mais famoso de todos os seminários, o de Belém de Cachoeira. A distinção entre seminários e colégios consiste em que a admissão nos seminários reservava-se aos que se destinavam à carreira eclesiástica; a dos colégios estava patente a todos. Nos seminários, era instrução particular; nos colégios, pública e gratuita”. S. LEITE, *Características do primeiro ensino popular no Brasil (1549-1759)*, In: \_\_\_\_\_. **Novas Páginas de História do Brasil**, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1962, cap. 6, p. 195. Cf. Laerte Ramos CARVALHO, *A educação brasileira e a sua periodização*, **Revista Brasileira de História da Educação**, nº2, p. 150, jul./dez. 2001.

<sup>524</sup> Deste modo foi determinado o sistema de pagamentos: “seja sempre de modo que dentro do ano se façam antecipadamente os pagamentos e se faltarem aos ditos pagamentos depois de seis meses, com consentimento do Padre Provincial e em sua ausência, a juízo do Padre Reitor da Baía e dos Padres Consultores, com parecer também do Padre Reitor do Seminário, poderão ser mandados os tais seminaristas para suas casas. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p.182.

<sup>525</sup> Sobre a falta de moeda circulante, as Cartas do Senado são renitentes em suas súplicas à coroa. Em carta de 16 de julho de 1689, os Vereadores apresentaram ao Rei em nome da “geral queixa da Pobreza, e Povo” sobre os “descômodos que padecem por falta de troco”, necessário tanto para o comércio miúdo, e tanto para a caridade com os mendigos. O juiz do povo, Francisco Ribeiro e Velho apresentou aos Vereadores uma representação

engenho, os 50\$000 réis poderiam corresponder em média a um terço do valor de um escravo de campo, ou aproximadamente 25 arrobas de açúcar branco, no ano de 1703.<sup>526</sup> A um pequeno e médio produtor representaria a soma de 105 alqueires, ou cerca de quatro toneladas de farinha “de guerra”!<sup>527</sup> Considerando o regime do Seminário, este valor talvez não fosse tão avultado, mas por certo seria oneroso para considerável parcela das famílias menos abastadas.

A declaração do governador de que os seminaristas em sua maioria eram “filhos de homens ricos”, nos faz cair em um aparente impasse para analisar as origens sociais dos estudantes. Por um lado, padre Alexandre de Gusmão que na carta ao rei, e também em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* faz sugerir que o Seminário havia sido fundado para a educação aos vassallos pobres do rei, e das partes desamparadas da doutrina e criação. Em desacordo com declarações de contemporâneos, como Sebastião da Rocha Pitta ao relatar que os “principais” deste Estado do Brasil cuidavam em enviar seus filhos ao Seminário, e o governador Câmara Coutinho justificando ao rei que não se faziam necessárias as esmolas.

Acrescenta-se a estes, o parecer do provincial Manuel Correria comentando o parágrafo do regimento do Seminário, no qual foi determinado que os seminaristas devessem servir a si e aos outros. Declarou o padre, conforme destacou o padre Serafim Leite, de que esta ordem era “digna de reparo”. Citando a sentença latina *non decet saeculares nobiles*, o provincial declarou que especialmente no Brasil, não se acharia homem branco que se dedicasse a tais ofícios – “nem o mínimo oficial” – quanto mais os seminaristas, sendo “filhos

---

contra este mal, o que ele afirmava ser “a principal cauza do miserável estado que Sethem reduzido a antiga opulencia desta Cidade e a prezente ruína dos negócios que a Conservão”. Neste mesmo ano de 1692, o governador Câmara Coutinho enviou solicitação ao Rei para que se cunhe moedas de ouro e prata com valor extrínseco maior, para evitar que os ourives transformem as moedas em “baixelas”, e reitera o pedido em nome dos esmoleres deste Estado. Gregório de Matos e Guerra tratou deste tema na seguinte sátira: “O açúcar já acabou? --- Baixou/ E o dinheiro se extinguiu? --- Subiu/ Logo já convalesceu? --- Morreu./ À Bahia aconteceu/ O que a um doente acontece/ cai na cama, o mal lhe cresce./ Baixou, Subiu. e Morreu”. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 181-182; **Cartas do Senado. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1952, vol. 2, p. 48-50; 52-53; **Cartas do Senado. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1953, vol. 3, p.100-101; **Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1984, vol. 6, p. 202-208. *Cartas que os officiaes do Senado da Câmara desta Cidade escreveram sobre a baixa da moeda Bahia, 4 de dezembro de 1692. Documentos Históricos da Biblioteca Nacional*, 1936, vol. XXIV, p. 73-75. J. A. HANSEN, **A sátira e o Engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII, 2ª ed. rev., São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p.189.

<sup>526</sup> Cf. S. B. SCHWARTZ, **Segredos Internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835), 2005, p. 136; **Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal**, 1984, vol. 7, p. 171-173, 236-242.

<sup>527</sup> Vale notar que conforme o Regulamento, o pagamento em forma de gêneros não seria observado com rigidez, cabendo ao Padre Reitor “aceitar da sorte que parecer”. Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 182. No Anexo III podem ser analisado uma tabela de preços, pesos e medidas que auxiliam na compreensão destas comparações.

de Pais honrados e nobres, que não folgarão disso, muito mais havendo tantos escravos no Seminário que o poderão fazer”.<sup>528</sup>

Foi dito aparente impasse, pois há que se traçar algumas considerações sobre a intencionalidade retórica do padre Alexandre de Gusmão. Primeiro ponto: na carta de súplica enviada ao rei, o jesuíta solicitava provimentos, portanto seria ilógico dar relatos de abundância. Conforme observamos o Seminário apenas principiava seu funcionamento, sendo muito possível a necessidade de ajuda financeira para o andamento das suas obras. Segundo elemento para analisarmos: em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* o padre pretendia enaltecer os favores da Virgem, relatando seus milagres e mercês quanto um Seminário caritativamente fundado para meninos desamparados dos sertões desta América Portuguesa. Terceiro e último: não deve ser excluída a possibilidade de estudarem meninos de famílias não ricas.

Ao que nos parece, e segundo os próprios relatos de Câmara Coutinho, havia estudantes de famílias menos abastadas, mas compreendendo a configuração da educação formal em tempos de colônia, muito provavelmente deveriam provir os seminaristas das famílias “principais”. Excluía-se os negros escravos e indígenas, e declarou-se a exclusão de mulatos, mestiços e descendentes de judeus e cristãos-novos. O projeto pedagógico do Seminário de Belém revela em suas prescrições e nos relatos sobre o seu funcionamento, que estava em conformidade com os valores e práticas da sociedade escravista desta possessão portuguesa no Atlântico. Uma educação direcionada ao “letramento” necessário de uma ínfima parcela da população, que deveria estar a serviço da Coroa e da Igreja, sendo vassalos virtuosos, mestres, religiosos e missionários.

Sobre a petição de Alexandre de Gusmão para receber algum “ordinário” das Fazendas reais, expediu D. Pedro II sua resolução em carta de 4 de março de 1693. Declarou o Rei que sendo “este Seminário tão conveniente para a boa educação de Meos vassalos” na “instituição dos bons costumes que ali poderão receber, como pela doutrina das primeiras letras”, que lhe dotasse de uma vez só, e em parcela única, com 100\$000 réis.<sup>529</sup> Deste documento, que não está em boas condições de leitura, obtemos maiores informações pela resposta enviada por Câmara Coutinho, em 26 de julho de 1693. O governador transmitiu a

---

<sup>528</sup> Regulamento do Seminário de Belém (1694, 1696), In: S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 183-184.

<sup>529</sup> Carta comunicando ao Governador Geral do Brasil que, considerando o que este em sua carta sobre o Seminário fundado em Cachoeira pelo Padre Alexandre de Gusmão, julga muito útil sua conservação e aumento. Lisboa, 4 de março de 1693. APB. **Ordens Régias**. Rolo 01. Livro 02. Flash nº 02. Livro 02 (1691-1693). Documento 144.

consideração de El-Rei sobre a conveniência do Seminário “para a boa educação dos Vassallos de Vossa Magestade”, útil tanto para a “instituição dos bons costumes que ali poderão receber, como pela doutrina das primeiras letras na língua latina em que habilitariam, se não fosse para o mistério das Missões, ao menos seria para o serviço da Igreja, e utilidade publica dos Vassallos.” Reiterou ainda o governador que, conforme a ordem real de que “procurasse por todos os modos que me dictasse a prudência”, estava disposto a com “zelo e cuidado, e favorecel-o e amparal-o de sorte que não só se conservasse, mas que se pudesse ser se augmentasse e melhorasse”.<sup>530</sup>

#### 4.3 – PERFEITOS VARÕES E RELIGIOSOS VIRTUOSOS.

Ao longo desta nossa narrativa, afirmamos e reafirmamos que o Seminário destinava-se à educação de meninos. A declaração real quanto à utilidade do Seminário não poderia nos passar despercebida, conduzindo-nos para a discussão de qual seria, para além do seu instituto das “letras e bons costumes”, o fim pretendido com os cinco ou seis anos de estudos dos seminaristas. Dito de outro modo, para quais carreiras seguiam os jovens ao concluírem sua formação humanística no Seminário de Belém? Aquém da educação de “bons cristãos”, qual o objetivo pretendido com o projeto educativo deste “internato”, no âmbito da pedagogia missionária da Companhia de Jesus, e das razões do Império Português para a educação na América Portuguesa?

Embora o Seminário de Belém não se destinsse à formação clerical, o caminho religioso parece ter sido a escolha de muitos seminaristas. Padre Alexandre de Gusmão relatou em *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron* que muitos estudantes por aqueles tempos já haviam saído para o clero secular e regular. Apenas na Companhia de Jesus, informou o jesuíta, ingressaram quase sessenta jovens. “E se Deos for servido, que o Seminário vá por diante”, narrou o padre, “como se espera no poder, & providencia de sua Senhora, bem poderá o Seminário de Belém dar sugeytos para todas as famílias Religiosas, que tem o Estado do Brasil”.<sup>531</sup>

Sebastião da Rocha Pitta relatou que além dos “muitos e virtuosos sogeitos para o habito de S. Pedro, e para os das outras Ordens Claustrais”, do Seminário de Belém saíram

---

<sup>530</sup> Carta para Sua Magestade sobre se darem 100\$ reis por uma vez somente ao Seminário da Cachoeira. **Documentos Históricos da Biblioteca Nacional**, 1936, vol. XXXIV, p. 179-180.

<sup>531</sup> A. de GUSMÃO, *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715, p. 364.

meninos também para o “século”, alguns “perfeitos Varoens” na opinião do literato/historiador.<sup>532</sup> Serafim Leite registrou que no ano de 1695, dos estudantes que concluíram seus estudos no seminário, alguns ingressaram para as mais diferentes ordens, uns foram admitidos na Companhia, e outros ainda embarcaram para continuarem seus estudos na Universidade de Coimbra.<sup>533</sup> O historiador jesuíta não forneceu a lista destes estudantes, apenas destacou a figura do jovem inventor Bartholomeu de Lourenço “Gusmão”. Dispomos de poucas informações sobre os estudantes do Seminário de Belém.

Temos notícias de um notável “varão” que estudou no Seminário, e se destacou na história política nacional. Irmão de Bartholomeu Lourenço, afilhado e homônimo do padre Alexandre de Gusmão, o diplomata Alexandre de Gusmão (1695 †1753), notabilizou-se por ter sido secretário de D. João V, membro da Academia Real de História e do Conselho Ultramarino, e responsável pela renegociação do Tratado de Tordesilhas sobre os limites meridionais do Estado do Brasil com Espanha através do Tratado de Madri (1750).<sup>534</sup>

Vale lembrar de outro insigne personagem. Entre os anos de 1752 e 1757, o Seminário de Belém abrigou entre seus seminaristas o menino Antonio de Sant’anna Galvão (1739 †1822), atualmente conhecido por “São Frei Galvão – o primeiro santo brasileiro”. O jovem seminarista chegou a manifestar interesse para ser admitido na Companhia de Jesus, mas por aqueles anos deflagrou-se a perseguição e expulsão da ordem no Império Português. Ingresso na ordem franciscana no ano de 1760, e em 1774, fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz Divina Providência (Mosteiro da Luz) na cidade de São Paulo. Foi canonizado em 11 de maio de 2007 pelo papa Bento XVI.<sup>535</sup>

\*\*\*

Formando perfeitos varões e religiosos virtuosos, o cerne do projeto do Seminário de Belém era que os meninos saíssem “ao diante bons cristãos”. Preocupação prescrita em seu regimento, no controle do cotidiano dos seus seminaristas, no dirimir suas atividades e “vontades”. Orientação expressa em sua estrutura de internato, em que a Igreja de Nossa Senhora de Belém foi planejada como seu centro, tanto em sua arquitetura quanto em seu cotidiano escolar. Vivendo como em clausura, guardados e educados nas “letras e bons costumes”.

---

<sup>532</sup> S. da ROCHA PITTA, **História da América Portuguesa**. 1950, p. 278.

<sup>533</sup> S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1945, Tomo V, p. 177.

<sup>534</sup> Jaime CORTESÃO, **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid**, Obras Completas XXX, Lisboa: Livros Horizonte, 1984, Volume I, 2ª parte, p. 160-163.

<sup>535</sup> **Congregatio de Causis Sanctorum**. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, Biografia Documentada, Protocolo nº 1765, Roma, 1993, Vol. II, p. 49.

A partir do tratado *Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia*, pudemos analisar as percepções sobre a criança. A infância foi percebida entre os séculos XVI e XVIII como idade ideal para “amoldar” os indivíduos, identificados em diferentes gêneros pedagógicos como tábua rasa, cera branda, planta tenra. De Erasmo a John Locke, da educação dos príncipes a doutrinação dos pequenos indígenas desta terra *brasilis* - a infância foi representada como período para se educar/criar.

Nas orientações do padre Alexandre de Gusmão, a importância do criar bem desde a primeira fase da vida da criança foi descrita como matéria de salvação. Assunto percebido nas histórias edificantes narradas pelo jesuíta, marcadamente, na descrição dos maus e negligentes pais, que foram condenados às penas eternas, compreende-se a admoestação para que fossem vigilantes e cuidadosos. Estava em jogo não somente a salvação dos filhos, para a qual se lançava o primeiro passo na infância, como também a própria remissão dos pais, pelas responsabilidades a que estavam impigidos.

Dada a importância do bem criar, o padre aconselhou particularmente sobre cada fase da infância. Desde os primeiros oito dias de nascidos, a criança deveria tornar-se cristã. Pelas águas do Batismo tornar-se-ia filho de Deus e membro da Igreja. Por volta dos sete anos, quando começa a ter conhecimento do bem e do mal, nos chamados “anos de discipulação”, deveria receber a Confirmação. Assim, nos escritos do padre Alexandre de Gusmão, os cuidados com as infâncias aparecem marcados pela religião, expressa em sua preocupação doutrinária e moralizadora.

Através da disciplina rigorosa, as crianças deveriam ser domadas em seus caprichos. Em suas advertências, o jesuíta permite compreender práticas e sentimentos relacionados às crianças nestes Seiscentos. Repreende duramente aos pais que permitem aos filhos as vaidades e os maus costumes - por exemplo, o demasiado alinho com que muitos

eram vestidos. Mostra-se igualmente intolerante em relação ao riso dos pais face às palavras torpes ditas pelos pequenos. Critica a permissividade de jogos desonestos, como o de cartas, bem como o excesso de mimo com que os filhos eram educados.

Devemos compreender que as recomendações para a educação dos filhos, assim como os demais gêneros pedagógicos deste período moderno, compunham o interesse mais amplo de moralizar a sociedade. O projeto de “reforma dos costumes”, que como apontou o padre, tinha por objetivo a melhoria nas famílias, a reforma das Repúblicas e a multiplicação de muitos santos nos Céus e fiéis na Igreja – assim justificava sua obra e sintetizava a idéia da importância da educação.

Nesta perspectiva, podemos compreender o processo de escolarização da infância como uma necessidade de preservar, guardar e formar as juventudes na boa educação/instrução. Na descrição de cotidiano escolar e vivência religiosa do Seminário de Belém identificamos o principal contributo desta dissertação aos estudos sobre Infância e práticas educativas. Através do seu regimento observamos as recomendações para a criação dos meninos em bons costumes conforme os tratados de educação. Nas descrições de seus inventários podemos compreender a cultura pedagógica deste internato. Dos meninos criados em obediência e clausura, recolhidos e separados do mundo para que ao diante saíssem bons e virtuosos varões ou religiosos.

Por fim, vale notar que as idéias de bem criar e bem educar apresentavam distintas dimensões sociais que nos apontam para a discussão de relações sócio-culturais. Padre Alexandre de Gusmão em sua prédica atentou para os meninos de nobre estirpe e para vigiadas meninas brancas. Entretanto, no descortinar deste capítulo da História das Infâncias, procuramos observar também o significado dessas idéias para os pequenos indígenas, pobres enjeitados, desprezados “negrinhos” e discriminados moços pardos, personagens que também compunham as infâncias no mundo luso-brasileiro de fins do século XVII e XVIII.

## **FONTES**

### MANUSCRITAS

#### **Arquivo Histórico Ultramarino (AHU). Projeto Resgate. CD-ROM.**

Fundo Eduardo Castro e Almeida. Bahia.

- Caixa 24, doc. 4500-4507.
- Caixa 26, Doc. 4927.
- Caixa 26, Doc. 4928-4931
- Caixa 26, Doc. 4894.

#### **Arquivo Público da Bahia (APB). Setor de Microfilmes.**

Ordens Régias.

- Rolo 01. Flash nº 02. Livro 02 (1691-1693). Documento 68.
- Rolo 01. Flash nº 02. Livro 02 (1691-1693). Documento 144.
- Rolo 07, Flash nº 03. Livro 16 (1722). Documento 3.
- Rolo 07, Flash nº 03. Livro 16 (1722). Documento 4.

### PUBLICADAS

**Annaes do Archivo Publico da Bahia.** Direção e redação de F. Borges de Barros. Ano I, Salvador: Imprensa Official do Estado, 1917, Vol. I.

**Atas da Câmara. Documentos Históricos do Arquivo Municipal.** Salvador: Prefeitura do Município de Salvador, 1984, 6º volume (1684-1700); 7º vol. (1700-1718).

**Cartas do Padre António Vieira.** Coordenadas e anotadas por AZEVEDO, J. Lúcio de. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. t. III.

**Cartas do Senado. Documentos Históricos do Arquivo Municipal.** Salvador: Prefeitura do Município de Salvador: 1952, 2º volume (1673-1684); 1953, 3º volume (1684-1692).

**Documentos Históricos da Biblioteca Nacional,** Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1936, vol. XXXIV.

LEITE, Serafim. **Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil.** Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1954. Vol. II (1553-1558).

\_\_\_\_\_. **Monumenta Brasiliae.** Roma, 1956. Tomo I (1538-1553).



## IMPRESSAS

ALMEIDA, M. Lopes de. **Notícias Históricas de Portugal e Brasil (1715-1750)**. Coimbra: Coimbra Ed. LTDA, 1961.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**: com estudo biobibliográfico de Affonso E. Taunay. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

ARAUJO, Antonio de. **Catecismo Brasilico da doutrina christãa**: Com o ceremonial dos sacramentos, & mais actos parochiaes composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, & dado a luz pelo padre Antonio Araújo, emendado nesta segunda edição pelo P. Berthalomeu de Leam. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1686.

BARROS, João de. **Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja**. Dedicada ao muito alto e excelente príncipe Dom Felipe nósso Senhor. Lisboa, 1539.

BENCI, Jorge. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos**. Estudo preliminar de Pedro de Alcântara Figueira e Claudinei M.M. Mendes. São Paulo: Grijalbo, 1977.

BERNARDES, Manoel. **Discurso sobre a Educação**. Lisboa: Typ. Almeida & Machado, 1908.

\_\_\_\_\_. **Excerptos**. Seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juízo critico, apreciações de belezas e defeitos e estudos de língua por Antonio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, Editor; Paris: August Durand, Editor, 1865. t. II.

BETENDORF, João Felipe. **Compendio da Doutrina Christã**, Dedicada à Soberana Virgem Mãy de Deos Nossa Senhora da Luz. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1678.

CAEIRO, José. **Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal (século XVIII)**. Trad. de Padre Manuel Narciso Martins. Prefácio Padre Luiz Gonzaga Cabral. Salvador: Escola Tipográfica Salesiana, 1936.

CALDAS, José Antonio. **Noticia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**. Edição Fac-Similar. Salvador: Tipografia Beneditina LTDA, 1951.

CALVIN, Jehan. **Cathecismo cest a dire, le formulaire d'instruire les enfants en la Chrestienté, faict en maniere de dialogue, ou le Ministre interroque, & l' Enfant respond**. Geneve: Imprimerie de Ichan Crespin, 1552.

**Código Filipino, ou, Ordenações e Leis do Reino de Portugal: recompiladas por mandado d'el-Rei D. Filipe I.** Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

COMENIUS, Johannis Amos. **Didactica Magna (1621-1657)**. Tradução, Introdução e Notas de Joaquim Ferreira GOMES. Digitalização Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. *Versão e-Book*. <<http://www.culturabrasil.org/didaticamagna/didaticamagna-comenius.htm>> Acesso em 02/10/2007.

**Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563)**. Copyright Associação Cultural Monfort. *Versão digital*. <<http://www.montfort.org.br>> Acesso em 04/06/2006.

DAMÁZIO, Antonio Joaquim. **Tombamento dos bens immoveis da Santa Casa da Misericórdia da Bahia em 1862**. Bahia: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia, 1862.

FEIJO, João de Morais Madureira. **Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa para uso do excellentissimo Duque de Lafoens**. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

FÉNELON, François Salignac de La Mothe. **De L'Education des Filles. Oeuvres de Fenelon. Seconde classe. Ouvrages de Morale et de Spiritualite**. Edition des Oeuvres complètes, tome V. J. Leroux et Jouby. Paris; Gaume Frères, Paris; L. Lefort, Lille; Outhenin-Chalandre Fils, Besançon, 1851. *Versão Digital*. <<http://www.cervantesvirtual.com/>> Acesso em 03/05/2007.

FIGUEIRA, Luiz da. **Arte de Grammatica da Língua brasílica**. Lisboa: Manoel da Silva, 1621.

\_\_\_\_\_. **Arte de Grammatica da Língua brasílica**: Dada à Luz e anotada por Emilio Allain. Rio de Janeiro: Typografia e Lithographia a vapor de Lombaeris, & C., Ourives a. 7, 1880.

FONSECA, Joam da. **Espelho de penitente**, Trata de como ha de fazer huma confissão bem feyta, o que trata de reformar sua vida. Con alguns meynos, de nem cometer os leves. E hum appendice sobre a confissão geral com exemplos acomodados ás materias de que trata. Évora: Officina da Universidade, 1687.

\_\_\_\_\_. **Escola da doutrina christã**, Em que se ensina o que he obrigado a saber o christam. Ordenada por modo de Dialogo entre Dous Estudantes hum Filozofa, por nome Marcelino, & outro Theologo, por nome Deodoro: Com exemplos accomodados às matérias, que se tratam, Dedicada á Puríssima Virgem, Glorioza Rainha dos Anjos Maria Santíssima Senhora Nossa da Vitória. Évora: Officina da Universidade, 1688.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas.** O “Ratio Studiorum”. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1952.

GUSMAM, Alexandre de. **Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos nas exéquias do Illustrissimo Senhor D. Fr. Joam da Madre de Deos, primeiro arcebispo da Bahia, que faleceo do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686,** Dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Luis de Sousa Tello e Menezes, pello Cônego Francisco Pereira, A custa de Manoel Lopes Ferreira, mercador de Livros. Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1686.

GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de crear bem os filhos na idade da Puericia,** Dedicada ao Minino de Belém, JESU Nazareno. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.

\_\_\_\_\_. **Arvore da Vida, JESUS Crucificado.** Dedicada á Santíssima Virgem Maria N. S.ra Dolorosa ao pé da Cruz, Obra posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil, Lisboa: Officina de Bernardo da Costa Carvalho Impressor da Religião de Malta, 1734.

\_\_\_\_\_. **Escola de Bethlem, Jesus nascido no prezepio.** Évora: Officina da Universidade, 1678.

\_\_\_\_\_. **Historia do predestinado Peregrino e seu irnam precito,** E a qual de baxo de uma misterioza parabola se descreve o sucesso feliz do que se ha de salvar, & infeliz sorte do que se ha de condenar. Dedicada ao Peregrino celestial S. Francisco Xavier, Apostolo do Oriente. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1682.

\_\_\_\_\_. **Meditações para todos os dias da semana, pelo exercício das três potencias da alma, conforme ensina Sto. Ignácio Fundador da Companhia de JESU.** Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1689. Dedicatória “Ao Patriarcha Santo Ignácio, Fundador da Companhia de JESU”.

\_\_\_\_\_. **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron,** A Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus, Dedicada a mesma soberana Virgem com sua gloriosa Assumpção. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715.

LOCKE, John. **Some Thoughts Concerning Education.** *Versão digitalizada.* <<http://www.fordham.edu/halsall/mod/1692locke-education.html>> Acesso em 03/02/2008.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana.** Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759. Vol. 1.

MARTYRES, Bartholomeu. **Cathecismo ou Doutrina Christã e pratticas espirituaes.** Lisboa: Officina João Galvão, 1686.

MELO, Francisco Manuel de. **Carta de guia de casados**. Edição semidiplomática por Daniel Neto Rocha. Centro de Estudos de Lingüística Geral e Aplicada (CELGA). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, 2007. *Versão digital*.

MIAMIANI DELLA ROVERE, Lodovico Vincenzo. **Arte de grammatica da lingua brasílica da naçam kiriri**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1699.

NIEREMBERG, Juan Eusébio. **Ideas de virtud em algunos claros varones de la Compãnia de JESUS**, A la excelentíssima señora D. Inês de Guzman, Marquesa de Alcañizes. Madrid: Maria de Quiñones, 1643.

PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio narrativo do Peregrino da América**. 6º ed. Rio de Janeiro - RJ: Publicações da Academia Brasileira, 1939, Vol. I.

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. **Apontamentos para a educação de hum menino nobre**, Dedicada ao Marquez de Alegrete. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

ROCHA PITTA, Sebastião da. **História da América Portuguesa**: Coleção de Estudos brasileiros. 3ª ed. Bahia: Livraria Progresso Editora Águia e Souza LTDA, 1950.

ROTTERDAM, Erasmo de. **De Pueris e A Civildade Pueril**. Trad., Introdução e Notas de Luiz Feracine. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 22. São Paulo: Editora Escala, 2005.

SAAVEDRA FAJARDO, Diego. **Idea de un príncipe político cristiano representado em cien empresas**. Empresas políticas. Madrid: Editora Nacional, 1976. *Versão digitalizada*.

\_\_\_\_\_. **Sus pensamientos, sus poesias, sus opúculos**. Precedido de um Discurso Preliminar crítico, biográfico y bibliográfico sobre la vida y obras del autor e ilustrados com notas, introducones y uma genealogia de la Casa de Saavedra por el Conde de Roche y D. José Pio Tejera. Madrid: Imprenta de Fortanet, 1884. *Versão digitalizada*.

SANTA MARIA, Agostinho de. **Santuário mariano**. Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, E das milagrosamente apparecidas, em graça dos Pregadores, & dos devotos da mesma Senhora. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gabram, 1707, t. I.

\_\_\_\_\_. **Santuário mariano**. Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e milagrosamente manifestadas, & apparecidas em o Arcebispado da Bahia, em graça dos pregadores, & de todos os devotos da Virgem Maria Nossa Senhora. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gabram, 1722, t. IX.

SANTA MARIA, José. **Brados do pastor às suas ovelhas**, Dedicado ao bom pastor das almas Christo Jesus à soberana May de Deos, Rainha dos Anjos. Lisboa: Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1731.

\_\_\_\_\_. **Espelho de Dezengano para peccadores confiados**. Dedicado à Soberana Mãe de Deos, Rainha dos Anjos. Lisboa: Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1731.

SILVA, Manuel Nunes. **Arte mínima, que com semibreve prolaçam tratta em tempo breve, os modos da Máxima, & Longa Sciencia da Musica**. Lisboa: Officina de Joam Galram, 1685.

SYLVA, Francisco da. **Opusculo da Infância e Puerícia dos Príncipes e Senhores**. No qual alem de hum curioso discurso sobre o nascimento, & solemne Baptismo do Infante Sereníssimo Dom Afonso, em documentos breves tirados da doutrina de muitos Sanctos e Douthores Catholicos, como também dos Philosophos antigos, se comprehende sua boa criação na idade mais tenra: exornado tudo com proveitosas humanidades, Offerecido ao Ilustríssimo, & Reverendíssimo senhor D. Pedro de Meneses, Bispo eleito de Miranda, Semelher de Cortina de Sua Magestade Sereníssima. Lisboa: Impresso por Paulo Craesbeck, 1644.

TORRES, Juan de. **Primeira arte de la philosophia moral de principes para su Buena criança y gobierno: y para personas de todos os estados**, Dirigida a Don Gomes dAvila, marques de Vilada, del Consejo de estado: Ayo y mayordomo mayos del Principe nuestro Señor. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeck, 1602.

VASCONCELOS, Simão de. **Crônicas da Companhia de Jesus**. Introdução de Serafim Leite. 3 ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1977. Vol. 1, Vol. 2.

VERA, Per Álvaro Ferreira de. **Memória Artificial ou modo para adquirir memória per arte**, Dirigida a Dom Manoel de Eça. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. Edição Fac-similar de 1853, Brasília: Edições do Senado Federal, 2007.

VIEIRA, Antônio. **Sermões do Rosário**. Lisboa, 1688. disponível em <www. bn.br>. Acesso em 27 mar. 2008.

VILHENA, Luis dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Ed. Itapuã, 1969. Vol. 2.

VILLENEUVE, João de. **Da Arte de imprimir dada a Luz pelos primeiros caracteres**, Dedicada a ELREY Dom João V. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1732.

## OBRAS DE REFERÊNCIA

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. de João Ferreira de Almeida. Sistema de estudo bíblico original e exaustivo Thompson. São Paulo: Editora Vida, 2000.

- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos. Offerecido a El Rey de Portugal, D. João V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712-1721.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário Inglês-Português, Português-Inglês**. São Paulo: Editora FTD S.A., 1996.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em <<http://www.newadvent.org>> último acesso em 05/08/2008.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 1.0. *Copyright* Instituto Antônio Houaiss, 2001.
- DICIONÁRIO ESCOLAR LATINO-PORTUGUÊS. Organizado por Ernesto Faria. 3ª ed. Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962.
- DICIONÁRIO LAROUSSE FRANCÊS-PORTUGUÊS, PORTUGUÊS FRANCÊS: mini. Coordenação editorial José A. Galvez. 1ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

## ARTIGOS E CAPÍTULOS

- ALTMAN, Raquel Zumbano Brincando na história. In: PRIORE, Mary. L. M. del (Org.). **A História das Crianças no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1999. p. 231-258.
- ANDRADE, Maria José de. Os recolhimentos baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, nº 90, 1992.
- ARAÚJO, Emmanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, M. L. M. Del; BASSANEZI, Carla (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.
- ARAUJO. Ana Cristina. A esfera pública da vida privada: a família nas Artes de Bem Morrer. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, t. XXXI, vol. 2, p. 341 – 371, 1996.
- ASSUNÇÃO, Paulo. “O acrescentamento de nossa Fé”: As ordens religiosas no Brasil Colonial. **Brotéria: Cristianismo e Cultura**. Lisboa, vol. 162, p. 109-129, jan. e fev. 2006
- BIANCARDI, Cleide Santos Costa. Liturgia, arte e beleza: o patrimônio móvel das sacristias barrocas no Brasil. In: TIRAPELI, Percival (Org.). **Arte sacra: barroco memória viva**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Ed. UNESP, 2005. p. 42-57.

- BOSCHI, Caio. Ordens Religiosas, Clero Secular e Missionação no Brasil. In: BETHENCOURT, Francisco & CHAUDHURI, Kirti (dir). **História da Expansão Portuguesa**, s/l: Temas & Debates, 1998. Vol. 3, p. 294-318.
- BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JUNIOR, Moysés (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60;
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial. **Tempo**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 61-75, 2005.
- CARVALHO, Laerte Ramos. A educação brasileira e a sua periodização. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas – SP, nº2, p. 137-152, jul./dez. 2001.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: \_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. Cap. 3, p. 183-251.
- COLOMBO FILHO, Egydio. Sobre os objetos barrocos. In: TIRAPELI, P. (Org.). **Arte sacra: barroco memória viva**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Ed. UNESP, 2005. p. 146-165.
- CORNETTE, Joël. Le savoir des enfants du Roi sous la Monarchie Absolue. In : HALÉVI, Ran (Org.). **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**. L'Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002. p. 111-145.
- CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ALMEIDA, Maria Sueli K. (et al.) **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 13-37.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **A História das Crianças no Brasil**. 1ªed. São Paulo: Contexto, 1999. p. 55-82;
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, Vol. 3, p.113-161.
- DAHER, Andréa. A Conversão do Gentio ou a Educação como Constância. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SPEDO, Maria Lúcia (Orgs.). **Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 43-52.
- DELUMEAU, Jean. Renascimento e Antiguidade. In: \_\_\_\_\_. **A civilização do renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. vol. 1.
- FALCON, Francisco Jozé Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 328-339, maio/ago. 2006.

FEITOSA, Aécio. Alguns aspectos do discurso pedagógico da Companhia de Jesus no Brasil. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XIX, p. 35- 43, 1985.

\_\_\_\_\_. Estratégias do discurso dos jesuítas juntos aos indígenas brasileiros. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXI, p. 69-76, 1987.

FERREIRA, António Gomes. A criança em dois tratados Setecentistas de puericultura. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXI, p. 151-167, 1987.

\_\_\_\_\_. A difusão da escola e afirmação da sociedade burguesa. **Revista Brasileira de História de Educação**, Campinas, SP, nº 9, p. 177-198, jan / jul 2005.

\_\_\_\_\_. A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime, In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JUNIOR, M. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 167-196.

\_\_\_\_\_. Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXII, p. 267-291, 1988.

FERREIRA, António Gomes; PEREIRA, Ana M. P. Lopes. Um relance sobre a criança do século XVI. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXI, p. 169-197, 1987.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História cultural e história da educação na América portuguesa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, nº 12, p.31 - 73, jul/dez. 2006.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Os colégios jesuíticos no Brasil: Educação e civilização na Colônia (1549-1759). **Brotéria: Cristianismo e Cultura**. Vol. 155, no. 1, p. 69-91, julho de 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de. História da infância no pensamento social brasileiro. Ou, fugindo de Gilberto Freyre pelas mãos de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 251-268

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, Vol. 3, p. 311-329.

GOMES, Joaquim Ferreira. O “modus parisiensis” como matriz da pedagogia dos jesuítas. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXVIII, nº. 1, 1994, p. 3 – 25.

\_\_\_\_\_. O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano XXV, nº 2, p. 131-154, 1991.

GOMES, Plínio Freire. O ciclo dos meninos cantores 1550-1552: música e aculturação nos primórdios da colônia. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 11, nº 21, p. 187-198, set. 1990 / fev. 1991.



- HALÉVI, Ran. Avant propos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**. L'Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002.
- HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta T. (et al.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 19-41.
- \_\_\_\_\_. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JUNIOR, M. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 61-97.
- \_\_\_\_\_. Ratio Studiorum e a política católica ibérica no século XVII. In: VIDAL, D. Gonçalves; SPEDO, M. L. (Orgs.). **Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 13-41.
- HOLLER, Marcos. Os instrumentos musicais no processo de expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 16, nº 27, Programa de Pós-Graduação em Música/UFRGS, dez. 2005.
- JAVEAU, Claude. Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma Ciência Social da Infância? **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, vol. 26, n. 91, p. 379-389, maio/ago. 2005.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, nº 1, p.9-43, jan/jul 2001.
- LE BRUN, Jacques. Du privé au public : L'Éducation du prince selon Fénelon. In : HALÉVI, R. (Org.). **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**. L'Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002. p. 235-260.
- LEITE, Serafim. A vida sacramental e os seus reflexos sociais no Brasil do tempo de Nóbrega (1549-1570). **Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura**, Lisboa, vol. LXXV, n. 1, p. 28-47, jul. de 1962.
- LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, nº 44, p. 11-32, 2002.
- MANSFIELD JR., Harvey C. L'Éducation du Prince de Machiavel. In : HALÉVI, R. (Org.). **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**. L'Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002. p. 69-79.
- MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53-79.
- MARÍN BARRIGUETE, Fermín. Los jesuítas y el culto mariano: la Congregación de La Natividad em la Casa Profesa de Madrid. **Tiempos Modernos**, nº 9, 2003-2004.
- MARTINEZ, Ana. Vidas ejemplares em emblemas (siglos XVI-XVII). **Via Spiritus**. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, Porto, n. 10, p. 113-138, 2003.

- MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 26, p. 289-327, jan./jun. 2006.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Vol. 1, p. 155-220.
- \_\_\_\_\_. Pedofilia e pederastia no Brasil Antigo. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **História da Criança No Brasil**. Coleção Caminhos da História. São Paulo: Contexto, 1991. p. 44-60.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. História intelectual e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 340-345, maio/ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. O altar e a coroa iluminada: a educação de colonos e colonizados. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G.. (Orgs.) **Educação no Brasil: história, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 73-97.
- NEVEU, Bruno. Futurs Rois très chrétiens. In : HALÉVI, R. (Org.). **Le savoir du Prince. Du moyen âge aux Lumières**. L’Esprit de la cite. Paris: Libraire Arthème Fayard, 2002. p. 197-233.
- PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPES, E. M. T. (et al.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 43-59.
- PASTOREAU, Michel. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. I, p. 245-263.
- PINHEIRO, Olympio. Azulejo Colonial luso-brasileiro: uma leitura plural. In: TIRAPELI, P. (Org.). **Arte sacra: barroco memória viva**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Ed. UNESP, 2005. p. 118-145.
- PRIORE, Mary L. M. Del. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, M. L. M. del; BASSANEZI, C. (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 78-114.
- \_\_\_\_\_. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **A História das Crianças no Brasil**. 1ªed. São Paulo: Contexto, 1999. p.84-105.
- \_\_\_\_\_. O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **História da Criança No Brasil**. Coleção Caminhos da História. São Paulo: Contexto, 1991. p. 10-27.

- RAMOS, Fábio Pestana A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas no século XVI. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **A História das Crianças no Brasil**. 1ªed. São Paulo: Contexto, 1999. p. 19-52.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, E. M. T. (et al.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R.. Centros e Periferias no Mundo Luso-Brasileiro, 1500-1808. Trad. Maria de Fátima Silva Gouvêa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, nº 36, p. 187-250, 2002.
- SANTOS, Zulmira C. Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do “prodesse ac delectare” na História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724], In: COMPANHIA DE JESUS NA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XVI E XVII. ESPIRITUALIDADE E CULTURA, 2004, Porto – PT. *Actas do Colóquio Internacional*, Porto: FLUP, 2004, p. 563-81.
- SOUZA, Antônio Loureiro de. Notícia **Histórica da Cachoeira**. Estudos baianos. Salvador, nº5: UFBA, 1972.
- \_\_\_\_\_. Belém da Cachoeira. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, nº 85, p. 63-77, 1972-1975.
- SOUZA, Evergton Sales. **Espiritualidade e piedade em D. Sebastião Monteiro da Vide**. [2007] Não publicado.
- \_\_\_\_\_. São Francisco Xavier, padroeiro de Salvador. Gênese de uma devoção impopular. **Brotéria**. Revista Contemporânea de Cultura, Lisboa, v. 163, p. 653-670, 2006.
- SOUZA, Laura de Mello e. O Senado da Câmara e as crianças expostas. In: PRIORE, M. L. M. del (Org.). **História da Criança No Brasil**. Coleção Caminhos da História. São Paulo: Contexto, 1991. p. 28-43.
- TORRES, Max Sebastian Hering. “Limpieza de sangre” ¿Racismo em la Edad Moderna? **Tiempos Modernos**. nº 9, 2003 – 2004.
- VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de “anjinho” na literatura de viagem. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, nº 44, p. 365-392, 2002.
- VAINFAS, Ronaldo. Moralidades bráslicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, L. de M. e (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Vol. 1, p. 221-273.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: PRIORE, M. L. M. Del; BASSANEZI, C. (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 189-222.

VILLALTA, Luiz Carlos. A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: PRADO, Lígia Coelho; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes**. São Paulo: Eduso, 2002. p. 171-184.

\_\_\_\_\_. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, L. de M. e (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Vol. 1, p. 331-385.

## DISSERTAÇÕES E TESES

CASIMIRO, Ana Palmira B.S.. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Educação. Salvador, 2002.

FERNANDES, M. de L. C.. **Espelhos, Cartas e Guias de Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700**. 1995. Tese (Doutorado) - Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995.

GOMES, Alberon de Lemos. **A Matrona & o Padre: Discursos, Práticas e Vivências das relações entre Catolicismo, Gênero e Família na Capitania de Pernambuco**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco / Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2003.

MONTEIRO, Alex Silva. **A Heresia dos anjos: a infância na inquisição portuguesa nos séculos VI, XVII e XVIII**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

NASCIMENTO, Alcileide C.. **A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832)**. 2006. Tese (doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SANTOS, Fabrício Lyrio. **Te Deum Laudamus**. A expulsão dos jesuítas da Bahia. (1758-1763). 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **A Cristandade insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)**. 2002. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIOLI, Ignácio. **Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia**. Bahia: Typographia do Correio Mercantil, 1835. t. I; 1837. t. IV.
- ADÃO, Áurea. **Estado Absoluto e ensino das Primeiras Letras**. As Escolas Régias (1772-1794), Textos de educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- ALGRANTI, Leila M.. **Honradas e devotas: mulheres da colônia – condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto**. Normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVIII. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Ilhéus: Editus, 1999.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. de Dora Flaksman. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BARDI, P. M.. **História da arte brasileira**. Pintura, escultura, arquitetura, outras artes. 2º ed.. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1977.
- BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália**. Séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSSY, John. **A cristandade no Ocidente 1400 – 1700**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- BOXER, Charles R.. **A Igreja Militante e a Expansão Ibérica: 1440-1770**. Trad. de Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815)**: Alguns Factos, Idéias e Personalidades. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- \_\_\_\_\_. **O Império Colonial Português**: Textos de Cultura Portuguesa. Lisboa: Edições 70, 1969.
- CABRAL, Luiz Gonzaga. **Influência dos jesuítas na colonização do Brasil (século XVI)**. São Paulo – Cayeiras – Rio de Janeiro – Recife: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1925.
- CALAINHO, Daniela Buono. **Agentes da Fé: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil Colonial**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959. vol. III.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito racial no Brasil Colônia: os cristãos-novos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- Congregatio de Causis Sanctorum**. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, Biografia Documentada, Protocolo nº 1765, Roma, 1993, Vol. II, p. 49.
- CORTESÃO, Jaime. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid**. Obras Completas XXX. Lisboa: Livros Horizonte, 1984. Vol. I, 2ª parte.
- COSTA, Ney C.. **História das moedas do Brasil**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1973.
- d'ARAÚJO, Antonio Luiz. **Arte do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- DE VARAZZE, Jacopo (1229 †1298). **Legenda áurea: vidas de santos**. Tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DELFORGE, Frédéric. **Les petites Écoles de Port –Royal (1637-1660)**. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1985.
- DELUMEAU, Jean. **La Reforma**. Nueva Clio, La Historia y sus problemas. Calabria, Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- \_\_\_\_\_. **O pecado e medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**. Trad. de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. vol. I e II.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Trad. de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento**. Fortuna e Família no Cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERLINI, Vera. **Terra, trabalho e poder: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- FERREIRA, António Gomes. **Gerar Criar Educar**. A criança no Portugal do Antigo Regime. Coleção Teses Número 7. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade Clássica**. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FOULQUIER S.J., Joseph. **Jesuítas no Norte**. Passados 4 Séculos, segunda entrada da Companhia de Jesus (1911-1940). Bahia, 1940.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal. Ilustrações de Tomás Santa Rosa e desenho de Cícero Dias. 9. ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958. t. 2.
- GUILLERMOU, Alain. **Os jesuítas**. Posfácio Manuel Antunes. Coleção Saber. Publicações Europa-América, 1977.
- GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia**, Fac-símile sob responsabilidade de Elomar TAMBARA, E Gomercindo GHIGGI. Pelotas, RS: Seiva Publicações, 2000.
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o Engenho**. Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII. 2ª ed. revisada. São Paulo: Atelier editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Trad. de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Coord.). **História Geral da Civilização brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968. T. I, vol. 1 e 2.
- KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação infantil uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LEBRUN, François. **A vida conjugal no Antigo Regime**. Coleção Prisma. Lisboa: Ed. Rolim, s/d.
- LEITE, Serafim. **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa: Edições Brotéria. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.
- \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938. t. I; 1938. t. II; 1945. t. V; 1945. t. VI; 1949. t. VII; 1949. t. VIII.
- \_\_\_\_\_. **Novas Páginas de História do Brasil**. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1962.
- LONDOÑO, Fernando Torres. **A outra Família**. Concubinato, Igreja e escândalo na Colônia. Série Teses. São Paulo: História Social USP, Editora Loyola, 1999.

- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- MARAVALL, José. **A cultura do Barroco**. Análise de uma estrutura histórica. Clássicos 10. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança abandonada**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- MELLO e SOUZA, Laura de. **Inferno Atlântico**. Demonologia e colonização. Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MELLO e SOUZA, Laura de; BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **1680-1720**. Virando séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MILTON, Aristides A.. **Ephemerides Cachoeiranas**, Coleção Cachoeira. ed. Fac-similar. Salvador: UFBA, 1979. vol. 1.
- MONTEIRO, Rodrigo Bentes. **O Rei no Espelho: A Monarquia Portuguesa e a Colonização da América: 1640-1720**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MORAES, E. Vilhena de. **Três figuras: o padre poeta, o padre voador, o frade preceptor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1937.
- NARDI, Jean-Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- O'MALLEY, John W.. **Os primeiros jesuítas**. Trad. de Domingos Armando Donida. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- PAIVA, José Pedro. **Bruxaria e superstição num país sem caça às bruxas. 1600-1774**. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- PRIORE, Mary L. M. Del. **Ao sul do corpo**. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- RAPP, Francis. **La Iglesia y la vida religiosa em Occidente a fines de la Edad Media**, Nueva Clio, La historia y sus problemas. Barcelona: Editora Labor, 1973.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **Família, mulheres e povoamento. São Paulo, século XVII**. Bauru, RS: EDUSC, 2003.



- SARAIVA, Antonio José. **Inquisição e Cristãos Novos**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835). Trad. Laura Teixeira Motta. 3ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Burocracia e sociedade no Brasil Colonial**. A Suprema Corte da Bahia e seus Juizes (1609-1751). São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- SHORTER, Edward. **A Formação da Família Moderna**. Trad. de Teresa Perez. Lisboa: Terramar, 1975.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **História da Família no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- TAUNAY, Affonso de E.. **Bartholomeu de Gusmão – Inventor do aerostato – A vida e obra o primeiro inventor americano**. São Paulo: Ed. Leia, 1942.
- \_\_\_\_\_. **Obras diversas de Bartholomeu de Gusmão**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1938.
- VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1986
- \_\_\_\_\_. **Trópico dos Pecados**. Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- VENÂNCIO, Renato Pinto; RAMOS, Jania Martins (Orgs.). **Alexandre de Gusmão: Arte de Criar bem os filhos na idade da puerícia**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benim e a Baía de Todos os Santos**. Dos séculos XVII a XIX. 2ª ed. São Paulo: Corrupio, 1987.

## ANEXO I

ÍNDICE DE REFERÊNCIAS EM *ARTE DE CRIAR BEM OS FILHOS NA IDADE DA PUEIRIA* (1685).

|                                       | AUTORES/ OBRAS  | PÁGINAS/ REFERÊNCIAS  |
|---------------------------------------|-----------------|---|
| FILÓSOFOS E POETAS<br>(ATÉ SÉCULO XI) | Avicena         | 79 – por Tiraquelo<br>180 – “L. 1. c. 2”  |
|                                       | Aristóteles     | Prólogo,<br>2 – “Eth. 2”<br>24<br>25 – “Laercio l. 2. c.8” do filósofo Aristipo<br>28 – “Laércio l. 5. c. 2” obrigação da educação<br>76 e 77 – pai forte e mãe amorosa.<br>79 – por Tiraquelo<br>153 – “6 polit.c. 1” e “L. Politicourum c. 1.<br>Polit. 1. 2.c.5”<br>183 – “L. 4 de Gen. Na. M. 8”<br>205 –<br>221 – “De nat. Animarium”<br>260,<br>269 – “Arist. POL. L. 7.c. 17”<br>367 – “Polit. L. 8” |
|                                       | Beda            | 19 -  |
|                                       | Severino Boécio | 243 – “Boet. L. 9”<br>298 – “De discpul. Schol l. 4”  |
|                                       | Cláudio Eliano  | 31 – “Elian L. 12”<br>50 – “Eliano var. Hist l. 12” Diógenes (Laertuis<br>ou Sínope)<br>93 – “Eliano l. 2. c. 7” e “L. 4. t. 4. cap. I” (?)<br>111 – “Eliano var. hist lib. I”<br>115 – “Variae Hist. Lib. 12”  |
|                                       | Cícero          | 153 – “De Diviuitate 2.”  |
|                                       | Galeno          | 79 – por Tiraquelo<br>180 – “Galé. De tuenda sanitate li. 1”  |
|                                       | Heródoto        | 342 – “Herod. L. 6 c. 1”  |
|                                       | Homero          | 334   |
|                                       | Horacio         | 368 – “Sat.”  |
|                                       | Orígenes        | 63 – “In. C 1. Job.1”   |
|                                       | Ovídio          | “Ovid. De trist. L. 1”  |

|               |  |
|---------------|--|
| Platão        | Prólogo,<br>25 – “D. 30 de Leg.” educação e civilidade<br>38 – def. de República<br>86 – citado por Plutarco<br>124 – “De leg. L. 12”<br>138 – “Plato. 7”<br>143 – os meninos calados<br>152 – “L.7”<br>216, 249, 250, 260, 294, 322   |
| Plínio        | 139 – “L. 38. c. 4”<br>145 – “Plin. L. 36. cap. 34”<br>298 – “Lib. 3 Ep. Ad. Cor.”   |
| Plutarco      | Prólogo,<br>16 e 17– educação + que riquezas<br>24<br>26 – “Plut.” Ex. de Ciro<br>28 - “Plut.” Ex. Alexandre<br>39 – “plut. In. Lae”<br>48 – “Plut.”<br>83 – “Plut.” Alexandre Magno<br>84 – “”Crinit. De hon disc. Lib. 14. c. 1”<br>86 – “Plut. In. Moral”<br>137 – “Plut. In. Temis.”<br>138 – “Plut. sua vida”<br>152 – “De Educat. Puer.”<br>185 – “Plut. De Educ. puer.”<br>239 – “Plut. De educ. puer.”<br>250 – “Apud. Plutarc. De educ.” sobre Platão<br>253 – “De filis edvane dis”<br>254 – “Plut. In vita Plat.”<br>257 – “Plut. Sua vida”<br>260 – “Plut. De educ. puer.”<br>268 – “Lib. De bbe. Educ.”<br>276<br>295 – “Plut. L. 5. de nat. Homim”<br>296 – “Plut.”<br>297 – “Da educatione filioru”<br>304 – “Plut. In. Apol”<br>306 – “Plut.”<br>333 – “Plut de amor e Pat”<br>340 – “Plut. In Lacon.”<br>367 – “Plut. De educat.” |
| Poeta Horácio | 150 –<br>151 – “Virg. Georg.” (?)  |
| Poeta Juvenal | 16 – “Sat. 14”<br>239– “Satyra 14”<br>250 – “Satyr. 14”  |

|                               |                          |  |
|-------------------------------|--------------------------|--|
|                               | Quintiliano              | 83 – Alexandre Magno<br>144 – “Quint. Lib. 1”<br>145 – Quintiliano – “L. 1. Inst & 3”<br>342 – “lib. I. inst I”  |
|                               | Sêneca                   | 24<br>29 – “L. I. de benef.” – utilidade para os pais<br>143 – “Senec. Lib. 3. Epist. 21”<br>265 – “L. 2 d. ira”<br>269 – “Sêneca de ira. L. 2. c. 22”<br>320 –<br>322 – “Sem. De ira. L. 2 c. 22”   |
|                               | Sócrates                 | 16 – “Plut. De Educ. fil.”   |
|                               | Tertuliano               | 269 – “Ad. Mart. C. 4”   |
|                               | Tito Livio               | 89 - “Tito Livio Dec. I. lib. 7”   |
|                               | Virgílio                 | 99 - “A Enead. 8”<br>186 – “Aeneid. 7”<br>187 – “Aeneid. 4”<br>269 – “Aeneid. 6”   |
|                               | Xenofontes               | 84 – “Xenop. De dict. Soc. 1 I”<br>153 – “Xenop. In. Cyr. Lib. 3. c. 7”  |
|                               |                          |  |
| TÉOLOGOS E DOUTORES CATÓLICOS | Frei Tomás de Cantiprato | 90 – “L. 2.p. 9. c. 30.”   |
|                               | Gregório Magno           | 129 – “Greg. Ial. 4. 1”  |
|                               | Eusébio de Cesaréia      | 155 – “L. 5. c. 10. & 1 c. 6.c. 12” – História<br>Eclesiástica   |
|                               | Santo Agostinho          | 18 e 19 – meninos = os frutos da árvore<br>55 – “Serm. 3. Ad. Frat. In Eras” – Cyrillo<br>81 – exemplo de sua mãe<br>110 – “Epist. 25”<br>207 – “In. Os. 50” justiça de Deos<br>211, 215,<br>228 – “De Civit. Dei. L. 14. c. 3 Aa Eph. 4”<br>301 – “De moribus Eccles.”<br>309 – “De moribus Eccles.”<br>325 – “Ribad. Sua vida”<br>328 – “De Civitate Dei lib. 22 c. 8” |
|                               | Santo Anselmo            | 319 – “Surio 21. Aprilis p. 698  |
|                               |                          |  |

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Santo Ambrósio          | <p>Prólogo<br/> 46 – a culpa dos pais<br/> 94 – “Hom. 5. In. Exam.”<br/> 144 – “S. Amb.”<br/> 184 – “Lib. 5. exam. C. 18” e “Lib. 1. c. 20”<br/> 198 – o bem e mal<br/> 214 – “L. 1. de Virg.”<br/> 321 – “Desimil c. 178”<br/> 331 – “Lib. De Joseph c. 4”<br/> 332 – “Cap. 18 lib. 5”<br/> 352 – “Lib. 3 de Virg.”<br/> 360 – “L. 3 de Virg.”<br/> 379 – “L. 1 de Abr.”<br/> 383 – “Lib. I de Virg.”<br/> 386 -</p>          |
| Santo Isidoro Polosiota | 70 – “L. 5 Ep 9”   |
| Santo Tomás             | <p>45 – “S. Th. Opus. 4. Soar. Sanch Fagun.”<br/> 157<br/> 189 – “l. 2 q. 89. art. 6”<br/> 198 –<br/> 256 – “Opus. 20 de Reg. Prin.”<br/> 350 – “Op. Us. 17 c. 10”<br/> 351 – “Op. Us. 17 c. 10”<br/> 352 – “Opus. 17 l 345”<br/> 351, 352,<br/> 356 – “Opus. 17 &amp; 11”<br/> 356 – “Thom 2.2. q. 989. n. 5”<br/> 357,<br/> 358 – “Lib. 5 de erud. Princip. C. 5”<br/> 359,<br/> 360<br/> 361– “Opus. 17 c. 10”<br/> 361</p> |
| São Basílio             | <p>Prólogo,<br/> 13- flores, vigilância<br/> 92 – “Hom. 3 in. Exam.” A águia<br/> 156,<br/> 223 – “Ed. ad Clion”<br/> 238 – “In. Reg.”<br/> 357 – “Barsil. Reg. 15”</p>  |
| São Bento               | 156  |
| São Bernardo            | <p>Prólogo,<br/> 13 – flores - vigilância<br/> 24 – “Ser. 86. in Cant” – futuro e puericia<br/> 48, 88, 185, 198, 242<br/> 346 – “Epist. 110”</p>  |
| São Bernardino de Sena  | 180 – “Ser. 18. de puditia co jugali.”   |

|                          |   |
|--------------------------|---|
| São Cirilo               | 129 – “P. Espinello de Tro. V. l. 20, n. 52”<br>206,<br>373 -   |
| São Clemente Alexandrino | 11 – “L. 2. Pedag. C. 8”<br>95 – flores e pedras preciosas<br>163 – Lib. 1. Ped. C. 5”<br>184 – “Lib. 3. Pedag. C. 4”   |
| São Dionysio Areopagita  | 154 – “hier. C. ultim.”   |
| São Efrem                | “Tra. De Charitate”   |
| São Gregório Papa        | 58 –<br>147 – “mor. L. 15. c. 5”<br>157, 206,<br>235 – “Di. L. 1. 4. c. 18”<br>236 – “ibid”<br>357 – “Dialog. C. 3”   |
| São Gregório Naziazeno   | 79 – “In vita Angelisae”<br>86 – “De laulibus Basilij”<br>162 – “Orat. 19. de patris funere.”<br>251 – “Delaud. Bas.”<br>323 – “Ad. Vitalian”<br>339 – “Greg. Nas. Epist. Ad. Eudox.”   |
| São Jerônimo             | Prólogo,<br>11 – “Epist. 7”<br>14 – “Epist. 7”<br>15 – “Epist. 7”<br>67 – “Ep. 9. ad. Salvinam.”<br>95 –<br>150 – “Epist. 7”<br>198 -<br>185, 198, 213,<br>218 – “Jn. C. 32. Deut.”<br>218 – “L. 1. adverius Iovin.”<br>233 – “Epist. 7”<br>238 – “Epist. 7”<br>249 –<br>254 – “Epist. 7”<br>256 – “In. Deut. C. 32”<br>336 – “Epist 25 ad Paulum”<br>342 – “Epist. Ad. Laetam”<br>343 – “Epist. 7”<br>353 – “Hier. Epist. 7 ad Laet”<br>357 – “Epist. Ad. Eust. De cult. Virg. Lib. 2”<br>367 – “In. Cap. 12. Tac.”<br>367 – “Epist. Ad. Gaud. & ad. Laetam.”<br>373<br>378 – “Epist. 22”<br>380 – “AdÇaetc Epist. 7”<br>386 e 387 |

|                     |                               |   |
|---------------------|-------------------------------|---|
|                     | São João Crisóstomo           | Prólogo<br>34<br>45 – obrigação na criação<br>46 – “Hom. 59 in. Gens.”<br>49 - infiéis e hereges<br>51 – “Hom. 60. on. Matth”<br>53 – monstros, infiéis e hereges<br>64 – “Hom. 59 in. Genes”<br>65<br>143 – “Serm. 2 de Ana.”<br>161 – Hom. 25. in. Epist. Ad Ephes.”<br>176 – “Hom. In. Ad. Cer.”<br>249 –<br>294 – “Hom. 9”<br>335<br>377 – “Hom. 22 ad populu”<br>377 – “L. 3 de Sacerd.”           |
|                     | São Maurício Bispo            | 195   |
|                     | São Pacómio                   | 358 – “Reg. 96 97”  |
|                     | São Padre Gonçalo da Silveira | 229   |
| SAGRADAS ESCRITURAS | Gênesis                       | 32 – “Genes 18” Abraão<br>69 – “Genes. 49”<br>70 – “Genes. 22” e “Gens. 18”– Abraão e Isaque<br>82 – “Genes. 45”<br>102 – “Genes. 21”<br>122 – “Genes. 11”<br>182 – “genes. 12”<br>188 – “Genes. 49”<br>225 – “Gens. 37”<br>254 – “Gens. 21”<br>326 – “Gens. 49”<br>326 – “Gens. 27”<br>327 – “Gens.”<br>326 – “Gens. 49”<br>331 – “Gens 37”<br>334 – “Gens. 22”<br>354 – “Gens. 3”<br>379 – “gens. 24” |
|                     | Êxodo                         | 45 – 4º mandamento<br>45 – “Exod. 13” o sábado<br>101 – “Exod. 1”<br>112 – “Exod. V” ou I(?)<br>117 – “Exod. 2”<br>124 – “Exod. 22”<br>187 – “Exod. 1”<br>252 – “Exod. 10”<br>298 – “Exod. 13”<br>355 -   |

|                |   |
|----------------|---|
| Levíticos      | 262 – “Le. 5”<br>358 – “Levit. 1”   |
| Deuteronômio   | 124 – “Deut. 24”<br>220 – “Deut. 22”<br>256   |
| Josué          | 239 – “Josue 7”   |
| Rute           | 124 – “Ruth. 2”   |
| Livros de Reis | 5 – “3 Reg. 12”<br>27 – “I Reg. 17” Davi e Golias<br>56 – “I Reg. 2” Eliseu<br>63 – “I Reg. 2”<br>64 – “I Reg. Cap. 2”<br>73 – “4 Reg. 10”<br>82 – “2 Reg. 5.”<br>96 – “3. Reg. 3”<br>102 – “4 Reg. 3”<br>103 – “4 Reg. 25”<br>105 – “3 Reg.”<br>113 – “4 Reg. 11”<br>122 – “O Reg. 11” Athalia<br>171 – “3 Reg. 3”<br>182 – “I. Reg. 1”<br>190 – “I Reg. 1”<br>191 – “4 Reg. 2. & 22”<br>202 – “2 Reg. 24”<br>225 – “I Reg. ?”<br>231 – “4 Reg. C. 2”<br>260 – “2 Reg. 15”<br>261 – “2 Reg. 13”<br>280 – “3 Reg.3”<br>298 – “4 Reg. 2”<br>299 – “I Reg. 2”<br>315 – “I Reg. 4”<br>322 – “3 Reg. 12”<br>347 – “4 Reg.11”<br>347 – “I Reg. 1 & 2”<br>348 – “I Reg.”<br>371 – “2 Reg. 2”<br>374 – “4 Reg” |
| Ester          | 122 – “Ester. 2”  |



|  |        |  |
|--|--------|--|
|  | Jó     | 74 – “Job. 1”<br>96 – “Job. 39”<br>97 – “Job. 39”<br>98 – “Job. 39”<br>104 – “Job. 39”<br>123 – “Job. 6”<br>147 – “Job. 26”<br>221 – “Job. 21”<br>226 – “Job. 21”<br>329 – “Job. 1”<br>370 – “Job. 21” |
|  | Salmos | 20 – “Psal. 36”<br>47 – “Ps. 18”<br>70 – “Ps. 105”- os q sacrificam os filhos<br>124 – “Ps. 67”<br>164 – “Ps. 105”<br>348 – “Psalm. 105”   |

|  |                   |   |
|--|-------------------|---|
|  | <p>Provérbios</p> | <p>2 - “ a vara”<br/> 6 – “em que se ensinam os primeiros principios da boa educaçam dos mininos...”<br/> 12 – “Prov, 24”<br/> 19 – “Prov. 3” – “ouve filho as minhas palavras...”<br/> 20- “Prov. 23”<br/> 30 – “Prov. 10” e “Prov. 9”<br/> 53 – “Prov. 27” honra ou desonra aos pais<br/> 76 – “Prov. I”<br/> 78 - “Prov. 10” e Provérbios 29<br/> 80 – “Prov. 31” e “Prov. 1”<br/> 124 – “Prov. 23”<br/> 139 – “Prov. 19”<br/> 143 – “Prov. 23”<br/> 146 – “Prov. 21”<br/> 169, 143, 146, 147,<br/> 205 – “Prov. 4”<br/> 217 – “Prov. 20”<br/> 222 – “Prov. 7”<br/> 248 – “Prov. 13”<br/> 262 – “Prov. 29”<br/> 270 – “Prov. 4”<br/> 271 – Prov. 3” e “Prov. 21”<br/> 277 – “Prov. 21”<br/> 286 – “Prov. 8”<br/> 294 – “Prov. 13”<br/> 305 – “Prov.”<br/> 310 – “Prov. 13”<br/> 311 – “Prov. 23”<br/> 312 – “Prov. 23”<br/> 317 – “Prov. 19”<br/> 322 – “Prov. 11”<br/> 323 – “Prov. 13”<br/> 326 – “Prov. 26”<br/> 332 – “Prov. 27”<br/> 338 – “Prov. 20”<br/> 362 – “Prov. 22”<br/> 377 – “Prov. 20”</p> |
|--|-------------------|---|

|             |  |
|-------------|--|
| Eclesiastes | 2 – “Cap. 7, v. 30”<br>9 – “Eccl 7”<br>143 – “Eccl. 7”<br>200 – “Eccle. 21”<br>231 – “Eccle. 23”<br>260 – “Eccle. 7”<br>264 – “Ecle. 7 & 30”<br>265 – “Ecle. 30”<br>272 – “Eccl. 20”<br>273 – “Eccl. 30” e “Eccl. 7”<br>310 – “Eccles. 30”<br>337 – “Capítulo catorze da sabedoria”<br>366<br>378 – “Eccl. 42” |
| Cantares    | 185 – “Cant. ?”<br>379 – “Cant. 1”<br>384 – “Cant. 7”  |
| Isaiás      | 43 – “Isai. 33”<br>184 – “Isai, cap. 60”<br>275 – “Isai. 21”   |
| Jeremias    | 96 – “Tren. 4” (?)<br>97 – “Thren. 2” (i)<br>123 – “Tren. 5.”<br>183 – “Tren. 4”<br>225 – “Jerem. 7”<br>311 – “Jerem. 1”<br>357 – “Thre. 3”  |
| Ezequiel    | 144 – ‘Ezech 1”  |
| Daniel      | 6 – “Dan 1”<br>156 – “Dan. 12”<br>205 – “Dan 11”   |
| Oséas       | 184 – “Oseas 11”   |
| Macabeos    | 5 – “Mach 7”<br>125 – “1 Machab. 3”<br>190 – “2 Mach. 7”   |
| Tobias      | 117 – “Tob. 12”<br>149 – “Tob. 2”<br>190 – “Tob. 1”<br>204 – “Tob. 1”<br>265 – “Tob. 1”<br>281 – “Tob. 1”  |
| Mateus      | 116 – “Matt 18”, “Matt. 19”<br>218 – “Matt. 22”<br>231 – “Matt. 9”<br>333 – “Matt. 23”<br>357 – “Matt. 19”   |
| Marcos      | 116 – “Marc. 10”   |

|                     |                                |  |
|---------------------|--------------------------------|--|
|                     | Lucas                          | 170 – “Luc. 2”<br>188 – “Luc. 11”<br>260 – “Luc. 15”   |
|                     | João                           | 228 – “Joann. 8”   |
|                     | Atos dos Apóstolos             | 120 – “In. Act. Apost. C. 6. n. 10”  |
|                     | Coríntios                      | 49 – “I Cor.3” –filhos templos de Deus<br>325 – “2 Cor. 9”<br>382 – “I Cor. 11”  |
|                     | Efésios                        | 320 - “Ad  |
|                     | Colossenses                    | 320 – “Collos. 3”  |
|                     | Tessalonicenses                | 183  |
|                     | Timóteo                        | 34 – “I Tim.”<br>49 – “I. Ad. Tim. 5.”<br>71 – os pais se salvam pela criação dos filhos.<br>149 – “2 Tim. 3”<br>209 – “I Tim. 3”  |
|                     | Hebreus                        | 292- “Hebr. 5”<br>317 – “Hebr. 12”   |
|                     | Pedro                          | I. Petr. 2”  |
|                     | João                           | 228 – “Joann. 8”   |
|                     | Apocalipse                     | 218 – “Apoc. 14”<br>228 – “Apoc. 14”<br>317 – “Apoc. 3”  |
|                     |                                |  |
| SÉCULOS XV-<br>XVII | Erasmus                        | 22 – “In. Adag p. 118” – o ano produz, não o campo.<br>55  |
|                     | Petrarca                       | 50 – “Lib. 1 Dial. 31”+ cuidado com os cachorros e cavalos q os filhos<br>127 – “Petrarc. Dialo. 181”<br>302 – “Dialog. 31”<br>307 – “Dialog. 31 & 32”                     |
|                     | Jacob Sadoletto                | 21 – “De fil. Inst.” – puerícia = raiz da rama   |
|                     | Jansenio                       | 19<br>139 – cit. “Hebr.”<br>323  |
|                     | Diego Fajardo Saavedra*        | 40 – “Emp. 2”<br>337 – “SaVedr. Emp.”  |
|                     | Padre João Eusébio Nierenberg* | 42 - “Eus. Neer. L. 9. c. 5” – hereges<br>92 – “Varoens Illustres da Cõpanhia”<br>258 – “Nier. Varoens da Cõp.”<br>287 – “Nier. Ant. de Vasc.”<br>291 – “Nier. L. 7.c. 13” |
|                     | Padre Ribadaneira              | 43 – “Imagem do primeiro século da Companhia”  |
|                     | Padre Alonço Andrade           | 54 – “Grado 12.§14” – “Itinerário”<br>324 (?)  |

|  |                          |   |
|--|--------------------------|---|
|  | Frei Francisco Diogo     | 107 – “Fr. Frâncisco Diogo em sua vida. Fol. 154. refere Fr. Dimas do Purg c. 45” – ex. da irmã de São Vicente Ferreira   |
|  | Pascal                   | 136 – “Pascal. Lib. Virt. & vit. Cap. 18”   |
|  | Padre Andrade            | 167 – “Tom. 2. § 5” – “Livro do Patrocínio da Virgem”   |
|  | Martin del Rio           | 172 – “lib. 3. quaest. I. Sect. 3”  |
|  | Padre Gusmão             | 302 – “Menino Christão” – proposta de segundo tomo  |
|  | Padre Cesare Baronio*    | 334 – “Tom. I aeno 1259 n. 18”  |
|  | Henricus Engelgrave*     | 17 – “Engelgrave D. 6. post. Pent.”<br>O filho de certo senador romano<br>324<br>345 – “Engel. D. 6 post Pas.”  |
|  | Cardeal Belarmino        | 349 – “Bellar. L. 2 de mon. C. 36”<br>356 – “Belar. Tom. 1. l. 2. c. 35”<br>356 – “Lib. 4 de Mon.”  |
|  | André Nicolau Lancicio   | 357 – “Tom. 1 tract. 1. c. 21”<br>362 – “Lib. 1 tract 1. c. 21”<br>364 – “Tom. 1. p. 1 cap. 22”   |
|  |                          |   |
|  | Concílios                | 128 – “Trid. Sess. 5. de pec. Orig.”<br>155 – “r. p. c. 18” Lateranense<br>155 – “Et. Sub. Innoc. 3.c. 11”<br>156 – “Sess. 23. c. 18” Trento<br>356,<br>382 – “Sess. 25. c. 18” |
|  | Direito canônico         | 179 – “In c. ad ejus Dis. 5” e “L. 2”   |
|  | Leys de Portugal         | 93 – “Cap. Único de Expos.”<br>111 – “Ex. Ord. Lib. 4. tit. 89”   |
|  | Companhia de Jesus       | 39 – “Reg. Mag. Nov. I” – regras<br>166 – “Ann. N. 859” Padre Joam Nadozo<br>287 – “Sacchia hist. Soc. Ann. 1536”<br>289 – “Hist. Soc.”<br>360                                  |
|  | Crônicas dos Capuchinhos | 58 - “Cron. Dos Capuchinhos. P. 2. c. 9”  |
|  | Ordem de São Basílio     | 157 – Jn. Reg. Bre. Q. 292”   |
|  | Ordem de São Bento       | 157 – “Trite 10. in. Chon.”<br>357 – “Reg. 30 & 59”   |
|  | Ordem dos Pregadores     | 158 – “L. 2. c. 7” – cronista Fernando de Castilho (1251)<br>285 – “3. p. tom. 23. c. 10” – Sto Antonino  |

## A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM.



A vila de Belém de Cachoeira, situada a cerca de seis quilômetros da cidade de Cachoeira (Recôncavo baiano), conta um capítulo singular na História da Educação brasileira. No ano de 1686, conforme atesta a data gravada no pinhão de sua Igreja de Nossa Senhora de Belém, foi iniciada a fundação do Seminário de Belém.

A importância artística e histórica da Igreja de Nossa Senhora de Belém foi referendada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com a inscrição do templo e seu acervo no Livro de Tombo de Belas-Artes, conforme resolução nº 0122- T- 38, inscrição 140, de 17 de junho de 1938, e posterior Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13 de agosto de 1985, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

No imaginário e na memória permanecem presentes histórias daqueles antigos tempos do Seminário de Belém. É conhecida na região, por exemplo, a história do túnel subterrâneo que ligava Belém ao Convento do Carmo na cidade de Cachoeira. A lenda de uma imagem de Santo Ignácio de Loyola de ouro maciço medindo mais de um metro de altura enterrada nas imediações da Igreja na ocasião da fuga dos jesuítas pela sua expulsão em 1759. Os muitos relatos de mulheres estéreis que foram curadas ao se deitar sobre a lápide do padre Alexandre de Gusmão.

Recentemente, a comunidade de Belém recebeu a notícia da história de outro estudante ilustre, Antonio de Sant'anna Galvão ( 1739 † 1822), o “primeiro santo brasileiro”. No dia 3 de junho de 2007 foi anunciada a implantação do *Santuário Arquidiocesano de Santo Antonio de Sant'anna Galvão*, na Vila de Belém.





Janelas laterais na capela principal.



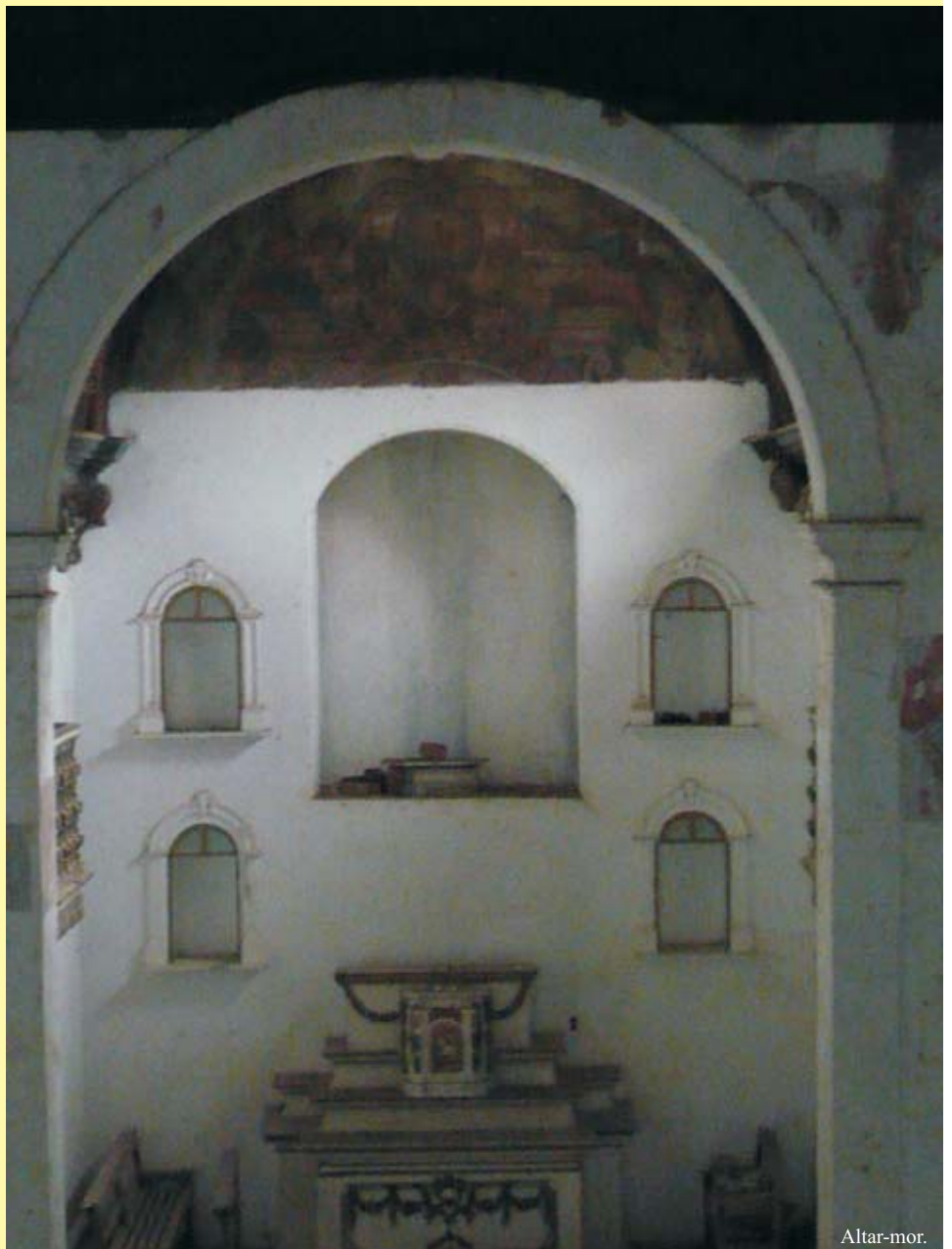
Forro do teto da capela principal.



Altar lateral.



Sacrário.



Altar-mor.



## Lápides



Lápide Coronel Antonio de Aragão de Menezes e de sua esposa D. Maria de Menezes. Em destaque o brasão.

Próxima a nave central da Igreja de Nossa Senhora de Belém podem ser observadas algumas lápides funerárias, em sua maioria datadas de meados do século XIX e princípios do século XX. Dos tempos do Seminário de Belém, podem ser observadas, além da lápide do padre Alexandre de Gusmão, as de membros da família Aragão (ver ao lado). SOUZA, Antônio Loureiro. Notícias históricas da Cachoeira. Estudos baianos. n° 5. Salvador: UFBA, 1972.



Inscrição na lápide de Joseph Garcia de Aragão na nave da Igreja. "Aqui jaz sepultado o Seminarista Jozeph Garsia de Aragão Filho de Jozeph Garsia de Aragão e de D. Izabel de Aragão de Menezes benfeitores insignes deste Seminário Faleseo em Fevereiro

## Sacristia



Forro do teto da Sacristia.



Nicho lateral.







Este painel exposto no acervo do Museu de Arte Sacra da Bahia (Salvador – BA) compunha o altar lateral da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora de Belém. No centro deste mosaico de flores embutido de mármore pode ser lida a inscrição “Floret Flores”.

## Imaginária



**Menino Jesus**  
17,5cm h/ 7 cm b/ 8 cm d. (madeira)  
Belém de Cachoeira – BA

Das imagens da Igreja de Nossa Senhora de Belém dos tempos do seminário apenas esta do Menino Jesus conserva-se em Belém de Cachoeira. A Nossa Senhora de Belém e o São José, que faziam parte da Sagrada Família que adornava o altar-mor, foram roubados há algumas décadas.



**Santo Ignácio de Loyola.**  
33, 5 cm h/ 12 cm b/ 14 cm d (madeira)  
Ordem Terceira do Carmo. Cachoeira – BA



**São Francisco Xavier.**  
33, 5 cm h/ 11 cm b/ 12,5 cm d (madeira)  
Ordem Terceira do Carmo. Cachoeira – BA



**Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista**  
(terracota)  
Museu de Arte Sacra da Bahia. Salvador – BA



**Senhor no Horto**  
(terracota)  
Museu de Arte Sacra da Bahia. Salvador – BA



**Senhor Crucificado.**  
75 cm h/ 45 cm b/ 37 cm d (madeira)  
Ordem Terceira do Carmo. Cachoeira - BA



**Senhor Morto.**  
67 cm h / 13 cm b/ 22 cm d (madeira)  
Ordem Terceira do Carmo. Cachoeira – BA

## ANEXO III

TABELAS DOS INVENTÁRIOS DOS BENS E IMÓVEIS DO SEMINÁRIO DE BELÉM.

### Pesos, medidas e equivalências

|        | <b>Peso</b>   |
|--------|---------------|
| Arroba | 14,7 kg       |
| Marco  | 226,56 gramas |
| Onça   | 28,35 gramas  |
| Oitava | 3,54 gramas   |
| Grão   | 0,0648 gramas |

|          | <b>Medidas de capacidade para secos</b> |
|----------|---|
| Alqueire | 36,3 kg                                 |

|       | <b>Comprimento e área</b>   |
|-------|-----------------------------|
| Braça | 2,20 metros                 |
| Légua | 5.555 metros a 6.000 metros |
| Palmo | 22 centímetros              |
| Vara  | 1,10 metro                  |

| <b>Inventário - Imaginária e objetos sacros</b> |   |  |
|---|---|--|
| Local   | Imagem  | Descrição  |
| <b>Altar Mor</b>                                | Menino JESUS  | com resplandor de ouro, pequeno, com uma pedra vermelha no meio  |
|   | Maria   | com resplandor de ouro, 5 pedras, 4 azuis, 1 vermelha  |
|   | José  | com resplandor de ouro, 5 pedras, 4 azuis, 1 vermelha  |
|   | Sancto Ignácio de Loyola                            | tem quatro palmos de alto, e está collocado no mesmo altar mor da parte do Evangelho   |
|   | São João Baptista                                   | quatro palmos de altura, e está collocado no mesmo altar em hum nicho acima do sobredito   |
|   | São Francisco Xavier                                | em hum nicho da parte da Epistola na   |
|   | São João Evangelista                                | no mesmo altar em hum nicho acima do sobredito, e da mesma parte   |
|   | Sacrário: Menino Jesus pequeno e N. Sr. Crucificado | coberto em parte de tartaruga em que se conserva o Santíssimo Sacramento, com sua porta, com fechadura, e acima do mesmo Sacratio, hum nicho pequeno com sua vidraça, e dentro delle hum menino JESUS pequeno, e reclinado, e mais acima no remate do mesmo Sacratio, esta huma Imagem de prata de Nosso Senhor Crucificado, com sua cruz pequena preparada de prata |
|   | Senhora Santa Anna                                  | no seo altar colateral, que fica da parte do Evangelho de altura de seis palmos, e estufadas de ouro as suas roupas  |
|   | Nosso Senhor crucificado                            | pequeno, na banqueta do altar  |
| <b>Sacristia</b>                                | Senhora Santa Quitéria                              | está collocada em hum nicho, que fica no remate do mesmo altar   |
|   | Senhor São Joaquim                                  | de seis palmos com as roupas estufadas de ouro e está collocada no seo altar, que he collateral, e fica da parte da Epistola   |
|   | Senhor São Benedicto                                | trez palmos, que está no seo nicho, na parte superior do mesmo altar   |
|   | Nosso Senhor Crucificado                            | marfim, no meyo da mesma Sachristia, e entre os dous caixoens donde se revestem os Sacerdotes, para celebrarem.  |
|   | Menino Deos   | deitado sobre a sua mão direita, em huma caixa de charao vermelho com seos   |
|   | Reliquias   | Lavores de ouro, e momeyo della e nas duas ilhargas trez vidraças brancas caixão pequeno pintado de vermelho, e ouro, e no meyo delle huma vidraça, e dentro dous vidrinhos com reliquias, e está na parte superior do que a cima se repete  |
|   | Nossa Senhora da Conceição                          | quatro palmos de altura, com as roupas estufadas de ouro, que está collocada em hum nicho da parte do Evangelho  |

|                   |                                 |  |
|-------------------|---------------------------------|--|
|                   | Senhor Eccehomo                 | de pedra, no mesmo nicho   |
|                   | Nosso Senhor Crucificado        | em huma cruz redonda, e nos Lados duas mais, huma de Nossa Senhora da Soledade, e outra de São João em hum nicho, que fica da parte da Epistola  |
|                   | Nossa Senhora da Conceição      | com seis seraphins, trez de cada lado, e sette anjinhos ao pé, e outras tantas pedras de varias cores, de dous palmos de altura, e as roupas estufadas de ouro, e está no mesmo nicho.                               |
|                   | Reliquias                       | caixa pequena com as molduras douradas, e sua vidraça, e dentro della huma reliquia de São Ângelo, e está no mesmo nicho   |
|                   | Nossa Senhora das Dores         | com suas roupas de tafetá rocho, e huma espadinha de prata   |
|                   | 4 Prezépios                     | com várias Imagens, e figuras de barro, cada hum em sua caixa, com duas portas, huma rede de arame amarelo, e freio com quatro bofetes, com os pés torneados de jacarandá, e feitos a proporção dos mesmos prezépios |
|                   | Prezépio                        | com as Imagens do menino Deos, de Nossa Senhora, deo Senhor São Jozé, e hum Anjo, e outras figuras de Pastores todas de barro, velhas e foscas   |
|                   | Nossa Senhora com o menino Deos | velhas, de barro, q foi de um prezépio   |
|                   | Senhor São Joze                 | velhas, de barro, q foi de um prezépio   |
|                   | Nosso Senhor dos Passos         | cabeça   |
|                   | 2 Sudários                      | que servem na quaresma, hum velho, e outro velhíssimo  |
| <b>Portaria</b>   | Nossa Senhora da Conceição      | dous palmos, e estufada da Conceição de dous palmos, e estufada de novo com sua coroa de prata   |
|                   | Nosso Senhor Crucificado        | pequeno de ouro em sua cruz  |
|                   | Retábolo                        | pequeno de talha, que está por pintar, e hum frontal de taboas de vinhático, e madeiras  |
| <b>Capela das</b> | Sacrário                        | dourado, com chave, e fechadura de prata   |
|                   | Nosso Senhor Crucificado        | no meio do sacrário  |
|                   | Nossa Senhora                   | no lado do Sacrário  |
|                   | São João                        | no lado do Sacrário  |
|                   | Nossa Senhora da Conceição      | da parte do Evangelho, da altura de dous palmos e meyo   |
|                   | São Jozé                        | da parte do Evangelho, da altura de dous palmos e meyo   |
|                   | dous caixoens                   | pequenos pintados de vermelho, com seos frizos de ouro, que se diz ter dentro delles varias reliquias  |
|                   | Menino JESUS                    | estatura de palmo, e meyo, com suas roupas de Seminarista,   |
|                   | Nosso Senhor a coluna           | já velhas  |
|                   | Nosso Senhor dos Passos         | já velhas  |

|                     |                      |  |
|---------------------|----------------------|--|
|                     | São Francisco Xavier | de um lado dos nichos  |
|                     | Santo Ignácio        | de um lado dos nichos  |
|                     | cofre                | em um nicho, dentro do qual estão os ossos do Venerável Padre Alexandre de Gusmão, Fundador do mesmo Seminário |
|                     | nove quadros grandes | 3 de cada lado   |
|                     | pia                  | pequena de pedra branca, que serve para agoa benta   |
|                     | lavatório            | pequeno de pedra grossa com seu esquiço  |
|                     | trez Sacras          | em papel, com suas molduras pintadas   |
| <b>Congregações</b> |                      |  |

| Inventário - Ouro e prataria           |                    |                                    |   |         |
|--|--------------------|------------------------------------|---|---------|
|  | Item               | Peso                               | Observações   | Valor   |
| <b>Ouro Altar Mor</b>                  |                    |                                    |   |         |
| Menino Jesus                           | Resplendor         | 3 onças, 6 oitavas e meia          | pedra vermelha no meio  | 43\$200 |
|  | Sete botoens lizos | 3 oitavas e dez grãos              |   | 4\$400  |
| Nossa Senhora de Belém                 | Resplendor         | 6 onças, 7 oitavas menos 10 grãos  | com 4 pedras azuis, e 1 vermelha  | 75\$510 |
|  | Cruz               | 6 oitavas e meia menos 6 grãos     | com 74 lascuinhas de diamante   | 32\$000 |
| <b>Prata na Capela dos Congregados</b> |                    |                                    |   |         |
| N. Sra. Conceição                      | Coroa              | 1 onça, 7 oitavas e meia           | perfumada de ouro, quebrada   | 1\$550  |
|  | Coroa              |                                    | dourada, de cobre   | -       |
| S. S. Jozé                             | Resplendor         | 2 onças, 2 oitavas                 | perfumada de ouro, com pedra vermelha, de feitiço antigo, e já perdendo o dourado | 1\$800  |
|  | Resplendor         |                                    | de cobre  | -       |
|  | Vara               | 5 onças, 2 oitavas e meia          | perfumada de ouro, com 3 sementes   | 5\$200  |
| Senhor Crucificado                     | Diadema            | 2 marcos, 10 oitavas               | grande, lavrado com uma pedra no meio   | 16\$640 |
| Nossa Senhora                          | 1 Resplendor       | 5 onças, 1 oitava e meia           | ao pé da Cruz do Senhor   | 4\$150  |
| São João Evangelista                   | 1 Resplendor       |                                    | Crucificado   |         |
| Calix                                  |                    | 2 onças, 5 oitavas e 6 grãos       |   | 24\$360 |
| <b>Prata Igreja</b>                    |                    |                                    |   |         |
| Menino Deos                            | Resplendor         | 1 marco, 20 oitavas e meia         | em bom uso  | 10\$140 |
|  | Sete botoens       | 3 oitavas                          |   | \$300   |
| Nossa Senhora de Belém                 | Ramalhete          | 2 marcos, 1 onça, 6 oitavas e meia | 1 lasso, com 1 pedra vermelha, 12 flores grande, 15 pequenas                      | 17\$100 |
|  | Resplendor         | 1 marco, 25 oitavas                | bom uso   | 10\$680 |
| São Jozeph                             | Resplendor         | 1 marco, 45 oitavas e meia         |   | 13\$140 |
|  | Vara com flores    | 3 marcos, 4 oitavas                |   | 22\$560 |



|                                       |                                    |                                    |  |         |
|---------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|--|---------|
| Santo Ignacio                         | Cruz, resplandor e relicário       | 1 marco, 7 onças                   | resplandor perfumado de ouro, o relicue está pendurado em uma verônica da Conceição grande, o dourado estava preto, e obra de tempo antigo | 12\$000 |
| São Francisco Xavier                  | Resplandor e 1 sol de prata        | 1 marco, 4 onças, 6 oitavas        | sol perfumado de ouro  | 10\$200 |
|                                       | Resplandor de São João Baptista    | 5 onças, 2 oitavas e meia          |  | 4\$250  |
| Imagem de Cristo                      | Resplandor de São João Evangelista | 5 onças, 4 oitavas e meia          | obra desusada  | 4\$450  |
|                                       |                                    | 7 onças, 1 oitavas                 | em cima do Sacário   | 6\$840  |
| Santa Anna                            | Resplandor                         | 1 marco, 6 onças, 6 oitavas        | bom uso  | 14\$160 |
|                                       | Ramalhete                          | 1 marco, 6 onças                   | com hasta, lasso de prata, oito flores gnades lavradas, doze pequenas, quatro tolipas nas pontas   | 13\$440 |
| São Joaquim                           | Resplandor                         | 1 marco, 4 onças                   | 1 pedra verde clara, e 4 vermelhas   | 12\$360 |
|                                       | Ramalhete                          | 1 marco, 3 onças, 2 oitavas e meia | com uma hasta, lasso de fita e 6 flores  | 10\$860 |
|                                       | Cajado de chapa                    | 2 marcos, 4 onças e meia           | em bom uso   | 19\$740 |
| <b>Prata das Imagens da sacristia</b> |                                    |                                    |  |         |
| Senhor Crucificado                    | Resplandor                         | 5 onças                            | com cravos e remates da cruz   | 4\$800  |
|                                       | Resplandor                         | 1 onça, 2 oitavas e meia           | com 1 cruz redonda   | 1\$050  |
| Nossa Senhora da Conceição            | Coroa                              | 1 marco, 4 onças, 2 oitavas e meia |  | 12\$180 |
| Nossa Senhora das Dores               | Cabo de uma espadinha              | 2 onças, 3 oitavas, 12 grãos       |  | 1\$600  |
| S. Ecce-homo                          | Resplandor                         | 2 oitavas e meia                   | coluna de pera pequena, fora do feitio que se usa  | \$250   |
| <b>Prata da Igreja</b>                |                                    |                                    |  |         |
|                                       | 3 Ambulas                          | 8 marcos, 1 onça, 3 oitavas        | 2 lisas, 1 com cruz, e outra lavrada com a cruz perfumada de ouro  | 73\$220 |
|                                       | 3 cálices                          | 9 marcos, 1 onça, e 4 oitavas      | em bom uso   | 82\$320 |

|  |                                    |  |          |
|--|------------------------------------|--|----------|
| Custódia   | 12 marcos                          | grande, lavrada e dourada que se expõe o Santíssimo Sacramento           | 107\$520 |
| Purificador  | 4 onças, 7 oitavas                 | pequeno com coberta  | 3\$900   |
| Chave do Sacrário                                  | 1 onça, 7 oitavas                  |  | 1\$500   |
| Vareta de prata                                    | 1 onça                             | onde coloca a cortina do sacrário  | \$800    |
| Cruz   | 2 marcos, 1 onça, 6 oitavas e meia | de chapa lavrada, e perfumada de ouro                                    | 15\$360  |
| Relicário  | 2 marcos, menos 2 oitavas          | de prata lavrada, perfumada de ouro com palmo e meio de alto, em bom uso | 15\$120  |
| Sacra grande e 2 pequenas                          | 8 marcos, menos 2 oitavas          | 1 do lavabo, e outra do Evangelho de S. João                             | 66\$300  |
| 2 Lanternas  | 49 marcos, 3 onças                 | grandes de mão lavrada   | 410\$800 |
| 10 castiçais                                       | 49 marcos, 5 onças                 | de prata lavrados, 6 redondos do altar e 4 triangulos laterais           | 412\$880 |
| Cruz   | 13 marcos, 2 onças e 3 oitavas     | grande lavrada   | 102\$120 |
| Caldeirinha com hysope                             | 3 marcos, 8 oitavas                |  | 22\$000  |
| Prato  | 3 marcos, 4 oitavas                | liso com seu gomil   | 19\$600  |
| 3 pares de galheta                                 | 5 marcos, 7 onas, 3 oitavas        |  | 45\$480  |
| 12 Thuribulos, com correntes, 2 navetas e 1 colher | 13 marcos, 4 onças                 |  | 103\$680 |
| Boceta, com 3 frascos                              | 2 marcos, 1 onça, 7 oitavas        | com frasquinhos de santos óleos  | 14\$300  |
| Cancela  | 4 onças, 7 oitavas                 | de guardar hóstias   | 3\$900   |
| Lampadário   | 35 marcos                          | pequeno e lavrado  | 268\$800 |
| Vaso   | 2 marcos, e 11 oitavas             | lizo de dar água na mesa e comunhão                                      | 15\$290  |
| Varas  | 45 marcos, 3 onças, 2 oitavas      | lavradas de palco  | 369\$460 |
| Chapas e presilhas do missal                       | 4 marcos                           | missal de veludo   | 30\$720  |
| <b>Portaria</b>                                    |                                    |  |          |
| N. Sra da Conceição                                | Coroa                              | em bom uso   | 2\$340   |
| <b>Ouro na Capela dos Congregados</b>              |                                    |  |          |
| No Menino Deos                                     | Rozario com 73 contos              | Sessenta e nove contas muidas, huma cruz, e verônica pequenina           | 2\$800   |
|  | 3 pares de botõens                 | da camisa do Meninos   | 1\$280   |



| Prata na Capela dos Congregados |              |                              |  |         |   |
|---------------------------------|--------------|------------------------------|--|---------|---|
| N. Sra. Conceição               | Coroa        | 1 onça, 7 oitavas e meia     | perfumada de ouro, quebrada  | 1\$550  | - |
| S. S. Jozé                      | Coroa        |                              | dourada, de cobre  |         |   |
|                                 | Resplendor   | 2 onças, 2 oitavas           | perfumada de ouro, com pedra vermelha, de feitto antigo, e já perdendo o dourado | 1\$800  |   |
|                                 | Resplendor   |                              | de cobre   |         | - |
|                                 | Vara         | 5 onças, 2 oitavas e meia    | perfumada de ouro, com 3 sementes  | 5\$200  |   |
| Senhor Crucificado              | Diadema      | 2 marcos, 10 oitavas         | grande, lavrado com uma pedra no meio  | 16\$640 |   |
| Nossa Senhora                   | 1 Resplendor | 5 onças, 1 oitava e meia     | ao pé da Cruz do Senhor  | 4\$150  |   |
|                                 | 1 Resplendor |                              | Crucificado  |         |   |
| Calix                           |              | 2 marcos, 5 onças, 6 oitavas |  | 24\$360 |   |

| <b>Inventário - Imóveis</b> |                   |  |                                 |                        |
|-----------------------------|-------------------|--|---------------------------------|------------------------|
| <b>Local</b>                | <b>Imóvel</b>     | <b>Descrição</b>   | <b>Valor</b>                    |                        |
| <b>Itapicuru</b>            | Picarassa         | Fazenda de Gado  | 400\$000, Rend. 10\$000         |                        |
|                             | Tapera            | "por só servir para criar gados, e pelo uso commum ainda de terras demais vallor, e extenção "   | 600\$000, Rend. 10\$000         |                        |
|                             | Gameleira         | Sítio dos Mercadores   |                                 | 200\$000, Rend. 7\$000 |
|                             |                   | Gameleira  |                                 | 200\$000, Rend. 7\$000 |
|                             |                   | Jacurici   |                                 | 200\$000, Rend. 7\$000 |
| <b>Cachoeira</b>            | Vila de Cachoeira | 22 braças e 5 palmos, forao de João Rodrigues Adorno com sua casa que  | 270\$600, Rend. 9\$720. Armázem |                        |
|                             |                   | serve de Armazem   | 30\$000, Rend. 3\$600           |                        |
|                             |                   | duas brassas, e dous palmos de chão que seacha devoluto, por não ter rendimento algum nem e poder produzir em quanto não ouver quem a torne para nelle fazer casas.  |                                 |                        |
|                             |                   | rendimento annual de doze braças e palmo em meyo em que estam as casas da Ordem Terceira do Carmo, as de Manoel Ferreira das Neves, e as do padre Antonio Magalhães  |                                 |                        |
|                             |                   | termo da Vila da Cachoeira abeira do Rio Paraguasu, "de ruim qualidade, e a mais della frutifera"  | 9\$720 Rend.                    |                        |
| <b>Belém</b>                | Jacoipe           |  | 32\$000, Rend. 1\$600           |                        |
|                             | Terras do Rozario | no disticto de Belém, entre a estrada de Igoape e a Vila de Cachoeira, forao do Coronel Leandro Barboza de Aratújo   | 2:400\$000, Rend. 20\$000       |                        |
|                             |                   | pequena porção della e sua ruim qualidade  | 40\$000, Rend. 3\$200           |                        |
|                             |                   | termo da Vila da Cachoeira, terra de formiga, e de pouca produçam  | 100\$000, Rend. 4\$000          |                        |
|                             | Tocano            | no pé da serra   | ?                               |                        |
| <b>Cidade da Bahia</b>      | Morada de cazas   | morada de cazas de pedra e cal de sobrado com hum soteo e loega com portaes de cantaria sita em chaons próprios junto a Fontinha da Preguisa ao pe da Praia, que ocupa de frente trez brasar e parte do Sul com o largo da fonte, e do Norte com casas do mesmo Seminário de Belém | 560\$000, Rend. 20\$000, Soto   |                        |
|                             |                   |  | 10\$000, Logea 8\$000 r         |                        |

|                 |  |                                       |
|-----------------|--|---------------------------------------|
| Morada de cazas | de pedra e cal de sobrado com hum soto, e armazém por baixo com portaes de cantarias em chaons próprios sita junto a Fontinha da Preguisa ao pe da Praia; que ocupa de frente três brasas e meia de parte de sima, digo do Sul com a Casa asima declarada, e do Norte Com Casas dos Padres de Santo Felipe Néri  | 560\$000, Rend. 20\$000, Solo         |
| Morada de cazas | casas térreas de pedra e cal e sobradas para a parte do quintal com seo armazém por baixo, portaes e janelas de cantaria sita na rua que vai dar ladeira da Preguisa para trás do muro de Santa Theresa em chãos próprios, que ocupa de frente três brasas e meia, e partem do Norte com casas dos Padres de Sam Felipe Néri, e do Sul com Casas                     | 10\$000, Logea 5\$000 r<br>525\$000 r |
| Morada de cazas | Casas térreas de pedra e cal com portas de cantaria, asobradadas a parte de detrás com seo armazém por baixo sitas na mesma Rua, que vai da ladeira da Preguisa para detrás do muro dos Religiozos de Santa Thereza em chaons próprios que ocupa de frente três brasas e meia, e parte do Norte com a Casa asima declarada; e do Sul com o beco que vai para a Praia | 525\$000, Rend. 32\$000 r             |

| <b>Inventário - Roupas</b>       |   |              |
|----------------------------------|---|--------------|
| <b>Item</b>                      | <b>Descrição</b>  | <b>Valor</b> |
| <b>Roupas de Cor da Igreja</b>   |   |              |
| 3 Casulas                        | damasco branco  | 96\$000      |
| Frontal de melania               | branco "passado de ouro"  | 30\$000      |
| Veio de ombros galacé            | cor nácar   | 32\$000      |
| Véio de custodia                 | seda branca, forrado de tafetá carmezim   | 7\$000       |
| Veio de cabaya                   | branca, para exposição do santissimo sacramento                                     | 4\$000       |
| Capa de perges e 1 casula        | dalmática guarnecida de ouro  | 40\$000      |
| 3 Frontaes                       | damasco branco  | 70\$000      |
| 2 Casulas                        | tela branca, com ramos de ouro forrados   | 48\$000      |
| Capella                          | damasco roxo  | 24\$000      |
| Capa de asperges                 | damasco roxo com flores de ouro forrada   | 40\$000      |
| 3 Casulas                        | damasco branco  | 38\$400      |
| 3 Casulas                        | damasco carmezim  | 42\$000      |
| 3 Carelas                        | damasco verde   | 20\$000      |
| 2 Capas de asperges              | damasco branco  | 14\$000      |
| 3 Casulas                        | damasco roxo  | 18\$000      |
| Par de cortinas                  | damasco branco  | 4\$000       |
| Par de cortinas                  | seda branca, com flor guarnecida de rensa de ouro                                   | 14\$000      |
| Paleo                            | damasco carmezim  | 50\$000      |
| 3 Capas de cadeiras e 1 espaldar | carmezim  | 12\$800      |
| Manga de cruz                    | tela branca, com tiras vermelhas  | 4\$000       |
| Manga                            | damasco branco quarteada de tiras vermelhas   | 1\$280       |
| Manga                            | damasco roxo  | 4\$000       |
| Manga                            | chamalote roxo, velha   | 1\$280       |
| Pano                             | setim carmezim, escrito JESUS   | 1\$000       |
| Capa                             | nova de tafetá carmezim do Senhor Ecce-homo   | \$960        |
| Par de cortinas                  | damasco, branco, velhas   | 6\$400       |
| Par de cortinas                  | damasco carmezim  | 8\$000       |
| Par de cortinas                  | de primavera carmezim   | 2\$000       |
| 4 Pares de cortinas              | pequenas de damasco carmezim  | 8\$000       |
| 4 Pares de cortinas              | 2 velhas de damasco carmezim, 2 de tafetá   | 4\$280       |
| 2 Pares de cortinas              | damasco carmezim, Senhora Santa Anna e São Joaquim                                  | 6\$000       |
| 2 Pares de cortinas              | velhas, com sanefas de tafetá carmezim  | 1\$920       |
| 2 Pares de cortinas              | damasco carmezim  | 6\$000       |
| 2 Pedacos                        | tafetá roxo, para cortinas nos Passos da Quaresma                                   | 1\$280       |
| 2 Panos                          | cortinas velhas, azul velhos para grade do cruzeiro na Quaresma                     | 1\$000       |
| 4 Panos                          | seda carmezim   | 2\$560       |
| 2 Panos                          | de linhagem pintados  | 2\$400       |
| 3 Varas                          | de espinguilha de prata   | \$160        |
| Pano                             | de garça velho, com espinguilha de ouro   | \$800        |
| Paleo                            | de garça preta, com guarnições de prata   | 3\$200       |
| Pano                             | veludo amarelo, bordado, forrado de tafetá, serve na adoração di Senhor na Paáscoa  | 6\$400       |
| Pano                             | de tripé preto de olandilha, huma cruz amarela, que serve nos officios dos defuntos | 6\$400       |

|   |  |         |
|---|--|---------|
| 3 Capas de cadeiras e 1 espaldar                | de tripe preto, 1 capa de espaldar   | 4\$000  |
| Pano  | de linhagem, que serve de pé do sepulcro da Semana Santa   | 2\$400  |
| 2 sarças  | velhas, para cobrir as credencias  | \$400   |
| 2 Cochins                                       | de damasco roxo, 1 maior, os dois velhos e rotos   | 0       |
| Par de cortinas                                 | de galace forradas de chamalote vermelho, já velhas, da porta do sacrário  | 1\$280  |
| Par de pano                                     | setim branco, já velho, com franjas e espinguilha de ouro, da porta do Sacrário  | 1\$000  |
| Capa de tela                                    | carmezim, e ouro guarnecida de espinguilha   | 1\$280  |
| Capa  | da ambula liza   | 1\$280  |
| 5 Alcatifas                                     | velhas de papagaio   | 6\$000  |
| 2 Alcatifas                                     | do mesmo Papagayo  | 0       |
| Par de cortinas                                 | velhas de seda carmezim, serve na sacristia no nicho   | 1\$600  |
| Manto   | velho, de seda verde, forrado de tafetá carmezim, e pertence à Imagem de N. Sra. Da Conceição da sacristia   | \$640   |
| 3 Mantos  | pequenos e velhos da Sra Sta. Quitéria, 1 d eveludo amarelo, forrado de tafetá azul, e renda de prata; seda branca forrado d etafetá da mesma cor; outro azul, forrado de vermelho (\$320 + \$320 + \$200) | \$840   |
| Túnica  | velha do Senhor dos passos, e 13 cavados de tafetá roxo  | 5\$000  |
| <b>Roupa de cor do Menino Deos no altar Mor</b> |  |         |
| Cobertor  | de damasco branco, com flores de ouro, forrado de tafetá carmezim  | \$800   |
| Cobertor  | de seda amarela com flores de prata, tafetá carmezim   | 3\$200  |
| 2 Colchões                                      | velhos, 1 maior e outro pequeno  | \$800   |
| Pano  | de veludo carmezim, de tafetá de galão prata, velho e serve no rodapé do berço do Menino   | \$480   |
| 3 Chumaços                                      | do leito do Menino, 1 de tafetá e 1 de chita   | \$480   |
| <b>Roupas brancas da Igreja</b>                 |  |         |
| 8 alvas   | 1 mais nova de Linho   | 4\$000  |
|   | 2 irmãs de linho, e rendas   | 6\$400  |
|   | 3 de bertanha, 1 bordada (5\$000); 2 (6\$400 )   | 11\$400 |
| 14 alvas  | 1 de bertanha, bordada de branco, quartaeada de renda  | 12\$800 |
|   | 2 irmãs, 1 de bertanha e outra de linho  | 8\$000  |
|   | 4 de bertanha usadas, 2\$000 cada  | 8\$000  |
|   | 4 de pano de linho   | 9\$600  |
|   | 1 de pano da india chaas   | 2\$400  |
|   | 2 de bertanha com rendas estreitas   | 4\$800  |
| 18 Toalhas                                      | de bertanha, 10 maiores, e 8 com as rendas e já velhas (? 2\$000 cada?)  | 12\$000 |
| 8 Toalhas                                       | de bertanha já velhas, que serva para a comunhão, 2 ã serviam  | 3\$200  |
| 2 Toalhas                                       | de bertanha, 1 maior que serve na Cruz do senhor Morto, e outra menos de N; Sra. Da Soledade   | 1\$600  |

|  |   |         |
|--|---|---------|
| 7 Toalhas                              | de pano d elinho usadas, servem no lavatório da sacristia (cada \$400)  | 2\$800  |
| 14 Cordoens                            | de cingir, ruins  | 0       |
| 16 Sobrepellizes                       | 6 de linho (cada 1\$280)  | 7\$680  |
|  | 10 de pano da india (cada 2\$000)   | 20\$000 |
| 16 Sobrepellizes                       | 12 de pano da india (cada 2\$000)   | 24\$000 |
|  | 4 incapazes   | 0       |
| 12 Amictos                             | com lencinhos, de linho, bertanha, c/ e s/ renda (par \$320)  | 3\$840  |
| 10 Amictos                             | 5 lencinhos, de linho, bertanha, c/ e s/ rendas   | 3\$3600 |
| 14 Guardas                             | com rendas, e umas novas e outras velhas  | 3\$200  |
| 11 Panos                               | com rendas de manistergios (\$250)  | 2\$750  |
| 4 Varas e meia                         | de renda e outras de bico em folhas   | 2\$240  |
| 17 Corporaes                           | novos e velhos  | 1\$600  |
| 74 Sanquinhos                          | finos e grossos, velhos e novos   | 2\$000  |
| 2 Varas, e 2 terças                    | de bertanha de Amburgo em folhas  | \$960   |
| Par de cortinas                        | brancas de algodão do altar mor   | 6\$400  |
| 2 Pares de cortinas                    | de pano de linho do altar da Senhora Santa Anna, e outro do Sr. S. Joaquim  | 5\$120  |
| 4 Panos                                | de algodão de cobrir púlpitos, e 2 de linhagem (\$960 cada)   | 3\$840  |
| 2 Pares de cortinas                    | para cobrir 2 janelas da tribuna da capela mor, e as 2 portas laterias  | 6\$400  |
| 2 Pares de cortinas                    | do mesmo pano da janela da capela mor   | 4\$800  |
| 2 Panos                                | de algodão de cobrir sanejas e a porta lateral  | 1\$920  |
| <b>Roupa do Menino Deos</b>            |   |         |
| 13 lançoens                            |   |         |
| 7 Fronhas                              |   | 12\$000 |
| <b>Roupas da Capela da Congregação</b> |   |         |
| toalha grande                          | e bertanha, com suas rendas, que serve de coberta, a mesma Imagem do Senhor   | 1\$200  |
| pano de veludo                         | Lavrado, o campo amarelo, e as flores azues ferretes, que serve de cortina nas grades do Tumulo do Senhor Crucificado | 4\$800  |
| par de cortinas                        | de crê branco, que servem de cobrir o altar da mesma capella, com suas varetas de ferro, em que se enfião             | 4\$160  |

| <b>Inventário - Trastes</b> |   |              |
|-----------------------------|---|--------------|
| <b>Item</b>                 | <b>Descrição</b>  | <b>Valor</b> |
| <b>Igreja e sacristia</b>   |   |              |
| 4 Pedras                    | 3 dos laterais, 1 do sacrário   | 0            |
| Missal Romano               | capa de bezerro   | 4\$000       |
| 3 Missaes                   | 1 velho, de capa de veludo, e chapas de prata (3\$200),<br>2 missaes pequenos (2\$000 cada)   | 7\$200       |
| 10 Ramalhetes               | com suas jarras, cada \$480   | 4\$800       |
| 8 Ramalhetes                | de papel, 4 regraxados, 4 malachetados  | \$960        |
| Leito                       | berço de jacarandá pro Menino Deus  | 1\$280       |
| 3 estantes                  | jacarandá, de pôr missais   | \$960        |
| 3 Pares de galhetas         | de vidro branco, com pratos de Louça branca   | \$600        |
| 4 jarras                    | de louça branca de Lisboa   | \$800        |
| 8 pedaços de vridro         | branco, 3 maiores, 3 ordinários, 2 pequenos da capela<br>mor  | 2\$000       |
| 2 caixões                   | com 4 gavetas com puxadores de latão já velhos, no<br>meio um altar   | 8\$000       |
| 2 caixões                   | pequenos e velhos, com 2 portas, e 7 gavetinhas, com<br>puxador de latão  | 4\$000       |
| Caixão                      | de madeira de perparaiba, sem fechadura   | 1\$000       |
| Almario                     | de madeira de louro, e fechadura para guardar<br>castiçais  | \$800        |
| Órgão                       | muito velho, e mais o banquinho   | 19\$200      |
| Cravo                       | velho e sem cordas  | 6\$400       |
| 3 cadeiras                  | com pés torneados   | 1\$500       |
| 2 Cadeiras                  | com pés torneados, e couro velho  | \$800        |
| 2 cadeiras                  | com braços e sem encosto  | 1\$280       |
| 4 Cadeiras                  | velhas, de braços   | 2\$240       |
| 18 escabellos               | de madeira de perparaiba,   | 6\$000       |
| 3 esquifes                  | de jacarandá, 1 maior 2\$000, 1 menor 1\$600, 1<br>desbaratado \$480  | 4\$080       |
| 10 Castiçais                | de estanho e uso comum  | 10\$080      |
| 4 campainhas                | de bronze   | \$800        |
| 4 Sinos                     | "hum maior, e huma garrida quebrados, e dous<br>ordinários, que estão bons, e na torre, e não se<br>avaliarão por não se poderem pesar" | 0            |
| Relogio                     | grande da torre, velho, não teve avaliador  | 0            |
| Relogio                     | de parede   | 19\$200      |
| 6 Tocheiros                 | de prata e pequenos   | 1\$920       |
| 2 Ferros de fazer hóstia    |   | 6\$400       |
| Cera                        | 2 arrobas, 11 libras  | 20\$480      |
| Círio pascal                | velho e sem cordas  | 1\$600       |
| Capella                     |   |              |
| Casula                      | de damasco branco   | 8\$000       |
| Cadeira                     | de couro velha, e braços  | \$800        |
| 4 Castiçais                 | de pau, e prateados   | 2\$560       |
| 2 Castiçais                 | de latão  | 2\$000       |
| Estante                     | de por missais, de tartaruga  | 2\$000       |
| Missal Romano               | usado   | 2\$560       |
| 2 braviceiros               | "hum maior, e outro mais pequeno, com as capas de<br>seda preta, que estão no tumulo do Senhor Morto"                                   | \$480        |

|                                    |   |         |
|------------------------------------|---|---------|
| Toalha                             | "grande de bertanha, com suas rendas, que serve de coberta, a mesma Imagem do Senhor"   | 1\$200  |
| Pano                               | "veludo Lavrado, o campo amarelo, e as flores azues ferretes, que serve de cortina nas grades do Tumulo donde está a mesma Imagem"  | 4\$800  |
| Perfumador de cobre                | "para brazas, e nelle se quemarem cheiros na capella já velho"  | \$320   |
| Par de cortinas                    | " branco, que servem de cobrir o altar da mesma capella, com suas varetas de ferro"   | 4\$160  |
| <b>Capela da Congregação</b>       |   |         |
| casula                             | de damasco branco forrada de tafetá carmezim guarnecida de espinguilha de ouro, com sua estola, manipulo, frontal de damasco branco, e carmezim, com suas franjas amarelas, com bolsa, e pallas vermelhas e veo de Lô carmezim velhos | 8\$000  |
| cadeira                            | de couro já velha, e de braços  | \$800   |
| Quatro castiças                    | de pau torneados, e prateados   | 2\$560  |
| Dous castiças                      | velhos de madeira pintados de vermelho com seos frizos de ouro  | \$640   |
| Dous castiças                      | de Latão  | 2\$000  |
| estante de por missaes             | coberta de tartaruga, e já velha  | 2\$000  |
| Missal Romano                      | usado   | 2\$560  |
| Dous braviceiros                   | hum maior, e outro mais pequeno, com as capas de seda preta, que estão no tumulo do Senhor morto  | \$480   |
| Hum perfumador                     | que serve para brazas, e nelle se quemarem cheiros na capella já velho  | \$320   |
| <b>Congregação do Menino Jesus</b> |   |         |
| 15 rosários brancos                | "com quatorze verônicas de Latão, e huma boceta redonda de faya em que se guardão"  | \$800   |
| Livro de ladainha                  |   | \$160   |
| Livro                              | "Eleição entre o bem, e o mal"  | \$200   |
| Roupeta                            | "galacé, cor nácar, e outro guarnecida de galão de ouro estreito, com sua ponta, com huma bca de veludo, e gorra de tafetá, com seos bordados de ouro"  | 4\$000  |
| Roupeta                            | "tela carmezim com ramos de ouro forrada de tafetá azul, e guarnecida de renda de ouro, com barrete, e becas de veludo preto bordadas de fio de ouro"   | 4\$000  |
| Roupeta                            | seda branca forrada de tafetá cor perola  | 1\$280  |
| Roupeta                            | "seda parda, forrada digo parda, com ramos de ouro forrada de tafetá branco, e guarnecida de espinguilha de ouro, avaliada, por ser velha "   | 1\$280  |
| Roupeta                            | "galacé roxo, com seos raminhos de ouro, forrada de tafetá azul"  | \$960   |
| Roupeta                            | "espernegao roxo, com hum barreta de veludo preto muito velhos, e incapazes"  | 0       |
| 14 Camisas                         | "husnas de cambraya, outras de pano da Índia, e outra de bertanha, humas bordadas, com babados de pano, e de renda, e todas arrenda-dadas"  | 16\$000 |



|                                     |  |         |
|-------------------------------------|--|---------|
| 4 Véus                              | "hum de seda branca, outro carmezim ligeira, outro de chamalote, e outro de tafetá da mesma cor, e huma sanefa de damasco amarelo, com sua franja" | 1\$600  |
| Pano                                | de brim listrado   | \$480   |
| Charola                             | pequena de talha   | 12\$800 |
| 6 Castiçais                         | velhos de madeira prateada   | 1\$200  |
| 6 Jarrinhas                         | pintadas de vermelho   | \$600   |
| Taboa                               | com molduras, com a profissão dos congregados  | \$640   |
| Cofre                               | pequeno, pintado de preto, e fechadura de fora, para sorte dos congregados   | 1\$600  |
| Baú                                 | preto sem fechadura  | \$200   |
| 3 Espelhos                          | "hum grande, e hum pequeno quebrados, e hum pequeno são"   | \$640   |
| 2 peneiros de espalnar              | "hum grande, velho e hum pequenino"  | \$320   |
| 2 Abonos                            | finos  | \$100   |
| 10 Ramalhetes                       | de papel malchetados   | 1\$600  |
| Flores                              | de papel   | 0       |
| <b>Congregação de Nossa Senhora</b> |  |         |
| 16 Rosários                         | brancos, enfiados, com outras tantas verônicas de latão  | 1\$000  |
| Manto                               | galace azul, e ouro forrado de tafetá branco, com passamane de prata   | 10\$000 |
| Manto                               | galacé, cor nácar, e prata forrado de tafetá carmezim, com seo galão de ouro   | 8\$000  |
| Manto                               | de veludo azul, forrado de chamalote cor nácar, guarnecida de renda de ouro  | 4\$000  |
| Manto                               | melania azul, e prata forrado de tafetá carmezim, velho  | \$800   |
| Manto                               | de seda carmezim, com ramos de ouro forrado de esperneção branco   | 3\$200  |
| Manto                               | de seda amarela forrado de tafetá carmezim   | \$640   |
| Pano                                | de galacé carmezim, e ouro, e só com franja comprida em baixo  | 4\$000  |
| Pano                                | galacé carmezim, e ouro forrado de nobreza furta cores, com guarnição de franja Liza, e na parte de baixo de franja comprida                       | 6\$400  |
| Pano                                | de seda azul claro, e muito velho  | \$320   |
| Pano                                | seda carmezim, guarnecido de espinguilha de ouro   | \$400   |
| Pano                                | seda verde, guarnecido de epiguilha de ouro,   | \$640   |
| Pano                                | "melania branca guarnecida de espinguilha de prata, com as conclusões do doutor Miguel Álvares Franco, dedicadas a Nossa Senhora de Belém"         | 1\$000  |
| Par de cortinas                     | de melania gemada, goarnecidas de renda de prata, e na mesma forma a sanefa  | 1\$280  |
| Par de cortinas                     | de melania amarela guarnecidas de renda de prata, e com sua sanefa   | 2\$560  |
| 3 Pares de cortinas                 | de tafetá carmezim, trez com franja de retroz, e dez sem ellas, e treze sanefas forradas de olandilha, com suas franjas de retroz,                 | 26\$800 |

|                                       |   |         |
|---------------------------------------|---|---------|
| 3 Frontaes                            | de tafetá carmezim, dous que servem nas credencias, e hum na cadeira, com suas franjas de retroz da mesma cor | 6\$400  |
| 8 Varas de fita                       | vermelha  | 1\$600  |
| 5 Varas de fita                       | branca, pedaços velhas  | \$300   |
| 2 Espelhos                            | grandes   | 2\$560  |
| 4 quadros                             | pequenos velhos   | 1\$280  |
| Vara de fita                          | de tela de ouro   | 1\$280  |
| 12 Palmas de sola                     | prateada  | 1\$800  |
| 7 Castiçais                           | de madeira vermelho   | 4\$200  |
| 8 jarrinhas                           | douradas, quatro de gomos, e quatro lizas   | 3\$200  |
| 8 jarrinhas                           | pintadas de vermeho, seis maiores, e duas mais pequenas   | \$200   |
| 8 jarrinhas                           |   | 1\$280  |
| Cofre                                 | pequeno e velho   | \$160   |
| 32 Martinetes de vidro                | "com seos Lacinhos de fita, que servem de ornar a charolla"   | 5\$120  |
| 8 Palmas                              | de papel  | 1\$280  |
| Flores                                | de papel  | -       |
| 4 Guardas                             | de bertanha e renda   | 1\$920  |
| 5 Bocetas                             | de faya   | \$640   |
| Peneiro                               | de espanar  | \$160   |
| <b>Congregação do Senhor São Jozé</b> |   |         |
| Dinheiro                              |   | 1\$280  |
| Taboa                                 |   | \$500   |
| 3 Espelhos                            | "hum grande, e dois pequenos"   | 1\$600  |
| 6 Castiçais                           | prateada  | 3\$840  |
| 4 ramalhetes                          | novos de flor de pano   | 2\$560  |
| Capote                                | grande, velho   | 1\$600  |
| 2 Pares de cortinas                   | de damasco carmezim guarnecidas de galão estreito de ouro   | 2\$560  |
| Pano                                  | de veludo azul claro velho, com franja, e renda   | \$640   |
| 4 jarras                              | de pau brancas; e azues   | \$400   |
| Boceta                                | de faya   | \$320   |
| 8 pedaços de vela                     |   | 1\$920  |
| Charolla                              | grande de talha dourada, e os campos de cores   | 12\$800 |
| <b>Portaria</b>                       |   |         |
| Frontal                               | de chamalote branco, passado de prata, com franjas de ouro muito velho  | 1\$600  |
| Manto                                 | de seda branca forrado de tafetá, cor nácar, com sua renda de prata velha,                                    | \$640   |
| Manto                                 | muito velho de veludo azul guarnecido de renda de ouro, e forrado de tafetá amarelo                           | \$320   |
| Manto                                 | de seda azul, forrado de nobreza vermelha guarnecida de franja vermelha                                       | 2\$000  |
| 2 Jarras                              | vermelhas, e duas azues avaliadas   | \$400   |
| 2 Castiçais                           | de madeira pintados de vermelho   | \$400   |
| Lâmpada                               | "pequena, com seo vidro"  | 2\$000  |